

Universidade de Brasília



Representações das identidades lésbicas na
telenovela *Senhora do Destino*

BRASÍLIA

2006

Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Programa de Pós-Graduação

Aluna: Silvia del Valle Gomide

Orientador: Professor Doutor Denílson Lopes

Representações das identidades lésbicas na telenovela *Senhora do Destino*

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre, conferido pelo Curso de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, sob orientação do Professor Doutor Denílson Lopes.

Brasília

2006

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Faculdade de Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Representações das identidades lésbicas na telenovela
Senhora do Destino

Silvia del Valle Gomide
(sgomide@gmail.com)

Banca Examinadora:

Professor Doutor Denílson Lopes Silva

Professora Doutora Tânia Siqueira Montoro

Professora Doutora Miriam Pillar Grossi

Professora Doutora Selma Regina Nunes Oliveira

Gomide, Silvia del Valle

Representações das identidades lésbicas na telenovela Senhora do Destino/
Silvia del Valle Gomide. __ 2006.

210 p.

Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília, 2006.

1. Telenovela 2. Ficção Seriada 3. Lésbica 4. Identidade 5. Televisão

Para Claudinha,
sorriso e poesia

Agradecimentos

“O mestrado é um exercício de solidão”. Este é um clichê que todo mestrando ouve freqüentemente. De certa forma isso é verdade, mas eu jamais teria conseguido cumprir essa viagem sem a ajuda de várias pessoas.

Meu primeiro agradecimento é para minha companheira, Claudinha, que me apoiou em todos os momentos, nos altos e baixos, desde os primeiros rascunhos do pré-projeto até a defesa da dissertação, sempre me ajudando a fazer o percurso mais leve e divertido. Aprender a rir é a melhor lição da vida.

Meu orientador, Denílson Lopes, é o responsável por tornar essa dissertação possível. Agradeço a ele mais do que tudo por abrir as portas de uma das mais prestigiadas universidades do país para estudos gays e lésbicos, temas que ainda carecem de espaço na academia brasileira.

Luiz Mello, meu querido amigo, me auxiliou a desvendar esse tão estranho mundo acadêmico. Luiz faz parte dessa dissertação desde o pré-projeto, nascido na mesa de um aconchegante café francês, e está presente em cada uma dessas (muitas) páginas.

Agradeço à Claudia D’Elia pela paciente e cuidadosa revisão, que tornou esse trabalho mais “acadêmico”. E também por um passado que bem poderia ter virado telenovela.

Em minha longa lista de agradecimentos, constam o amigo Eduardo Pandossio; Hércules Barros; os professores da UnB, especialmente Tânia Montoro e Ana Lúcia Galinkin; e colegas do mestrado, principalmente Odinaldo, Krishna e Pedro Tapajós.

Sem o apoio do Senado Federal teria sido impossível terminar essa dissertação. Minha gratidão à diretora da Agência Senado, Valéria Ribeiro, e à chefe de reportagem, Denise Rezende, que nunca mediram esforços para me ajudar. Agradeço também a todos os colegas da Agência que me apoiaram nessa empreitada.

Finalizando, agradeço aos amigos do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (Nigs) da Universidade Federal de Santa Catarina, especialmente à professora Miriam Grossi, por me acolher na Rede de Pesquisa Parceria civil, conjugalidade e homoparentalidade. A contribuição dos pesquisadores dessa rede ao meu trabalho foi imensurável.

Sumário

Introdução.....	12
Justificativa.....	16
1 História dos Movimentos Gay e Lésbico	19
1.2 Gays e lésbicas no Brasil	23
1.3 Formação da identidade lésbica: do silêncio ao <i>Queer</i>	26
2 Teoria e Metodologia de Pesquisa.....	38
2.1 Método	39
2.2 Pré-análise	41
2.3 Orkut	44
3 Telenovela: “nos revela a nós mesmos”	48
3.1. A história da telenovela	50
3.2. Que histórias contam as telenovelas	54
3.3 Quem assiste telenovela	56
3.4 Merchandising social	60
3.5 Novela e nação	61
3.6 Telenovela e visibilidade	63
3.7 Telenovela lançadora de modas	64
3.8 A novela Senhora do Destino	66
3.9 Eleonora e Jenifer	67
3.10 Recorde de público	71
4 Categorias de Análise – Senhora do Destino	76
4.1 Amor e Desejo	76
4.2 Discursos sobre a homossexualidade	89
4.3 Papéis de Gênero/Machismo	98
4.4 Reações Familiares	104
4.5 Preconceito e discriminação	125
4.6 Casamento/Coabitação	131
4.7 Adoção	137
5 Análise do Orkut	144
5.1 Papéis de Gênero	145

5.2 Identificação com as Personagens	150
5.3 Tipos de Carícias Trocadas entre as Personagens	156
5.4 Trauma com Torre de Babel/Comparações com Outras Novelas...	171
5.5 Reações Sociais	175
5.6 Lesbianismo – Opiniões e Experiências Pessoais	180
5.7 Adoção	188
6 Conclusão	194
Referências Bibliográficas	201
Anexo I	209

Resumo:

O objetivo dessa dissertação é verificar que representações sociais de identidades lésbicas estão sendo construídas pela ficção seriada brasileira no início desse século. Nosso objeto de estudo é a forma como foi representado o casal da novela *Senhora do Destino*, formado por duas mulheres, Eleonora (Mylla Christie) e Jenifer (Bárbara Borges). A telenovela foi veiculada pela Rede Globo de Televisão em 2004/2005 e atingiu picos de 81% da audiência. As duas personagens, ao longo dos oito meses de exibição da trama, passaram por um processo de publicização de sua homossexualidade, optaram por coabitar e chegaram ao fim da narrativa juntas e com um filho adotivo.

Com base na teoria *Queer* para analisar as implicações de gênero dos Estudos Culturais na abordagem das questões que envolvem a comunicação de massa e a teoria das Representações Sociais para verificar como são construídos os estereótipos sobre as lésbicas na sociedade brasileira nesse início de século, realizamos análise de conteúdo das principais imagens e diálogos das personagens.

A fim de perceber algumas formas como o casal foi interpretado pelo público, analisamos os diálogos travados por um grupo de telespectadores em uma comunidade na Internet destinada a comentar o romance do casal Eleonora e Jenifer.

Chegamos à conclusão de que o casal formado por Eleonora e Jenifer representa uma inovação na narrativa ficcional brasileira sobre o amor entre mulheres, por ter sido retratado dentro dos moldes do amor romântico e, ao fim da história, ter constituído um agrupamento familiar dentro dos moldes heterossexuais – coabitação, monogamia e socialização de crianças. Ainda que circunscrito dentro da simulação do padrão hegemônico, o casal é tratado de forma discriminatória comparativamente aos casais heterossexuais, sendo vítima de preconceitos e censura, principalmente em relação às manifestações físicas de afeto.

O grupo de espectadores em estudo demonstrou reações ambivalentes sobre a representação do casal. A satisfação pela conquista de visibilidade na mídia caminhou conjuntamente com a frustração pela discriminação com que o casal foi retratado. Um dos principais e recorrentes desejos desse grupo de telespectadores foi que um beijo romântico entre as duas mulheres pudesse ter sido mostrado na televisão. Também houve demanda

pela inserção do amor homossexual dentro do âmbito da “normalidade”, de forma que o casal pudesse ser representado como mais um par na trama ficcional.

Abstract

The purpose of this work is to verify which social representations of lesbian identities are being made by Brazilian soap-operas in the beginning of this century. Our study object is how the lesbian couple Eleonora (Mylla Christie) and Jenifer (Bárbara Borges) broadcasted in *Senhora do Destino* (Lady of Destiny) was represented. This soap-opera was on air in Rede Globo de Televisão in 2004/2005 and had audience highs of 81%. The lesbian characters during the eight months of the broadcasting went through coming out, decided to live together and at the end of the story adopted a baby.

Based on Queer Theory to analyse gender issues, Cultural Studies to observe the media aspects and Social Representation Theory to go through stereotypes about lesbians in Brazilian society in the beginning of this century, we analysed the most important images and dialogues of the characters. In order to discover ways in which the lesbian couple was seen by the audience we have analysed dialogs of a group of viewers in one Internet community created to discuss Eleonora and Jenifer's romance.

We concluded that the lesbian couple represents an innovation in Brazilian fictional narrative about same sex love. The couple was portrayed in the romantic love basis and ended up building a family emulating a straight one: living together, monogamous and raising a child. But the couple was represented with prejudice when compared to the straight couples of the narrative. Eleonora and Jenifer were victims of prejudice and censorship, specially in relation to the physical manifestations of love.

The viewers group we studied has shown ambivalent reactions to the lesbian couple representation. In spite of the happiness for the media visibility, the group showed frustration for the prejudice portrayed against the lesbian couple. We noticed also in this group wishes that the lesbian couple could be shown like a "normal" couple, just like any other romantic pair in the story.

Introdução

“Consta nos autos
Nas bulas, nos dogmas
Eu fiz uma tese
Eu li num tratado
Está computado nos dados oficiais
Serás o meu amor, serás a minha paz”
Dueto - Chico Buarque - 1979

Desde o fim do século passado, cresce no Brasil e no mundo Ocidental a luta pela visibilidade e pelos direitos dos homossexuais. Organizações não-governamentais, sites na Internet e atuação de parlamentares vêm politizando e tornando visível a busca pelo reconhecimento da cidadania e dos atributos humanos¹ desse grupo, numa discussão travada de maneira inédita na sociedade.

Gestados nesse embate político por aceitação social e visibilidade no mundo real, os personagens gays e lésbicas surgem e ganham espaço na ficção. Em língua inglesa, seriados como *Queer as Folk* e *The L Word* são feitos por e para gays e lésbicas, trazendo para o protagonismo personagens antes condenados às subtramas. Essa produção cultural tem propostas políticas que vão além do entretenimento, como demonstra uma frase de Ron Cowen, produtor norte-americano de *Queer as Folk*.

Eu acho que todos nós temos visto pessoas hétero fazendo sexo (no cinema e na televisão) desde que nascemos. Então eu tenho 35 anos de atraso para descontar. Acho que é nossa vez de nos vermos fazendo sexo. Eu quero que os héteros continuem nos vendo fazer sexo até que achem isso absolutamente chato, até que seja comum e não signifique nada, até que eles não se importem mais. Nesse momento teremos dado um passo adiante. Quero que o sexo gay seja entediante. (ZANFORLIN, 2004, p. 3).

Na ficção popular brasileira já é possível identificar um tímido movimento de representação ficcional de personagens com sexualidade homoerótica, especialmente nas telenovelas do horário nobre da Rede Globo, a maior rede de TV aberta do país. O surgimento ou aumento do espaço dado a esses personagens é um sinal da presença na ficção de novos tipos de amor que surgem na sociedade. Esses personagens refletem mudanças políticas, afetivas e nas práticas sexuais.

¹ Greg Mullins (MULLINS, 2004, p. 100) escreve que “a tarefa principal que os ativistas (dos direitos dos homossexuais) enfrentam é ampliar a designação de ‘ser humano’, de forma que os estados e o público compreendam que os estandartes dos direitos humanos incluem todas as pessoas, inclusive as minorias sexuais e de gênero.

E como a sociedade brasileira² imagina uma lésbica? Por que o senso comum acha “irreal” uma personagem lésbica em uma telenovela ser loura, rica, magra, bonita, “feminina”? A lésbica precisa usar signos sociais masculinos? Nosso objetivo é revelar quais representações sociais de lésbicas são construídas atualmente nas telenovelas brasileiras, levando em conta que o pesquisador audiovisual trabalha com a forma como a realidade é representada e não com a realidade em si. Para realizar essa análise, examinamos como foi representado o casal formado pelas personagens Eleonora e Jenifer (Mylla Christie e Bárbara Borges, respectivamente) na telenovela *Senhora do Destino*, que foi ao ar de 28 de junho de 2004 (coincidentemente, dia Mundial do Orgulho Gay) a 11 de março de 2005, na Rede Globo de Televisão.

Representações sociais, explica Moscovici (2003, p. 31), são construções culturais que nos orientam quanto ao que é visível e relacionam a aparência à realidade. Para o autor, cada experiência vivida por um indivíduo é somada a uma realidade predeterminada por convenções, ou seja, padrões que categorizam objetos e pessoas dão modelos a determinados tipos e são partilhados por grupos. São as convenções que nos permitem saber como as coisas e as pessoas são representadas no mundo (MOSCOVICI, 2003, p. 35). Essas representações são uma estrutura já presente antes que comecemos a pensar, e nosso pensamento desde o início acontece dentro de um paradigma formado por essas representações, que determina o que deve ser pensado.

Moscovici destaca (2003, p. 40) que existem profissões que tornam a criação e a transmissão de representações sociais uma atividade profissional. Ele elenca: “pedagogos, ideólogos, popularizadores da ciência ou sacerdotes, representantes da ciência, cultura ou religião”. Certamente autores de telenovelas são parte desta lista.

Essas representações formadas pelos discursos que se entrelaçam nos meios de comunicação de massa e a sua conexão com a “realidade” são temas discutidos por Monique Wittig, em seu clássico texto de Estudos Gays e Lésbicos, *Straight Mind* (1992). Para a autora, denominar os discursos dos grupos dominantes apenas como ideologias os deixa no mundo das idéias e não leva em conta a violência material (física) que eles

² De acordo com pesquisa realizada em 2004, no Brasil, 96,7% das mulheres e 92% dos homens consideram-se heterossexuais. Dizem-se homossexuais 2,4% das mulheres e 6,1% dos homens, enquanto se autodenominam bissexuais 0,9% das mulheres e 1,8% dos homens. A pesquisa, coordenada por Carmita Abdo, ouviu 2.708 mulheres e 3.456 homens em todo o país.

diretamente representam contra as pessoas oprimidas (1992, p. 25). Essa violência seria produzida pelos discursos abstratos, científicos, “assim como pelo discurso do *mass media*”.

Para Wittig, essa perspectiva pode ser exemplificada com o discurso da pornografia, que representa as mulheres sempre como submissas. Na opinião de Wittig, o discurso dominante ordena que os oprimidos “se mantenham na linha e mantêm na linha aqueles que teriam tendência a esquecer quem são”. Para ela, esse discurso “chama o medo”. Mas, ao mesmo tempo, “esse discurso é a realidade para nós, uma faceta da realidade da nossa opressão” (1992, p. 26). Daí, creio, a importância de analisarmos o discurso hegemônico presente no *mass media* em relação aos grupos de sexualidade estigmatizada.

A Rede Globo já possui uma pequena coleção de representações lésbicas na ficção seriada, anteriores a Eleonora e Jenifer. O casal de *Senhora do Destino* foi precedido pelas adolescentes Clara (Aline Moraes) e Rafaela (Paula Picarelli), em *Mulheres Apaixonadas*, que foi ao ar em 2003. Clara e Rafaela não tinham interação física como namoradas em cena e eram alvos constantes de agressões homofóbicas por parte da mãe de uma delas e também de uma colega de colégio. A grande polêmica da novela era se as duas se beijariam no capítulo final. O beijo aconteceu no último capítulo: no queixo e durante a encenação da peça Romeu e Julieta, em que uma das personagens estava travestida de homem.

A representação de lésbicas anterior a esta, na Rede Globo, se deu em *Torre de Babel*, em 1998³. As personagens Rafaela (Cristiane Torloni) e Leila (Silvia Pfeiffer) eram duas mulheres adultas e bem-sucedidas, que tinham um relacionamento aparentemente estável e harmonioso. Essas personagens tiveram um final trágico. Reações de setores mais conservadores da sociedade pressionaram a emissora com cartas e telefonemas. O autor da novela, Silvio de Abreu, optou por “explodir” as moças em um atentado contra um shopping center. Especulou-se que, na verdade, as lésbicas e outros personagens que morreram nessa explosão foram sacrificados porque os índices de audiência da novela não estavam satisfatórios. *Torre de Babel* mantinha uma média de 35 pontos, segundo o Ibope, quando o usual é que as “novelas das oito” oscilem entre 45 e 55 pontos.

³ Para uma análise completa do romance entre Leila e Rafaela, em *Torre de Babel*, e um histórico sobre personagens homossexuais nas novelas brasileiras, ver *Da esfera cultural à esfera política: a representação*

Uma abordagem pioneira da lesbianidade na TV brasileira foi realizada por Gilberto Braga, em *Vale Tudo*, de 1988, também da Rede Globo. As personagens Laís (Cristina Prochaska) e Cecília (Lala Deheizelin) eram donas de uma pousada em Búzios (RJ). Cecília morreu em um acidente de carro e a novela discutiu a questão da herança entre parceiros do mesmo sexo. Laís passou quase todos os capítulos sozinha, mas no final da trama ficcional formou um casal com Marília (Bia Seidl).

Com esse breve histórico em mente, analisamos se o casal formado por Eleonora e Jenifer trouxe inovações na representação social de lésbicas no que se refere à ficção brasileira. Nossa pesquisa analisou a forma como as imagens e textos referentes às personagens retrataram o casal e de que maneira a novela representou socialmente essas personagens.

Justificativa

Há anos acompanho a produção ficcional gay e lésbica nacional e internacional. No segundo semestre de 2004, no mesmo período em que eu assistia ao seriado *The L Word* em DVDs comprados no exterior pela Internet, comecei a ser questionada por amigos e colegas de trabalho sobre o que achava de Eleonora e Jenifer, de *Senhora do Destino*. As perguntas se tornaram cada vez mais frequentes e vinham de pessoas as quais eu jamais imaginaria que se interessassem por telenovelas ou por casais lésbicos. Comecei então a perceber que esses amigos e colegas estavam relacionando as aventuras de Eleonora e Jenifer às pessoas que conheciam na vida real. A situação atiçou minha curiosidade.

Nesse mesmo período, eu havia acabado de receber um convite para participar do site Orkut, cujo objetivo é promover a interação social. O Orkut⁴ estava no auge da moda naqueles meses de 2004, tendo sido alvo de reportagem de capa de grandes revistas semanais. Surfando pelo site, descobri a comunidade *Eleonora & Jenifer*, que reunia na época cerca de 200 pessoas e tinha características muito interessantes. Diferente de muitos outros grupos do Orkut em que as discussões não se desenvolviam ou acabavam em brigas, o grupo formado por admiradores das personagens de *Senhora do Destino* era suprido por conversas diárias, ricas, respeitosas e informativas. Imaginei que acompanhar essas discussões poderia ser uma forma de documentar as reações de um certo número de telespectadores às personagens: um grupo formado de maneira espontânea por pessoas de várias partes do Brasil e algumas de Portugal.

Uma das participantes da comunidade, Lee Looper, editava a novela diariamente e colocava na Internet as cenas que se relacionavam ao casal Eleonora e Jenifer. Assim passei a armazenar em meio digital as aparições das duas personagens. Ao mesmo tempo, iniciei a gravação das conversas que se desenvolviam na comunidade.

Mas qual seria a relevância social de desenvolver tal pesquisa, eu me perguntava. A resposta veio em números. Pouco depois do fim de *Senhora do Destino*, em maio de 2005, cerca de 2 milhões de pessoas participaram da 9ª parada do Orgulho GLBT de São Paulo. A grande quantidade de participantes foi comemorada pela militância dos direitos

⁴ Há informações mais detalhadas sobre o que é e como funciona o site Orkut a partir da página 32.

homossexuais como uma vitória inédita - com esse montante a manifestação paulista se tornou a maior parada gay do mundo.

Mas, pouco antes e ao longo de oito meses, entre junho de 2004 e março de 2005, uma média de 40 milhões de brasileiros assistia todas as noites às alegrias e sofrimentos do casal Jenifer e Eleonora. A diferença no número de pessoas atingidas por cada uma das manifestações culturais configura, a meu ver, um fenômeno social digno de registro e demonstra a importância – política, acadêmica e pessoal - de analisar como os meios de comunicação de massa, especialmente uma produção cultural tão popular no Brasil como uma telenovela da Rede Globo, constroem a representação social de mulheres que dirigem a outras mulheres seu desejo e afeto⁵.

Aqui volto a Zeldin, para pensar sobre como a sociedade heterocentrista lida com os homossexuais, visto que a maneira de a população hegemônica tratar as minorias está em transição, e como isso se reflete na ficção produzida pelos meios de comunicação de massa.

O Ocidente tem sido intolerante ao longo da maior parte da sua história, e em degraus variados, e só começou a pensar a sério em se tornar tolerante durante a Reforma e as guerras religiosas, **quando os governos descobriram que não era possível forçar seus súditos a pensar da mesma forma, por mais severas que fossem as penas contra os dissidentes**. A perseguição não tardou a exaurir os perseguidores. Tornou-se impossível para eles ter a certeza de que monopolizavam a verdade, ou que esta viesse a ser conhecida sem sombra de dúvida. **Assim, a tolerância foi adotada** por motivos em grande parte negativos, não pelo respeito às opiniões dos outros, não pelo conhecimento profundo daquilo em que acreditavam, mas pelo desespero de buscar a certeza. (1999, p. 248, grifos meus).

Mas o próprio autor reconhece que a tolerância não é mais satisfatória. Hoje, destaca Zeldin, os tolerados pedem cada vez mais que os apreciem e não os ignorem, e se tornam mais sensíveis a sugestões de desprezo ocultas atrás da condescendência. Os “tolerados” não mais aceitam ser obrigados a guardar para si seus pensamentos longe do alcance da maioria. Zeldin chega mesmo a questionar a existência de uma maioria para tolerar uma minoria. Para ele, as majorias se desintegraram em “novas e mais numerosas minorais”.

E os “tolerados” - entre eles obviamente se encontram os homossexuais - querem se ver representados na comunicação de massa. Stuart Hall (2003, p. 339) se diz interessado nas estratégias culturais capazes de fazer diferença na luta por um naco da hegemonia

⁵ Esses números não levam em conta as pessoas que acompanharam a novela pela Internet (www.gmc.com) nem os espectadores de outros países importadores do produto.

cultural. Hall reconhece que os espaços conquistados para a diferença são poucos e dispersos, cuidadosamente policiados e regulados. Ele sabe que há sempre um preço de cooptação “quando o lado cortante da diferença e da transgressão perde o fio na espetacularização”. Tem consciência de que “o que substitui a invisibilidade é uma espécie de visibilidade cuidadosamente regulada e segregada”. Ainda assim, reconhece a importância dessas manifestações. Para o autor, simplesmente menosprezar a visibilidade regulada, chamando-a de “o mesmo” não adianta. Hall chama atenção ainda (p. 339) para o fato de que a hegemonia cultural não é uma questão de vitória ou dominação pura e sim de uma “mudança no equilíbrio de poder nas relações de cultura”.

E foi a análise dessa mudança no equilíbrio de poder, na maior visibilidade, ainda que regulada e segregada, conseguida na representação lésbica em *Senhora do Destino*, que realizamos.

Capítulo 1

A História do Movimento Gay e Lésbico

Um quadro bastante completo da história recente dos movimentos pelos direitos de gays e lésbicas, especialmente nos Estados Unidos e que se refletiu em todo o mundo ocidental, é traçado no livro *Queer Theory* (2004), de Annamarie Jagose. Com base principalmente neste texto, construímos breve resumo dessa luta cultural e política.

A homossexualidade foi “criada” pela ciência, no fim do século XIX. Na época, os homossexuais eram chamados de “invertidos”. Lílian Faderman (FADERMAN, 1999, p. 56) lembra que grande parte da classificação científica do século XIX foi feita em nome de movimentos eugênicos e que as primeiras “invertidas sexuais” estudadas pela ciência viviam em prisões, asilos de loucos ou eram filhas de pobres.

A primeira manifestação pró-homossexuais surgiu na Alemanha, na mesma época em que a homossexualidade se cristalizou como identidade, no fim do século XIX, e foi chamada de movimento homófilo (*homophile movement* - JAGOSE, 2004, p. 22). As pessoas que participaram desse movimento lutavam por mais tolerância em relação à homossexualidade e tinham como principal argumento que os homossexuais eram “cidadãos-modelo” e não perturbavam o *status quo*. Nessa época, pela primeira vez na história tornou-se possível “ser” homossexual, ou seja, a homossexualidade foi deixando de ser vista como atos isolados, acessíveis a princípio a qualquer um, e passou a ser interpretada como fato estrutural da identidade do indivíduo que praticava tais atos.

Um segundo momento da história de gays e lésbicas foi inaugurado com a revolta de Stonewall, em Nova Iorque, em 27 de junho de 1969 – quando gays, lésbicas e travestis reagiram com violência física contra uma das freqüentes incursões policiais ao bar Stonewall. Foi batizado de movimento de libertação gay (*Gay Liberation*, JAGOSE, 2004, p. 30). O *Gay Liberation* criticava as estruturas e os valores da sociedade heterossexual dominante e desafiava os conceitos hegemônicos sobre comportamento de gênero, monogamia e a santidade da lei. Essa etapa da defesa dos direitos de gays e lésbicas trouxe uma noção de identidade gay distinta da heterossexual. Surgiu o lema “orgulho de ser gay”.

O *Gay Liberation* pregava uma revolução: a humanidade livre de estruturas restritivas. Foi o movimento de libertação gay que provocou a americanização dos movimentos homossexuais em todo o mundo, transformando a luta pelos direitos de gays e lésbicas em um movimento de massa internacional. Foi também o *Gay Liberation* que apresentou ao mundo o *coming out of the closet*, a “saída do armário”, o assumir-se: uma inequívoca e pública declaração de homossexualidade. Para Jagose, esse foi um potente meio de transformação social.

Nos anos 70, surgiu também o Feminismo Lésbico (JAGOSE, 2004, p. 44), quando mulheres homossexuais passaram a buscar um espaço próprio de expressão, desvinculado dos gays e das feministas. O feminismo lésbico muitas vezes via a orientação sexual direcionada a mulheres como uma possibilidade para qualquer mulher. Representaria uma forma de lutar contra o patriarcalismo e o machismo. Tratava-se, desse ponto de vista, de uma escolha política e não de uma expressão involuntária da libido. Tanto o movimento de libertação gay quanto o feminismo lésbico tinham por objetivo transformar estruturas sociais opressoras, ao representar práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo como legítimas.

Com o tempo, uma desilusão com a proposta de libertação e uma reavaliação de como as estruturas de poder e resistência funcionam levaram o movimento gay a buscar um modelo que propunha mudanças específicas mais do que universais na estrutura social. A partir dessa postura crítica, ganhou força, nos anos 70 e início dos anos 80, o modelo étnico (p. 58), que pretendia estabelecer a identidade gay como a de uma minoria legítima, cujo reconhecimento oficial garantiria cidadania e direitos civis para cidadãos gays e lésbicas. O modelo foi construído de maneira análoga ao de uma minoria étnica: o gay passou a ser apresentado como uma população distinta e identificável.

Lésbicas e gays, nesse modelo, exigiam reconhecimento e direitos iguais dentro do sistema existente. O modelo étnico representa uma estratégia para garantir proteção legal igualitária e crescente para gays e lésbicas, estabelecendo comunidades urbanas visíveis de gays e lésbicas, e legitimando-os como categorias identitárias. O sucesso do modelo étnico pode ser medido na extensão em que ele conseguiu legitimar as identidades gay e lésbica dentro da cultura dominante.

Mas uma identidade gay unificada repetia processos de centralização e marginalização para algumas pessoas e grupos. O modelo étnico aceita de maneira acrítica a visão hegemônica da sexualidade - oposição binária entre homossexualidade e heterossexualidade - e vê a orientação sexual como algo determinado apenas pelo gênero do objeto sexual de desejo. Dentro da argumentação intelectual a favor de gays e lésbicas criada na sociedade norte-americana, surgiram tantos questionamentos sobre limitações rígidas de identidade sexual que a Teoria *Queer* apareceu nos anos 90 nos Estados Unidos (JAGOSE, 2004, p. 72).

Um resumo interessante dos principais pontos da complexa Teoria *Queer* é traçado por David Gauntlett no livro *Media, Gender and Identity: an Introduction* (2002, p. 134-143). Para a Teoria *Queer*, segundo Gauntlett:

- ✓ A identidade não é fixa, é pouco mais que um conjunto de significados culturais e sociais que o indivíduo expressa ou que são ditas sobre ele.
- ✓ Acredita-se ter uma identidade essencial por causa da repetição de discursos sobre ela.
- ✓ Gênero (assim como outros aspectos da identidade) é uma performance (embora não necessariamente consciente), reforçada pela repetição.
- ✓ As pessoas podem mudar.
- ✓ A divisão binária entre masculino e feminino é uma construção social feita a partir da divisão binária entre homem e mulher, que também é uma construção social.
- ✓ Devemos desafiar as visões tradicionais sobre masculino e feminino e sobre sexualidade, causando problemas de gênero.

O autor traça um panorama da teoria de Judith Butler, pensadora considerada criadora da Teoria *Queer*. Butler inicia o seu clássico *Gender Trouble* criticando o feminismo por ver as mulheres como um grupo único e coerente. Para Butler, construir a categoria “mulher” como um sujeito estável e coerente poderia gerar uma “pouco inteligente” regulação e reificação das relações de gênero.

Para Butler, tanto o feminismo quanto a sociologia usam o modelo da matriz heterossexual, em que o sexo é visto como um dado binário e biológico, e o gênero seria o componente cultural no qual a pessoa é socializada com base nesse modelo. A matriz

heterossexual determina que o sexo biológico - sobre o qual são construídas identidades de gênero estáveis - estabelece o desejo pelo sexo oposto.

A Teoria *Queer*, proposta por Butler, indica que o corpo não determina o gênero nem a identidade e que o corpo também não definirá o desejo. Para a autora, o gênero deveria ser visto como fluido, uma variável que pode mudar em diferentes contextos e épocas da vida. Para Butler, gênero é performance e nada mais.

Na opinião de Butler, a identidade de gênero é construída com performances constituídas pelas próprias expressões, que costumam ser apontadas como seu resultado. Ou seja, uma pessoa não usa salto alto porque é mulher, ela é mulher porque usa salto alto. Para Judith Butler, não há uma identidade de gênero que produza nosso comportamento. Ao contrário, esse comportamento é tudo que a identidade de gênero é. Gênero, para Butler, é o que você faz e não o que você é, e por isso nenhuma identidade é mais “verdadeira” ou “real” que outra. Nessa linha de argumentação, um travesti é tão “mulher” quanto um ser humano nascido com a genitália feminina.

Seguindo o raciocínio de Butler, organizado por Gauntlet⁶, se gênero é performance, ele pode ser modificado. Para ela, gênero e sexualidade podem ser reinventados aqui e agora: não é preciso esperar uma revolução feminista ou a sociedade tornar-se mais liberal ou diferente. Butler defende que, se a sociedade fosse exposta a performances de gênero imprevisíveis e mutáveis, que subvertissem nossas expectativas sobre gênero, as categorias que naturalizamos seriam desafiadas e, caso muito balançadas, poderiam mesmo desestruturar-se.

A proposta da Teoria *Queer*, portanto, é que a performance de gênero cotidiana é um projeto político no qual todos podem agir e, potencialmente, transformar. Gauntlet afirma ainda que o trabalho de Butler sugere que os desafios de gênero ganhariam muita força se fossem liderados por figuras populares da mídia. “A idéia de proliferação de identidades faz muito mais sentido se pudermos acreditar que os meios de comunicação de massa teriam um papel-chave ao espalhar essas imagens”, diz Gauntlet (2002, p. 143, tradução minha).

⁶ O texto de Judith Butler é complexo, tendo a autora algumas vezes sentido necessidade de defender publicamente seu estilo hermético de escrita. Gauntlet realizou um excelente trabalho ao resumir as principais idéias da autora de maneira clara e concisa.

Para o autor, uma conexão tanto na vida cotidiana quanto na mídia de ataques contra os sistemas binários de pensamento de gênero (feminino e masculino, gay e hétero) seria a forma mais poderosa de desestabilização. Gauntlet conclui seu trabalho afirmando que, “dentro de limites”, os meios de comunicação de massa são uma força para mudança. Para o autor, a mídia popular propaga o desejo de criar novos modos de vida dentro do contexto do capitalismo (2002, p. 248).

Lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros ainda são pouco representados na maioria da mídia *mainstream*, mas as coisas estão mudando lentamente. Em particular, a televisão está oferecendo às audiências de horários nobres a chance de conhecer personagens gays e lésbicas positivos em novelas, seriados e *sit-coms*. Tolerância à diversidade sexual está lentamente crescendo na sociedade e, ao trazer para as casas das pessoas imagens de identidades sexuais com as quais o telespectador pode não ser familiarizado, a mídia pode ter o papel de fazer a população mais – ou menos – confortável com esse modo de vida. (GAUNTLET, 2002, p. 253, tradução minha).

1.1 Gays e Lésbicas no Brasil

Focar este resumo na história do movimento pró-gays e lésbicas dos Estados Unidos é, antes de mais nada, o reconhecimento do papel de liderança mundial que os ativistas norte-americanos representam para quem se propõe a pensar a situação do homossexual na sociedade ocidental. A própria disseminação mundial do termo gay e, em menor escala, *queer*, demonstra a influência do pensamento e dos estudos gays e lésbicos vindos da América do Norte.

A meu ver, a tradição intelectual de pensar a homossexualidade tem seu centro na América do Norte (o Canadá está se firmando como um pólo de produção audiovisual gay e lésbica) e a própria falta de palavras em nossa cultura demonstra essa lacuna⁷. Toda uma escola intelectual pós-estruturalista chama atenção para a importância da linguagem e seu uso e para os significados ocultos na escolha desses símbolos. Michel Foucault e Monique Wittig são pensadores que destacam a importância do discurso e da forma como é construído. Sobre a dificuldade de tradução de termos ligados aos estudos gays e lésbicos, por exemplo, Denilson Lopes diz, no texto *Queer Invisibility* (recebido por e-mail, p. 1), “to talk about “queer” in Brazil is to shun the discussion. The absence of a linguistic translation might well be an indication of the absence of intellectual tradition”.

⁷ Monique Wittig diz, em seu artigo *Straight Mind* (1992, p. 25), em tradução minha que “esses discursos da heterossexualidade nos oprimem no sentido de que nos impedem de falar, a não ser que falemos em seus termos”.

É preciso levar em conta ainda que o movimento pró-gays e lésbicas, a partir da argumentação norte-americana, se tornou um movimento de massa internacional. A opressão heterocentrista, a discriminação à diversidade sexual, a luta contra o machismo e o patriarcalismo e, resumidamente, a defesa do direito à prática homossexual transcendem fronteiras nacionais. Os movimentos homófilos, apesar de serem obviamente influenciados por peculiaridades culturais locais, vão além de limitações de nacionalidade ou regionais. As propostas favoráveis aos direitos humanos dos homossexuais são globalizadas, uma vez que a homofobia e a discriminação estão presentes em todas as organizações humanas majoritárias contemporâneas (levamos em conta especialmente a religião e pensamos aqui no cristianismo, no islã e mesmo no hinduísmo⁸; mas muitos governos, como o brasileiro, se abstêm de seu caráter laico e, pressionados por grupos religiosos, continuam discriminando cidadãos homossexuais).

Nossa visão é que a questão homossexual é globalizada e fortemente influenciada pelo pensamento norte-americano. É importante lembrar ainda a escassez de textos acadêmicos sobre a homossexualidade feminina no Brasil⁹. A busca por informação e visibilidade, nesse âmbito, não deve, a nosso ver, ser limitada por questões geográficas. Theodore Zeldin fala sobre essa busca transnacional de acolhimento ou, como diz, de “almas gêmeas”:

...a busca, em âmbito mundial, de almas gêmeas e confidentes com que formar outra espécie de família e ligações de um novo nível: famílias de coração e da imaginação, escolhidas livremente, incapazes de impor obrigações punitivas. Os seres humanos já não podem ser considerados mais que residentes da cidade em que habitam, posto que, de forma crescente, falam, escrevem e ouvem pessoas a centenas e às vezes milhares de quilômetros de distância, mais do que aos seus vizinhos. São mais cidadãos da república das letras, ou da ciência, ou dos negócios, ou do futebol, ou seja lá de que paixão, do que do seu próprio país. Cada pessoa está construindo devagar uma confederação internacional de indivíduos escolhidos pessoalmente. Um número crescente de seres humanos está se recusando a ser cenouras, enfiadas na lama, inseparáveis das raízes da família. Alguns ainda tentam se comportar como tal, alimentar-se inteiramente da própria seiva, mas isso se torna quase impossível; e, sub-repticiamente, eles despacham pedidos a regiões distantes em busca de nutrientes mais variados. Agora que o ar contém não apenas oxigênio, mas também sinais de rádio e televisão, família alguma, por mais bem estruturada que seja, pode resguardar-se de pensamentos que entram voando como abelhas pelas janelas, fertilizando a imaginação e

⁸ Na Índia, um grupo de hindus fundamentalistas reagiu quebrando cinemas contra o filme *Fire* (1996), de Deepa Mehta, que questiona tradições e conta uma história de amor entre mulheres.

⁹ Sobre o movimento homossexual no Brasil, recomendo a leitura de *O Homem que Amava Rapazes* (LOPES, 2002), especialmente o capítulo *Escritor, gay*. Sugiro também *Devassos no Paraíso*, de João Silvério Trevisan. Sobre a história lésbica destacam-se *O que é Lesbianismo* (2000), de Tânia Navarro-Swain, e *O Lesbianismo no Brasil* (1987), de Luiz Mott.

levando pólen de uma mente para outra, tornando-as assim parentes de pessoas que jamais encontraram. Eis aí um tipo completamente novo de fraternidade, mais efêmero, mutável, acidental, e, no entanto, menos propenso à asfixia. (ZELDIN, 1994, p. 351).

O livro mais completo sobre a história da homossexualidade feminina no Brasil parece ser *O Lesbianismo no Brasil*, de Luiz Mott. Escrito por um homem, o livro, de 1987, encontra-se esgotado nas livrarias. A capa da edição lançada pela editora Mercado Aberto traz fotografia que se assemelha à de um filme pornográfico. Duas mulheres se abraçam seminuas, uma delas vestindo uma camiseta regata com rasgos que deixam os seios à mostra. A capa é injusta com o conteúdo. Mott realiza um profundo estudo da história das lésbicas no País, começando pelas índias *çacoibeguiras*, como eram chamadas as mulheres que viviam com outras mulheres na cultura Tupinambá.

As primeiras fontes de Mott são as narrativas dos colonizadores sobre os índios. Depois o autor usa as atas de punições da inquisição contra o “pecado nefando”, mas só há registro de punições de lésbicas nestas até 1646, data em que o Conselho Geral da Inquisição de Lisboa decidiu que “o Santo Ofício não deveria tomar conhecimento dos atos sodomíticos entre mulheres”.

A partir de então, os registros religiosos desaparecem e Mott passa a lançar mão de alguns documentos literários e, já a partir de 1930, das descrições supostamente científicas – mas eivadas de moralismo e machismo – sobre a “inversão sexual feminina”. Mott, um buscador incansável de homossexuais famosos - explícitos, descobertos ou supostos - lista Felipa de Souza como a primeira lésbica “oficialmente reconhecida do Brasil”. Felipa é ícone do movimento gay brasileiro, por ter sido punida pela Inquisição com o desterro, em 1592, por ter várias namoradas. O livro passa pela princesa Leopoldina (que teria tido um romance com uma governanta inglesa) e chega às lésbicas contemporâneas, entre as quais ele elenca as assumidas Ângela Ro-Ro, Marina Lima e Leci Brandão.

O livro de Mott também é fortemente influenciado pelos movimentos norte-americanos, tanto que termos como *gay* (inclusive para mulheres), *coming out* e *gaypower* aparecem ao longo do texto. Por ser uma publicação da década de 80 do século passado, o livro deixa de fora personagens importantes da história lésbica brasileira, como as cantoras Cássia Eller e Vange Leonel, tornando clara a lacuna que se formou nesses quase 20 anos e deixando assim aberto o caminho para pesquisadores interessados em atualizar essa documentação.

1.2 Formação da Identidade Lésbica: do Silêncio ao *Queer*

“Não se afobe não que nada é pra já
O amor não tem pressa ele pode esperar em silêncio
Num fundo de armário, na posta-restante
Milênios, milênios no ar”
Futuros Amantes - Chico Buarque - 1993

No antológico *Puppy Episode*, veiculado em 1996, a personagem Ellen Morgan – *alter ego* da atriz norte-americana Ellen DeGeneres – “sai do armário”. Na gíria criada pelos norte-americanos (*come out of the closet*), isso significa assumir-se lésbica ou gay. Algumas semanas depois, em outro episódio, Ellen se envolve com uma potencial pretendente e só então o público descobre que a personagem, aos 35 anos, nunca havia feito sexo com uma mulher antes. Como então sair do armário, assumir uma identidade marginalizada, estigmatizante, ingressar em uma minoria perante a sociedade, família, amigos e colegas de trabalho, se o ato que a definiria como homossexual ainda não havia sido concretizado?

Em 2005, na novela *Senhora do Destino*, da Rede Globo, a personagem Jenifer Improtta (Bárbara Borges) fica desorientada ao ser chamada de “sapata” por rapazes na rua. Mais tarde, tem uma crise nervosa ao descobrir que seu irmão já havia brigado para “defendê-la” da “acusação” de ser lésbica. Corre ao encontro da então amiga Eleonora (Mylla Christie) para dizer que não quer mais vê-la porque as duas “deram bandeira”. Mesmo nunca tendo trocado sequer um beijo e ainda que aparentemente não tivesse consciência do tipo de afeto que a ligava a Eleonora, que mais tarde se tornaria sua companheira, Jenifer achava que tinha ido longe demais.

O que é então ser lésbica? O que enquadra uma mulher nesta condição? O contato sexual com mulheres é imprescindível para configurar uma lésbica? Ou basta o desejo? Apenas a companhia constante de outra mulher é suficiente para colocar em alguém esse rótulo? Quais são as vantagens sociais de adotar uma identidade lésbica, frente à opção de escolher uma subjetividade fluida, de sexualidade indefinida? E as desvantagens? Não seria melhor não definir identidades e assim beneficiar-se da heterossexualidade presumida? É

politicamente importante assumir uma identidade lésbica e por quê? Por que no mundo ocidental a cada dia mais mulheres se identificam como lésbicas?

Os estudos gays e lésbicos e a Teoria *Queer* analisam essas e outras muitas questões, e há poucas ou nenhuma resposta incontestável para esse dilema que se apresenta diariamente a milhões de mulheres em todo o mundo. Mulheres que vivem cotidianos compartilhados com outras mulheres; que se vêem subitamente apaixonadas por suas melhores amigas; que não têm atração por homens; que adoram homens para o sexo, mas preferem a companhia feminina no dia-a-dia ou que simplesmente desejam loucamente fazer sexo com outras mulheres. Tantas são as possibilidades do desejo quanto as respostas possíveis para os questionamentos íntimos que assolam as subjetividades femininas neste aspecto.

Se a homossexualidade é definida pela prática de sexo – acompanhada ou não de afeto – com alguém da mesma configuração sexual biológica, como essa característica pode se tornar uma identidade e ser exteriorizada? Como dizer ao mundo que “sou diferente” ou que pertencço a determinado grupo, se as práticas que definem esse grupo são privadas e subjetivas? O sexo é praticado - sob as penas da lei – na intimidade de quatro paredes, e o afeto e o sentimento subjetivo são impalpáveis. Como então estabelecer uma identidade para ser reconhecida por outros iguais ou ainda, em muitos casos, como esconder essa identidade marginalizada socialmente, mas que de maneiras sutis teima em se revelar?

Arlene Stein (STEIN, 1999, p. 81), no artigo *Becoming a Lesbian*¹⁰, publicado em 1997, aponta que o comportamento homossexual puro e simples não é garantia do desenvolvimento de uma identidade lésbica. Tornar-se lésbica exige participar de comunidades e adotar discursos específicos, sempre de acordo com normas históricas. A identidade lésbica é aprendida e representada; trata-se de um processo no qual indivíduos lutam para alcançar congruência entre sua identidade emergente e seu senso subjetivo de “*self*” (STEIN, 1999, p. 81).

Assumir uma identidade lésbica envolve aproximar-se da subcultura lésbica e, ao mesmo tempo, gerenciar a comunicação dessa informação estigmatizadora para com o

¹⁰ As traduções de citações de livros que aparecem em inglês na bibliografia são de minha autoria.

restante da sociedade¹¹. As lésbicas tendem a ser habitantes de dois mundos, o heterossexual e o gay. E, para conseguirem viver, trabalhar e amar, precisam satisfazer exigências de ambos. No mundo heterossexual, necessitam “passar por héteros” ou pelo menos “desenvolver uma representação que as defina como fêmeas”. No mundo lésbico, precisam lidar com normas diferentes para serem aceitas e buscarem parceiras amorosas (STEIN, 1999, p. 82).

A subcultura lésbica construiu resistência à heterossexualidade dominante, parcialmente através de estilo e apresentação pessoal, uma vez que a reconstrução de códigos culturais é central para grupos marginalizados, de acordo ainda com a perspectiva de Arlene Stein. Modelos indicam que a formação da identidade lésbica é um processo objetivo relacional que se completa com a “saída do armário” ou quando a pessoa conscientemente se identifica como lésbica. “Na cultura dominante, lésbicas muitas vezes se sentem mulheres ‘não autênticas e fracassadas’, mas na subcultura encontram espaço para serem ‘elas mesmas’ ”. (STEIN, 1999, p. 90).

Em uma sociedade heterocentrista, qualquer atitude que afaste um ser humano nascido com o sexo feminino de seu papel de gênero¹² de mulher é vigiada e cobrada. Nesse sentido, movimentos subjetivos que se referem na verdade a uma parcela da identidade de um indivíduo acabam aparecendo socialmente como uma característica dominante da personalidade e toda uma construção social é feita sobre esses determinados atos ou características, globalmente denominados orientação sexual. Para Tânia Navarro-Swain, falar de lesbianismo é tentar observar como uma prática sexual se insere nas relações sociais: “Como é avaliada, julgada, denegrida, louvada ou silenciada no desenrolar da história” (2000, p. 11). A historiadora destaca que a heterossexualidade compulsória, um

¹¹ Stein enumera os passos que Bárbara Ponse chama de “trajetória gay”: ter uma sensação subjetiva de ser diferente de pessoas heterossexuais; entender o significado homossexual desses sentimentos; aceitar os sentimentos e suas conseqüências para sua identidade; procurar uma comunidade de pessoas semelhantes.

¹² Gênero é a representação cultural do sexo. Enquanto macho e fêmea seriam as diferenciações biológicas, homem e mulher seriam as construções culturais de gênero, com todas as implicações de direitos e deveres inerentes a esses papéis em cada sociedade. A desnaturalização do gênero é um dos pontos-chave do feminismo, especialmente a partir de Simone de Beauvoir, que afirmou: “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Na antropologia, Margaret Mead apresentou conteúdos culturais associados às categorias “mulher” e “homem”, e provou que esses são produtos históricos e culturais, e não fatos da natureza. Segundo Judith Butler, gênero é a variável construção cultural do sexo, a miríade de possibilidades abertas de significados culturais ocasionados por um corpo sexuado.

fenômeno relativamente recente na história humana, acabou por ser admitida como “regra universal” em nossa sociedade.

“A questão da homossexualidade é muito séria, pois balança e questiona relações de poder”, defende Lúcia Facco (2004, p. 24). As normas que garantem a heterossexualidade podem não ser escritas nem explícitas, mas, como aprende Jenifer na novela, são sutis, onipresentes e inflexíveis. Em uma perspectiva foucaultiana, o mais ligeiro deslize é punido. Afinal, o que há de tão ameaçador na homossexualidade? “A homossexualidade é a demonstração empírica de que alguns conceitos tidos como certos são, na verdade, frágeis”. (FACCO, 2004, p. 25).

A mulher que de alguma forma se enquadra na categoria homossexual se vê obrigada a considerar a decisão de adotar ou não uma identidade lésbica ou ainda confirmar a heterossexualidade compulsória a que está destinada no momento de seu nascimento, tornando-se assim mãe e esposa, que são os papéis “naturais” destinados a todas as mulheres pela sociedade heteronormativa. O lesbianismo pode mesmo ser encarado como uma arma política, uma forma de enfrentar o poder falocêntrico. “Não quero, não aceito, que nenhum poder constituído paute, regule minha vida, meus sentimentos, meu tesão”, se rebela a personagem de Lúcia Facco, no livro *As Heroínas Saem do Armário*. A visão do lesbianismo político como instrumento de guerrilha contra o patriarcalismo foi especialmente forte no discurso feminista dos anos 70, principalmente no feminismo lésbico.

Foucault, em *História da Sexualidade - Volume 1*, critica a definição da subjetividade de alguém levando em conta apenas a sexualidade:

Chegamos ao ponto de procurar nossa inteligibilidade naquilo que foi, durante séculos, considerado como loucura; a plenitude de nosso corpo naquilo que durante muito tempo foi um estigma e como que a ferida neste corpo; nossa identidade naquilo que se percebia como obscuro impulso sem nome. (1988, v.1, p. 146).

Decidir-se por uma identidade lésbica de qualquer forma é uma possibilidade bem recente na cultura ocidental, embora as práticas e associações afetivas lésbicas sejam tão antigas quanto é possível rastrear historicamente. Laqueur conta que, durante a Renascença, a visão da sociedade era de que os seres humanos tinham um “sexo único”, sendo a manifestação masculina “a mais perfeita”. Dessa época há registro de histórias de meninas

que viravam meninos, mas não o contrário, porque, de acordo com a explicação daquele período histórico, “a natureza sempre tende à perfeição” (LAQUEUR, 2001, p. 170).

Na Renascença, o pênis era um símbolo de *status* que podia ser interpretado como um certificado, como um diploma de um médico ou de advogado, cujo portador tem certos direitos e privilégios (LAQUEUR, 2001, p. 170). Por isso, a mulher que se vestia como homem era uma mulher que queria ficar acima de sua condição. A mulher que fazia “o papel de homem” no ato sexual com outra mulher era considerada uma tríbade (fricatrice), que assumia ilicitamente o papel ativo de quem fazia a fricção quando devia ser friccionada. Mulheres que praticavam esses atos eram acusadas de violar a lei do gênero e a pena era ser queimada na fogueira (LAQUEUR, 2001, p. 172).

Em alguma época do século XVIII, continua Laqueur, o sexo como nós o conhecemos foi inventado. Nessa época, estruturas comuns aos dois sexos passaram a ser diferenciadas para corresponder ao homem e à mulher culturais, incluindo aí o esqueleto ou o sistema nervoso. Nesse período são vistos o desabrochar da ciência positivista e uma febre de catalogações, incluindo as variedades de comportamento sexual¹³.

Diferentemente do “abominável pecado” da sodomia masculina, o sexo entre mulheres foi historicamente ignorado na maior parte das vezes ou tratado como desimportante. Qualquer prática sexual em que não havia um pênis envolvido não precisava despertar atenção, cuidado ou sequer ser nomeada. Tânia Navarro-Swain conta que, no século XVII, a Inquisição não tinha palavra para designar mulheres que tinham relações sexuais entre si e as chamava de sodomitas, termo que na verdade refere-se à prática de sexo anal. Navarro-Swain comenta que “o que não se fala não existe”¹⁴ e que, se as mulheres homossexuais não tinham direito a um nome, portanto não podiam existir.

¹³ A construção do lesbianismo é tão recente que, em 1920, o livro anual da universidade norte-americana Oberlin tem uma página com 32 fotografias de mulheres identificadas pelo nome. No alto da página, o título: Lésbicas. Eram membros da Oberlin Lesbian Society, um grupo de mulheres dedicado a escrever poesia que homenageava Safo, a poetisa grega, hoje vista como ícone do lesbianismo sexualizado (GROSS, 1999, p. 63). A inocência em relação ao lesbianismo era a norma, e mesmo as mulheres que faziam sexo com suas amigas, vizinhas e companheiras não achavam que tivessem que adotar qualquer tipo de atitude diferenciada frente à sociedade. Esse tipo de relacionamento era conhecido como “amizade romântica”.

¹⁴ A questão da simples existência de gays parece perturbar a cultura heterossexual. Eve Sedgwick (GROSS, 1999, p. 205) afirma que “o desejo endêmico na cultura circundante é que as pessoas gays não existam”, o que reflete uma “fantasia ocidental de um mundo sem homossexuais”. Foucault diz que a mensagem aos homossexuais é “não apareça se não quiseres desaparecer”.

A sexualidade feminina até hoje sofre com lacunas em sua nomeação, como destaca Lúcia Facco:

E da minha buceta surge aquele líquido estranhamente inominado. Qual é o nome daquilo mesmo? Digo, nome vulgar, corriqueiro. Buceta tem nome, bunda, pau, porra, peitos também. Tudo o que se relaciona ao desejo, ao imaginário e ao prazer dos machos tem nome. Mas esqueceram, ou esquecemos, sei lá, de nomear aquele lubrificante vaginal que é a prova não do prazer puro e simples, mas do tesão que nós mulheres sentimos por alguém ou alguma coisa. (2004, p. 29).

E esse desejo surge inserido dentro de uma sociedade heterocentrada. Rita Segato (1997, p. 244) lembra que o modelo heterossexual é a matriz primeira de poder, o primeiro registro do poder na experiência social e na vida do sujeito. O que se observa nas várias sociedades é maior ou menor grau de opressão, sofrimento, autodeterminação, oportunidade e liberdade das mulheres, mas não de igualdade. As relações de gênero são apresentadas na forma de um poder “que muitas vezes manifesta-se com infinita sutileza”. (SEGATO, 1997, p. 237).

E, frente a esse poder, os sujeitos que decidem adotar uma identidade diferenciada são obrigados a lidar com a discriminação da heterossexualidade normativa. Denilson Lopes¹⁵ sugere que o preconceito¹⁶ se manifesta de várias formas: na sociedade, pela ridicularização e violência; na política, ao considerar a questão um tema menor; na universidade, por não legitimar estes estudos em pé de igualdade com outras correntes de pensamento. De maneira autobiográfica, Lúcia Facco resume: “o preconceito só dói quando é contra nós” (2004, p. 33).

A ex-prefeita de São Paulo, Marta Suplicy, é responsável por um dos mais importantes projetos de reconhecimento dos direitos homossexuais em tramitação no Congresso Brasileiro, que aguarda deliberação desde 1995. Suplicy afirma na justificativa de sua proposta de lei:

Nas condições atuais, as pessoas homossexuais não existem. A ausência de amparo legal às uniões de pessoas do mesmo sexo nega a existência dos homossexuais naquilo que os define como tal, ou seja, a possibilidade de constituírem relações afetivo-sexuais com

¹⁵ Do texto “Desafios dos Estudos Gays, Lésbicos e Transgêneros”, p. 2, recebido por e-mail.

¹⁶ Tânia Navarro-Swain denuncia que vários estereótipos e mitos permeiam o senso comum e mesmo produções científicas sobre a lesbianidade, entre eles que lésbicas são feias, sem atrativos, sem caráter e caricaturas de homens. Um dos mitos enumerados pela autora é que a atração de uma mulher por outra seria válvula de escape para um corpo desgracioso e desprezado pelos homens. Outros mitos são que lésbicas seriam um perigo para a inocência das jovens ou são seres assexuados, que brincam de tomar o lugar dos homens; podem ser ainda vistas como pessoas que certamente assediariam mulheres heterossexuais, se tiverem chance, ou mulheres com sexualidade irrelevante que priorizam carícias e sentimentos.

outros do seu próprio sexo e de usufruírem os direitos civis que são assegurados, na esfera da conjugalidade, apenas aos heterossexuais. (ALMEIDA NETO, 1999, p. 84).

Essas uniões “não existem” porque são organizações familiares que fogem ao padrão considerado ideal. Almeida Neto resume qual seria esse modelo:

Um homem provedor e uma mulher afetuosa que se amam, que são casados civil e religiosamente, em primeiras e indissolúveis núpcias, que são fiéis afetivo-sexualmente e têm pelo menos dois filhos, de preferência um casal, e que coabitam. (1999, p. 27).

Trata-se de uma lista de exigências bastante longa. A construção dessa família ideal faz parte do discurso que oprime lésbicas e gays, de acordo com a argumentação de Monique Wittig, em seu clássico artigo *Straight Mind* (Pensamento Hétero). Trata-se do discurso que toma como certo que a base de qualquer sociedade é a heterossexualidade. Esse discurso da heterossexualidade “nos oprime, no sentido em que nos impede de falar, a menos que falemos nos termos deles” (WITTIG, 1992, p. 25). O discurso é uma das facetas da opressão de gays e lésbicas e todo o discurso do sistema teórico moderno e das ciências sociais é reflexo e formado pelo que Wittig chama de “pensamento hétero”:

O pensamento hétero desenvolveu uma interpretação totalizante da história, da relatividade social, da cultura, da linguagem e, simultaneamente, de todos os fenômenos subjetivos. O pensamento hétero não consegue conceber uma cultura, uma sociedade onde a heterossexualidade não ordenaria não só todas as relações humanas como também sua própria produção de conceitos e também todos os processos que escapam ao consciente. “Serás hétero ou não serás”, determina o discurso. (WITTIG, 1992, p. 28).

“Para o pensamento heterossexual, a homossexualidade não passa de heterossexualidade”, continua Wittig. Basta ver a incansável busca da sociedade em geral por saber quem faz os papéis de “homem” ou “mulher” nos casais lésbicos e gays¹⁷. A sociedade hétero está baseada na necessidade - em todos os níveis - de diferentes/outros e, nesse sentido, oprime muitos diferentes: todas as mulheres e muitas categorias de homens (WITTIG, 1992, p. 29).

Se nós, lésbicas e homossexuais, continuarmos a falar de nós próprios e a nos conceber como mulheres e homens, estamos sendo instrumentais na manutenção da heterossexualidade. Temos que produzir uma transformação política dos conceitos-chave. Vamos dizer que quebramos o contrato heterossexual. Se não com teorias, através de suas

¹⁷ Mas a vida não foi sempre como é hoje para pessoas que gostam ou preferem relacionar-se com pessoas do mesmo sexo. A história traz inúmeros exemplos de maneiras de lidar com a homossexualidade. No caso dos gregos, a homossexualidade era uma prática aberta e institucionalizada entre os homens. Em Esparta, homens e mulheres viviam separados e a reprodução era assunto de estado. Os índios norte-americanos berdaches reconheciam um terceiro sexo, além de macho e fêmea. Situação similar acontecia entre os mohaves. No Daomé e em outros países da África, uma mulher pode casar-se com outra, se puder pagar o dote (NAVARRO-SWAIN, 2000, p. 61).

práticas sociais, cujas repercussões na sociedade hétero são incalculáveis. Mulher tem significado apenas em um sistema de pensamento heterossexual e em um sistema econômico heterossexual. **As lésbicas não são mulheres.** (WITTIG, 1992, p. 32, grifo meu).

A história de afirmação da identidade lésbica é ligada ao discurso do poder. É interessante ver o que diz Michel Foucault, em *História da Sexualidade - Volume 1*:

Devemos compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes, as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras formando cadeias ou sistemas ou, ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si, enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. (1988, p. 88).

Um texto apresentado em 1970 por organizações feministas à imprensa americana dizia que a essência do “papel feminino” é que a mulher seja definida em termos de sua relação com um homem. “A mulher é chamada lésbica quando funciona de maneira autônoma”. Clássico texto dessa época, assinado por um grupo autodenominado *Radicalesbians*, declara que a necessidade pessoal leva a lésbica, “ao longo do tempo, a um estado de guerra contínua com tudo à sua volta e usualmente com ela mesma” (GROSS, 1999, p. 368; p. 562).

Lésbica é a palavra, o rótulo, a condição que mantém as mulheres na linha. Quando uma mulher ouve essa palavra jogada em sua direção, ela sabe que está pisando além dos limites. Sabe que cruzou a terrível fronteira de seu papel de gênero. Até pouco tempo atrás, qualquer mulher bem-sucedida, independente, que não tivesse toda sua vida direcionada para um homem, ouviria essa palavra. Porque, em nossa sociedade, uma mulher ser independente significa que ela não pode ser uma mulher – tem que ser sapatão. (GROSS, 1999, p. 563, tradução minha).

Por que as mulheres se submetem a um papel social secundário? Do ponto de vista das *Radicalesbians*, as compensações para as mulheres que são “desumanizadas como objetos sexuais” pelos homens são vantagens sociais como: a identificação com o poder dele, com o ego dele, com o *status* dele e com a proteção dele (contra outros homens). Nesse caso, as mulheres se sentem “mulheres de verdade” e recebem aceitação social por aderir a esse papel. “Ser uma mulher que não pertence a nenhum homem é ser invisível, patética, inautêntica, irreal” (GROSS, 1999, p. 564).

Cheryl Clarke, em *Lesbianism: An Act of Resistance* (CLARKE, 1999, p. 567), diz que não importa a maneira como a mulher vive o seu lesbianismo - enrustida,

politicamente, no quarto – essa identidade representa “uma rebelião contra o patriarcalismo”. Para Clarke, a lésbica é uma mulher que “descolonizou” seu corpo.

A opressão de gênero, a exploração e o controle masculino da produtividade e a capacidade de reprodução feminina emergiram na base da diferença biológica. Originou-se na primeira divisão de trabalho, entre homens e mulheres, e resultou na acumulação de propriedade privada, usurpação patriarcal do direito materno ou na linhagem materna e na macho-supremacista instituição da monogamia heterossexual apenas para as mulheres. (CLARKE, 1999, p. 567).

Um dos textos fundadores do feminismo lésbico, publicado em 1980, é *Heterossexualidade Compulsória*, de Adrienne Rich. Nele a autora diz que, usualmente, a mensagem da “direita” é definir que mulheres são propriedade sexual e emocional dos homens e que a autonomia e igualdade femininas ameaçam a família, a religião e o Estado. Ao longo da história e em várias sociedades, são usadas características do poder masculino para manter a submissão feminina. Entre elas estão: negar à mulher sua própria sexualidade, forçar sobre ela a sexualidade masculina, comandar ou explorar seu trabalho ou produção, controlar ou roubar das mulheres as crianças, confiná-las fisicamente ou restringir seus movimentos, usá-las como objeto em transações masculinas, limitar a criatividade feminina, limitar a elas o acesso a grandes áreas de conhecimento e cultura. (RICH, 1993, p. 233).

Diante de quadro tão desvantajoso para as mulheres, Rich lança o conceito de “*lesbian existence*”, em que alarga o conceito de lesbianismo para compreender também relações de amizade e relacionamentos de apoio entre mulheres. A grande reivindicação da autora é por opções além do casamento heterossexual.

A teorização mais recente sobre identidades homossexuais vem no formato da Teoria *Queer*, que Annamarie Jagose define como “coalizão de auto-identificações sexuais marginalizadas”. Trata-se, segundo Jagose (2004, p. 1), de um nascente modelo teórico desenvolvido a partir dos estudos gays e lésbicos. Na opinião da autora, sua eficiência política se apóia justamente na sua resistência a definições.

Jagose contextualiza os estudos gays e lésbicos como construções relativamente recentes na história da formação das disciplinas, sendo a Teoria *Queer* a sua mais nova transformação institucional. A Teoria *Queer* descreve os gestos ou modelos analíticos que dramatizam incoerências nas relações alegadamente estáveis entre sexo cromossômico, gênero e desejo sexual. A construção pós-estruturalista da identidade *queer*, além de gays e

lésbicas, inclui travestismo, hermafroditismo, ambigüidade de gênero e transexuais, e pode chegar a abarcar casais heterossexuais sem filhos (JAGOSE, 2004, p. 3).

Em *Gender Trouble*, Judith Butler diz ter esperança “na coalizão de minorias sexuais que transcende as simples categorias de identidade, que vai se recusar a apagar a bissexualidade, que será contrária e dissipará a violência imposta por normas corporais restritivas” (1999, p. 26). Butler deseja “uma união baseada na irreduzível complexidade da sexualidade” (1999, p. 26). Talvez essa resposta esteja no movimento *queer*, surgido nos anos 90, do qual Butler é apontada como uma das fundadoras.

Em termos de contextualização histórica que levou ao surgimento da Teoria *Queer*, Annamarie Jagose acredita que só houve condições de surgimento de movimentos favoráveis aos homossexuais com a criação de um senso de comunidade e de uma política de identidade por parte de gays e lésbicas. As principais condições para formação dessa identidade, enumera Jagose, são: haver um grande número de pessoas na mesma situação; essas pessoas estarem numa condição de concentração geográfica; terem objeto de oposição identificáveis; súbitos eventos e mudanças nas posições sociais (como os movimentos de contracultura ocorridos nos anos 60); e constituição de lideranças intelectuais e objetivos de fácil compreensão (JAGOSE, 2004, p. 32).

O *Queer* surge no início dos anos 90, como resultado do questionamento sobre identidade lésbica e gay. Vem como consequência da elaboração pós-estruturalista sobre a visão dos libertadores gays e das feministas lésbicas em relação à identidade e formas como o poder funciona. O *Queer* representa a troca de uma política de identidade por uma política da diferença.

Se os movimentos gay e lésbico tinham a identidade como um pré-requisito para intervenções políticas efetivas, os pós-estruturalistas passam a ver a identidade como algo provisório, têm maior percepção das limitações de categorias identitárias como representações políticas. Graças a autores como Althusser, Freud, Ferdinand de Saussure, Jacques Lacan, Michel Foucault, Stuart Hall, Roland Barthes, entre outros, a identidade é reconceitualizada como uma fantasia ou um mito culturalmente sustentado.

O *Queer* também aponta que a identidade gay e lésbica pode acabar por reforçar a hegemonia heterossexual, uma vez que são construções identitárias que apenas funcionam em um contexto binário homo/heterossexual. O *Queer*, por sua vez, retrataria uma

identidade sem essência, ambígua, relativa, uma categoria intuitiva. Em contrapartida, há quem argumente que o potencial *Queer* para desestabilizar a identidade gay é a homofobia (JAGOSE, 2004, p. 101).

Conquistas que pareciam impossíveis há 30 anos – como empresas explicitamente destinadas ao público lésbico e gay, recursos governamentais destinados a grupos comunitários gays e lésbicos, e o reconhecimento de lésbicas e gays como um grupo dono de força econômica ou eleitoral – são vistas pelos membros do movimento *Queer* não como sinais de progresso e sim como amostras do quanto lésbicas e gays foram assimilados pela cultura e pelos valores dominantes (JAGOSE, 2004, p. 115). Mas Annamarie Jagose acredita, no entanto, que a política de identidades não desaparecerá sob o domínio do *Queer*, e sim que se tornará menos segura de si, com mais nuances.

A adoção de uma identidade, seja lésbica ou *queer*, necessariamente significa abrir mão de outras possibilidades. No filme *Go Fish*, de 1994, um monólogo aborda a angústia gerada pela eterna possibilidade de se escolher um caminho diferente.

E se eu apagasse e acordasse sozinha ao meio-dia em uma casa, eu estava cochilando e descubro que sou casada com um homem – um homem honesto, que me é devotado – e que estou atrasada para pegar as crianças. E se tudo que eu fizesse fosse suspirar porque não é tão tarde quanto eu pensava e eu corro para pegar as crianças com dois guarda-chuvas porque está chovendo, mas não nessa manhã e eu não quero que eles peguem uma gripe tão cedo nesta estação.

Imagino a alegria de beijar meu marido no supermercado e o triste sorriso de uma senhora que suspira silenciosamente “amor de jovens”. Mamãe insiste que venhamos para a casa dela no dia de Ação de Graças, porque “é tão bom ter um homem pela casa de novo no feriado”. Posso me afundar no conforto de ser mãe, esposa, cunhada, avó – não a eternamente colocada de lado, sem par, nos retratos de família – não envolvida pelo estranho título de tia.

Eu poderia viver uma vida de pronomes de gênero específicos e responder verdadeiramente sobre namorados e realmente querer dizer apenas “boa amiga” quando dissesse isso e deixar de lado o desesperante adjetivo “boa amiga de verdade”.

Sexo seria um ritual amigável, sempre findável, nunca apavorante. Eu poderia focar no respeito quando ele me fodesse – como eu sei que ele me respeita e como é realmente gostosinho se você afasta a imagem latente do buraco vazio desejando ser preenchido e tentar não me fixar na satisfação que ele pensa que tem em preenchê-lo.

Duas rendas. Eu poderia manter meu nome, mesmo que hifenado para um sentimento de liberação – poderíamos ter jantares de aniversário em lugares adoráveis e ele mandaria o garçom trazer um presente especial de aniversário antes da conta e os garçons sentiriam uma confortável irradiação de felicidade.

E se eu me achasse em um parque, rindo, dizendo “eu era tão jovem”, de mãos dadas, visto uma parca e o cara que aperta minha mão diz “eu me sinto melhor, meu amor, sabendo que você tentou de tudo e ainda assim me escolheu”.

Não me parece tão impossível... É a palavra “fase”. É finalmente sair do armário e ainda assim ser chamada “gay”. É ser fodida e chupada por uma mulher até parecer que você vai chorar e ainda assim sentir no fundo da sua mente que ninguém sabe o que você realmente faz. Não estamos esperando por um homem. Eu não estou esperando por um

homem. Só odeio este sentimento estranho de que há um homem esperando por mim. (TROCHE, 1995, p. 109, tradução minha).

Tânia Navarro-Swain defende que “identidade é uma ficção e que a incerteza e o paradoxo são as conquistas maiores do nosso tempo” (2000, p. 95). Lúcia Facco também chama atenção para a ansiedade das classificações:

As pessoas, de maneira geral, se preocupam muito em classificar a si mesmas e aos outros. A consciência de que estamos em constante mutação causa certa aflição, uma sensação de insegurança. (FACCO, 2004, p. 28).

A decisão de adotar uma identidade – estruturada em todas as questões teóricas, políticas e éticas sobre o tema – muitas vezes pode ser menos consciente, voluntária e racional do que sugere o discurso lésbico, gay e *queer*. Na canção *Me Revelar*, Zélia Duncan e Christiaan Oyens apresentam uma resposta poética a esses questionamentos:

Tudo aqui quer me revelar
Minha letra, minha roupa, meu paladar
O que eu não digo, o que eu afirmo
Onde eu gosto de ficar
Quando amanheço, quando me esqueço
Quando morro de medo do mar
Tudo aqui
Quer me revelar
Unhas roídas
Ausências, visitas
Cores na sala de estar
O que eu procuro
O que eu rejeito
O que eu nunca vou recusar
Tudo em mim quer me revelar
Meu grito, meu beijo
Meu jeito de desejar
O que me preocupa, o que me ajuda
O que eu escolho pra amar
Quando amanheço, quando me esqueço
Quando morro de medo do mar

A discussão sobre a identidade lésbica é teórica e racionaliza um comportamento social essencialmente emocional. Mas considero-a imprescindível como ferramenta de auxílio no exame do *corpus* desta pesquisa.

Capítulo 2

Teoria e Metodologia de Pesquisa

“Consta na pauta, no Karma, na carne,
Passou na novela,
Está no seguro, picharam no muro
Mandei fazer um cartaz
Serás o meu amor, serás a minha paz”
Dueto - Chico Buarque - 1979

Para analisar a representação de Eleonora e Jenifer, os principais eixos metodológicos escolhidos foram a Teoria *Queer*, para focar as questões da sexualidade e gênero; os estudos culturais, para analisar a inserção dessas representações nos meios de comunicação de massa e sua importância social; e a análise de conteúdo como ferramenta para examinar o discurso apresentado pelo autor.

A própria Judith Butler, apontada por muitos estudiosos como criadora da Teoria *Queer*, reconhece, no prefácio de *Gender Trouble* (1999), um livro básico sobre os estudos gays e lésbicos, que há inextinguíveis debates sobre se o trabalho dela pertence aos estudos culturais ou à teoria crítica (BUTLER, 1999, p. 9). Para a autora, as grandes distinções entre as duas propostas se desfizeram: “há uma nova vertente teórica, necessariamente impura na sua criação dentro e como um evento próprio das traduções culturais” (p. 9, tradução minha).

Para examinar as imbricações culturais e na comunicação de massa da representação de personagens lésbicas, a escolha, tendo ambas as opções, foi pelos estudos culturais. Além de Stuart Hall, a teoria proposta por Jesús Martín-Barbero fornece uma estrutura metodológica para examinar a questão, principalmente por sua proposta de revalorização da cultura popular e da importância da telenovela nesse âmbito. Para Martín-Barbero, através do folhetim se expressa “uma voz afetada, sentimental, moralista e muitas vezes reacionária, mas, por fim, uma voz por meio da qual se expressa o rouco submundo que nem à direita culta nem à esquerda política pareceu interessar” (p. 305).

Stuart Hall é o autor a quem recorreremos especialmente no que tange à formação de identidade na pós-modernidade. Hall argumenta que as velhas noções de identidade estáveis estão em declínio. O indivíduo moderno é fragmentado. O fim do século XX apresentou ao mundo sociedades em que os indivíduos se deparam com paisagens culturais

de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade fragmentadas (HALL, 2004, p. 9). Essas mudanças culturais se refletem nas identidades pessoais.

Hall indica que, quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, mais as identidades se tornam desvinculadas de tempos, lugares e tradições específicos. Nesse panorama pode-se inscrever o tema da diversidade sexual, abordado com frequência pela mídia ficcional globalizada tanto em seriados veiculados pela TV a cabo (como *Queer as Folk*, *The L Word* e outros de menor expressão) como em festivais de cinema, como o Mix Brasil ou em telenovelas.

Os fluxos culturais entre as nações e o consumismo global criam possibilidades de “identidades partilhadas” – como “consumidores” para os mesmos bens, “clientes” para os mesmos serviços, “públicos” para as mesmas mensagens e imagens – entre pessoas que estão bastantes distantes umas das outras no espaço e no tempo. À medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural. (HALL, 2004, p. 74).

2.1 Método

No livro *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som*, Martin Bauer afirma que “a pesquisa social... apóia-se em dados sociais – dados sobre o mundo social – que são o resultado e são construídos nos processos de comunicação” (2002, p. 20). Mais adiante, o mesmo autor diz que “categorizar o presente e, às vezes, predizer futuras trajetórias é o objetivo de toda pesquisa social”. Por isso, considero relevante escolher uma produção ficcional seriada televisiva como forma de diagnosticar mudanças na representação de agentes sociais.

Para fazer essa análise, a pesquisa qualitativa foi adotada como método. Denker (2001, p. 186) chama atenção para os dados coletados nas pesquisas qualitativas, que são predominantemente descritivos. O material obtido nessas investigações é rico em relatos de pessoas, em situações e acontecimentos, incluindo transcrições de entrevistas e de depoimentos, além de fotografias, desenhos e vários outros tipos de documentos.

Para a autora, o pesquisador deve prestar atenção no maior número possível de elementos que estão presentes na situação estudada. No caso das pesquisas qualitativas, o

interesse do pesquisador é verificar como o problema se manifesta no cotidiano. Nesse tipo de pesquisa, a análise de dados segue um processo indutivo.

Neste capítulo é explicitada a forma como foi desenvolvido o trabalho de análise realizado da representação do casal Eleonora e Jenifer, em *Senhora do Destino*. Bauer (2002, p. 18) destaca que uma cobertura adequada dos acontecimentos sociais exige muitos métodos e dados, muitas vezes lançando mão de um pluralismo metodológico. Neste trabalho foram seguidas as orientações metodológicas traçadas por Bauer.

As quatro dimensões (2002, p. 19) que descrevem, de acordo com Bauer, o processo de pesquisa são: primeiro, o delineamento da pesquisa de acordo com princípios estratégicos; em seguida, a coleta de dados; terceiro, o tratamento analítico dos dados, nesse caso a análise de conteúdo; finalizando a pesquisa, cujo objetivo, segundo o autor, é chegar a um desses pontos, o controle ou predição, a construção de consenso ou a emancipação e empoderamento.

Diana Rose (ROSE, 2002, p. 346) sugere como procedimento metodológico caminho semelhante: a seleção dos programas a serem gravados, num primeiro momento. A etapa seguinte é marcada pela transcrição das cenas, de forma que o material resultante se preste a uma análise cuidadosa e a uma codificação. As decisões sobre a transcrição serão orientadas pela teoria, destaca a autora, uma vez que “é impossível descrever tudo o que está na tela”. É preciso, em seguida, decidir-se por um referencial de codificação (neste caso, a proposta é a codificação temática). O trabalho é finalizado com análise e tabulação dos resultados.

Na dissertação, foi realizada análise de conteúdo temática das cenas que envolveram as personagens lésbicas da novela *Senhora do Destino*, com objetivo de verificar como as cenas e diálogos da novela funcionam na quebra ou perpetuação de estereótipos¹⁸ e tabus em relação aos homossexuais, tendo como foco essas duas personagens.

¹⁸ “Um estereótipo é ‘a idéia que temos de...’, a imagem que surge espontaneamente quando se trata de... É a representação de um objeto (coisas, pessoas, idéias) mais ou menos desligada da sua realidade objetiva, partilhada pelos membros de um grupo social com uma certa estabilidade. Corresponde a uma medida de economia na percepção da realidade, visto que uma composição semântica preexistente, geralmente muito mais concreta e imagética, organizada em redor de alguns elementos simbólicos simples, substitui ou orienta imediatamente a informação objetiva ou a percepção real. Estrutura cognitiva e não inata (submetida à influência do meio cultural, da experiência pessoal, **de instâncias e de influências privilegiadas como as comunicações de massa**), o estereótipo, no entanto, mergulha as suas raízes no afetivo e no emocional, porque está ligado ao preconceito por ele racionalizado, justificado ou engendrado.” (BARDIN, 1977, p. 47, grifo meu).

Para isso, examinei o “texto” produzido pela novela sobre a relação afetiva que une o casal. Compreenda-se “texto” no sentido do atual panorama das ciências da linguagem, conforme explicita Vilches:

El texto debe ser considerado como el medio privilegiado de las intenciones comunicativas. Es a través de la textualidad donde es realizada no solo la función pragmática de la comunicación, sino, también, donde es reconocida por la sociedad. Se trata, por ello, de un todo discursivo coherente por medio del cual se llevan a cabo estrategias de comunicación. De ahí su carácter de proceso comunicativo, capaz de aceptar – como constituyentes de igual grado – tanto los signos lingüísticos como los no lingüísticos. (1984, p. 30).¹⁹

Ou seja, levando em conta o texto como o meio privilegiado das intenções comunicativas, examinarei os signos - lingüísticos ou não (imagens e sons) - na análise do conteúdo do discurso construído para representar um casal formado por duas mulheres nessa produção cultural. Vilches (1984, p. 190) destaca ainda que a imagem pode ser lida – dentro de certas regras de coerência - como um texto autônomo.

2.2 Pré-análise

Para analisar as cenas, o caminho metodológico escolhido foi a abordagem qualitativa, tendo como instrumento a análise de conteúdo. Na primeira fase do trabalho, foi inestimável a ajuda de uma “pessoa virtual”, um “personagem” do site de relacionamentos Orkut: Lee Looper. Essa pessoa digitalizou todas as principais cenas do casal Jenifer e Eleonora e disponibilizou os arquivos em um site (que mudou diversas vezes de endereço ao longo da veiculação do folhetim na televisão)²⁰.

Essa seleção preliminar, feita por Lee Looper, era acompanhada diariamente por mim. O material editado por Lee foi, todos os dias, comparado com o veiculado na novela *Senhora do Destino* (entre 28 de junho de 2004 e 11 de março de 2005) pela Rede Globo ou no site *Globo Media Center* (<http://gmc.globo.com/>), na Internet, onde cada capítulo da novela ficava disponível por alguns dias.

¹⁹ “O texto deve ser considerado como o meio privilegiado das intenções comunicativas. É através da textualidade de onde se realiza não só a função pragmática da comunicação, mas também, onde é reconhecida pela sociedade. Se trata de um conjunto discursivo coerente por meio do qual se levam a cabo estratégias de comunicação. Daí seu caráter de processo comunicativo, capaz de aceitar – como constituintes de igual importância – tanto os signos lingüísticos como os não lingüísticos (tradução minha).

²⁰ Em novembro de 2005, as cenas estavam em <http://www.leoandjen.com/> .

A edição realizada por Lee Looper – com o objetivo “de ajudar as meninas que não podiam acompanhar diariamente a novela”, de acordo com a explicação postada por ela no site Orkut – foi de grande utilidade, pois não só permitiu acesso às cenas já selecionadas, como também as disponibilizou já passíveis de serem manipuladas de forma digitalizada, o que facilitou sua reprodução, análise e armazenamento.

No total foram produzidos 161 arquivos com cenas da novela e outros 18 contendo entrevistas com as atrizes Mylla Christie e Bárbara Borges em outros programas, como Vídeo Show, Domingão do Faustão (ambos da Rede Globo) e Contemporâneo (da GNT). A coletânea produzida por Lee Looper é tão completa que registra até a participação de Mylla Christie e Bárbara Borges no desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro em 2005.

Algumas cenas da novela em que o casal de lésbicas não aparecia no vídeo, mas em que as duas eram assunto de conversas de personagens membros da família ou de amigos, não foram disponibilizadas no site. Por este motivo, fiz a transcrição dessas cenas direto do *Globo Media Center*, do qual fui assinante no período em que a novela foi ao ar.

As cenas digitalizadas por Lee Looper foram nomeadas por mim com a data de exibição e organizadas em uma pasta no computador para cada mês da novela. No total, os vídeos ocuparam dois CDs graváveis, de 700 Mb cada um. As cenas da novela foram analisadas de duas formas: uma a uma e, com auxílio do programa *Adobe Premier*, reunidas em ordem cronológica, condensando a narrativa - que levou oito meses para ser veiculada pela TV - em um vídeo único, com tempo total de duração de 5h04.

Tendo todos os dados armazenados em mídia segura e organizados cronologicamente, a etapa seguinte foi contar os arquivos. Em um caderno, fiz anotações gerais sobre cada uma das cenas – cenário, tipo de diálogos, personagens que contracenaram, roupas usadas, músicas de fundo, entre outros elementos que estruturam a dinâmica da linguagem audiovisual.

As anotações foram feitas da seguinte forma:

24/08/2004. Eleonora dirige o Uno vermelho e estaciona um pouco longe da casa de João Manoel, para o carro não ser visto. Toca a campainha. Na sala, Jenifer, de short e top, estuda deitada no sofá. Levanta e atende a porta. Eleonora (de casaco fechado até o pescoço e calça comprida) pergunta se ela é Jenifer (close nos rostos). As duas conversam sobre o namoro dos irmãos. Jenifer diz que está só em casa, que o resto da família foi com Regininha para o ensaio da escola de samba.

Com base nesse primeiro levantamento, foram selecionadas as cenas consideradas mais importantes, desprezando as que nada acrescentavam à trama, as que se relacionavam aos dramas de outros personagens e as que tratavam de temas considerados irrelevantes para a análise (como conversas das duas por telefone para combinar locais de encontro). No total foram selecionadas **68** cenas relevantes, que dispunham pelo menos de trechos interessantes para serem estudados como formadores de uma identidade lésbica. Como o número de cenas ainda era muito elevado, foi feita uma segunda seleção. Dessa vez foram escolhidos momentos-chave da narrativa, discursos políticos ou imagens com grande poder de significação. Essas cenas, armazenadas em **16** arquivos, foram transcritas na íntegra. No entanto, é sempre bom lembrar, como faz Diana Rose, que “o que é deixado de fora é tão importante quanto o que está presente” (BAUER, 2002, p. 343).

Mas, por motivos práticos, foi necessário realizar recortes no material a ser pesquisado. Tais situações são previstas por Rose:

Em vez de procurar uma perfeição impossível, necessitamos ser muito explícitos sobre as técnicas que nós empregamos para selecionar, transcrever e analisar os dados. Se essas técnicas forem tornadas explícitas, então o leitor possui uma oportunidade melhor de julgar a análise empreendida. Devido à natureza da transcrição, existirá sempre espaço para oposição e conflito. Um método explícito fornece um espaço aberto, intelectual e prático, onde as análises são debatidas. (BAUER, 2002, p. 345).

De posse desse roteiro, levantei os seguintes questionamentos:

- Eleonora e Jenifer são uma inovação na representação de lésbicas na mídia brasileira?
- Há diferenças na representação do casal de lésbicas em relação a como são apresentados os casais heterossexuais da novela?
- Que tipos de discursos permeiam a representação do casal e compõem a trama narrativa?
- Qual o público preferencial da novela em geral e das personagens Eleonora e Jenifer em particular?
- Como são as relações com a família, no trabalho e com outros setores sociais?
- Como é representada a adoção de uma criança por um casal de lésbicas?

O passo seguinte foi partir para a categorização dos dados. A escolha foi selecionar o conteúdo temático. Surgiram, dessa forma, sete categorias para análise do casal:

1. Amor/Desejo
2. Discursos sobre a homossexualidade
3. Papéis de gênero/Machismo
4. Reações familiares
5. Preconceito e discriminação
6. Casamento/Coabitação
7. Adoção

Em seguida, selecionamos os trechos de transcrição das cenas previamente escolhidas onde constavam esses temas e analisamos como a construção da narrativa sobre Eleonora e Jenifer foi montada.

2.3 Orkut

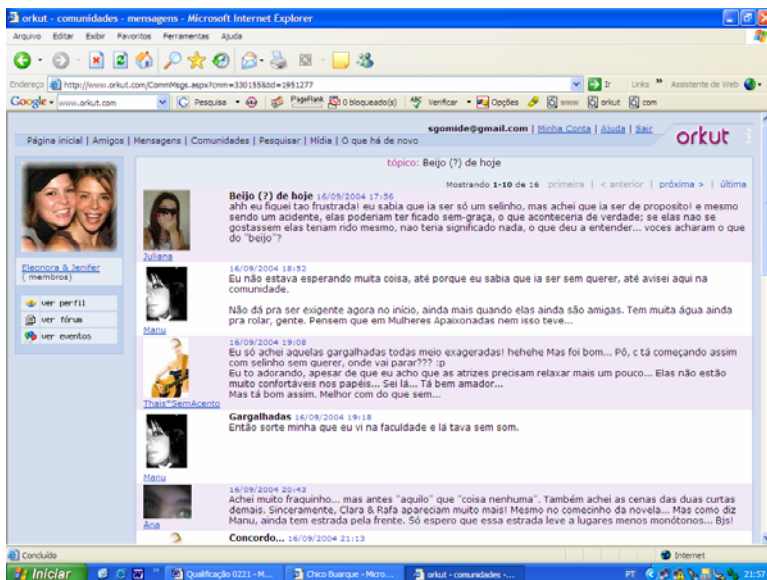
O Orkut (www.orkut.com) é um site de relacionamentos pertencente ao grupo empresarial que gerencia o Google (www.google.com), o mais importante site de buscas na Internet no início do século XXI. O Orkut, criado em janeiro de 2004 por um funcionário do Google, chamado Orkut Buyukkokten, tem como objetivo promover redes sociais, ou seja, permitir que pessoas reencontrem velhos conhecidos ou façam novas amizades.



Página inicial da comunidade *Eleonora & Jenifer* no Orkut, gravada em 22/02/2006. As comunidades agregam pessoas com interesses em comum.

É possível atuar no site de duas formas: por conexão direta com pessoas que já fazem parte da rede social do usuário ou por associação em grupos montados por temas, o que permite a aproximação de pessoas que tenham gostos, práticas e opiniões semelhantes. No texto

de apresentação do site Orkut (coletado em fevereiro de 2006), afirma-se que “o principal objetivo de nosso serviço é tornar sua vida social e a de seus amigos mais ativa e estimulante”. Um detalhe: só é possível associar-se ao Orkut após receber um convite. Esse seria o modo de garantir que apenas pessoas escolhidas fariam parte dessa rede.



Cada usuário do Orkut se apresenta aos outros em um perfil preenchido pela própria pessoa. Nesse perfil constam dados como nacionalidade, *hobbies*, preferência sexual, informações de trabalho, entre outros. Quase todos os campos podem ser deixados

em branco, se o usuário assim desejar. As conversas nas comunidades ficam gravadas por tempo indefinido. Apenas o autor da declaração e o gerente da comunidade podem apagar uma intervenção.

As conversas travadas ficam gravadas por tempo indefinido. Uma contribuição a uma discussão só pode ser apagada pela própria pessoa que a escreveu ou pelo administrador da comunidade. As comunicações ficam disponíveis no site para serem lidas por qualquer usuário que tiver senha para acessá-lo.

O Orkut se popularizou entre os brasileiros em 2004 e, nessa época, houve grande disputa com os usuários norte-americanos²¹ por espaço no site. Os brasileiros ultrapassaram os norte-americanos em quantidade de membros em junho de 2004. Os administradores do Orkut apaziguaram os ânimos criando, em abril de 2005 uma versão em português do Orkut, que se mescla com a versão internacional, em inglês. Os brasileiros constituíam, em fevereiro de 2006, 72,84% dos usuários do serviço, contra 10,76% dos norte-americanos, em segundo lugar, seguidos pelos iranianos, com 2,59%, em terceiro. De acordo com dados publicados no site em 21 de fevereiro de 2006, 54,03% dos usuários têm entre 18 e 25 anos; 15,44%, entre 26 e 30 anos; e 7,16%, entre 31 e 35 anos.

²¹ Em agosto de 2004, o Jornal do Brasil publicou a reportagem “Maioria brasileira irrita americanos”, sobre o conflito cultural.

O Orkut foi a ferramenta que usamos para realizar a análise da repercussão da novela junto a um grupo de telespectadores. Analisamos as discussões travadas sobre o casal na comunidade *Eleonora & Jenifer*²². A partir dessa comunidade, foi feita a análise de recepção das personagens. Durante a novela, a comunidade teve seu número de participantes em constante crescimento, chegando a 1457 membros no último mês do folhetim. Nem todos os membros da comunidade participavam das conversas, ficando a grande maioria apenas como observadora das discussões.

Armazenei todas as discussões abertas nessa comunidade desde o dia de sua criação - em 27 de agosto de 2004 - até o dia 16 de março de 2005, totalizando 437 discussões. Com base na análise qualitativa dos discursos elaborados nesses tópicos, fiz um levantamento de como as personagens eram percebidas por esse público. As conversas da comunidade foram gravadas em computador, uma por uma, e armazenadas em CDs de dados. Em um caderno, foi feita uma listagem dos temas de cada um dos tópicos.

Diante da listagem completa das discussões, selecionei as que tiveram maior número de participantes e as que tratavam de temas relevantes. Depois dessa organização do material, a proposta é responder às seguintes dúvidas:

- Qual o gênero predominante entre os participantes da comunidade?
- Como é o discurso em relação ao casal?
- Quais são as reações esboçadas pelos participantes da comunidade à medida que o romance das personagens se desenrola?
- É possível ter indícios de como o discurso da novela impacta a opinião desses telespectadores sobre a homossexualidade feminina?
- A orientação sexual assumida pelos participantes resulta em diferença nas opiniões expressas por eles sobre a novela?

Em relação ao conteúdo temático que é veiculado no Orkut, selecionei as seguintes categorias para análise:

1. Papéis de gênero
2. Identificação com as personagens
3. Tipos de carícias trocadas entre os personagens

²² <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=330155>.

4. Trauma com *Torre de Babel*/Comparações com outras novelas
5. Reações sociais
6. Lesbianismo – Opiniões e experiências
7. Adoção

Devido à quantidade de dados a serem analisados, prossegui o exame, em termos metodológicos, pinçando observações relevantes sobre cada um dos temas abordados. Foram escolhidos os argumentos mais representativos ou polêmicos, de forma a configurar um painel completo e amplo da essência das discussões travadas na comunidade digital.

Capítulo 3

Telenovela: “nos revela a nós mesmos”

A telenovela é o espelho mágico dos brasileiros: às vezes ela acaricia; às vezes aliena; muitas vezes é contundente, agride. Mas, de qualquer forma, reflete nossa realidade. **Lauro César Muniz, autor de novelas** (ALENCAR, 2004, p. 94).

Acho que, para nós, brasileiros, a novela tem a mesma importância que Hollywood para a sociedade americana, porque ela nos mostra quem somos, ela nos revela a nós mesmos. **Euclides Marinho, autor de novelas** (ALENCAR, 2004, p. 95).

Para falar de telenovela é preciso entender a importância no Brasil e no mundo desse gênero de ficção audiovisual. Diferentemente da perspectiva de estudos gays e lésbicos, que têm mais tradição e riqueza produtiva em língua inglesa, há grande quantidade de pesquisa acadêmica sendo realizada no Brasil e na América Latina sobre telenovelas, com destaque para os trabalhos produzidos pelo Núcleo de Pesquisa de Telenovela da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

É importante analisar alguns números para se ter uma idéia mais clara da força da televisão no Brasil. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2003, 90% dos lares brasileiros tinham televisão. A geladeira estava presente em 87,3% dos domicílios e o rádio em 87,8%. Em 2003, 15,3% das moradias tinham microcomputador e em 11,4% este equipamento tinha acesso à Internet. Se a televisão é mais presente na vida dos brasileiros do que a geladeira, a maior emissora é a Rede Globo, embora sua hegemonia venha sendo ameaçada cada vez mais pela Rede Record, pertencente a uma igreja evangélica.

A antropóloga Heloísa Buarque de Almeida realizou um estudo de recepção sobre telenovela, consumo e gênero como tese de doutoramento na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A autora registra que a televisão é a maior mídia do país e aponta a telenovela como um dos mais importantes programas da TV brasileira, tanto pelo seu domínio do horário nobre (quando a audiência é maior) quanto pela sua capacidade de gerar lucro, promover produtos e também pela “sua presença constante na vida cotidiana dos brasileiros de todas as camadas sociais, fazendo parte das conversas e de todo um conjunto de referências nacionais” (ALMEIDA, 2003, p. 24).

Jesús Martín-Barbero é um dos principais pesquisadores da teoria da comunicação na América Latina atualmente e costuma pregar a valorização da cultura popular e mestiça,

sendo a telenovela uma das principais expressões de massa desta cultura. Barbero diz que a telenovela pertence a um mundo ao qual a “cidade letrada” quase sempre atribuiu nenhum valor cultural (Martín-Barbero, 2004, p. 24).

Sobre as telenovelas, Martín-Barbero destaca que se trata do único texto televisivo que viaja de ponta a ponta da América Latina e pelo resto do mundo nas mais diversas direções. Para o autor, “é por isso que a televisão constitui hoje o dispositivo mais sofisticado de modelagem e deformação dos gostos populares e uma das mediações históricas mais expressivas das matrizes narrativas, gestuais e cenográficas do mundo cultural popular” (p. 24). Para Martín-Barbero, a telenovela fica a cada dia mais barata econômica e culturalmente, reduzida a um receituário rentável de fórmulas de narrativas e de estereótipos folclóricos (p. 27).

O autor de novelas Yves Dumont acredita que “a telenovela é o mais eficiente veículo para promover a difusão de valores éticos”. Para o autor, se for vista como um produto responsável, a novela pode dar “significativa contribuição à correta construção social”, diminuindo a discriminação e aumentando o “empoderamento” de mulheres e outros grupos excluídos. Apesar de considerar que a televisão não é o foro mais adequado para aprofundar a discussão de qualquer dessas questões, ela pode ser um dos meios mais eficazes para suscitar o debate, “animando a sociedade a buscar e cobrar solução para os mais diversos problemas que a afligem” (DUMONT, 2004, p. 113).

A força cultural das telenovelas no Brasil também é destacada por Artur da Távola (1996). O autor lembra que na televisão brasileira não aconteceu o que se passa na maioria dos países que compram séries norte-americanas. Essas séries jamais foram capazes de desbancar o produto nacional “e todas as tentativas de opor em horário nobre séries famosas a telenovelas fracassaram” (p. 95).

A força da produção ficcional da Rede Globo na cultura nacional pode ser medida em números ou pelas modas que traz para as ruas de todo o país. De acordo com Mauro Alencar, em 1995, as telenovelas responderam por 70% do faturamento da Rede Globo e, segundo o Ibope, a rede é líder de audiência há 25 anos. Ou seja, a televisão mais vista no país é a Rede Globo, e nesta emissora o principal produto são as telenovelas. Para Alencar, é nesse gênero cultural que “o Brasil se retrata melhor” (p. 89) e também é nele que “devagar e sempre alguns preconceitos são devidamente cremados”. Na novela, opina

Alencar, “códigos de ética são transmitidos (...), deixando suas marcas no telespectador” (p. 90).

O pesquisador da Universidade Autônoma de Barcelona, Thomas Tufte, destaca que, em termos gerais, as telenovelas são uma fonte de entretenimento, mas o reconhecimento e a relevância que a audiência imputa às narrativas revelam o significado social, cultural e até mesmo a função política que pode ser atribuída às telenovelas. “Em muitos casos a ficção televisiva prova maior relevância e ainda mais significado do que as notícias do jornal da noite” (TUFTE, 2004, p. 298).

Rose Calza (1996) vê a telenovela como um produto hoje tipicamente brasileiro que é exportado. Esse tipo de ficção está cada vez mais próximo da crônica do cotidiano, além de discutir tabus, valores morais, políticos e religiosos. Para Calza, a telenovela é um produto lucrativo de alto retorno financeiro que se firmou no mercado brasileiro como um dos maiores fenômenos da indústria cultural do nosso tempo.

É importante destacar ainda que, apesar de a imaginação popular ou o senso comum estarem acostumados a identificar na figura de um autor o principal responsável pela telenovela, trata-se de um trabalho de equipe. Em relação ao texto, além do autor que “assina” a novela, há um grupo de co-autores e, para tornar cada capítulo realidade, trabalha também uma grande equipe: elenco, diretor, câmeras, maquiador, editor de imagens, entre muitos outros profissionais.

3.1 A História da Telenovela

A televisão surgiu no Brasil em 1954, mas era restrita a pouquíssimos espectadores do Sudeste. O veículo só passou a se popularizar na década de 60, mesmo período em que a Rede Globo começava a ganhar força como empresa. Aos poucos a população brasileira foi migrando do rádio para a televisão, mesmo caminho seguido pelas novelas. Heloísa Buarque de Almeida (2003) lembra que no Brasil as redes de TV são concessões do Estado. Assim, essas redes adotam um modelo predominantemente comercial, mas não totalmente livre de intervenções estatais.

Se fosse realizada uma arqueologia da telenovela, chegaria-se, certamente, ao melodrama e ao folhetim como os antepassados mais longínquos. Jesús Martín-Barbero

(2004, p.31) informa que o melodrama nasceu do teatro popular legítimo, recém-chegado nas cidades da Inglaterra e da França no fim do século XVIII.

Nele eram dramatizadas paixões populares que tinham como cenário a revolução francesa. Esse tipo de representação teatral marcou um período histórico, quando “se deu a transformação do populacho em povo”. O melodrama tinha a forma do teatro, mas modos de espetáculo de feira e temas das narrativas da literatura oral. As peças contavam com grandes efeitos sonoros e cenográficos, como seus descendentes cinema e rádio teriam também um dia.

Em termos de estrutura dramática, no melodrama estão os personagens convertidos em signos e esvaziados do peso e da espessura das vidas humanas²³, diferentemente dos personagens dos romances (BARBERO, 2003, p. 174). Numa visão freudiana, Barbero aponta os personagens melodramáticos como objetos de identificação do telespectador com os signos positivos e de projeção em relação aos signos negativos.

Tudo no melodrama tende ao esbanjamento. Desde uma encenação que exagera os contrastes visuais e sonoros até uma estrutura dramática e uma atuação que exibem descarada e efetivamente os sentimentos, exigindo o tempo todo do público uma resposta em risadas, em lágrimas, suores e tremores. Julgado como degradante por qualquer espírito cultivado, esse excesso contém, contudo, uma vitória contra a repressão, contra uma determinada “economia” da ordem, a da poupança e da retenção. (BARBERO, 2003, p. 178).

Em meados do século XIX, o melodrama se transformou em folhetim ou novela, ou seja, em histórias publicadas em capítulos em periódicos. Esses produtos culturais tinham um modo industrial de criação e faziam parte de um circuito comercial de produção e distribuição. Essas formas de ficção, por sua longa duração, permitiam ao leitor a participação nos enredos, graças ao envio de cartas aos periódicos.

Sobre os folhetins, Barbero aponta que “as pessoas do povo têm a sensação de estar lendo a narrativa de suas próprias vidas”²⁴ (2003, p. 190). Barbero acredita que o folhetim se dirige às pessoas sobre as quais discorre. Um dos mecanismos de identificação do folhetim, diz, está no sofrimento dos bons, a ser invertido no final da trama: o desvendamento dos verdadeiros vilões, desmascarando a hipocrisia social ou um vergonhoso crime familiar. “Uma estética em continuidade com a ética, o que é um traço crucial da estética popular” (BARBERO, 2003, p. 197).

²³ Barbero faz uma extensa e interessante análise histórica e cultural do melodrama e das matrizes históricas das mediações de massa em *Dos Meios às Mediações*, a partir da página 169.

Mauro Alencar, em seu livro *A Hollywood Brasileira - Panorama da Telenovela no Brasil*, aponta uma origem comum para a *soap opera* norte-americana e a telenovela brasileira. O autor (p. 17) conta que, em 1930²⁵, as fábricas de sabonete patrocinaram a primeira radionovela nos Estados Unidos, chamada *Painted Dreams*, de Irma Phillips. Devido ao patrocinador, o gênero ficou rotulado nos Estados Unidos como *soap opera* (ópera de sabão).

Cuba ficava próxima a Miami e logo as fábricas locais - especialmente a Gessy Lever e a Colgate-Palmolive - adotaram o mesmo sistema. Na ilha, a tradição se configurou no modelo do folhetim - com começo, meio e fim - e não no padrão adotado pela telenovela mexicana, que não tinha fim²⁶.

As empresas de sabão passaram a produzir novelas em todo o continente, de acordo com Alencar. No Brasil já existia o hábito de ler folhetins e logo as novelas de rádio se tornaram populares, veiculadas em horários comprados das rádios pelas próprias multinacionais.

A primeira telenovela brasileira em capítulos, *25499 Ocupado*, do argentino Tito di Miglio, foi veiculada pela TV Excelsior, em 1963 (TÁVOLA, 1996, p. 75). É interessante lembrar que as primeiras novelas eram feitas ao vivo, não existia ainda o *videotape*.

Em seu período inicial, conta Mauro Alencar, a telenovela brasileira era marcada pelo dramalhão e pela nobreza. As histórias envolviam barões, sinhozinhos, escravos e filhos naturais. Entre as telenovelas dessa época de sangue azul, os autores costumam destacar *O Direito de Nascer*²⁷, o primeiro grande sucesso na TV²⁸. O autor de *O Direito*

²⁴ Como será visto mais adiante, o mesmo se diz de espectadores de telenovelas, de acordo com diversos estudos de recepção.

²⁵ A mesma história, resumidamente, é contada por Martín-Barbero (2004, p. 31): “na forma do folhetim anglo-inglês, chega à América Latina o melodrama, transformado em radionovela cubana. O melodrama passa depois da radionovela para o cinema e telenovela latino-americana”.

²⁶ Esse modelo “interminável” também foi o escolhido por algumas produções americanas, como a novela *Days of Our Lives*, que entrou no ar em 1965 e já completou 40 anos de existência.

²⁷ A telenovela se passa no começo do século XX, quando uma mãe solteira vê a vida do filho ameaçada pelo avô, que não aceita o neto bastardo. A mãe entra para um convento e deixa a criança para ser criada pela empregada da família, Mamãe Dolores. Albertinho Limonta, o bastardo, cresce e se torna um médico competente que cuida, sem saber, do avô que no passado o rejeitara, e assim se aproxima da família. Acaba por se apaixonar pela prima. No fim, Albertinho salva a vida do avô, Dom Rafael, e se casa com a prima, Maria Cristina, não sem antes descobrir que é filho da sóror Maria Helena, filha de Dom Rafael. A história foi ao ar em 282 capítulos.

de Nascer foi o cubano Félix Cagnet, que escreveu o texto para a rádio cubana, em 1946. No formato de telenovela, foi ao ar no Brasil pela primeira vez entre 1964 e 1965.

Outro marco na história das telenovelas é Beto Rockfeller²⁹, de Bráulio Pedroso, que foi ao ar de 1968 a 1969, na TV Tupi. Essa novela foi a primeira a fugir do padrão de histórias da nobreza e contou crônicas cotidianas com linguagem mais verossímil.

Alencar afirma em seu livro que, se a TV Tupi pode ser considerada a responsável pela revolução dramaturgicada do gênero, foi na Rede Globo que a novela ampliou-se, consolidou-se e industrializou-se. Para Alencar, “a Globo responde pelo abasileiramento total da telenovela e por sua transformação em produto de consumo em território nacional e internacional” (p. 53).

Quando é narrada a história da Rede Globo, sempre surge como marco o acordo firmado com o grupo norte-americano Time-Life, um dos gigantes mundiais das comunicações e, em seqüência, a criação da Central Globo de Produção. “Esses dois fatos possibilitaram a construção de uma rede interligada de trabalho profissional de altíssima qualificação técnica, utilizando os mais talentosos autores e atores e estabelecendo o padrão Globo de qualidade em televisão, que consiste nas qualidades técnicas e dramaturgicas de telenovelas e demais programas”, destaca Alencar (p. 54).

Outro momento que muda a história das telenovelas, ressaltado nos principais textos sobre o assunto, é o ano de 1996 (ALENCAR, p. 86), quando se acirra a guerra pela audiência, especialmente após a instalação de aparelho que mede, em São Paulo, a audiência em tempo real. Para Alencar, esse tipo de medição é um risco para a qualidade da produção nacional, uma vez que a programação passa a ser tratada como uma mercadoria cultural, produzida em escala industrial e sujeita apenas às leis de mercado. Na opinião do

²⁸ Para uma história mais completa da telenovela brasileira, ver *A Hollywood Brasileira - Panorama da Telenovela no Brasil*, de Mauro Alencar.

²⁹ Sobre Beto Rockfeller, Jesús Martín-Barbero diz ter sido a produção inaugural do chamado “modelo moderno” de fazer telenovela, sendo o modelo tradicional oriundo da radionovela cubana que deu forma a um gênero marcado pelo “jogo de impulsos e sentimentos primordiais, elementares, excluindo do traço dramático toda a ambigüidade e complexidade históricas”. O modelo é chamado moderno “sem romper em tudo com o esquema melodramático, incorpora um realismo que permite a cotidianização da narrativa e o encontro do gênero com o país tanto para longe, como na amplidão do território, como nos diversos momentos de sua história e transformação industrial” (BARBERO, 2004, p. 39).

autor, essa situação poderia levar a um desgaste artístico da telenovela diante de pressões para aumentar a audiência.

3.2 Que Histórias Contam as Telenovelas

Qual o segredo das telenovelas? Que histórias, temas e questões conseguem prender a atenção de tantas pessoas por tanto tempo? Segundo Rose Calza (1996), costuma-se dizer que toda *story-line* (história principal) de uma novela tem uma mesma idéia: o mocinho e a mocinha querendo ir para a cama e o resto (liderado por um/a vilão/ã) não quer deixar.

No livro *A Telenovela Brasileira - História, Análises e Conteúdo*, Artur da Távola afirma que a moral faz parte do desenrolar da telenovela, uma vez que o gênero se alimenta de impasses de natureza moral. Quando a atitude do personagem coincide com a do espectador, dá-se a identificação. Quando não coincide, acontece a frustração, a decepção. “Cada capítulo postula problemas morais relativos ao que fazer e ao como fazer”, diz (p. 35).

As repetições recorrentes em todas as telenovelas e que muitas vezes recebem críticas dos espectadores não acontecem sem motivo, para a antropóloga Heloísa Buarque de Almeida (2003, p. 200). Para ela, essas repetições não se tratam de um recurso de estilo, nem servem para prolongar a duração da novela, tampouco seu objetivo é apenas facilitar a compreensão da narrativa para os que não assistiram a todos os capítulos. Na opinião da autora, “as repetições são as mensagens que ficam e que permanecem na memória desses espectadores ao longo dos anos de convivência com a novela, da mesma forma que é pela repetição que os anúncios constroem e mantêm a ‘imagem da marca’ de cada produto e tornam seus apelos conhecidos, reconhecidos e fixados na mente do consumidor”.

Mais do que os detalhes de cada história é aquilo que é comum a várias delas que costuma ser lembrado e discutido pelos espectadores, inclusive pela comparação que realizam com as histórias que estão acompanhando naquele momento. Por causa dessas repetições, a noção de indivíduo autônomo que luta contra as adversidades – que pode ser a luta pelo amor, pela ascensão social, pela realização profissional – tornou-se um dos valores centrais difundidos nos diálogos com a novela, principalmente através das personagens femininas consideradas protagonistas. (ALMEIDA, 2003, p. 200).

Os temas abordados pelas telenovelas são fundamentais para a atração da audiência, na opinião de Joseph Straubhaar (STRAUBHAAR, org., 2004, p. 84). Histórias sobre trabalho árduo e paciência levando a uma ascensão social são atraentes para pessoas em muitos países (p. 95), indica. Outras questões que cativam as audiências são o drama familiar, temas rurais, migração rural, ajuste à vida na cidade (que atraem tanto os telespectadores do campo quanto os que migraram para as metrópoles), trabalho industrial e estresse urbano. Imagens esperançosas sobre a vida da classe média (que as pessoas pretendem obter) são sempre presentes nas telenovelas, ressalta.

Heloísa Buarque de Almeida (2003, p. 41) afirma que nas novelas brasileiras, ao longo de diversas narrativas produzidas usualmente no Rio de Janeiro ou em São Paulo, são expostos ao público modos e estilos de vida, tanto em seus costumes, suas relações de gênero e familiares, como nos padrões de consumo. A autora acredita que, ao propor modelos de relações familiares e relações entre homens e mulheres que diferem do padrão tradicional anteriormente vivido nas cidades do interior, as novelas promovem um processo de reflexão e revisão dessas representações, familiarizando os espectadores com esses mundos que parecem distantes.

Heloísa Buarque de Almeida diz ainda que a novela usa de sentimentos e relações sociais – especialmente relações amorosas e familiares – que permitem a compreensão de todas essas situações, mesmo quando referidas a universos sociais muito distintos daquele vivido por cada espectador. Para a autora, é nesse sentido que a novela é tanto considerada por alguns uma história verdadeira e realista – na medida em que trata de sentimentos humanos que alguns espectadores consideram até “universais”, como o amor romântico e os conflitos nas relações familiares – quanto ao mesmo tempo é considerada fantasiosa demais ou “pura fantasia” (p. 209).

Os conteúdos culturais das novelas são variados, são diversos estilos de vida que são ali demonstrados, permitindo assim leituras e entendimentos diversos por parte dos espectadores e, por este motivo, permitindo inclusive sempre uma aproximação afetiva com algum personagem. Esta é também uma chave para seu sucesso de audiência – pois cria assim uma situação em que o espectador está sempre ansioso para saber do desfecho de algum dos personagens, mesmo que se interesse só por um ou outro. É nesse sentido que os autores das novelas revelam a importância de apresentar pares românticos de diversas faixas etárias e situações sociais, apresentando aspectos bem variados num mesmo texto, para garantir o

interesse de diversas faixas de audiência em termos de classe social, faixa etária e estilo de vida. Nesse processo, os espectadores familiarizam-se com mundos muito diversos e variados, por vezes reconhecidos como muito distantes de sua realidade cotidiana – o que não impede a identificação com alguns personagens e especialmente com os sentimentos e situações familiares e amorosas ali retratadas. (ALMEIDA, 2003, p. 257).

A autora lembra, no entanto, que estes diversos conteúdos da novela estão em interação com o ponto de vista e o momento da vida de cada um, mas ao mesmo tempo a reflexão gerada pela novela reconstrói o ponto de vista e permite uma mudança de opiniões e escolhas (p. 258).

O autor de telenovelas da Rede Globo de Televisão, Yves Dumont, comenta sobre a percepção que acredita terem os telespectadores:

Estou convencido que o receptor (...) tem plena consciência de que o que vê diariamente na tela, mesmo sendo ficção, é em boa parte uma recriação de sua realidade. E, nela, ele se reconhece, se identifica, processa suas próprias reações, posiciona-se ante os anseios, angústias, conflitos e expectativas que compõem o dia-a-dia de um cidadão comum, aqui ou em outro qualquer lugar do mundo. (DUMONT, org., 2004, p. 113).

Yves Dumont diz ainda que, quando escreve uma obra, procura entender a novela como um produto que deve dosar equilibradamente três pontos fundamentais nos quais se alicerça: o bom entretenimento, o papel de agente de transformação da realidade e o seu viés mercadológico.

3.3 Quem Assiste Telenovela

E quem são os brasileiros que se posicionam diariamente frente à televisão, sintonizam principalmente na Rede Globo e acompanham, ao longo de oito meses, histórias de amores difíceis? De acordo com a Rede Globo e com o Ibope, as maiores chances é que seja uma mulher, que tenha entre 25 e 49 anos e que pertença à classe C.

A Rede Globo, em documentos distribuídos a possíveis anunciantes, traça perfis bastante técnicos e com enfoque comercial sobre quem são os telespectadores da chamada Novela III, a popularmente conhecida como “novela das oito”, ou seja, novelas do mesmo horário em que foi exibida *Senhora do Destino*.

Nos textos de promoção de *Senhora do Destino*, a Rede Globo indicava que 50%³⁰ do público dessa atração era formado por mulheres com mais de 18 anos, 27% por homens com mais de 18 anos e 23% por pessoas de ambos os sexos, de 4 a 17 anos, sendo que a maior parte (39%) pertencia à classe C, 32% às classes D e E e 29% às classes A e B. A maior parte dos espectadores estava na faixa dos 25 aos 49 anos (41%), a segunda maior fatia tinha mais de 50 anos (24%), os espectadores das faixas de 4 a 11 anos e de 18 a 24 anos possuíam igual parcela da audiência (12% cada) e por último estavam os telespectadores de 12 a 17 anos, com 11% da fatia de audiência da novela III³¹.

No mesmo documento, a Rede Globo³² destacava tendências de consumo desses telespectadores, de acordo com estudo realizado pelo Ibope em 11 mercados brasileiros. Segundo o texto, “das pessoas que se declararam telespectadores da Globo no horário da novela III, 37% afirmam que procuram estar em dia com a moda, o que pode levar ao consumo de produtos do setor de vestuário e 69% consideram importante manter-se jovens, o que pode levá-los a consumir cosméticos, por exemplo. Além disso, 65% acham importante conhecer novos lançamentos da indústria farmacêutica; 66% estão constantemente procurando idéias novas para melhorar suas casas; 89% sempre procuram ofertas e descontos e 95% acreditam que é muito importante estar bem informados”.

Ainda de acordo com o material promocional da novela, um anúncio em *Senhora do Destino* atingiria 91% dos brasileiros das classes ABCDE com 4 anos ou mais, 93% dos brasileiros das classes ABCDE de 35 a 49 anos e 94% das donas-de-casa das classes ABC, com crianças de 2 a 14 anos. Isso representa, segundo a emissora, 56 milhões de brasileiros da classe C com 4 anos ou mais; 79 milhões de mulheres das classes ABCDE com 4 anos ou mais, e 144,8 milhões de brasileiros das classes ABCDE com 4 anos ou mais³³.

Deixando os números de lado e seguindo para a teoria da comunicação, para Jesús Martín-Barbero, na América Latina a TV tem a família como unidade básica de audiência, porque representa para a maioria das pessoas a situação primordial de reconhecimento

³⁰ Fonte: Ibope/Telereport (PNT: maio/03 a abr./04)/Atlas de Cobertura Globo (com projeções dos percentuais do Ibope).

³¹ Ver tabelas no Anexo.

³² Fonte: Ibope/TGI Brasil Target Group Index (11 mercados, ano 4, ondas I e II, nov./02 a jul./03). Atitudes = respondentes que concordam total ou parcialmente com as questões.

³³ Fonte: Ibope/Telereport — TV Globo/Novela III — PNT — Simulação de patrocínio com uma abertura e três vinhetas caracterizadas por exibição (Período: 24/01/04 a 23/04/04).

(2003, p. 305). O autor destaca a família como lugar social de interpelação fundamental para os setores populares e aponta o núcleo familiar como um dos espaços fundamentais de leitura e codificação da televisão.

Pois se é feita para a família, trata-se da família “média”. Em *A Telenovela Brasileira - História, Análises e Conteúdo*, Artur da Távola destaca que a televisão em circuito aberto gera sempre um produto-programa cuja estética, ideologia e semântica devem ter íntima relação com o repertório comum à média das pessoas. Para o autor, o meio de massa opera sobre a estética do conhecido. “É a estética da acomodação e não da rebeldia ou da denúncia” (p. 9).

Para Távola, o máximo que a TV pode fazer é “introduzir gotas de reflexão”, incorporando “tendências emergentes em estado de aceitação ou já aceitas, operando com o código conservador”. Mas, para o autor, como a televisão “precisa” avançar na relação com o mercado, conduz o código conservador ao limite do permitido (p. 13). De acordo com Távola, a telenovela faz-se à medida que consulta o mercado. “É dos raros campos da criação dramática em que o *feedback* opera e influi concomitantemente à criação” (p. 33).

Dentro da família média, o principal espectador da novela é a mulher, na opinião do norte-americano John Fiske, que identifica a telenovela como um produto produzido para o gênero feminino. Segundo Fiske (1987, p.179), a novela de TV (*soap opera*) tem entre as características que a direcionam para o público feminino a presença de múltiplos personagens e tramas; a ênfase no diálogo, solução de problemas e conversas íntimas; personagens masculinos que sejam “sensíveis”; personagens femininas que tenham poder fora de casa; histórias que se desenrolam dentro dos lares, entre outros. Nesse mundo de “distúrbio e ameaças perpétuos” não há casamentos ou personagens felizes e estáveis, porque relacionamentos estáveis e sem desafios são “incapazes de gerar bons enredos” (p. 181, tradução minha). Fiske aponta que nas novelas o relacionamento conjugal é simultaneamente reafirmado e questionado.

The dominant ideology is inscribed in the status quo, and soap operas offer their subordinated women viewers the pleasure of seeing this status quo in a constant state of disruption. Disruption without resolution produces openness in the text. It can be read dominantly (patriarchally): such readings would produce fans who return to their more “normal” marriages with a sense of relief. But disruption can also serve to interrogate the status quo. As we shall see in our discussion of soap opera

characters, the powerful women who disrupt men's power are both loved and hated, their actions are praised and condemned. (FISKE, 1987, p. 181)³⁴.

Um dado interessante foi encontrado na pesquisa de campo realizada por Heloísa Buarque de Almeida (2003, p. 163). Entre os telespectadores entrevistados, dois tipos de críticas eram mais comuns. Uma era sobre os “abusos nas cenas de sexo e nudez” – e o ponto central das críticas sempre era a moral sexual, especialmente no que se refere ao comportamento feminino. A outra maior fonte de crítica era o consumismo, ou o desejo de comprar supostamente gerado pela televisão. Mas o mais interessante é que as duas críticas sempre eram expostas como se atingissem “os outros” – principalmente as crianças, adolescentes e pessoas sem educação formal. “Ninguém diz que se sente influenciado pela TV, mas que teme a influência (...) em relação aos outros, especialmente filhos e netos”, destaca a pesquisadora.

É sempre bom lembrar que a telenovela é um produto de exportação que atinge diversos países. Stuart Hall (2004, p. 74) indica que quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, mais as identidades se tornam desvinculadas de tempos, lugares e tradições específicos. Nesse panorama pode-se inscrever o tema da diversidade sexual, abordado com frequência pela mídia ficcional globalizada tanto em seriados veiculados pela TV a cabo (como *Queer as Folk*, *The L Word* e outros de menor expressão) como em festivais de cinema, como o Mix Brasil.

Os fluxos culturais entre as nações e o consumismo global criam possibilidades de “identidades partilhadas” – como “consumidores” para os mesmos bens, “clientes” para os mesmos serviços, “públicos” para as mesmas mensagens e imagens – entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras no espaço e no tempo. À medida que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural. (HALL, 2004, p. 74).

No entanto, a língua pode ser uma barreira para definir quem será o público a acompanhar uma telenovela. Embora muitos pesquisadores identifiquem o idioma como o

³⁴ “A ideologia dominante está inserida no *status quo*, e as novelas oferecem às suas submissas telespectadoras o prazer de ver esse *status quo* em um constante estado de ruptura. Ruptura sem solução produz uma leitura aberta do texto. Pode ser lido do ponto de vista dominante (patriarcalmente): essas leituras iriam produzir fãs que retornam aos seus casamentos mais “normais” com um senso de alívio. Mas ruptura pode também servir para questionar o *status quo*. Como veremos em nossa discussão sobre os personagens de novelas, as mulheres poderosas que rompem com o poder masculino são ao mesmo tempo amadas e odiadas, suas ações são glorificadas e condenadas” (tradução minha).

principal unificador de mercados lingüístico-culturais, Joseph Straubhaar (2004, p. 84) tem uma visão mais abrangente. Para o estudioso, a definição de mercados lingüístico-culturais perpassa a linguagem e “inclui história, religião, etnicidade (em alguns casos) e cultura, em muitos sentidos: identidade compartilhada, gestos e comunicação não-verbal, o que é considerado engraçado ou sério ou até mesmo sagrado, estilos de roupa, padrões de vida, influências climáticas e outras relações com o meio ambiente”.

O autor argumenta ainda (p. 88) que, se todos (os exibidores) estiverem em condições de igualdade, as audiências tendem a preferir a programação que está mais próxima de sua própria cultura. Uma observação importante de Straubhaar é que gêneros como as telenovelas tendem a ser partilhados por culturas similares (p. 89). Por exemplo, países em desenvolvimento tenderiam a ter um público semelhante para produtos culturais, mesmo que tivessem linguagem e cultura diferentes.

Acrescentaríamos ao raciocínio do autor, levando em conta nosso objeto de estudo, que a orientação sexual do espectador pode criar um novo mercado consumidor de produtos culturais, gestando um público independente da origem lingüística ou cultura nacional.

3.4 *Merchandising Social*

Não se pode falar em telenovela sem abordar a questão dos anunciantes. Afinal, são os anúncios que pagam a produção, sejam os apresentados durante os intervalos ou os que surgem no formato de *merchandising*. Segundo Mauro Alencar, os *merchandisings* possibilitam uma redução de até 50% do custo por capítulo da Rede Globo (ALENCAR, 2004, p. 100).

Algumas vezes, o *merchandising* é feito sem fins lucrativos e tem por objetivo divulgar alguma campanha ou proposta ética. São os chamados *merchandisings* sociais. Uma autora famosa por lançar mão frequentemente dessa ferramenta é Glória Perez. Quando um autor decide apostar em um *merchandising* social, ele pretende conscientemente provocar uma mudança de comportamento na sociedade.

O primeiro *merchandising* social³⁵ que o autor Mauro Alencar (2004) identificou na produção ficcional brasileira foi o de prevenção ao câncer de mama, representado pela personagem Marta (Bia Nunes), na telenovela *História de Amor*. Ao dar espaço para a descrição de sintomas e das precauções a serem adotadas, “a novela acaba deixando de ser um meio de fazer sonhar para tornar-se retrato de um pesadelo que ninguém gostaria de viver” (p. 101), na opinião de Mauro Alencar. Na mesma novela, Assunção (Nuno Leal Maia), que era um atleta, fica paraplégico e preso a uma cadeira de rodas, mas continua praticando esportes mesmo nessa condição.

O autor de *História de Amor*, Manoel Carlos, recebeu na época da veiculação da novela uma carta do Instituto Nacional do Câncer atestando o grande aumento no número de mulheres preocupadas com exames preventivos. Outra história de sucesso de *merchandising* social foi conseguida por Glória Perez, que ajudou a localizar dezenas de crianças desaparecidas, tema abordado por ela em *Explode Coração*.

Thomas Tufte (2004, p. 297) chama de entretenimento-educação as produções ficcionais que incluem grande quantidade de *merchandising* social. O autor afirma que as telenovelas são amplamente baseadas na relação emocional com sua audiência, proporcionando a articulação com uma grande variedade de sentimentos e identidades. Em muitos casos, o processo de identificação também leva à mistura entre realidade e ficção: as telenovelas obtêm um lugar central na consciência dos telespectadores não apenas no horário nobre, mas ao longo de todo o dia (2004, p. 298).

3.5 Novela e Nação

A telenovela como instrumento de formação de uma identidade nacional é tema recorrente entre vários pesquisadores. Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2004, p. 126) comenta que as identidades coletivas são sistemas de reconhecimento e diferenciação simbólicos das classes e dos grupos sociais, e que a comunicação emerge como espaço-chave na construção/reconstrução dessas identidades coletivas (étnicas, geracionais, de gênero, territoriais, nacionais, regionais, locais) que marcam o cenário atual. Para a autora,

³⁵ Uma proposta que já se poderia chamar de *merchandising* social mais antiga é registrada pelo autor em 1973, quando *Cavalo de Aço* (1973), por ter censurada a discussão sobre reforma agrária, partiu para uma campanha antitóxicos, que também foi censurada.

a afirmação de uma identidade se fortalece e se recria na comunicação – encontro e conflito – com o outro (p. 128).

A idéia de nação, destaca Vassallo de Lopes, tem forte carga simbólica e caráter cultural, uma vez que os sentimentos de pertencimento são culturalmente construídos (p. 132). A televisão é peça-chave na construção dessa identidade cultural, na opinião da autora (p. 135), uma vez que atua na construção de uma memória coletiva e provoca um sentimento de pertencimento, agindo como um “fórum eletrônico no qual potencialmente se exprime a sociedade civil”.

Thomas Tufte (2004, p. 302) encontrou, em suas pesquisas de recepção, dados indicando que processos de reconhecimento e identificação com pessoas, problemas e situações que os espectadores têm em comum contribuem para gerar um senso comum de pertencimento, freqüentemente um senso de pertencimento nacional. “Com a produção desse senso de pertencimento, o uso das telenovelas é central na construção da cidadania cultural entre os brasileiros”, acredita.

Tufte (p. 298) comenta ainda que, no uso cotidiano das telenovelas, a segurança ontológica é produzida por meio de uma série de mecanismos relacionados ao reconhecimento de temas, pessoas, questões e sua relevância dentro da própria gama de preocupações cotidianas do público. O autor diz que debates normativos são conduzidos primeiramente nas narrativas e depois nas discussões entre o público, “um processo em que as normas sociais são afirmadas, adaptadas e revisadas”.

Embora freqüentemente carregando um mundo material longe das vidas dos espectadores, as telenovelas tocam algumas vidas do dia-a-dia que são fortemente reconhecidas por eles, conectando uma identificação e sentimentos de satisfação e prazer, promovendo um senso de pertencimento cultural e social em uma variedade de comunidades distintas, contrabalançando os muitos processos de marginalização sociocultural e político-econômica experimentada por muitos cidadãos de baixa renda do Brasil. Isso se torna uma importante maneira de exercitar a cidadania cultural, no sentido de achar o reconhecimento de preocupações cotidianas e, em alguma instância, ter a experiência de que esses problemas possam ser divididos com os outros. (TUFTE, 2004, p. 299).

3.6 Telenovela e Visibilidade

Por que motivo a representação na mídia e especialmente na telenovela parece tão atraente para diversos grupos sociais? Por que tanta luta dos movimentos sociais para se verem representados na mídia de maneira positiva, além dos estereótipos a que costumam ser socialmente confinados? Qual a repercussão na chamada “vida real” dessas representações?

Thomas Tufte destaca a importância política de ser representado na mídia (2004, p. 302). Para o autor, é preciso reconceitualizar a forma de pensar política e cidadania. Se a democracia representativa clássica era simbolizada pelo mercado e pelas assembleias públicas da Grécia antiga, a democracia no início do século XXI se desenvolveu dentro de uma sociedade da informação e se caracterizava pela passagem do fórum público para a mídia.

A participação no debate democrático na sociedade torna-se cada vez mais dependente em ser visível na mídia. A luta pela visibilidade mediada torna-se a chave problemática para políticos, sociedade civil e outros participantes do debate político. (TUFTE, 2004, p. 302).

Heloísa Buarque de Almeida entrevistou diversos publicitários sobre a pouca presença de determinados grupos na mídia, especialmente negros, mas também homossexuais e judeus. Para a autora, os negros aparecem mais representados em anúncios que busquem uma representação do Brasil, do povo brasileiro. Estariam então em anúncios de varejo ou de cerveja ligados a elementos da “brasilidade”, como carnaval, futebol, verão ou praias, ou ainda em anúncios do governo referentes a políticas públicas (p. 115).

Publicitários entrevistados pela autora consideram difícil lidar com certos preconceitos e muitos optam por simplesmente evitar as representações.

É *delicado* trabalhar com temas ‘polêmicos’, com personagens negros³⁶, judeus, homossexuais. Às vezes são os clientes que rejeitam, outras vezes multinacionais exigem uma postura politicamente correta, mas então é o público que não aceita; outras vezes são os próprios publicitários que não recomendam. (ALMEIDA, p. 116).

³⁶ Outro ponto interessante: os entrevistados pela autora sempre associam o negro à pobreza.

3.7 Telenovela Lançadora de Modas

Outra medida da força das telenovelas nas representações sociais, na cultura nacional e no mercado de consumo é o papel da televisão como “lançadora de modas”. “Quem fica em frente à tela corre risco de contágio”, diz Alencar (1996, p. 90). Para o autor, o que os personagens usam nas novelas se transforma em símbolo de *status*. Roupas, músicas, cortes de cabelo e bordões estão entre as criações e apresentações da telenovela que marcaram a vida cultural brasileira em determinados períodos.

A posse de tal objeto, a adesão a tal aparência, a imitação de tal postura ou a repetição de tal bordão podem alimentar em alguém a idéia de pertencer a um grupo social dito dominante, embora isso não passe do terreno das aparências e, portanto, não altere em nada a caminhada existencial daquela pessoa na vida real. Porque todos são parte integrante de uma sociedade que transforma tudo em mercadoria, inclusive os modos de ser, pensar, viver e vestir. (ALENCAR, 1996, p. 91).

Vários produtos que viraram moda depois de lançados por novelas são citados por Alencar, como, por exemplo, as meias de Lurex listradas e sandálias de salto alto, usadas por Júlia Matos (Sônia Braga), em *Dancing Days* (1978); cortes de cabelo repicados, lançados em *Pigmalião* (1970); a camisa com gola canoa e botões usada pelo personagem Flamel, de Edson Celulari, em *Fera Ferida* (1994) (p. 91). Ou ainda os macacões dourados de *Locomotivas* (1977), a bandana de Vera Fischer em *Brilhante* (1981) e o batom *Boka Loca* que durava 24 horas e era usado pelas mulheres em *Ti Ti Ti* (1985). E também o corte de cabelo com a franja de Lídia Brondi em *Vale Tudo* (1988) e o chanel mais comprido de um lado da Rafaela, de Marília Pêra, em *Brega & Chique* (1987) (p. 99). Poderíamos acrescentar ainda as roupas ciganas usadas por Luiza Thomé em *Pedra sobre Pedra* (1992) e os laços de Porcina (Regina Duarte), em *Roque Santeiro* (1985). Na mesma novela surgiu o bordão “*tô certo ou tô errado*”, acompanhado por um sacudir do relógio de Sinhozinho Malta, personagem de Lima Duarte, entre dezenas de outros.



Vera Fischer, *Brilhante*



Lídia Brondi, *Vale Tudo*



Locomotivas



Tonia Carrero, Pigmalhão

(Imagens capturadas na Internet)

Heloísa Buarque de Almeida notou a influência da moda usada na novela sobre as roupas vestidas em Montes Claros (MG), cidade onde realizou seu estudo de recepção da novela *O Rei do Gado* (1997). A pesquisadora procurou definir que produtos haviam sido mais associados à novela e encontrou mais produtos destinados às classes A e B e, em segundo lugar, à classe C (p. 148).

A pesquisadora indica que a novela parecia aos espectadores representar a vida no Rio de Janeiro, onde tudo seria “mais moderno” (p. 49), e os moradores de Montes Claros sentiam que poderiam ter acesso a essa modernidade através das roupas, da moda e dos bens de consumo mostrados na televisão.

A moda sofre um processo de popularização (...). O que antes era uma moda européia e de elite populariza-se com a novela e, ao final da narrativa, é a moda que está nas lojas populares. Nas novelas, pode tratar-se de uma moda específica, associada a um personagem ou narrativa, mas na maior parte das vezes trata-se apenas da popularização de um estilo que pode ter se iniciado uma estação antes, na França, por exemplo. (ALMEIDA, 2003, p. 156).

Em sua pesquisa sobre *O Rei do Gado*, Heloísa de Almeida percebeu que os vestidos e blusas curtos em cores fortes, usados pela personagem Lia, de Lavínia Vlasak, “invadiram aos poucos as lojas do centro de Montes Claros”. A personagem usava botinhas, mas essa moda “não pegou”, conta ainda a pesquisadora (p. 155). Esse dado é importante para lembrarmos que nem tudo que é lançado pelas novelas vira moda. Uma figurinista da Rede Globo citada por Heloísa de Almeida afirma que o lançamento só dá certo quando há “empatia do público com o personagem, admiração pelo ator e praticidade da peça” (p. 160), mas Heloísa de Almeida destaca em seu texto que na verdade é imprevisível saber o que cairá no gosto popular.

3.8 A Novela *Senhora do Destino*

A novela *Senhora do Destino* foi ao ar pela Rede Globo de segunda a sábado, às 21 h, entre os dias 28 de junho de 2004 e 11 de março de 2005. Foi escrita por Aguinaldo Silva, ex-militante dos direitos gays.

A trama trouxe como tema central a história de Maria do Carmo Ferreira da Silva (Carolina Dieckman na primeira fase e Suzana Vieira na segunda fase), mãe de quatro filhos e grávida do quinto. Nordestina, Maria do Carmo é abandonada aos 24 anos pelo marido, que foi para São Paulo e desapareceu. Maria do Carmo resolve então tentar a vida no Rio de Janeiro, onde mora seu irmão, Sebastião (Nelson Xavier).

No dia 13 de dezembro de 1968, dia em que seria baixado o Ato Institucional número 5³⁷, Maria do Carmo chega ao Rio de Janeiro durante uma manifestação contra a ditadura. Na confusão, além de ter a filha mais nova, Lindalva, seqüestrada por uma falsa enfermeira³⁸, Maria do Carmo é presa e levada para um presídio. Na cadeia conhece o jornalista Dirceu de Castro (José Mayer) e o bicheiro Giovani Improta (José Wilker), que se apaixonam por ela. O relacionamento com os dois homens se estenderá por toda a trama, culminando no casamento com Giovani no último capítulo. Ao sair da cadeia, Maria do Carmo vai morar no distante distrito de Vila São Miguel, na Baixada Fluminense. Forte e destemida, a nordestina acaba tendo sucesso no comércio, vendendo material de construção. Enriquece, mantém a família unida ao seu redor e torna-se uma mulher segura e controladora.

A novela teve direção geral de Wolf Maya e foi dividida em duas fases: a inicial, em 1968, e a segunda, 25 anos depois. Nessa fase posterior, Maria do Carmo já está rica e mora em uma mansão em Vila São Miguel. O grande drama de sua vida é reencontrar a filha seqüestrada quando criança. Seu irmão, Sebastião, vive em uma casa próxima, com a

³⁷ AI 5, medida da ditadura militar que limitou os direitos civis.

³⁸ Esse gancho central da trama foi inspirado na história real de Pedro Braule Pinto, o Pedrinho, seqüestrado com quatro horas de vida, em 21 de janeiro de 1986, da maternidade Santa Lúcia, em Brasília (DF), por uma mulher que se apresentou como assistente social e alegou precisar levá-lo para exames de emergência. Pedrinho ficou desaparecido por 16 anos, sendo criado como filho pela seqüestradora, Vilma Martins Costa. O crime foi desvendado com uma denúncia anônima ao SOS Criança, órgão do governo do Distrito Federal, indicando que o menino havia sido registrado como Osvaldo Martins Borges Júnior e morava com Vilma em Goiânia (GO). Hoje, Pedro vive com os pais biológicos em Brasília, onde cursa Direito em uma universidade particular. Vilma está presa em Goiânia e havia seqüestrado Pedrinho para obrigar Osvaldo Martins Borges a deixar a mulher e casar-se com ela, dizendo que o menino era filho dele.

mulher e três filhos: Eleonora, Venâncio e Regininha. Sebastião trabalha como motorista e está casado com Janice há mais de 30 anos.

A trama principal da história é a luta de Maria do Carmo para reencontrar a filha roubada por Nazaré (Renata Sorrah), que havia seqüestrado a menina para fingir uma gravidez e obrigar Luis Carlos Tedesco (Tarcísio Meira), um homem rico, a deixar a mulher e casar-se com ela. Na busca para reencontrar a filha, Maria do Carmo tem a ajuda de Dirceu e de Giovani Improtta.

Nazaré é a vilã da história e comete inúmeras maldades ao longo dos oito meses da trama. Roubo, assassinato, prostituição, não há limites para Nazaré Tedesco. A sequestradora acaba sendo denunciada à Maria do Carmo por Claudia (Leandra Leal), a filha de Luiz Carlos com a primeira mulher. A denúncia permite o reencontro de Maria do Carmo com a filha seqüestrada há tantos anos.

Apesar de não se relacionar com as lésbicas, há mais dois personagens na novela declaradamente praticantes de sexualidade não convencional em *Senhora do Destino*: Ubiracy (Luiz Henrique Nogueira) e Turcão (Marco Vilela) formam o outro casal homossexual de *Senhora do Destino*. Os dois ocuparam um lugar periférico na trama e foram muito criticados, especialmente Ubiracy, por teoricamente reforçar o estereótipo do homossexual masculino afetado, o tipo “clown”.

3.9 Eleonora e Jenifer

O romance das personagens Eleonora e Jenifer ocorre paralelamente à história principal, de Maria do Carmo e Lindalva/Isabel. Eleonora é sobrinha de Maria do Carmo, filha de Sebastião e Janice (Mara Manzan). Sebastião encarna o estereótipo do nordestino conservador, que mantém a família com mão de ferro e rejeita os filhos ao menor sinal de que eles não vão agir como ele considera certo. Eleonora é notadamente sua preferida, mas Sebastião ainda não está consciente da orientação sexual da filha.

No início da novela, Eleonora é apresentada ao público como uma filha exemplar,



A família de Eleonora: Venâncio, Janice, Eleonora, Sebastião e Regininha (da esquerda para a direita)

orgulho dos pais, médica, séria e trabalhadora. Apenas no capítulo do dia 13 de agosto surgiu o primeiro indício de que Eleonora não se

enquadrava com perfeição no papel de gênero esperado das mulheres. Ao visitar uma vizinha (Rita, interpretada por Adriana Lessa), Eleonora chega na hora em que a amiga está apanhando do marido (Cigano, interpretado por Ronnie Marruda). Eleonora dá um chute nos testículos do agressor e o expulsa da própria casa. Ao longo da novela, muitas vezes a inadequação de Eleonora ao papel do gênero feminino é apontada por outros personagens, inclusive pelo sogro, Giovani Improtta, pai de Jenifer, sua futura companheira, que a trata como “Seu Léo”.

Jenifer é filha de Giovani Improtta. Órfã de mãe, foi criada junto com o irmão, João Manoel (Heitor Martinez), pelo pai e pela avó, Flaviana (Yoná Magalhães). Estudante de fisioterapia, é mostrada desde o início da telenovela como uma moça caseira e estudiosa, que prefere se dedicar aos estudos e que “não tem tempo para namorar”.



Bárbara Borges é
Jenifer Improtta

Eleonora e Jenifer se conhecem tentando proteger os irmãos – Regininha e João Manoel – da fúria conservadora de Sebastião, que não pode saber que a filha mais nova será a madrinha da bateria da Escola de Samba Unidos da Vila São Miguel, cuja existência é importante para toda a comunidade do fictício distrito localizado na Baixada Fluminense. João Manoel será, mais à frente, o principal personagem encarregado de dar voz ao discurso machista e homofóbico.

Eleonora e Jenifer se aproximam e demonstram sentir empatia imediata uma pela outra. Olhares em close sugerem que Eleonora ficou bastante impressionada com a futura cunhada. Jenifer parece mais inconsciente, mas mostra disposição de estar próxima à nova amiga desde o primeiro contato. As moças começam a sair juntas para programas como comer pizza, tomar sorvete ou ir ao cinema. Jenifer preza cada vez mais a amiga e verbaliza isso diversas vezes, mas parece não perceber a extensão do afeto que as une. As amigas com frequência se cumprimentam com “selinhos” (beijos rápidos nos lábios).

A situação chama atenção das pessoas e a repressão social entra em ação. Surgem as perguntas sobre namorados, feitas por parentes, e um grupo de rapazes da região – que aparece na novela quase como uma gangue - reage fortemente à presença das duas, com frases agressivas e irônicas. Eleonora percebe as reações, mas parece não dar grande importância a elas. Jenifer não tem idéia do que o relacionamento das duas representa

socialmente e o quanto a intimidade que têm perturba as outras pessoas, mesmo antes de romper a barreira do contato sexual.

Até que um dia, depois de ver a filha adormecida no chão da sala ao lado da amiga, o pai de Jenifer, Giovani, decide intervir e alertar a moça para a natureza do sentimento que a médica nutre por ela. Giovani acredita que não se trata de uma atração recíproca. Jenifer fica desorientada com a revelação e, quando o irmão confirma que as duas estão sendo chamadas de “sapatão” nas ruas, tem uma crise nervosa. Sai desesperada à procura de Eleonora no Hospital onde a médica trabalha e ambas têm uma conversa em que Eleonora tem intenções amorosas em relação à Jenifer. Jenifer demonstra surpresa e embaraço com a revelação e vai embora chorando e garantindo nunca mais querer ver Eleonora.

Seguem-se vários capítulos em que a tristeza toma conta das duas personagens. Jenifer chora. Eleonora também. As famílias percebem a situação e os parentes começam a se envolver. Só Sebastião não parece ter noção do motivo da tristeza da filha. Essa fase da novela, em que Jenifer não aceita o afeto que a liga a Eleonora, persistiu do capítulo do dia 11 até o do dia 25 de novembro.

Nesse período, Jenifer inicia um relacionamento amoroso com outro personagem, o deputado Thomas Jefferson (Mário Frias), amigo do pai dela, como uma forma de reafirmar sua heterossexualidade. Mas o envolvimento não passa de alguns beijos e o deputado cobra uma intimidade maior com a namorada. Jefferson acaba por dizer que ouviu boatos sobre a amizade entre Jenifer e Eleonora. A simples menção a isso leva Jenifer à nova crise nervosa e a expulsar o namorado de casa. Jefferson conclui que suas suspeitas são verdadeiras e desiste da estudante.

Depois da discussão com o deputado, Jenifer se embriaga e vai para a frente da



Dormindo juntas pela primeira vez

casa da médica. Janice, mãe de Eleonora, intervém, pedindo que Jenifer converse com a filha, mas a moça foge. Léo, como é chamada Eleonora, decide ir à casa da amiga e exigir que a situação seja esclarecida. Depois de muito relutar – e após receber conselhos do pai – Jenifer aceita conversar.

A pedido de Jenifer, Eleonora a leva para um lugar privado, o apartamento de uma amiga. As duas

discutem a situação. Jenifer diz não entender o que está acontecendo e Eleonora afirma que as duas vão ter que “descobrir juntas”. Elas se abraçam e a cena seguinte mostra as duas dormindo nuas em uma cama de casal, mas sem se tocar.

Na manhã seguinte, as namoradas acordam e debatem sua nova condição. Essa cena tem duas versões. Uma foi ao ar na televisão e é mais curta. A outra é 32 segundos mais longa e esteve disponível por alguns dias no site *Globo Media Center*. Na parte cortada pela televisão, Eleonora dá um selinho em Jenifer. Vestindo apenas roupa de baixo, Eleonora pergunta se Jenifer gostaria de tomar banho com ela. Jenifer responde “vou adorar”, levanta-se e as duas caminham juntas em direção a uma porta³⁹.



Cena cortada na televisão, mas que foi ao ar na Internet

Consumado o namoro, Jenifer parece muito mais decidida. Os encontros tornam-se freqüentes e as noites são passadas juntas, longe de casa. Não demora para que haja reações familiares. Chamada para conversar, Jenifer defende o relacionamento frente ao pai, que se desorienta, mas aceita. Até então, as observações mais homofóbicas vêm do irmão, João Manoel, cujo namoro com Regininha foi a causa do primeiro contato entre as duas.

³⁹ Em reportagem publicada no jornal carioca *O Dia*, Rúbia Mazzini, afirma que Aguinaldo Silva, em entrevista, atribuiu os cortes a questões técnicas. “Como o capítulo estava muito grande e **não havia novidade nessa cena, ela até era um pouco repetitiva** (grifo meu), foi cortada na edição. Não houve censura, cenas de outros personagens também ficaram de fora”, teria dito Aguinaldo, de acordo com a reportagem. O autor disse ainda à repórter que as personagens já haviam se beijado na boca antes de formarem um casal. Para Aguinaldo, o fato de a cena estar na Internet é a prova de que não houve censura.

Na casa de Eleonora a situação se complica. A médica é expulsa de casa pelo pai, Sebastião, quando este percebe o que está acontecendo. Sebastião tem uma reação extremamente homofóbica, conservadora e heterocentrista, mas acaba voltando atrás quando vai ao hospital e vê a filha salvando uma vida. Sebastião decide que o fato de Eleonora salvar vidas é “mais importante do que qualquer outra coisa” e pede para a filha continuar morando na casa dele. Mas Eleonora acha que é hora de mudar-se. O casal então opta por viver junto.

Na noite de Ano Novo, Jenifer vai ao hospital onde Eleonora está de plantão para brindar o *réveillon*. Quando leva a namorada até a porta, Eleonora encontra um bebê abandonado na lixeira. Léo, que já havia externado o desejo de adotar uma criança, passa a cuidar do menino e decide iniciar um processo de adoção. As famílias se envolvem e apóiam a iniciativa de Léo, que acaba sendo encampada também por Jenifer, embora, legalmente, o menino vá ter vínculos legais apenas com a médica.

Giovani cede um apartamento para as moças, que passam a morar juntas. A Justiça acaba concedendo a guarda de Renato - nome que Eleonora dá à criança - à médica, que passa a criá-lo junto com Jenifer. Embora não seja mostrada a cena, o casal conta aos outros personagens ter ido a um cartório regularizar a união, na forma de uma parceria civil. A novela termina com o casal vivendo junto e com um filho.

3.10 Recorde de Público

O sucesso de público da novela *Senhora do Destino* foi tema de reportagens de capa de revistas como *Veja*, *Contigo*, *Quem*, *Capricho*, *Isto É Gente* e *Isto É*. A novela, que teve 220 capítulos, chegou a alcançar 81% de *share*⁴⁰ contra 68% atingido por *Celebridade*, sua antecessora na Rede Globo. Cada capítulo teve custo calculado em torno de R\$ 100 mil, portanto toda a produção, incluindo pagamento de salários, consumiu cerca de R\$ 22 milhões. A trama teve 90 atores fixos, sendo 35 mulheres e 55 homens⁴¹.

⁴⁰ Cada ponto no Ibope equivale a cerca de 50 mil aparelhos de TV sintonizados na emissora na cidade de São Paulo. O *share* indica o percentual de aparelhos de TV sintonizados na emissora. Um *share* de 81% indica que, de 100 aparelhos ligados naquele momento, 81 estavam sintonizados naquele determinado programa. Esse recorde foi atingido por *Senhora do Destino* quando a vilã Nazaré (Renata Sorrah) foi presa e obrigada a lavar banheiros de uma delegacia.

⁴¹ Dados publicados na revista *Contigo*.

Os picos de audiência foram alcançados em momentos-chave da história de Lindalva/Isabel, a filha seqüestrada de Maria do Carmo. Mas o romance de Eleonora e Jenifer também conseguiu bons índices. De acordo com reportagem publicada no site Terra, a concretização do romance da médica e da estudante, no dia 25 de novembro, atingiu 50 pontos de audiência⁴². Até então o recorde da novela havia sido de 55 pontos, no capítulo em que Maria do Carmo viu a filha Lindalva/Isabel pela primeira vez⁴³.

A média de audiência da novela foi de 49 pontos e 74% de *share*. A atração antecessora, *Celebridade*, teve média de 45 pontos e 67% de *share*. *Senhora do Destino* registrou os valores mais altos em termos de números de telespectadores na Globo em quase dez anos, desde *O Rei do Gado* (1996). A média diária de pessoas que assistem às novelas é calculada em 40 milhões de telespectadores, chegando a picos de 45 milhões (o equivalente a todos os habitantes da Espanha ou quatro vezes a população de Portugal).

Segundo nota publicada na coluna *Radar*, da edição 1887 da revista *Veja* (p. 39), a Rede Globo fechou o ano de 2004 com o melhor desempenho no horário nobre desde 1997. A emissora conseguiu 56% da audiência, dois pontos acima do total alcançado no ano anterior. O SBT, em segundo lugar, ficou com 19% e a Band com 9%. Segundo a nota, o resultado é explicado pelo sucesso da novela *Senhora do Destino*

A novela também fez sucesso em Portugal, onde foi ao ar de 13 de setembro de



Eleonora e Jenifer em um *merchandising*: tinta para o apartamento do casal

2004 a 3 de junho de 2005. De acordo com o site lusitano *Marktest.com*, nos primeiros quatro meses de 2005, *Senhora do Destino* foi o programa que captou mais investimento publicitário a preço de tabela na emissora SIC, que transmitiu a atração, num total de quase 33,8 milhões de euros. Este valor representa 12,6% do total atingido pela emissora no mesmo período. Segundo o site, a SIC é a segunda emissora mais assistida de Portugal. Ainda de acordo

com o *Marktest*, as novelas naquele país atingem principalmente as mulheres entre 55 e 74 anos, pertencentes à classe D.

⁴² O último capítulo da novela atingiu 63 pontos de média na audiência.

⁴³ <http://exclusivo.terra.com.br/interna/0,,OI429415-EI3446,00.html> .

Senhora do Destino conseguiu bons números com *merchandisings*. Segundo a revista *Contigo*, a rede de postos de gasolina ALE pagou R\$ 700 mil à Rede Globo por cada período de 90 segundos de inserção na novela. Suzana Vieira, que participou de uma das cenas, embolsou R\$ 7 mil para vender a imagem da marca. De acordo com a reportagem, ao longo da novela houve 115 inserções de marcas e produtos. Em *Celebridade* o número de *merchandisings* não chegou a 100. Aguinaldo Silva disse à revista que as inserções chegaram a duas por dia perto do Natal. As empresas Deca e Votorantin pagaram, cada uma, R\$ 3 milhões por seis inserções.

Eleonora e Jenifer estiveram envolvidas em apenas uma cena com *merchandising*, no dia 5 de março, envolvendo a tinta *Luks Color*. O baixo aproveitamento das personagens como veículo de *merchandising* demonstra preconceito, uma vez que o público gay é importante parcela do mercado consumidor no país. De acordo com o Censo GLS⁴⁴, 96% dos gays e lésbicas que responderam à pesquisa feita pelo site têm pelo menos um televisor em casa, 95% contam com rádios ou aparelhos de som, 71% têm automóveis e 89% possuem vídeo-cassete ou DVD.



Possivelmente pensando em atingir também o mercado lésbico, a revista *Playboy* escolheu a intérprete de Jenifer, a atriz Bárbara Borges, para ser sua capa do mês de fevereiro de 2005 (Editora Abril, Edição 355, fevereiro de 2005, p. 46-69). A chamada da revista faz explícita alusão à personagem: “Para a lésbica que existe em você! Bárbara Borges, a Jenifer de *Senhora do Destino*”. As peças publicitárias de divulgação da revista também faziam referência à orientação sexual da personagem Jenifer.

De maneira mais discreta, a atriz Mylla Christie⁴⁵

⁴⁴ <http://www.censogls.com.br/resultados1/bens.shtml>.

Fonte: CENSO GLS - Instituto de Pesquisa e Cultura GLS (www.censogls.com.br).

Uma *joint-venture* entre as empresas GLS Planet e JUMP Pesquisas.

⁴⁵ Uma semana após o fim da novela, Mylla Christie saiu na capa da revista “*Caras*”, em uma foto ao lado do namorado, com a manchete “O verdadeiro amor de Mylla Christie”, em uma óbvia preocupação de desvincular-se da personagem homossexual.

também lucrou com a personagem. Em Brasília, Mylla foi a atração da quinta edição da Gayjoada⁴⁶. De acordo com o site *Parou Tudo* (www.paroutudo.com.br), no dia 6 de março de 2005, Mylla foi do Aeroporto Internacional de Brasília direto para o evento, na cidade satélite de Taguatinga, onde, sempre acompanhada por seguranças, ficou de meio dia até às 14h. O público era formado principalmente por mulheres.



Mylla Christie discursa na 5ª Gayjoada, em Brasília (foto do site Paroutudo.com.br)

A revista *Veja*, em reportagem de capa (Editora Abril, Edição 1891, 9 fev. 2005, p. 58-68), diagnosticou *Senhora do Destino* como a “novela das oito mais vista de todos os tempos”. Entre os ganchos que prendem a atenção dos telespectadores, a revista elenca as carícias trocadas pelas lésbicas Jenifer e Eleonora, ao lado das maldades perpetradas pela vilã Nazaré, as escolhas amorosas da heroína Maria do Carmo e o seqüestro da bem-nascida Duda (Débora Falabella). Mas, como em grande parte das citações na imprensa, *Veja* também associa o adjetivo “polêmico” ao amor lésbico retratado na novela.

De acordo com boletim do departamento comercial da Rede Globo⁴⁷, a novela, na terceira semana de exibição, vinha crescendo em audiência e *share*. O boletim *on-line* informa que, na semana de julho de 2004 a que se refere, com apenas três semanas de veiculação, de cada dez televisores ligados sete estavam sintonizados na novela.

Em argumentação voltada ao mercado publicitário, a emissora indica que comerciais veiculados em intervalos da novela em uma semana, totalizando seis inserções, “alcançam quase 90 milhões de brasileiros das classes ABCDE com 4 anos de idade ou mais”. Diz ainda que a mensagem atinge 66% do universo das donas de casa das classes ABC, com crianças de 2 a 14 anos⁴⁸.

⁴⁶ Tradicional festa dedicada ao público gay e lésbico de Brasília: feijoada realizada em uma casa de festas e cujo ingresso é cobrado pelos organizadores.

⁴⁷ http://comercial.redeglobo.com.br/programacao_novela/senhora_intro.php .

⁴⁸ Fonte: Ibope/Planview — TV Globo/Novela III — PNT (Período: 12 a 17/04/04). Alcance, segundo o boletim, é o número de diferentes pessoas (ou domicílios) expostas pelo menos uma vez a um veículo ou a uma combinação de veículos.

O departamento comercial da emissora sugere ainda que a novela tem mais apelo junto às mulheres, especialmente as de classe C com mais de 25 anos, seguidas das mulheres de todas as classes com mais de 15 anos.

Também há indicações da Rede Globo de que, em três meses de patrocínio veiculado na novela, o *target* (público-alvo) do comercial foi de:

- 56 milhões de brasileiros da classe C com 4 anos ou mais;
- 79 milhões de mulheres das classes ABCDE com 4 anos ou mais; e
- 144,8 milhões de brasileiros das classes ABCDE com 4 anos ou mais.

É importante lembrar que as novelas da Rede Globo são exportadas para vários países do mundo. O alcance social do conteúdo produzido pela emissora carioca é ainda maior do que o expresso pelos números de audiência alcançados no Brasil. Segundo reportagem publicada no jornal *Folha de São Paulo*, em 26 de julho de 2005, calcula-se que as novelas atinjam em todo o mundo um público de 2 bilhões de espectadores.

Os dados foram apresentados em um encontro internacional de comercialização de programas de TV (Mercado Internacional de Comercialização de Programas de TV), que pela primeira vez teve um evento paralelo dedicado às telenovelas. Participaram do encontro, além da Rede Globo, produtoras de todo o mundo, como a Telefe argentina e a espanhola Tepuy. De acordo com a *Folha*, a Globo levou seis títulos para comercialização no evento, que ocorreu em outubro de 2005, em Cannes, na França, entre eles *Senhora do Destino*. Segundo informa a reportagem, o mercado mundial de novelas movimenta anualmente US\$ 130 milhões na Europa, Estados Unidos e Ásia.

De acordo com Nora Mazziotti (2004, p. 386), as novelas da Rede Globo são vendidas para 123 países, atrás apenas da mexicana Televisa, que comercializa esses produtos para 127 nações. Em 2000, a venda internacional de telenovelas teria rendido ao Brasil US\$ 35 milhões, ainda de acordo com Mazziotti⁴⁹ (p. 388).

⁴⁹ A autora chama atenção para a dificuldade em conseguir dados confiáveis sobre custos e lucros relativos a telenovelas.

4 Categorias de Análise – Senhora do Destino

Neste capítulo daremos incío à análise das cenas da novela *Senhora do Destino*, organizadas em categorias temáticas, seguindo os métodos da análise de conteúdo.

4.1 Amor/Desejo

O que mais chama a atenção na representação de amor e desejo das duas personagens lésbicas de *Senhora do Destino* é o padrão duplo para os limites de expressão física de intimidade que sofrem em relação aos casais heterossexuais da trama. Enquanto a novela é liberal e explícita em mostrar diversidade de práticas envolvendo homens e mulheres, à Eleonora e Jenifer é negado o beijo romântico e outras formas de intimidade, sendo o limite imposto às duas os “selinhos” (leves beijos nos lábios). Possivelmente, esta situação reflete uma interdição também encontrada na sociedade brasileira.

Sobre a timidez da mídia em mostrar beijos entre homossexuais, Frank Bruni (1999, p. 328) acredita que um beijo não é apenas um beijo “quando os lábios envolvidos pertencem a dois homens ou a duas mulheres”. Para o autor, as imagens de gays e lésbicas carregam a “bagagem extra” da homofobia.

Seeing a same-sex couple kiss makes it impossible for an observer to think about homosexuality as an abstraction or to interpret warm interaction between two men or two women as something else – something less disturbing. (BRUNI, 1999, p. 328)⁵⁰.



**Eleonora observa com interesse
Jenifer se afastar**

Ainda assim, “amor” e “desejo” são temas constantes na narrativa sobre o romance de Eleonora e Jenifer. Na narrativa construída pelos autores⁵¹, a tensão sexual é demonstrada mais com imagens do que com palavras.

Desde a primeira vez em que as duas

⁵⁰ “Ver um casal do mesmo sexo se beijar torna impossível a um observador pensar a homossexualidade como uma abstração ou interpretar interação afetuosa entre dois homens ou duas mulheres como algo diferente disso – algo menos perturbador” (tradução minha).

⁵¹ Compreendamos aí tanto os escritores da novela – o principal e os co-autores - quanto os diretores, ou seja, a equipe responsável pela narrativa de texto e de imagens.

personagens contracenam (no dia 25 de agosto de 2004), um olhar captado em close⁵² mostra o interesse de Eleonora pela nova conhecida. Esse olhar se dá quando Jenifer está de costas e não pode, portanto, notar que é observada.

No segundo encontro, um início de intimidade começa a transparecer, tanto nos olhares e sorrisos quanto no diálogo. Eleonora propõe que saiam para “pegar um cineminha, comer uma pizza”. Na seqüência, uma cena metafórica e bem-humorada registra a tensão evidente e crescente entre as duas. Ao se cumprimentarem na sorveteria, sentem um choque e gritam quando as mãos se tocam.

Jenifer - Que estranho! Levei um choque quando você me tocou!

Eleonora - Eu também, o que é isso?

Funcionária da sorveteria – Eu já falei pro patrão que esse tapete dá choque, mas ele não acredita não! E vocês não são as primeiras...

O subtexto e o duplo sentido – nesse caso de que as duas não são as únicas nem as primeiras mulheres a sentirem atração uma pela outra - fazem parte de um estilo que os autores usarão ao longo de toda a narrativa para tratar da homossexualidade das personagens.

O primeiro “selinho” (rápido beijo nos lábios) entre as personagens acontece no capítulo que foi ao ar no dia 16 de setembro de 2004. As duas estão em uma pizzaria e conversam sobre a família e o namoro dos irmãos. Na hora da despedida se aproximam para se beijarem, mas “acidentalmente” o beijo acontece nos lábios. As duas gritam e riem.



Primeiro beijo do casal

As personagens parecem cada vez mais atraídas uma pela outra, mas indicam não ter consciência do que se passa. O seguinte diálogo acontece no portão da casa de Jenifer, sob o olhar desconfiado do irmão da estudante, João Manoel (Heitor Martinez):

Eleonora - Adorei te encontrar. É sempre bom quando a gente está junta, né? Não sei por que, mas me faz tão bem ter uma pessoa com quem eu possa me abrir, que me entende. Eu nem sei o que eu fiz para merecer isso. Só sei que eu gosto muito...

⁵² As imagens usadas nesse capítulo são reproduções da televisão.

Jenifer - Pois é, eu também fico querendo ficar mais com você. Dá uma vontade... (risos)

O casal, neste ponto da narrativa, ganha uma “música tema”, *Those Sweet Words*, de Norah Jones, melodia que acompanhará os momentos românticos da dupla. Ter uma música romântica⁵³ como acompanhamento do romance faz parte da construção audiovisual dos casais mais importantes nas tramas das telenovelas brasileiras e é um relevante indicador do destaque das personagens, inclusive em relação ao *marketing* de trilhas sonoras.



Outra cena-chave para construir a narrativa ficcional do romance foi ao ar no dia 8 de outubro de 2004. Eleonora toma banho e cenas em *flashback* mostram que ela pensa em Jenifer. São exibidas imagens do corpo de Eleonora se ensaboando: ombros, coxas, pés. No rosto, uma expressão contemplativa. Não há qualquer sugestão mais explícita de uma possível prática masturbatória,

embora a ambientação da cena possa sugerir ao telespectador essa possibilidade.

A primeira demonstração verbal da emoção que une as amigas foi ao ar no dia 25 de outubro de 2004. O irmão de Eleonora, Venâncio, sofrera um acidente de carro e estava no hospital. Jenifer acompanhava a amiga e se despede para ir embora. Eleonora pega na mão de Jenifer, agradece o apoio e pede para lhe dar um abraço. Começa a chorar.

Jenifer – Que foi Eleonora, tá tudo bem mesmo? Não vem me dizer que o Venâncio tá correndo algum perigo?

Eleonora – Não, não! Não tem nada a ver com o Venâncio, não. Estou emocionada por sua causa...

J - Por minha causa?

E – É, Jenifer, obrigada. Obrigada por você gostar tanto de mim!

⁵³ As personagens lésbicas da novela *Mulheres Apaixonadas*, Clara (Aline Moraes) e Rafaela (Paula Picarelli), também tinham uma música tema, *Vivir sin Aire*, do grupo Maná. Em *Torre de Babel*, Leila (Silvia Pfeifer) e Cristiane Torloni (Rafaela) viram seu curto romance ser embalado pela música *Vambora*, de Adriana Calcanhoto.

O desenvolvimento do romance é interrompido pela intervenção familiar e posteriormente pela homofobia internalizada de Jenifer. Mas quando a estudante decide, por fim, deixar de lutar contra a atração, aceita conversar com Eleonora, que a leva para o apartamento de uma amiga. A intenção de encontro sexual fica clara desde o momento em que o cenário é mostrado: trata-se de um imóvel com apenas um cômodo e uma cama de casal ao centro. A indicação simbólica é percebida por Jenifer:

Jenifer - Quem é que mora aqui?

Eleonora - Acho que isso não vem ao caso.

Jenifer – Você pareceu tão segura quando passou lá na portaria. Quase morri de vergonha...

E - Jenifer, você tem certeza que quer saber? Esse apartamento é de uma colega do hospital. Ela separou do marido faz um tempo e mora sozinha. De vez em quando ela me empresta a chave e eu venho aqui.

J - E você vem... com amigas suas?

E – Nem sempre, mas de vez em quando venho sim.

Esse trecho é incongruente. Até então apresentada como uma moça ingênua, que vivia apenas para a família e o trabalho, e que “não sabia o motivo” pelo qual gostava tanto de estar com a amiga, Eleonora agora revela que mantinha encontros casuais com mulheres.

E - Jenifer, você, você veio aqui porque disse que você ia falar na minha frente, olhando no meu olho, que nossa amizade ia acabar pra sempre.

J – É, é foi isso mesmo...

E - Então (bem carinhosa), tô esperando, pode começar...

Música romântica. Jenifer chora, se afasta e senta no sofá (com a bolsa nas costas, indicando desconforto). Eleonora senta-se ao lado dela.

E - Que que foi, que que foi, Jenifer, porque você tá chorando?

J – Porque, porque eu sei que se a gente deixar de se ver eu vou sentir falta de você, mais do que já tô sentindo. E foi por isso que eu fiquei no portão da sua casa, porque eu queria te ver de novo.

E - Eu também, Jenifer, eu também, fui pra porta da sua casa por causa disso. Eu sinto falta de você, eu morro de saudades!

J – Eu tenho medo, Léo, eu não sei o que que está acontecendo comigo... (chorando).

E - Olha pra mim. Eu também, eu também não sei direito o que que tá acontecendo, mas uma coisa eu tenho certeza, a gente vai descobrir... juntas.

J – Juntas, Léo?

E – Juntas, Jenifer, a gente vai descobrir. É o único jeito.

Quando a narrativa de novelas usualmente sugeriria um beijo, as duas apenas se abraçam. Jenifer chora, Léo sorri. Há um corte e, na cena seguinte, João Manoel está com as mãos nas nádegas de Regininha. Esse é um recurso usado várias vezes ao longo da trama: quando uma cena com insinuações de sexo homossexual é descontinuada, a edição abre com uma cena explícita de envolvimento heterossexual.

Em relação ao diálogo, Jenifer “não sabe o que está acontecendo com ela”. Seus sentimentos íntimos e a falta que sente de Eleonora vão contra tudo que aprendeu que deveria sentir ao longo da vida. Eleonora propõe que descubram “juntas” as causas e repercussões desse sentimento. O simples fato de duas mulheres terem espaço social para analisar conjuntamente o que sentem uma pela outra já é inovador em uma perspectiva histórica, uma vez que até um passado recente as únicas possibilidades de existência em sociedade para mulheres eram associadas aos seus vínculos com homens (solteira, casada, viúva).

Historicamente, a maioria das mulheres é dividida entre as virtuosas e as perdidas, e as “mulheres perdidas” só existiram à margem da sociedade respeitável. Há muito tempo a “virtude” é definida em termos de recusa de uma mulher em sucumbir à tentação sexual (GIDDENS, 1992, p. 16). Mas o amor hoje não é mais o que foi no passado, aposta Theodore Zeldin, em seu *“História Íntima da Humanidade”*, e essa mudança vem em grande parte da alteração de papéis sociais desempenhados pelas mulheres nas sociedades ocidentais:

Existem dois tipos de mulheres no mundo de hoje que praticamente não existiam no passado: as mulheres educadas e as divorciadas. De quando em quando, surgem novos tipos de pessoas que imprimem rumo novo às paixões. Talvez apareçam para continuar a crer que o amor é misterioso, para falar em apaixonar-se de maneira incontrolável, como se o amor nunca mudasse. (ZELDIN, 1999, p. 75).

Tanto Jenifer quanto Eleonora são mulheres educadas, têm suas profissões – são versões mais bonitas e bem-sucedidas da vida da maioria das lésbicas⁵⁴ - e fazem parte desse grupo de pessoas que imprimem novos rumos às paixões. E isso é algo que Jenifer vai descobrir ao longo da narrativa, que na verdade é a “*coming out story*” da personagem, ou a “história da saída do armário”, gênero considerado um tema já clássico na narrativa ficcional homossexual.

In coming-out narratives, the concept of “coming out” generally delineates and evinces a personal transition in sexual identity. In a sense, it applies the come-to-realize plot device to one’s selfhood. Whether lesbian identity is accepted (...) or stigmatized (...) its contemplation – as much as its mobilization – is integral to the coming-out genre. This understanding of coming out, which decidedly binds identity and sexuality, may or may not include the political dimension of public declaration advocated by the gay and lesbian liberation movement in the 1970s. (STRAAYER, 1996, p. 26).⁵⁵

Um dos motivos para este ser um tema tão universal na narrativa ficcional de personagens gays e lésbicas, opina Straayer, é que o fato de se adotar um ponto de vista de “primeira vez” - ou seja, de “*coming out*” - reforça o olhar voyerista heterossexual sobre a personagem (1996, p. 33). Essa identificação, na opinião da autora, não ocorreria no mesmo grau em tramas que mostram lésbicas mais maduras ou experientes.

Em 25 de novembro de 2005, foi ao ar a cena que deu seguimento ao diálogo citado anteriormente. Ao som de uma música romântica, a câmera mostra vários casais heterossexuais dormindo abraçados. O último casal a ser mostrado é formado por Eleonora e Jenifer. Ambas deitadas na cama, nuas, mas cobertas por travesseiros e lençóis. Estão distantes uma da outra, seus corpos não se tocam. A câmera dá um giro em torno da cama e depois mostra o rosto das duas, adormecidas, com expressão feliz.

⁵⁴ Sobre as personagens de *The L Word*, Sarah Warn (AKAS, 2006, p. 3).

⁵⁵ Nas narrativas de “saída do armário”, o conceito de “saída do armário” geralmente delinea e evidencia uma transição pessoal. Em um certo sentido, aplica o enredo de auto-descoberta a um indivíduo. Se a identidade lésbica é aceita (...) ou estigmatizada (...) sua contemplação – tanto quanto sua mobilização – faz parte do gênero narrativo de saída do armário. Essa percepção do assumir-se gay, que decididamente une identidade com sexualidade, pode ou não incluir a dimensão política de uma declaração pública defendida pelo movimento de libertação gay e lésbico dos anos 1970. (tradução minha)

Ao acordar, as namoradas conversam e Jenifer se diz assustada e com muito medo. Esse diálogo tem duas versões: uma foi ao ar na televisão aberta e a outra, mais longa 32 segundos, foi veiculada apenas na Internet, no site *Globo Media Center*. Passaremos à análise da cena mais longa.

Jenifer – Agora que estamos juntas, como vai ser em relação aos outros?

Se antes Jenifer não aceitava a própria orientação sexual, após uma noite de sexo esse conflito interno parece ter sido resolvido e seus temores voltam-se agora para o exterior, para “os outros”.

Eleonora - Se dependesse só de mim, não haveria mentiras nem subterfúgios na nossa história. Eu contaria tudo pra todo mundo.

J – Até para os seus pais?

E - E também pro seu pai, pra sua avó e até para o seu irmão, que de vez em quando solta umas piadinhas bem preconceituosas.

A proposta de Eleonora tem repercussão na atitude política que muitos homossexuais adotam na vida real para lidar com o preconceito.

Cada vez maior o número de gays e lésbicas que decidem, de variadas formas, publicizar sua orientação sexual, numa tentativa direta da superação do preconceito e da discriminação, não omitindo de seus parentes, amigos, vizinhos e colegas de trabalho a existência de um cônjuge do mesmo sexo em suas vidas, numa atitude claramente política. (MELLO, 2005, p. 21).

Eve Sedgwick, no entanto, chama atenção para a armadilha sem fim que é “sair do armário”. A autora argumenta que, em nível individual, todo gay está no armário para alguém que lhe seja importante. Além disso, graças à “**mortal elasticidade da heterossexualidade presumida**”, novos armários surgem a cada momento da vida: diante de uma nova classe de alunos, um novo chefe, um novo médico, locador, assistente social. Mesmo uma pessoa homossexual publicamente assumida lida diariamente com interlocutores que ela não tem certeza se “sabem” (SEDGWICK, 1993, p. 46).

Apesar disso, alerta Sedgwick, todas as tentativas, década após década, de desconstruir a categoria de “homossexual” enquanto identidade têm falhado sistematicamente, não por sua falta de sentido para aqueles que a descrevem, mas sim por ser “indispensável para aqueles que se definem em oposição a ela” (SEDGWICK, 1993, p. 55).

O diálogo da novela continua:

J – Eu nunca teria coragem de fazer isso (contar a todos).

E - Por quê? Você sente vergonha?

J – Não, não é isso. Mas é que eu tenho medo de magoar a minha família. Sabe, eu não quero causar sofrimentos nas pessoas que eu amo. E eu tenho certeza que eles não vão entender. Não vão entender nem suportar.

A preocupação de Jenifer é com a família. A homossexualidade é vista pela própria personagem como algo ruim e indesejável, e sua concretização é apontada como um fato que “magoa” e “causa sofrimento”, além de ser “incompreensível e insuportável” para a família. Podemos dizer que não haveria sentido em tentar esconder o envolvimento amoroso, pois, como diz Foucault, “a sexualidade (...) é um segredo que se trai sempre.” (*A História da Sexualidade – Volume 1*, p. 43).

E - Vai ser muito mais difícil se a gente fizer as coisas escondido, Jenifer. Como duas criminosas.

J – Mas é claro que nós não somos isso.

A idéia da homossexualidade ligada a algo criminoso existe no senso comum. Apesar de no Brasil não haver nenhum impeditivo legal para sua realização, a prática de ato sexual entre pessoas do mesmo sexo, especialmente entre homens, é criminalizada em 14 estados norte-americanos e em diversos países, principalmente árabes e africanos, sendo um crime punido com a morte na Arábia Saudita, Mauritânia, Sudão, Nigéria⁵⁶, entre outros.

E - E não estamos fazendo nada de errado, é uma escolha nossa e estamos felizes, não estamos?

J – Muito!

Surgem nesse trecho dois conceitos importantes. O primeiro é o da escolha, talvez não tanto em relação à homossexualidade em si, mas provavelmente relacionando-se à decisão de ficarem juntas. A livre escolha do cônjuge, movida por sentimentos amorosos, faz parte da cultura contemporânea.

A constituição da família conjugal moderna passa a ser marcada por duas características fundamentais: a afirmação da individualidade dos sujeitos na escolha de seus

cônjuges, a partir dos ideais do amor romântico; e a maior independência dos casais em relação às suas famílias de origem. (MELLO, 2005, 26).

O segundo conceito relevante encontrado nesse diálogo é o da busca da felicidade, algo procurado e valorizado pela sociedade ocidental. Freud, em *O Mal-Estar na Civilização*, argumenta que o propósito e a intenção da vida humana é “obter felicidade”. Os homens, segundo Freud, “querem ser felizes e assim permanecer”. E essa felicidade apresenta duas metas, uma positiva e outra negativa: por um lado visa a uma ausência de sofrimento e de desprazer; por outro, à experiência de intensos sentimentos de prazer (1997, p. 23). Ao longo de toda a narrativa de *Senhora do Destino*, a busca da felicidade é o principal argumento para justificar socialmente a prática da homossexualidade.

Eleonora – Então, Jenifer, é isso que a gente tem que deixar claro para quem a gente ama. Vamos contar tudo sim, vai por mim. Vai nos poupar muito sofrimento. Olha, se você quiser, se você disser que sim, eu conto pra minha família hoje mesmo.

Jenifer – Ai, Léo, ai, me dá só mais um tempo... eu preciso pensar (...).

Nesse ponto termina a cena que foi ao ar na Rede Globo. No trecho censurado⁵⁷ há clara insinuação de uma relação sexual. As namoradas sorriem e trocam um selinho. Eleonora se levanta, só de roupa de baixo, e vai em direção a uma porta.

E - Daqui a pouco eu tenho plantão, mas antes eu vou passar em casa para pegar uns livros...

J – Você é tão linda!

E - Quer tomar banho comigo?

J – Eu vou adorar...

⁵⁶ Para informações detalhadas sobre países que têm leis contrárias à homossexualidade, ver <http://www.sodomylaws.org/>.

⁵⁷ Em entrevista ao programa *Contemporâneo*, veiculado no canal de TV a cabo GNT, Bárbara Borges (Jenifer) foi questionada se “tinha momentos de paixão, se sentia tesão por Mylla às vezes, quando estava fazendo a cena”. Bárbara respondeu: “Mas claro! Isso é muito bem-vindo, né.” E esclareceu que quem a impedia de agir com maior intimidade eram os diretores: “É mais do que bem-vindo, quando você não sente isso é porque você tá totalmente *out*, né, tá fora da personagem. Então já teve muitas cenas, já até durante o ensaio, que a minha vontade é de me jogar em cima dela (risos). O diretor: calma, calma, fica aí, não sei o que, sabe... tem... A gente sente o impulso de ir, abraçar, chegar mais perto, falar aqui colado, é, isso acontece.”

Seguem juntas em direção ao interior do apartamento.

No prosseguimento da narrativa, um outro patamar no relacionamento é alcançado após a conversa que o casal tem com Giovani, pai de Jenifer, sobre o namoro. Jenifer defende de maneira firme a relação durante a conversa e as namoradas comentam esse fato.

E - (...) Eu fiquei impressionada com você, de onde você tirou tanta firmeza para falar assim desse jeito?

J - Ah, eu não sei direito, mas eu... eu achei que tinha que ser fiel comigo mesma e saí falando.

E - Jenifer, eu te amo!

J - Eu te amo, Léo!

A expressão verbal do amor entre duas pessoas do mesmo sexo em uma novela em horário nobre da Rede Globo é inovadora. Sem metáforas ou meias palavras, Eleonora e Jenifer declaram e nominam o sentimento que as une. O amor romântico se projeta em dois sentidos: “apóia-se no outro e idealiza o outro, e projeta um curso do desenvolvimento futuro”, afirma Anthony Giddens (1993, p. 56).

O romance e os ideais românticos parecem fazer parte do imaginário homossexual tanto quanto do heterossexual. Giddens comenta resultado de pesquisa indicando que “a diversidade sexual existe juntamente com a persistência das idéias de romance, embora às vezes em uma relação inquietante e conflituosa”. Entre as entrevistadas na referida pesquisa, “as garotas lésbicas pareciam considerar o romance tão estimulante quanto as heterossexuais” (1993, p. 61).

Em um momento posterior da narrativa de *Senhora do Destino*, há mais insinuações de desejo entre as personagens em foco. Eleonora e Jenifer combinam um encontro à noite:

J - Tenho uma idéia, enquanto você está no seu lanche eu entro no cinema e você me encontra na saída aí quem sabe depois a gente pode tomar um sorvete...

E - Eu tava pensando numa coisa mais quente...

J - O que, por exemplo?

E - A gente passar a noite junta. Te pego na saída?

J - Com certeza!

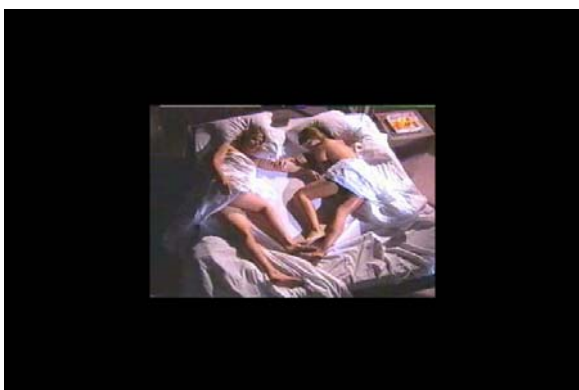
Beija Jenifer na boca (selinho).

J - Ficou louca, mulher?

E - Por você! (e aponta Jenifer).

Tanto os diálogos quanto as imagens são conservadores, se comparados aos que se relacionam aos casais heterossexuais. Mas podem ser considerados inovadores ao retratar em um veículo de comunicação de massa um romance homossexual. A própria personagem demonstra o medo de represálias por demonstrações públicas de carinho entre pessoas do mesmo sexo: um simples roçar de lábios é motivo para questionar a sanidade mental da namorada.

Esse encontro “mais quente” é mostrado em 17 segundos. A cena abre com Venâncio (André Gonçalves) e Danielle (Ludmila Dayer) fazendo sexo. A imagem é



fundida para a de Eleonora e Jenifer dormindo na cama. Estão nuas, cobertas por um lençol, e há uma grande distância entre as duas, que se tocam apenas nas mãos e nos pés. A câmera realiza um enquadramento do alto, mostrando que o casal forma na cama imagem que lembra um coração, símbolo do amor romântico.

Dormindo juntas: imagem forma um coração

O romance das lésbicas é claramente dessexualizado⁵⁸, se comparado aos de casais

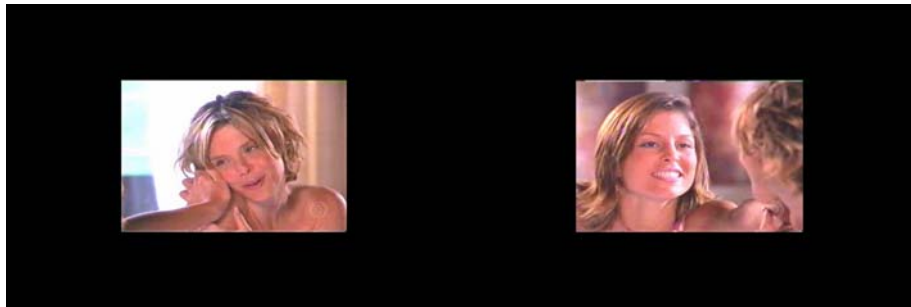
heterossexuais. O casal é geralmente mostrado na cama adormecido, portanto sem interação, e sempre que as namoradas se tocam só há contato de mãos e pés. Os abraços são pelas costas, tanto nas fotos de divulgação da novela como nas imagens audiovisuais. Um abraço de corpo inteiro, sugerindo uma possível aproximação genital, vai além do limite permitido aos homossexuais nessa representação ficcional.

⁵⁸ A “dessexualização” do amor lésbico/feminino é amplamente registrada na literatura crítica feminista de cinema e vídeo.



Proximidade, só de costas (as duas fotos à direita foram capturadas na Internet)

Outros exemplos confirmam a timidez da direção da novela em mostrar contato físico entre as personagens lésbicas. No dia 14 de janeiro de 2005, foi ao ar cena em que Eleonora dorme no apartamento do casal, aparentemente nua, coberta por um lençol. Jenifer a acorda com um carinho no rosto, mas com o braço esticado, mantendo grande distância do corpo da amante, tornando a imagem estranhamente artificial.



Carícias de longe, com o braço esticado



Fazendo as pazes

Ao longo da narração da história, Eleonora e Jenifer enfrentam uma briga. Esta pode ser encarada como uma estratégia dos autores para mostrar que o relacionamento lésbico é “como outro qualquer”, ou seja, funciona conforme o padrão heterossexual dominante⁵⁹.

A discussão entre o casal se dá pela diferença de opiniões sobre ir ou não ao desfile de Carnaval da

⁵⁹ Em um bate-papo na Internet promovido pela *Globo.com*, Mylla Christie comentou essa briga: “**Pri**: A jenifer e a Eleonora vão ter uma discussão logo no carnaval ...o que você pode dizer dessa briga? **Mylla Christie** responde para **Pri**: A gente já gravou isso, não foi uma briga muito séria. O Aguinaldo Silva talvez queira mostrar que todo casal briga, seria fora da realidade mostrar um casal que vive romanticamente 100% do tempo.” Em <http://videochat.globo.com/GVC/arquivo/0,,GO6023-3362,00.html#>

escola de samba Unidos da Vila São Miguel, cujo presidente é Giovani Improtta, pai de Jenifer. As duas fazem as pazes em uma cena que infantiliza e mais uma vez dessexualiza a relação. Diferente de como esse tipo de conflito é usualmente resolvido em narrativas ficcionais – com um beijo romântico – as namorada apenas seguram as mãos, como duas meninas.

No capítulo do dia primeiro de fevereiro de 2005, Eleonora e Jenifer chegam ao apartamento em que vão viver carregando um colchão de solteira e reclamando do elevador quebrado. Jogam o colchão no chão da sala e se deitam paralelamente, cada uma com as pernas para um dos lados. Depois se abraçam.



No apartamento: correndo para o quarto

J - Que foi?

E - Tô te olhando, não posso?

J - Ficar só olhando não pode não...

Eleonora a abraça...

J - É melhor fechar a porta, senão o que os vizinhos vão pensar.

Jenifer levanta, fecha a porta e começa a falar sobre a decoração do apartamento.

Eleonora se levanta e a segura de costas.

E - Eu te amo, eu te amo demais, Jenifer Improtta!

J - Eu também te amo muito, Eleonora Ferreira da Silva (de costas).

Viram-se, se olham e correm para o quarto. Essa é a última cena de insinuação sexual veiculada pela novela. A partir dessa parte, a narrativa é dominada pela coabitação e pela adoção de Renato.

4.2 Discursos sobre a homossexualidade

Ao longo dos oito meses de duração de *Senhora do Destino*, muitos discursos sobre a homossexualidade foram expostos. Contraditórios, preconceituosos, favoráveis, dependendo de quem os proferia. É possível resumir, ao analisar nosso *corpus*, uma visão geral sobre a argumentação apresentada ao público.

A orientação sexual das personagens é apontada como uma escolha (ainda que em alguns casos pareça que se está falando sobre a escolha de ficarem juntas) desagradável, mas que precisa ser aceita por ser inevitável. Pesa a favor das personagens, apesar da “escolha reprovável”, o fato de terem outras características consideradas favoráveis, especialmente serem boas filhas, estudiosas e trabalhadeiras. Eleonora conta com uma outra situação que a valoriza socialmente: o *status* de médica, a pessoa que “salva vidas”. Jenifer tem a seu favor como ponto de aceitação social ser filha do bicheiro Giovani Improtta (José Wilker), que possui grande poder político e regulador na comunidade, atuando tanto como polícia quanto como julgador em desavenças locais.

Nessa parte do nosso trabalho, vamos nos referir essencialmente ao texto da novela, ao discurso verbalmente elaborado sobre o relacionamento sexual e afetivo entre Eleonora e Jenifer. O discurso será aqui entendido na forma que o define Foucault, como algo ligado ao desejo e ao poder. O discurso, diz Foucault, não é apenas aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, é sim aquilo por que e pelo que se luta, é “o poder do qual queremos nos apoderar” (1970, p. 10).

Objetivamos analisar os vários discursos sobre a homossexualidade - portanto sobre a sexualidade – que se entrecruzaram ao longo desta produção audiovisual. Foucault comenta sobre um possível estudo do discurso sobre a sexualidade:

...Um estudo possível: o das interdições que atingem o discurso da sexualidade. Seria difícil e abstrato, em todo caso, empreender esse estudo sem analisar ao mesmo tempo os conjuntos dos discursos, literários, religiosos ou éticos, biológicos e médicos, jurídicos igualmente, nos quais se trata da sexualidade, nos quais esta se acha nomeada, descrita, metaforizada, explicada, julgada. (FOUCAULT, 1970, p. 67).

O discurso pode ser considerado um instrumento de pertencimento, destaca Foucault. Nas doutrinas (religiosas, políticas, filosóficas), o discurso tende a difundir-se, segundo o autor:

É pela partilha de um só e mesmo conjunto de discursos que indivíduos, tão numerosos quanto se queira imaginar, definem sua pertença recíproca. Aparentemente, a única condição requerida é o reconhecimento das mesmas verdades e a aceitação de certa regra – mais ou menos flexível, de conformidade com os discursos validados. (1970, p. 42).

Monique Wittig, por sua vez (1992, p. 24), acrescenta que os discursos que oprimem particularmente as lésbicas, mulheres e homens homossexuais são aqueles que têm como certo que o que funda a sociedade – qualquer sociedade – é a heterossexualidade. Esses discursos oprimem os homossexuais porque os impedem de falar, a não ser que falem nos termos desses discursos dominantes.

Na novela, à medida que a narrativa se desenrola, embora outros personagens já estejam conscientes do tipo de afeto que une o casal, Jenifer parece não perceber ou não pretender verbalizar a natureza do sentimento que nutre por Eleonora. Depois de ser alertada pelo pai, e assim não poder mais agir como se nada estivesse acontecendo, Jenifer vai ao hospital conversar com a médica. Em uma mesa da cafeteria do hospital, travam o seguinte diálogo

Jenifer – (...) Sabia que andam falando mal de nós pelos cantos?

Eleonora – As pessoas são muito maldosas.

Nesse trecho já encontramos um julgamento moral. O que as pessoas comentam é o envolvimento homossexual das personagens e, para Jenifer, isso significa “falar mal”.

J – É, é verdade, são sim. Mas enquanto eu vinha pra o hospital fiquei pensando muito sobre a gente, sobre a nossa amizade. Eu cheguei à conclusão que a gente deu bandeira, Eleonora. Quer dizer, a gente deu margem para as pessoas falarem. Aquela brincadeira de selinho. Eu sei que não tem nada a ver, mas as pessoas maldam, claro. Da minha parte não tem nada a ver, da sua parte também não, né?

Há um subtexto aqui, provavelmente destinado à comunidade gay, onde “dar bandeira” é uma conhecida gíria para quando se deixa perceber publicamente a homossexualidade. Jenifer usa a expressão e depois a corrige, porque denuncia que, na verdade, ela tinha conhecimento do tipo de sentimentos que possui.

E – Da minha parte também... sim! (música de suspense).

J – Ah, então você tá dizendo que ...

E – Eu me envolvi com você, Jenifer.

J – Mas então você... mas é a primeira vez que ...

E – Você quer saber se eu prefiro meninas em vez de meninos? A resposta é definitivamente sim.

J – Mas você já namorou alguém?

E – Já, eu já namorei uma garota, a Kátia, uma colega de faculdade. Terminou porque ela se mudou para Vitória. Desde então eu venho procurando uma pessoa, alguém para viver uma relação séria, limpa, bacana.

Em um diálogo histórico na televisão brasileira, Eleonora confirma sua preferência por mulheres. Apesar da aparente inocência que transparecia em diálogos anteriores, Eleonora confirma já ter namorado uma mulher. Além de verbalizar o próprio lesbianismo, Eleonora tem um passado.

J – E você tá achando que esse alguém sou eu?

E – Eu adoraria que fosse! (pega na mão de Jenifer).

J - Mas esse alguém não sou eu! E tira a mão de mim!

Sai correndo. Eleonora a segue, a toca nas costas e continuam a conversa em um corredor.

E – Espera, Jenifer, espera, você não pode ir embora assim, deixar as coisas nesse pé.

J – E por que que eu não posso?

E – Porque a gente é amiga.

J – Ah, é mesmo? Não é isso que tão dizendo por aí não, tá. (com raiva).

E – E para você é mais importante o que as pessoas pensam ou aquilo que você sente?

Outro ponto importante do discurso sobre a homossexualidade: o que tem mais peso, o sentimento individual ou a (o)pressão coletiva?

J – Eu não sinto nada, eu não sinto nada, eu nunca fiz nada para alimentar esse seu...

E – Paixão, paixão, Jenifer, a palavra é essa: paixão.

Giddens informa que o amor apaixonado pode ser usado para designar uma conexão genérica entre o amor e a ligação sexual. Esse tipo de amor é, segundo o autor, marcado por “uma urgência que o coloca à parte das rotinas da vida cotidiana”, com as quais tende a se

conflitar. Revela ainda que o amor apaixonado tem uma qualidade de encantamento que pode parecer de fervor religioso: perturbador, gera uma propensão às opções radicais e aos sacrifícios. (1993, p. 48).

J – Você me enganou, Eleonora! Você ficou posando de amiga, mas tava tentando era me enrolar para ver se eu caía na sua...

A figura da lésbica sedutora, que deseja todas as mulheres indiscriminadamente e pretende roubá-las do conforto da heterossexualidade é muito forte no senso comum (ver NAVARRO-SWAIN, 2000). Jenifer projeta em Eleonora toda a paixão e o desejo, deixando para si mesma o papel de vítima indefesa. Eleonora segura com força no braço de Jenifer.

E – Escuta aqui, garota, o que eu sinto por você é a coisa mais bonita que eu já senti na minha vida. O que eu mais quero nesse mundo é te fazer feliz. Eu não te enrolei, não te enganei coisa nenhuma. Pelo contrário, eu fui tão clara, tão limpa que até as pedras da rua já comentam aquilo que só você não é capaz de enxergar: que a gente vai ser feliz juntas!

J – Não, não é isso que eu quero pra minha vida, não vou me tornar uma...

E – Lésbica!

J – Faz um favor, nunca mais olha na minha cara.

Essa é a primeira e vez que a palavra lésbica é usada na novela⁶⁰. Ao nomear-se a si própria e também à Jenifer, Eleonora escreve um novo capítulo na história dos personagens homossexuais da ficção seriada brasileira. Rompe o silêncio que interdita o discurso sobre a sexualidade - e mais fortemente sobre a homossexualidade - e se nomeia.

Anthony Giddens considera o discurso um fenômeno de reflexividade institucional em constante movimento (1993, p. 39), reflexivo no sentido de que os termos introduzidos para descrever a vida social habitualmente chegam e a transformam, porque tornam-se parte das formas de ação adotadas pelos indivíduos ou pelos grupos.

Jenifer, por sua vez, lida com o medo de ter que assumir uma nova identidade social, a de lésbica. Apesar dos sentimentos espontâneos que experimenta, não aceita ser vinculada a esse grupo. O estereótipo que tem da lésbica conflita-se com sua identidade de

⁶⁰ A palavra é pronunciada apenas uma outra vez ao longo da telenovela, mas em sentido pejorativo, por Sebastião, pai de Eleonora.

mulher, de filha, de estudante, de sua auto-imagem. Trata-se de um conflito coerente com a sociedade pós-moderna, como definida por Stuart Hall (2004, p. 13): período histórico em que dentro de cada um há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis. (HALL, 2004, p. 13).

Jenifer vai embora e deixa Eleonora sozinha no corredor, com um grupo de pacientes olhando pra ela e cochichando. Jenifer senta na porta do hospital, chorando. Eleonora tem uma crise de choro em um quarto do hospital.

Depois dessa conversa, Jenifer passa vários dias sem ver Eleonora. Quando finalmente se encontram, vão conversar no apartamento de uma amiga da médica. Ao longo do diálogo, constroem algumas considerações sobre a homossexualidade.

J – E ela (a dona do apartamento) não se importa?

E - As preocupações dela são outras. O que ela se importa mesmo é com a quantidade de pessoas que dão entrada no hospital todos os dias, vítimas de bala perdida. Quanto ao resto, ao que as pessoas fazem sem incomodar ninguém, ela prefere não perder tempo sendo preconceituosa por causa disso.

A resposta é didática, em um modelo que Eleonora representará diversas vezes ao longo da novela. A homossexualidade surge nesse discurso como algo que as pessoas praticam “sem incomodar ninguém”, o que se encaixaria na argumentação do primeiro movimento de defesa dos gays, o movimento homófilo, surgido na Alemanha, no século XIX⁶¹. Também é retratada como uma questão de foro íntimo, que não deve ser objeto de preocupação dos outros, diferentemente de problemas sociais graves, como as balas perdidas. O diálogo continua.

J – Mas é a casa dela...

E - É apenas um apartamento, ela fica quase que o tempo todo no hospital, raramente vem aqui.

J – Que mundo é esse?

⁶¹ Para uma história completa das teorias favoráveis aos direitos de gays e lésbicas, ver *Queer theory, an Introduction*, de Annamarie Jagose.

E - É o mundo em que vivemos, Jenifer, seja bem-vinda à vida real.

J – Olha não é que eu seja preconceituosa...

A “vida real”, nesse caso, é a possibilidade plural de viver – uma existência com diversidade e múltiplas configurações – em comparação a uma narrativa de vida construída moralmente pela sociedade, em que apenas um modelo é possível: o heterossexual reprodutivo monogâmico.

Jesús Martín-Barbero diz que, abolindo a distância entre a representação e o real, a simulação dos meios – em especial na televisão – chega a reproduzir “um real mais verdadeiro que o real” (1997, p. 98). Ou seja, ao trazer “a realidade” da diversidade social para a *mass media*, esta realidade estaria sendo (re)criada, ainda mais real.

Nesse ponto também será importante recorrer à teoria das representações sociais. São essas representações que nos orientam quanto ao que é visível (MOSCOVICI, 2003, p. 31) e que relacionam a aparência à realidade. Eleonora – e o lesbianismo – passam a tornar uma parte da “vida real” visível a Jenifer, cujas representações a que tinha acesso não englobavam essas experiências.

Uma representação social é um modelo compartilhado por um grupo de pessoas e constitui para cada pessoa um tipo de realidade (MOSCOVICI, 2003, p. 34). Jenifer está, portanto, sendo apresentada a uma nova realidade, a novas experiências que não faziam parte de seu mundo, uma vez que toda a interação humana – entre pessoas ou grupos – pressupõe representações.

A informação que recebemos e a qual tentamos dar um significado está sob controle das representações e não possui outro sentido para nós além do sentido que as representações dão a essas informações. (MOSCOVICI, 2003, p. 40).

Em relação à moral normativa – burguesa e heterossexual – Foucault, no seu clássico *A História da Sexualidade - Volume 1* - traça um panorama da sexualidade autorizada como é vista hegemonicamente a partir do século XIX, desde quando começa a ser “encerrada dentro de casa”:

A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. (1988, p. 9).

A “vida real” de Eleonora, portanto, seria uma forma de viver que ultrapassa essa lei



Eleonora e Jenifer tomam café da manhã juntas

rígida e limitadora, e que leva a sexualidade para além do quarto dos pais e da procriação.

Depois que Jenifer concretiza sua homossexualidade, começa a construir

juntamente com Eleonora um discurso para justificar e

racionalizar o fato para as famílias. O primeiro diálogo nesse sentido é travado entre Jenifer e o pai, Giovanni, alguns dias depois do início do namoro com Léo. Jenifer justifica seu comportamento como algo “mais forte do que a própria vontade”.

Desde as primeiras cenas em que Eleonora e Jenifer aparecem juntas em público, elas são vítimas freqüentes da agressividade verbal de um grupo de rapazes da comunidade, conhecidos como “turma do Shaolin” (Leonardo Miggiorin). No diálogo a seguir, analisaremos a cena em que Eleonora reage aos ataques. Eleonora e Jenifer tomam café da manhã na sorveteria e conversam sobre a felicidade de estarem juntas. A “turma do Shaolin” começa a ridicularizar as duas. Gatto (Leonardo Carvalho) diz:

Gatto – Ah, olha só que desperdício! O que falta para dar um jeito nessas minas é um homem que nem eu aqui ó...

Os rapazes riem. As duas se entreolham, mas não soltam as mãos uma da outra.

“Desperdício” é uma palavra constantemente usada pelo mundo heterossexual quando identifica um indivíduo homossexual, especialmente quando se trata de uma pessoa fisicamente atraente. Na novela, a palavra surge pronunciada sempre por jovens heterossexuais. Faz parte ainda do senso comum a idéia de que a lésbica é uma mulher mal amada e que se fizesse sexo com o homem certo mudaria de orientação sexual (ver NAVARRO-SWAIN, 2000).

Eleonora - Não custa nada enquadrar esse sujeito folgado. Eu vou até lá.

Música de humor. Levanta-se e caminha até onde os rapazes estão. Gatto fica constrangido.

Eleonora - Olha, se você acha que pode dar um jeito em mim, vamos lá.

Gatto - Eh... lá aonde?

E – No motel, na sua casa, num quarto, onde você quiser, mas tem que ser agora e é pra transar, transar mesmo... Vamos?

G - Eh...

E - Como é que é? Cadê o homem? Hem, vai encarar ou não vai, machão. Isso é pra você aprender que eu sou muito mulher, mas você tá muito longe de ser um homem de verdade, viu.

Os amigos riem de Gatto. Eleonora volta à mesa e Jenifer também está rindo.

A estratégia de Eleonora pretende pôr em xeque a argumentação heteronormativa. Ao desafiar Gatto a mudar a orientação sexual dela, Eleonora se põe em vantagem: se Gatto aceitasse ir para a cama e ainda assim ela continuasse lésbica, ele teria falhado como homem e em público, na frente dos amigos.

Em todas as cenas da novela em que a gangue de rapazes agride as namoradas, Shaolin as defende. Dessa vez não é diferente, Shaolin diz que as duas estavam namorando quietinhas e que Gatto não devia ter se metido.

Shaolin - E tem mais, ó, essas mina aí não inventaram a pólvora, não. Esse... esse lance delas é muito comum nas altas rodas, ninguém tem nada que reparar.

A observação de Shaolin encontra eco em Anthony Giddens: maior liberdade sexual feminina é historicamente associada às altas classes.

A liberdade sexual acompanha o poder e é uma expressão do poder; em certas épocas e locais, nas camadas aristocráticas, as mulheres eram suficientemente liberadas das exigências da reprodução e do trabalho rotineiro para poderem buscar o seu prazer sexual independente. (GIDDENS, 1993, p. 49).

Em *Senhora do Destino*, a homossexualidade é um conceito frequentemente ligado ao sofrimento. Como nesse diálogo travado entre Flaviana (Yoná Magalhães) e Danielle (Ludmila Dayer):

Flaviana - Eu fico me perguntando quanto a minha neta ainda ter que sofrer por causa da escolha que ela fez.

Danielle - Não sei se é escolha não, dona Flaviana, essas coisas acontecem independente da vontade da gente...

F - Até pode ser, mas se já é difícil pra quem dança conforme a música, imagina para quem resolve mudar o passo.

Em outro diálogo, Giovani pergunta à Maria do Carmo (Suzana Vieira) o que ela acha do relacionamento de Jenifer com Eleonora. A resposta é um elogio à diversidade. A homossexualidade é apontada como algo “surpreendente e estranho”. Para Maria do Carmo, encontrar a felicidade justifica a união.

Maria do Carmo – Eu acho que a vida seria muito sem graça se não nos reservasse surpresas como essa. Eleonora e Jenifer querendo ficar juntas pra sempre, imagine! Se elas estão felizes assim, pra mim tá tudo certo!

Giovani - Então quer dizer que você não acha estranho? Porque tem muita gente pelai que acha.

MC – Eu compreendo, porque eu mesma acho estranho e improvável, assim como eu acho estranha e improvável a mistura que resulta num dos meus doces preferidos, coco ralado com jerimum. Não lhe parece esquisito?

Há dois outros personagens não heterossexuais na novela. Ubiracy (Luiz Henrique Nogueira) é gay e Turcão (Marco Vilella), bissexual. Formam um casal secundário na trama. Ubiracy é um homossexual afeminado estereotipado, que faz o papel típico do *clown* e é amigo de mulheres, como Nalva (Tânia Kalil) e Crescilda (Gottsha). Turcão é um homem forte, masculino e silencioso. Em determinado momento da trama, o casal masculino entra em crise porque Turcão está se relacionando com uma mulher, a “mocréia de Mesquita”. João Manoel, Flaviana e Giovani têm o seguinte diálogo sobre o assunto:

João Manoel – Ah, logo o Turcão, hem, meu pai?

Giovani - Pois é, ele parecia tão apegado ao seu “Bichacira” (sic), não?

JM – Mas isso significa que nem tudo está perdido.

Flaviana - Como assim? Do que é que você está falando, menino?

JM - Eu tô falando? Tô falando? Da Jenifer, é claro (...). Se o Turcão ficou encantado pela louraça, imagina que a Jenifer pode gostar de um rapaz, tirar o pé do sapato e, ó, entrar nos trilhos de novo.

G – João Manoel, a vida seria muito sem graça se as coisas fossem assim tão simples como você imagina.

JM – Meu pai acha que é impossível então?

G - Pelo contrário. Acho que tudo é possível, inclusive o Turcão voltar para o seu “Bichacira”.

Apesar de argumentar que tudo é possível, o que em se falando de sexualidade seria uma proposta da Teoria *Queer*, Giovani parece ver mais possibilidade na manutenção da orientação homossexual. Já João Manoel, o personagem mais homofóbico da trama, mantém a esperança na “conversão” da irmã e na sua “volta aos trilhos”, ou seja, ao “caminho correto” da heterossexualidade.

4.3 Papéis de Gênero/Machismo

Desde as primeiras aparições na novela, fica claro que a personagem Eleonora não se enquadrará nos limites destinados às mulheres na ficção seriada e no senso comum. Em uma cena do início da narrativa, que foi ao ar em 13 de agosto de 2004, a médica chega à casa da personagem Rita de Cássia (Adriana Lessa), que está sendo espancada pelo ex-marido, Cigano (Ronnie Marruda). Eleonora bate em Cigano e o expulsa de casa.

A partir de cenas como esta, percebe-se que os autores pretendem representar Eleonora como portadora de características usualmente associadas aos homens: agressividade, papel protetor, força, coragem. Do ponto de vista da Teoria *Queer*, o gênero nada mais é que performance reforçada pela repetição. Ou seja, o indivíduo expressa repetidamente signos culturais e sociais, formando uma identidade associada ao gênero masculino e/ou feminino.

Nesta análise nos norteiam as idéias de Judith Butler, publicadas em seu livro *Gender Trouble*, e propomos que a divisão binária entre masculino e feminino é uma construção social feita a partir da divisão binária entre homem e mulher. Sendo assim, o indivíduo expressa um gênero não necessariamente de maneira consciente. O gênero não seria, portanto, o que a pessoa é e sim o que a pessoa faz. Também não haveria uma performance mais verdadeira que a outra, sendo, por exemplo, um homem travestido de mulher tão mulher quanto uma pessoa nascida fêmea, de acordo com esta teoria. Butler propõe que podemos desafiar as visões tradicionais sobre masculino e feminino e sobre sexualidade, causando “problemas de gênero”. Eleonora com certeza causa esse tipo de problema.

The idea that butch and femme are in some sense ‘replicas’ or ‘copies’ of heterosexual exchange underestimates the erotic significance of these identities as internally dissonant and complex in their resignification of the hegemonic categories by which they are

enabled. Lesbian femme may recall the heterosexual scene, as it were, but also displace it at the same time. (BUTLER, 1999, p. 157).⁶²

Já Monique Wittig (1992) criou o conceito da “mente hétero” (*straight mind*), que pode ser definida como um conglomerado de ciências e disciplinas produtoras de discursos sociais. Estendo este conceito à produção cultural de massa: produtos massivos são feitos pela “mente hétero” e visam a um público heterossexual.

Apesar de as ciências humanas cada vez mais desnaturalizarem os discursos, demonstrando que tudo é cultura, há uma categoria que vem sendo excluída dessa análise, a relação heterossexual, diz Monique Wittig. Para a autora, a mente hétero desenvolve uma visão totalizante da história, da realidade social, cultura, linguagem e de todos os fenômenos subjetivos. O ponto de vista heterossexual tem tendência para universalizar sua produção conceitual em leis gerais que devem conter a verdade para todas as sociedades, em todas as épocas e para todos os indivíduos. “Serás hétero ou não serás” (1992, p. 28).

Wittig argumenta que a sociedade heterossexual – entendida como o homem, branco, senhor, heterossexual - precisa do diferente/outro para funcionar, e esse diferente/outro é o dominado - a mulher, o homossexual, o negro. É importante perceber que Wittig trata da heterossexualidade como regime político e não como desejo sexual heterossexual: um regime que se apóia na submissão e na apropriação das mulheres.

Wittig vê a mulher como uma construção social, um termo que “só tem sentido no sistema de pensamentos heterossexual e no sistema econômico heterossexual” (1992, p. 32). Para ela, portanto, “lésbicas não são mulheres”. Mas, ressalva, “a recusa em se tornar uma mulher não quer dizer que a pessoa tenha se tornado um homem” (1992, p. 12).

Para a mente hétero, o lesbianismo, a homossexualidade e as sociedades que formam não podem ser falados ou pensados (1992, p. 28). Quando chegam a ser pensados pela mente hétero, a homossexualidade não é nada além de heterossexualidade. Ou seja, esse ponto de vista hegemônico na sociedade não consegue conceber duas mulheres vivendo juntas, é preciso que uma seja “o homem”, que assuma papéis masculinos, que se

⁶² “A idéia de que a “sapatão” e a “lady” são em algum sentido “réplicas” ou “cópias” de um relacionamento heterossexual subestima o significado erótico dessas identidades como estruturalmente dissoantes e complexas em sua resignificação das categorias hegemônicas graças às quais se tornaram possíveis. As lésbicas femininas (lady) podem lembrar a cena heterossexual, mas ao mesmo tempo deslocam esse cenário (tradução minha).

vista e aja como homem. No nosso objeto de pesquisa, esse papel “masculino” coube a Eleonora.

Mas um relacionamento homossexual não é a cópia do heterossexual. Luiz Mello aponta que os homossexuais, em função da fluidez de padrões sociais que lhes sirvam como modelo de vivência familiar legítima, têm atuado como experimentadores do cotidiano em termos de inovações nos relacionamentos amorosos. Contribuem, assim, para uma redefinição das práticas amorosas e familiares, no que são acompanhados por setores intelectualizados e psicanalisados da classe média. Assim, os casais homossexuais renegociam entre si os contratos conjugais e montam seus próprios arranjos de como estruturarão a relação:

Casais de homens e casais de mulheres geralmente estruturam suas relações amorosas com base em reapropriações diferenciadas do sistema de gênero, havendo uma tendência no sentido de que questões específicas, como a divisão das tarefas domésticas, a gestão dos recursos financeiros, o exercício da parentalidade, a estruturação das práticas sexuais, os acordos em torno da monogamia e da fidelidade, bem como a própria duração do vínculo conjugal, sejam geridas de modo diferente, a partir da forma como concebem e vivenciam os papéis de gênero. (MELLO, 2005, p. 47).

Na cena citada anteriormente, Eleonora chega à casa de Rita dirigindo o próprio carro. Entra e vê Maikel Jeckson (Agles Steib) apanhando por tentar proteger a mãe de Cigano, que soca o rosto do menino. Rita tenta fazê-lo parar, subindo em suas costas. As imagens mostram a força física de Cigano.

Eleonora - Pará com isso, seu cafajeste!

Cigano - Sai da minha casa, senão vai sobrar pra tu também!

Eleonora chuta o meio das pernas de Cigano por trás.

E - Eu não tenho medo de homem covarde. Vê lá como fala comigo!

Ele se vira para bater em Eleonora, mas Rita o segura e diz:

Rita - Não faz nada com ela, ela é médica da Daiane.



Cigano apanha de Eleonora

Nesse caso, Eleonora é protegida de apanhar por uma relação de classes. Mas isso não a impede de bater mais em Cigano, a quem segura pelo ombro e atinge com o joelho no meio das pernas novamente. Maikel faz o seguinte comentário, que demonstra o espanto com a inadequação ao papel de gênero:

Maikel – Nunca pensei que a senhora fosse tão... corajosa...

Eleonora - É que eu trabalho no pesado, eu sou ortopedista. Tô acostumada a serrar osso – justifica.

Um outro indicador de que Eleonora, ainda que de forma sutil, seja representada como o lado masculino do casal são as roupas. Enquanto a médica usa em praticamente todas as cenas calças, shorts, blusas fechadas e sapatos baixos, Jenifer veste saias, blusas decotadas e saltos altos. Ao longo de toda a novela, Eleonora aparece vestida de branco ou preto – as cores que configuram esta personagem – e quando trabalhando veste um jaleco



Vesturário de Eleonora: sutilmente andrógino

branco. É incomum que um personagem seja tão caracterizado pelo seu trabalho. Esta nos parece, portanto, uma estratégia para melhorar a aceitação da personagem pelo público, uma vez que a profissão de médico tem elevado *status* para o senso comum.

Em outra aparição das personagens, mais uma vez é demarcada essa diferença de papéis. Eleonora e Jenifer estão na sorveteria e Eleonora recusa o cardápio e pede “o de sempre”. Em seguida pede desculpas à amiga, dizendo que nem perguntou se Jenifer

gostaria de “variado hoje”. E diz que tem essa péssima “mania de resolver tudo por tudo mundo”. Decidir pela mulher e negociar com os comerciantes são também atitudes comumente associadas ao masculino.

Jenifer, por sua vez, sorri, diz que não há problema algum e comenta “eu adoro ter alguém que decida por mim”, colocando-se em uma posição passiva e submissa em relação à amiga. Léo diz que por isso gosta de sair com Jenifer, “a gente se completa”, o que remete ao conceito de uma suposta complementaridade heterossexual, uma das proposições do amor romântico. Em outra cena, Eleonora demonstra instinto protetor em relação à Jenifer, mais uma característica usualmente associada aos homens. Ao ter uma proposta para um lanche recusada, Eleonora diz à Jenifer: “Bom, mas vou te levar para casa porque eu não quero ver você andando sozinha por aí”.

Os cuidados com a aparência pessoal também demarcam as diferenças entre o casal. No capítulo do dia 4 de novembro de 2004, Eleonora esperava Jenifer na sala da casa de Giovani. Jenifer chega pedindo desculpas pela demora no banho e Léo diz que não há problema nenhum: “Lá em casa é a mesma coisa com a Regininha”, comparando Jenifer com a irmã heterossexual.

Um dos sinais mais evidentes desse papel masculino imputado à Eleonora é o apelido que o sogro, Giovani Improtta, lhe dá: “seu Léo”. Giovani troca o nome de muitos personagens, o que é condizente como viés cômico do bicheiro, mas, no caso de Eleonora, que tem como apelido Léo, há uma conotação de gênero. A primeira vez que Giovani a chama assim é quando conversa com Eleonora e Jenifer sobre o namoro.

Giovani - (...) eu tô bem, mas se não tô vou ficar daqui a pouco, muito obrigada pela atenção, doutora. Doutora, aliás, depois dessa conversa, podemos dispensar esse doutora, eu posso passar a chamá-la de...

E – Léo. Léo, eu gosto que me chamem assim.

G - Léo, Léo (faz cara de estranhamento). É, eu também vou ter que me acostumar a isso porque eu só conheço uma pessoa que usa esse nome, é um sujeito que, deixa pra lá... Léo, Léo, Léo.

Em outra cena, Giovani refere-se a Eleonora no masculino. Diz a Flaviana que a neta disse que “ama o Léo e quer ficar junto com ele”. Flaviana, feliz, diz: “O Léo!”.

Giovani - Léo, é este o nome!

Flaviana - O Léo, então a Jenifer tem um namorado e a gente não sabia!

G - Não sabia, mas certamente desconfiava! E quanto a Léo aí eu tenho que fazer uma pequena correção porque eu acho troquei as bolas, se bem que bolas não é o caso porque ela não... bom deixa pra lá, fazendo a correção, não é o Léo, é a Léo... que é o codinome da doutora, ela prefere ser chamada assim, Léo.

Uma outra característica que indicaria um perfil masculinizado para Eleonora é o ciúme que demonstra por Jenifer e o cuidado para afastá-la de homens. Jenifer parece se sentir lisonjeada com a situação.

Eleonora – Ah, e tem outra coisa, ó, nada de dar trela para aquele deputado, não.

Jenifer - Oh, Léo, Léo, eu não acredito que você tá com ciúmes.

O ciúme demarca este relacionamento dentro da moral popular vigente e do amor romântico: a posse recíproca dos parceiros - especialmente da mulher pelo homem - e da monogamia.

Eleonora pode ainda, de acordo com as estruturas dramáticas e operações simbólicas elencadas por Jesús Martín-Barbero para matriz melodramática, ser categorizada como um “herói”, um papel masculino. No melodrama, diz Barbero (2003, p. 175), quatro personagens formam o núcleo da trama. O **traidor** (ou perseguidor, ou agressor) é a personificação do mal e do vício, mas pode também ser o mago ou o sedutor que fascina a vítima. Esse papel é representado – no microcosmo de nosso casal – por João Manoel, que persegue nossas protagonistas. Sua função dramática é encurralar e maltratar a vítima. A **vítima é a heroína**, ou seja, um papel feminino, que encarna a inocência e a virtude e sempre sofre injustiças⁶³. Sua debilidade reclama proteção – o que excita o sentimento protetor do público. Claramente, estamos falando de Jenifer.

O próximo personagem seria o **justiceiro, o protetor**, que no último momento salva a vítima e castiga o traidor. É o herói tradicional, o jovem cavaleiro. Pela generosidade e sensibilidade, é a contraface do traidor e tem por função desfazer mal-entendidos e permitir que a verdade prevaleça. Aqui, a nosso ver, se encaixa Eleonora. O personagem seguinte é o **bobo**, o cômico, outra vertente essencial da matriz popular, com linguagem anti-sublime

⁶³ É preciso destacar ainda, conforme aponta Anthony Giddens (1993, p. 57), que o ethos do amor romântico costuma ser simplesmente compreendido como “o meio pelo qual uma mulher conhece o seu príncipe”.

e grosseira, que ri da correção e retórica dos protagonistas e introduz a ironia na trama com sua fala cheia de refrões e jogos de palavras. Na história que estamos estudando, esse personagem é figurado por Giovani, que, apesar da força moral e política, é um personagem marcado pelo riso, deboche e brincadeira. Esse é o papel que produz relaxamento emocional a momentos de tensão, mas também se liga ao plebeu, ao anti-herói, exatamente a função de Giovani, que traz para Vila São Miguel a lei e a justiça através de capangas e do poder conseguido com a contravenção.

A teoria feminista estabeleceu a platéia como um conceito marcado pelo gênero. De acordo com esse pressuposto teórico, a maneira como a identificação de cada pessoa é solicitada por um filme específico está íntima e intencionalmente relacionada ao gênero do espectador.

Temos que levar em consideração, portanto, o gênero do espectador a que se destinam as personagens de *Senhora do Destino*. As lésbicas desta novela - apesar de uma sutil tendência à masculinização de Eleonora - são mulheres “femininas” e se encaixam no padrão de beleza vigente. Fica claro que objetivam também atender ao olhar de prazer do homem heterossexual⁶⁴.

Porém, como destaca Chris Straayer (1996, p.3), a maioria das críticas feministas sobre os tipos de prazer visual obtidos por audiências masculinas e femininas parte de um pressuposto heterossexual. A audiência lésbica e seu prazer não costumam ser levados em consideração nessa perspectiva teórica. Ou seja, quando pensamos em que tipo de telespectador terá prazer com essas personagens, é preciso levar em conta esse público “desviante” da norma heterocentrista.

4.4 Reações Familiares

A telenovela brasileira tem como público-alvo a família e, portanto, são as cenas que envolvem as reações familiares ao namoro lésbico entre Eleonora e Jenifer as em maior número para nossa análise. Resumidamente, as reações da família à homossexualidade das duas mulheres são de resignação a algo indesejável, mas que acaba por ser “aceito” com o tempo. O lesbianismo é apresentado como uma situação com a qual as pessoas têm que se

⁶⁴ Bárbara Borges afirmou em uma entrevista para o programa *TV Fama* que “encarnou a Jenifer” em seu ensaio para a revista *Playboy* (edição de fevereiro de 2005), para “mexer com essa fantasia dos homens”.

“conformar”, por não poder ser modificada. Ressalva-se que a concretização da sexualidade desviante representa a busca das duas lésbicas pela felicidade – algo a ser conseguido com a formação de um par romântico: isso deve ser respeitado e ninguém deve “se meter”.

Eleonora vem de uma família com estrutura patriarcal - o pai é agressivo, temido e respeitado pela mulher e pelos filhos, dá as ordens e fiscaliza os comportamentos. O pai de Jenifer, Giovani, até por sua vida profissional ligada à contravenção e, portanto, menos afeita às regras sociais hegemônicas, é mais liberal. Tanto que vive em casa com Danielle (Ludmila Dayer), uma amante da idade aproximada à de sua filha.

A maior parte das argumentações dos parentes é favorável às duas – dentro do contexto exposto anteriormente - menos Sebastião e João Manoel, que são abertamente contrários. O único familiar que tem discurso sem julgamentos morais é Venâncio (André Gonçalves), irmão de Eleonora.

As primeiras observações de familiares são sobre a amizade das moças. A avó de Jenifer, Flaviana (Yoná Magalhães), vê a neta feliz e pergunta se está assim por ter encontrado a amiga Eleonora. Diz que se preocupa com a neta que “estuda tanto”. A avó afirma que a moça é “sozinha” e “não tem ninguém da mesma idade para fazer companhia”. Enquanto o relacionamento de Eleonora e Jenifer está estruturado na amizade, o acolhimento é muito grande.

Flaviana – Ai, que maravilha, né, se fosse sempre assim, nossa casa recebendo as amigas de Jenifer. Você é muito bem-vinda, viu, Eleonora, apareça mais vezes.

Em outra cena, a avó e o pai discutem o fato de a moça ficar muito tempo em casa estudando e elogiam o fato de ela ter encontrado uma amiga para sair.

Giovani - Estudar é importantíssimo, mas de vez em quando é bom dar uns tempos, assim, para arejar a consciência, sabe. Eu acho que é muito importante que você tenha lá suas amizades. E digo mais, acho que é bom até que você arranje um namorado. Eu não me importo, arranje, eu não me importo.

Jenifer - Ah, pai, não, não, namorado toma tempo demais! Eu tô fora! Eu prefiro por enquanto me dedicar só aos estudos.

A primeira referência que surge sobre a sexualidade de Eleonora é feita no capítulo do dia 2 de setembro de 2004, pela irmã, Regininha e ainda não tem associação com Jenifer. Em uma discussão, Regininha diz:

Regininha - Olha aqui, Eleonora, eu também acho que você devia sair mais, se divertir mais. Mas eu respeito seu modo de ser. Eu não fico jogando na sua cara que para uma mulher da sua idade nunca ter tido um namorado é no mínimo esquisito.

O isolamento social – ausência de amigos e namorados - tanto de Jenifer quanto de Eleonora é ressaltado com frequência nessa altura da narrativa.

O principal personagem contrário ao romance é João Manoel (Heitor Martinez), irmão de Jenifer, também um dos primeiros a desconfiar que o sentimento das duas vai além da amizade. Em várias cenas, João Manoel observa as amigas trocando selinhos e, com expressões no rosto, demonstra que não gosta do que vê.

Um dia questiona a irmã se Eleonora não tem namorado. Jenifer diz que nunca perguntou e que, apesar de sempre saírem para conversar, nenhuma das duas fala sobre isso. João Manoel questiona, então, “o que as duas tanto conversam”. Ela diz que falam sobre hospital, fisioterapia, “o que as duas têm em comum”. Irônico, o irmão responde “papo interessantíssimo, não sobra nem tempo para falar de namorado”.

Com diálogos como este, os autores vão preparando os telespectadores para a falta de interesse das amigas pelo sexo oposto e para uma atração mútua entre as duas. Também são dados os sinais da estranheza e preocupação por parte de João Manoel em relação a uma possível tendência homossexual da irmã. Várias cenas se seguem em que João Manoel vai expressar essas preocupações.

Na família Ferreira da Silva, a primeira reação ao relacionamento das duas é de Venâncio. Eleonora está cuidando dele, que foi internado no hospital por causa de um acidente de carro. No quarto, conversam sobre o encantamento do rapaz com Danielle, a jovem amante de Giovani Improtta:

Eleonora - O doutor Giovani não vai gostar nada desse encantamento. Se bem que tem outras coisas que vão deixá-lo mais perturbado ainda.

Venâncio - Como essa tua amizade com a Jenifer, por exemplo? Léo, eu não tenho nada com a tua vida, mas se precisar de um *help* conta comigo, eu tô do teu lado pro que der e vier. Te adoro, você é minha irmã querida, pode ir, vai fundo no que tiver que ser.

E - Eu também te adoro , meu irmão (chorando).

V - Só tem uma coisa importante na vida... ser feliz!

Os irmãos se abraçam e beijam as mãos um do outro.

Depois dessa cena, a mãe, Janice (Mara Manzan), percebe que Eleonora está apaixonada ao ver a filha dando um abraço em Jenifer, na sala de espera do hospital em que Venâncio está internado. Eleonora e a mãe se entreolham, em closes alternados. A mãe chora discretamente. A família segue para visitar o quarto e uma série de olhares entre mãe e filha traça um diálogo sem palavras. Mais tarde, no quarto, Léo e Venâncio conversam:

Venâncio - Você não achou minha mãe estranha pra caramba?

Eleonora - Ela acabou de descobrir que eu gosto da Jenifer.

V - Você contou pra ela?

E - Não, ela descobriu. Eu tava dando um abraço na Jenifer... um abraço mais carinhoso na Jenifer, quando eles chegaram. E aí eu tenho certeza que a mamãe sacou tudo, Venâncio.

V - Ela ficou chocada, né?

E - Chocada? Não sei se essa é a palavra exata. Eu diria que ela ficou, ficou com aquela cara de mãe quando diz “não quero que minha filha sofra”. Vai ser muito difícil pra ela.

V - Vai ser muito difícil pra você também, viu.

E - Eu sei. Mas difícil é a gente desistir daquilo que gosta.

Eleonora chora no ombro do irmão, que a abraça e beija. A homossexualidade aparece aqui como algo que necessariamente causa sofrimento. Essa visão prossegue no diálogo entre mãe e filha, travado no dia seguinte. A princípio Janice prefere o silêncio e qualifica a conversa como “besteira” e “perda de tempo”:

Janice - Eu não sei do que você está querendo falar, minha filha.

Eleonora - Como não, eu percebi sua reação no ato. Eu imagino como você se sentiu.

J - Eu não faço idéia de onde você está querendo chegar.

E - Ai, mãe, você vai ficar fugindo da realidade, fazendo de conta que....

J - Minha filha, se você quer falar alguma coisa sobre seu irmão, não fica dando voltas, fala logo.

E - Não tem nada a ver com o Venâncio o que eu quero te dizer.

J - Então se não tem nada a ver com o seu irmão é besteira a gente ficar aqui perdendo tempo. Vai lá, por favor, porque ele quer ir embora.

Depois que Eleonora se afasta, Janice fala sozinha (para a audiência):

J – Ai, minha filha, eu não queria que você sofresse, mas você vai sofrer.

O sofrimento de homossexuais é visto com bons olhos e como conveniente por segmentos conservadores e fundamentalistas religiosos da sociedade. Durante a discussão do projeto que regulamentaria uniões homossexuais na Câmara Federal, em 1995, o então deputado Severino Cavalcanti (PP-PE)⁶⁵, via na possível aprovação da proposta a obstaculização do trabalho das igrejas no sentido da “conversão” dos pecadores. Para o parlamentar, a aceitação social das uniões homossexuais acarretaria o fim do “salutar sentimento de culpa”, capaz de proporcionar a recusa a qualquer envolvimento amoroso com pessoa do mesmo sexo. (MELLO, 2005, p. 111)

Os sinais de que o relacionamento entre as duas mulheres se aprofunda na novela vão sendo percebidos pelas famílias. No capítulo do dia 5 de novembro, Giovani, Flaviana e João Manoel chegam de um jantar na casa de Maria do Carmo e encontram Léo e Jenifer dormindo lado a lado no chão da sala. Depois de ver as duas nessa situação, Giovani decide que é hora de agir e leva Jenifer para conversar.

Giovani – (...) Essa sua amizade com a doutora vem a ser exatamente o que?

Jenifer – Ai, mas que pergunta, pai, a amizade que eu tenho com a “doutora” vem a ser exatamente aquilo que é, ou seja, uma grande amizade. Eu adoro a Eleonora, eu quero tá o tempo todo com ela, a gente sempre tem assunto pra conversar e se diverte demais quando a gente está junta. Nós somos amignonas.

G – Você gosta muito dela assim, como amiga?

J – Ai, pai, e de que outra maneira poderia ser? (com estranhamento).



Família encontra as amigas dormindo no chão

⁶⁵ Severino Cavalcanti viria a ser presidente da Câmara dos Deputados em 2005 e, em seguida, renunciou ao mandato para não ser cassado por envolvimento em corrupção. Nas eleições de 2006 não conseguiu se reeleger para a Câmara dos Deputados.

G – E a doutora, como é que ela gosta de você?

J – O senhor disse que ia me fazer uma pergunta, mas já fez várias e eu não tô conseguindo entender o motivo de nenhuma delas, pai. Esse interrogatório todo aí sobre a minha amizade com a Eleonora, por quê?

Nesse diálogo, Jenifer ainda parece totalmente inconsciente do tipo de afeto que a une à médica.

G – Sabe o que é, é que às vezes uma amizade entre duas criaturas pode se tornar muito mais do que isso, entendeu. Talvez por ser uma meninazinha inocente, talvez ainda não tenha percebido o alcance do apego que há entre vocês duas, entende?

J – Não... não... isso não eu, ah, eu não acredito, pai (chorando), não pode ser, eu tava falando da Eleonora, a Eleonora, minha grande e querida amiga. Praticamente a única que eu tenho. O senhor está insinuando aí que...

Música de suspense. O pai verbaliza o que percebeu, mas atribui a homossexualidade à outra mulher, não à sua própria filha.

G – Eu não estou insinuando absolutamente nada. Eu não estou insinuando porque não sou um homem de insinuações, imagina. Você me desculpe, mas eu estou afirmando que deve haver um mal-entendido entre vocês duas. Mal-entendido esse que eu acho que você, minha filhinha, devia tratar de esclarecer, você entende.

Jenifer se levanta para ir embora. Giovani pede que espere e dá indicações de que apoiará a filha, independentemente do desfecho da situação.

G – Eu sou um homem bastante experiente, bastante vivido, calejado até. E, olha, qualquer coisa que aconteça aqui dentro da minha casa - a menos que eu seja, sei lá, eu seja assim incendiado deitado na minha própria cama - qualquer coisa eu vou tentar entender, tá?

Jenifer sai chorando e questiona João Manoel o que ele acha da amizade dela com Eleonora. Ele diz que prefere não opinar a respeito, mas acrescenta que pode repetir o que andam comentando na rua. Jenifer, surpresa, quer saber se andam falando sobre as duas. Ele diz que já teve até que “dar uns cala bocas” em uns sujeitos, “afinal ela é a irmã querida, que ele ama”.

João Manoel - Eu não admito que falem mal de você.

Jenifer - Falaram o que? (chorando).

JM – Aquele dia que você tava andando na praça com a doutora, dois sujeitos, um olhou pro outro e falou: olha lá, lá vão as duas sapatonas. Aí não...

Jenifer começa a gritar e jogar coisas no chão:

J – Não! É tudo falso isso! É tudo mentira. Ninguém pode dizer uma coisa dessas de mim, eu não fiz nada!

João Manoel e a avó tentam acalmá-la, mas Jenifer sai correndo. Ao defender-se, dizendo que “não fez nada”, a personagem não percebe que o controle para a manutenção das normas heterossexuais começa no envolvimento afetivo, na aproximação, muitas vezes em pequenos sinais, e não necessariamente na concretização física do relacionamento.

Essas conversas com o irmão e com o pai desencadeiam uma série de ações de Jenifer. A moça esclarece a situação com Eleonora e se recusa a aceitar a própria lesbianidade. Por isso começa a sair com um homem, o deputado Thomas Jefferson (Mário Frias). Por seu lado, Eleonora sofre depois de contar sobre sua paixão à Jenifer e ser rejeitada. Em casa, Janice encontra a filha chorando e pergunta se ela está assim por causa da Jenifer. Eleonora faz que sim:

Janice – Tudo que eu não queria, minha filha, era que você sofresse. Eu sei como o mundo é cruel, minha filha, quando as pessoas não rezam na mesma cartilha.

E continua:

J - (...) Oh, minha filha, você é a pessoa mais generosa que eu já conheci. E eu não tô falando isso porque eu sou sua mãe, não. Eu jamais falaria isso da Regininha. Você sempre foi assim, minha filha, desde pequenininha, sempre se preocupou com os outros, sempre quis cuidar dos outros e é por isso que você sempre sofreu, porque muitas vezes as pessoas não conseguem entender o teu sentimento. Mas eu te prometo uma coisa, que eu não vou deixar de jeito nenhum qualquer convenção deixar você sofrer. Eu só tô aqui para amar e cuidar dos meus filhos, e eu vou fazer isso.

A mãe também oferece apoio incondicional à Eleonora, mas ressalvando que a filha é uma pessoa “boa”, que segue a norma cristã de “se preocupar com os outros”. Também da parte da avó, Flaviana, Jenifer recebe compreensão:

Flaviana - Querida, eu tô falando isso porque eu sei que você tá passando por um momento muito difícil. É ou não é? É, eu sei. É assim, é assim, é difícil quando as

emoções assaltam o coração da gente. A gente fica, sei lá, a gente fica sem rumo, sem saber onde vai, o que pensar, pra onde caminhar (chora). Eu quero te dizer que eu tô aberta pra qualquer assunto. Embora eu tenha demorado muito a entender as intenções da Eleonora, eu vou atender qualquer pedido seu. Ó, presta atenção, aconteça o que acontecer, nada vai mudar entre a gente. Ô, meu amor, eu vi você crescer, tão bonitinha, eu ajudei a te criar quando a sua mãe nos deixou, a única coisa que eu quero na minha vida é a sua felicidade e a do seu irmão. Então, quando você achar que deve, que pode, que precisar falar, você conta comigo.

As duas moças ficam muito tristes separadas e as famílias percebem. Em uma cena, Eleonora está deitada no sofá, triste, e Regininha comenta com João Manoel:

Regininha - Desde que ela brigou com a Jenifer ela está assim, ó.

João Manoel - No que depender de mim vão continuar brigadas.

R - Eu não vou discutir esse assunto com você, não.

JM - Acho bom mesmo, aquela suíte no hotel Shaiene está esperando a gente (saem rindo).

João Manoel, o jovem macho heterossexual, se apresenta insensível ao sofrimento das duas mulheres, mas não abre mão do próprio prazer sexual.

Sem conseguir lidar com os próprios sentimentos, Jenifer chega em casa bêbada e encontra Danielle, a amante do pai. Danielle pergunta por que Jenifer está chorando.

Jenifer – Eu chorei sim. E eu chorei todos os dias.

Danielle – Meu deus, mas porque, o que tá acontecendo? Olha, eu sou sua amiga. Você já devia ter me contado, você pode confiar em mim.

J – Quem disse que eu não confio, hum. Se você quer saber, eu ando mesmo com muita vontade de me abrir com alguém, só que eu não sei se você vai conseguir entender o que eu tô passando...

D – Então por que você não tenta? Olha, tenta me contar. Se o problema for homem, você pode ficar tranqüila, porque nisso eu sou descolada (...). Se o problema for homem, eu posso te ajudar.

J – Sabe que eu te adoro, Dani. Olha, um dia vou te contar tudo, sim, mas é que agora tô com muito sono. Eu preciso dormir (...).

A telenovela segue em toda sua narrativa a normatividade heterocentrista. A solidão que a personagem sente devido à sua homofobia internalizada é potencializada pela falta de outros personagens gays ou de visão não heterocêntrica, com quem possa conversar e se associar, a fim de ter apoio sem julgamentos morais. Tanto Eleonora quanto Jenifer não têm amigos gays ou lésbicas. Apesar de haver um casal de homens na novela, os casais não têm relações de amizade.

O senso de comunidade é a contribuição mais importante trazida pelo seriado norte-americano *The L Word* para a visibilidade lésbica na mídia internacional, opina Sarah Warn (Warn, 2006, p. 6). As representações de lésbicas na TV (tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil), em geral, pintam uma visão solitária dessas personagens, que normalmente só interagem com heterossexuais. Usualmente, só contracenam com outras lésbicas se houver um namoro. “Elas (as personagens) parecem jamais ter conhecido outras lésbicas”, critica Warn.

Já de outro ponto de vista, a representação de um casal único de lésbicas em meio à sociedade heterossexual suporta a noção de um amor único e destinado a cada pessoa (STRAAYER, 1996, p. 23), ou seja, a personagem teria se apaixonado por uma outra mulher específica, e não por uma lésbica entre várias. Essa visão confirma o pressuposto de idealização do parceiro encontrado no amor romântico (ver GIDDENS, 1993).

Sem conseguir lidar com os próprios sentimentos e condenada à solidão, Jenifer várias vezes vai de carro para a frente da casa de Eleonora. Em uma dessas visitas, Janice entra no automóvel e avisa que vai chamar Eleonora para as duas conversarem. Se antes optava pelo silêncio, Janice passa a ser um personagem que oferece apoio à filha, ainda que faça a ressalva de que isso é contra “todos os princípios” dela. Jenifer foge da conversa e Eleonora decide ir à casa da estudante e avisa que só sairá da porta da casa de Jenifer quando ela for conversar. Jenifer fica olhando da janela, sem coragem de ir. Giovani encoraja.

Giovani - Eu tô sentindo, quer dizer, mais do que sentindo. Eu tô vendo porque está estampado no seu rosto, que deve ter alguma coisa assim lhe perturbando-lhe, talvez assim, um pensamento como aquelas moscas chatas que a gente fica espantando, espantando, espantando, e elas voltam (...). Eu vou lhe dar um conselho e eu lhe garanto-lhe que é daqueles dos bons. Seguinte, tem certas coisas na vida que a

gente deve, assim, encarar frente a frente, assim tête-à-tête... doa a quem doer. Talvez doa um pouquinho, mas, mas ainda assim vale a pena encarar, porque... Olha aqui, eu aposto toda as minhas fichas em você.

Jenifer – Obrigada, pai, eu sei disso (chorando).

G - Eu tô do seu lado, hem, pro que der e vier, porque você... você é minha filha querida, e, e...

Vai embora. Jenifer decide sair pra encontrar Eleonora. Entra no carro e pede para conversarem em outro lugar, porque pode demorar. Giovani olha pela janela e vê as duas indo embora. Jenifer passa a noite com Eleonora. Na manhã seguinte, Eleonora chega em casa e abraça a mãe, muito feliz. As duas se beijam e riem, Léo senta no colo da mãe.

Eleonora - (...) Eu quero dividir com você minha alegria.

Janice – É, filha, vocês se entenderam?

E - A Jenifer está um pouquinho assustada, mas a gente tá se entendendo sim.

J - Ah, graças a Deus, eu não agüentava mais te ver sofrendo.

E – É, mãe, mas já passou, já passou! Mesmo porque se não der certo eu tenho certeza que a Jenifer nunca mais vai me tratar como inimiga.

Os autores lançam mão aqui de gírias e expressões que fazem parte da subcultura gay brasileira, especialmente das pessoas que hoje estão na faixa dos 40 anos. “Se entender” é o mesmo que perceber-se gay, ser “entendido” é ser homossexual. Este é um diálogo que demonstra que os autores também buscam o público homossexual, ainda que os personagens tenham que ser desenvolvidos levando em conta a audiência heterossexual, dita em maior número.

Paula Graham (2006, p. 19) explica que o setor publicitário europeu criou um conceito chamado “publicidade de janela” (*window advertising*), uma técnica pós-moderna desenvolvida para permitir aos anunciantes alcançarem mercados gays e lésbicos sem alienarem os heterossexuais da propaganda. São usados subtextos que correspondem a representações ou elementos da subcultura gay e/ou lésbica, mas de forma que os consumidores heterossexuais não notem esses subtextos e modos da subcultura. Dessa forma, os anunciantes conseguem alcançar os mercados homossexual e heterossexual sem revelar seu objetivo.

Se, no início da novela, Flaviana incentivava a amizade de Jenifer e cobrava da neta uma vida social mais ativa, depois que o namoro se concretiza a avó muda de idéia. Ao comentar com Danielle que a neta está atrasada para a escola, diz ter saudade do tempo em que Jenifer era “ajuizada”. Danielle responde que, na verdade, Jenifer era desanimada e que Flaviana deveria “dar graças a Deus” por ela ter mudado assim.

À medida que o romance se desenrola, Giovani decide cobrar da filha e da namorada explicações sobre as noites passadas fora de casa, e marca um encontro para isso. Na casa do bicheiro, João Manoel, Flaviana e Danielle acompanham a preparação para a discussão. Flaviana pede ao genro que “não vá de quatro patas em cima das meninas”. Danielle sugere a Giovani que não dê uma de “careta”, afinal “já estamos no terceiro milênio”. Giovani responde “mas os homens continuam se comendo como fizeram no primeiro e vão continuar a fazer no quarto... quer dizer, no milênio, no quarto milênio”. João Manoel é o único que verbaliza opiniões contrárias à irmã: “Nessa questão, tem mais é que botar moral nessas duas” e faz sinal de um bofetão, sugerindo um espancamento.

Na outra sala, Giovani pede para ouvir o que a filha tem a dizer:

Giovani – (...) e você também, minha filha, deve estar bastante ansiosa, até porque você é um anjo de candura, uma pessoa inocente...

Jenifer – Não, eu não tô nem um pouquinho ansiosa. Pelo contrário, eu tô calma, tô calma e muito certa do que eu quero. Agora, você é que tá nervoso, pai, tanto que você ficou aí falando sem parar e não foi direto ao ponto como disse que ia no início da conversa.

Jenifer, depois de iniciar o relacionamento sexual e assumir seus sentimentos de amor em relação à namorada, muda a atitude e passa a se expressar de maneira segura e favorável à sua orientação sexual.

J - Tudo bem, não tem problema (sorrindo). Então, vamos fazer o seguinte, deixa que eu vou direto ao ponto, paizinho (música de humor). Você quer saber se eu e a Eleonora temos um namoro. É isso, né?

G - É, se é que... sé é que isso assim... se pode chamar isso assim disso, né...

J - É, é (decidida), assim ou de outra maneira. Não me importa como chamam a nossa relação. O importante mesmo é que nós... nós gostamos uma da outra e queremos ficar juntas (música de humor).

Jenifer pode não se importar como chamam a relação e considerar que o que vale é o sentimento que possuem, mas as ciências sociais já provaram que faz muita diferença a maneira como as relações, objetos, pessoas e sentimentos são chamados. O fenômeno da linguagem vem sendo estudado por modernos sistemas teóricos, porque se relaciona com um importante campo político no qual o que está em jogo é o poder, uma rede de poderes, uma vez que uma grande multiplicidade de linguagens age constantemente na realidade social (Monique Wittig, *The Straight Mind*, p. 21).

Moscovici (2003, p. 60), em seu livro que trata das representações sociais, assegura que coisas não classificadas e que não possuem nomes são estranhas, não existentes e, ao mesmo tempo, ameaçadoras. Quando não somos capazes de categorizar algo, experimentamos resistência e distanciamento.

No momento em que categorizamos alguém ou alguma coisa, no entanto, escolhemos um paradigma estocado em nossa memória e estabelecemos uma relação positiva ou negativa com ele (MOSCOVICI, 2003, p. 63). Mas, é importante lembrar, que as representações sociais tendem ao conservadorismo para ter assim a confirmação de seu conteúdo significativo, por isso Giovani reluta em dar o nome de namoro – representação que já possui – para um tipo novo de relacionamento:

O estranho pressupõe uma falta de comunicação dentro do grupo em relação ao mundo, que produz um curto-circuito na corrente de intercâmbio e tira do lugar as referências da linguagem (...). Começa-se por ancorá-lo em representações sociais existentes e é no curso dessa ancoragem que ele se modifica. (MOSCOVICI, 2003, p. 206).

Jenifer - Isso mesmo, juntas. É o que nós queremos, pai, porque nós nos amamos. E, sabe, a gente não vai perder tempo tentando explicar para ninguém que... que qualquer forma de amor vale a pena se a alma não é pequena

Eleonora - Nós nos amamos como só duas pessoas podem se amar, com toda a intensidade possível.

J - É. E não passa mais pela cabeça de nenhuma de nós ficar longe da outra. E, sinceramente, pai, eu não vejo como alguém, nem mesmo o senhor, poderia criar algum... algum problema por causa disso.

Dessa forma, Eleonora e Jenifer verbalizam o sentimento que as une. Agora como um casal, as duas encontram forças para se posicionar contra a opressão heterossexual.

Giovani expressa então uma das principais ansiedades heterossexuais em relação aos filhos gays.

Giovani - Mas é que eu achava, eu esperava, contava, que você assim, me desse netos, uma porção deles... netos aqui, netos, netos.

Jenifer – Ah, pai, não se grila, não (com olhos marejados), o João vai fazer isso por mim, e na certa vai fazer com a Reniginha, que é irmã da Eleonora, o que vai ajudar... o que vai ajudar a unir ainda mais a gente numa mesma família.

G - Eu acho que meus neuróticos estão em curto-circuito, as minhas convicções estão se acabando, a minha cabeça tá pifando...

J - É mesmo, então faz como a gente, sai. É, sai. Vai comer uma pizza ali na esquina, tomar um chope gelado, bater papo, né, pai, com, com alguém que você goste muito. E logo logo sua cabeça vai esfriar...

G - Mas assim um chope gelado, uma pizza, mas é assim tão simples, será que?

J – A vida é simples, a vida é simples sim e passa rápido como um desfile de escola de samba. E quem me ensinou isso foi você, doutor Giovani,

G - É mesmo?? Só que eu não imaginava que...

E - Não, não, perai, vamos direto ao ponto, o senhor esperava que sua filha fosse uma coisa e ela é outra, bem diferente do que você sonhou. Agora, o senhor quer que eu vá embora da sua casa por causa disso? (chorando).

Jenifer tem consciência de que frustrou as expectativas do pai. O fantasma de ser expulsa de casa, perder o amor dos pais e o suporte econômico se torna presente no diálogo. A moça informa que pretende morar com a namorada.

Jenifer - É claro que eu e a Eleonora pensamos em morar juntas, daqui a mais um tempo, mas pra nós não vai ser um grande problema se for preciso fazer isso agora.

Giovani - Não, em hipótese alguma, fique aqui o tempo que você quiser. Imagina, Jenifer, não é por causa de uma bobagem dessas que...

J – Não, não é bobagem. É sério!

G - É sério, claro, é serio, não é por causa de uma coisa séria dessas que você vai deixar de ser a minha filha, afinal de contas sintam-se em... a casa é de vocês duas. Ufa, eu tô até suando frio.

Na saída, Giovani abraça e beija Jenifer. Léo observa, sorrindo. Giovani se dirige a ela como se fosse beijar seu rosto, fica em dúvida e aperta sua mão, como se cumprimentasse um homem. Sai e encontra João Manoel, Flaviana e Daniele na sala. João Manoel pergunta “E aí, meu pai, colocou cada macaca no seu galho?”.

Giovani - Aconteceu que eu fui atropelado por um caminhão com a sua carga máxima. Isso nunca tinha acontecido comigo na minha vida, não, com Giovani Improtta nunca.

Flaviana - E quanto a situação das meninas?

Danielle - Elas vão ficar juntas?

João Manoel - Isso tudo é uma pouca vergonha e eu acho que a gente devia...

Giovani, como patriarca e dono da casa, encerra o debate.

G – Esquecer o assunto.

Todos – O quê?

G - É, é, vocês nunca mais vão ouvir da minha boca uma palavra sobre esse assunto e eu não quero nunca mais ouvir da boca de vocês qualquer palavra sobre esse assunto. Portanto, fechem essas matracas. Me deixem-me em paz, me larguem-me do meu pé, se afastem-se do meu caminho.

JM - Quer dizer que as duas ficam lá no lesco-lesco e quem leva a bordoadá somos nós?

João Manoel não se conforma que a irmã possa ter prazer sexual fora do padrão conservador e que ele venha a ser reprimido ao criticá-la. Flaviana também surpreende em sua reação, uma vez que vinha prestando solidariedade à neta.

Flaviana - Eu não quero julgar ninguém, Deus me livre, muito menos condenar minha neta, mas eu acho isso o fim do mundo.

G – Talvez, minha sogra, talvez, mas a vida não é esse colchão fofo de pétalas de rosas onde a senhora descansa sua cabecinha todas as noites. A vida, a vida às vezes é bastante dura, ela é como assim um paralelepípedo que despenca sobre nós e nos arrasa e então neste momento aqueles que são vivos que aproveitem a lição.

Aqui mais uma vez encontramos o discurso sobre a “vida real” e a sua “dureza”, que inclui a homossexualidade, cuja existência é comparada a “um paralelepípedo que

despenca sobre nós”. Em outro capítulo mais adiante, Giovani alerta a sogra que ela deve acostumar-se com a situação:

Givoanni - Você não tá entendendo porque não é entendida como a sua neta. Enfim, deixa pra lá. Eu acho bom que a senhora comece a se acostumar com a coisa, porque eu também já tô me acostumando com a coisa, porque as duas, a Léo e a Jenifer, elas decidiram que querem morar juntas, talvez até mesmo se casar-se e quem sabe um dia até terem um filho.

O próximo passo do drama familiar é quando Sebastião, o pai de Eleonora, descobre o romance. Sebastião vê Eleonora e Jenifer em uma festa e comenta com a mulher que elas estão sempre juntas e que “faz gosto” na amizade das duas. Janice desconversa e diz tratar-se de uma fase, que logo será “corrigida” pela heterossexualidade.

Janice – É, isso é coisa da idade mesmo, né, Sebastião. Sabe que quando a gente é novo a gente sempre tem uma amiga que é a mais íntima da gente, depois aparece o primeiro homem, o primeiro amor e a amiga fica pra segundo plano.

Nessa festa Sebastião vê um abraço das duas namoradas e uma música de suspense indica que o pai percebeu que há mais que amizade na relação. Mais tarde, em casa, o pai vai conversar com a filha sobre o assunto. É a cena de maior rejeição à homossexualidade em toda a novela. Os argumentos de Sebastião contra a homossexualidade passeiam entre o discurso médico, jurídico e moral, mas não tocam no tema religioso. Eleonora, por sua vez, mantém como argumentação a defesa de seus sentimentos individuais. Assegura que se trata de uma “escolha”. Sebastião projeta a homossexualidade em Jenifer e vê a própria filha como vítima da sedução.

Sebastião - Eu nunca imaginei que um dia você ia me dar tanto desgosto. O que você fez é... é... é...

Eleonora - É amor, pai! É só isso, um grande amor.

S – Não, é doença, é falta de vergonha na cara, é imoral! Depravada! É isso que você é!

E - Pai, pai, me escuta! Eu só tô tentando te ajudar a entender o que eu sinto.

S - Eu não preciso que ninguém me ajude a entender nada (nervoso), eu vi, eu sei o que é safadeza, desvio de conduta, você precisa de fazer um tratamento, se internar.

E - Não fala do que não sabe que a médica aqui sou eu.

S - O que torna tudo muito pior ainda, prova que é tara mesmo!! Ainda mais uma doutora, uma médica, que estuda a doença pra depois poder curar.

E - Não é doença, eu não tenho do que me curar, muito menos que me tratar de nada. Amor não é doença, é um sentimento, que não se arranca do coração de ninguém.

S - Só pode ser aquela mulherzinha!!

E - Não fala assim da Jenifer, que é a pessoa que eu amo. Eu não vou admitir que você fale assim dela!

Sebastião se preocupa ainda com o contexto social, ao perceber que será vinculado a uma homossexual.

S - Eu que não vou admitir que as pessoas na rua me apontem dizendo “lá vai o pai daquela médica sapatona”.

E - Eu não acredito que você use uma palavra dessas!! (muito nervosa).

S - As que eu conheço são piores ainda! São horríveis, como é horrível esse teu vício imundo.

E - Não é vício coisa nenhuma, é a minha escolha.

S - Isso é coisa de fanchona mesmo, sapata, sapatona, lésbica. É isso que vão te chamar na rua. Se você insiste em virar essa aberração, é melhor que fique longe daqui mesmo, portanto.

E - Pode parar!! Pode parar, velho turrão e preconceituoso. Antes que pense em me expulsar de casa como fez com a Regininha e com o Venâncio, eu vou embora, eu vou embora, eu vou embora por livre e espontânea vontade⁶⁶, assim como são todas as escolhas da minha vida.

A mãe entra na sala chorando e abraça a filha.

Janice – Não, minha filha, não faz isso, pelo amor de Deus, por favor, não faz isso (abraça Léo).

Eleonora - Mãe, eu vou embora, mãe, eu vou embora porque isso não é nenhuma tragédia, eu vou viver a minha vida como eu quero.

⁶⁶ Anthony Giddens comenta (1993, p. 63) que, apenas para uma geração muito recente de mulheres, viver a própria vida significa deixar a casa paterna. “Anteriormente, deixar a casa significava, para todas, com exceção de uma pequena proporção de mulheres, casar-se” (com um homem).

Regininha e Janice choram e pedem para Eleonora não ir embora. Eleonora diz que vai porque não pode permitir que a expulsem seja de onde for por preconceito. Janice apela ao marido que convença a filha a ficar, mas, para Sebastião, se Eleonora insiste na “depravação” é melhor “ficar longe dessa família”. Eleonora diz que uma família onde “o chefe” não consegue “aceitar nem acolher as diferenças não é uma família de verdade”. Nesse ponto está sendo referendada a família patriarcal, cujo homem é o dono do poder decisório. Ainda assim, Eleonora introduz um conceito pós-moderno no discurso: o da aceitação e acolhimento das diferenças.

Um telefonema do hospital obriga a médica a ir atender vários feridos de um acidente. Enquanto isso, Sebastião tem uma conversa sobre o assunto com Giovani e Maria do Carmo. O tom começa agressivo. Sebastião inicia o diálogo chamando Eleonora e Jenifer de “sapatonas”, “devassas”, diz que preferia que Eleonora tivesse morrido, mas atribui toda a responsabilidade à “filha desse cafajeste” (Giovani), a quem culpa por não ter sabido criar a moça, que, por sua vez, teria “iludido” Eleonora.

Giovani - (...) Não existe ilusão nenhuma nessa história, Sebastião. As duas sabem perfeitamente o que estão fazendo. Eu também fico completamente troncho só de pensar no assunto, mas a verdade, Sebastião, a verdade é que as duas se amam.

Sebastião - Eu tenho nojo só de pensar nessas coisas.

G - Mas essas coisas, Sebastião, acabaram de entrar na nossa família, e elas vieram pra ficar, então será bom você tentar controlar esse nojo.

S - Antes que isso aconteça eu quero morrer seco!

Maria do Carmo intervém:

Maria do Carmo - Meu irmão, pelo amor de Deus, não diga uma coisa dessas, você tá falando de morte demais pro meu gosto, sabia? E acontece que vocês estão discutindo é sobre vida, isso, a vida de Jenifer e da sua filha, minha querida sobrinha, e a vida de todos nós que somos membros das famílias delas.

Sebastião questiona se Giovani acha que ele deve aceitar que “a minha filhinha, que eu criei, que eu eduquei, a quem eu amei tanto, gosta de mulher, não gosta de homem e está apaixonada pela sua filha!” e diz que fará todo o possível para separar as duas. Giovani argumenta que “não adiantaria”.

Giovani - Você acha que se houvesse um jeito de fazer a minha filha Jenifer ter outro tipo de preferência eu já não teria tentado?

Aqui transparece a fantasia “higiênica” de uma sociedade sem homossexuais, o desejo de que pessoas gays não existissem, que muitas vezes desponta em falas conservadores (SEDGWICK, 1999, p. 204). Mais uma vez, vemos a argumentação de que as famílias devem aceitar o que não pode ser modificado.

Sebastião - Eu não tô conseguindo pensar direito, tá me dando uma gastura, uma raiva, uma vontade de destruir tudo, de sair por aí destruindo tudo.

Giovani - Sebastião, me ouve, tudo que você vai conseguir é acabar sendo preso. Eu também sou pai, eu também sofri gravemente as conseqüências dessa história. Você não tem que ficar de mal com o mundo só porque sua filha tem outro tipo de preferência. Ninguém tem culpa de nada, nem ela. Eu sei que é difícil, eu sou testemunha disso, mas você não tem outra saída. Quer dizer, você só tem uma saída. Você tem que engolir em seco e aceitar.

Sebastião argumenta que mesmo se aceitasse, levaria tempo. Giovani sugere que ele volte a conversar com Léo, para tentar entender os motivos dela. Sebastião decide tentar e, no hospital, vê Eleonora ressuscitando um paciente. Chora e vai falar com a filha em outro tom, doce:

Sebastião - Eu vim falar com você, mas tô vendo que você tá ocupada salvando vidas. Isso é muito mais importante que qualquer outra coisa, eu volto depois.

Sebastião aceitará Eleonora apesar da homossexualidade, por ter outras características que a moral hegemônica considera positivas, como a capacidade de salvar vidas. O diálogo continua:

S - (...) Algumas vezes eu cometi a sandice de dizer que um de vocês não era meu filho. Mas tudo não é verdade. Venâncio, Regina, você, todos são, sempre serão meus filhos.

Eleonora - Nós estamos ligados pelo sangue e pelo amor.

S - Eu não posso negar essa verdade, que eu amo você, minha filha, mesmo não lhe entendendo.

Pai e filha se abraçam e choram. Sebastião beija a mão de Eleonora e vai embora.

Mais tarde, em uma cena que foi ao ar no capítulo de 1º de fevereiro de 2005, quando o casal lésbico já está tentando adotar um menino, Sebastião volta a tratar do tema com Janice.

Sebastião – Vou te confessar uma coisa, Janice. Tá demais ainda pra minha cabeça tudo isso, viu.

Janice - Ai, que que é isso, você já superou tanta coisa. Não é muito mais fácil a gente acabar aceitando os filhos como eles são? Eu acho assim, que se fosse um problema de caráter da Eleonora, aí a gente podia ficar preocupado. Mas não é nada disso, muito pelo contrário. O que ela tá querendo fazer é o bem. É fazer uma família pra essa criança ser adotada.

S - Família, Janice? No meu tempo família era outra coisa. Família tinha que ter um pai, uma mãe, casados, fiéis, pelo menos um filho, de preferência uma penca deles. E o pai tinha que ser um homem digno, honrado, honesto pra poder valer a sua autoridade frente à mulher e filhos.

A partir do século XX, o conceito de família, conforme compreendido no ocidente, passou por modificações intensas, velozes e mesmo desconcertantes.

Os últimos cinquenta anos têm sido marcados por uma recorrência obsessiva de discursos sobre a desestruturação da família, perda do prestígio social do casamento e banalização do amor como ponto de partida para a construção de projetos duais de existência. (...). A generalização do divórcio, da monoparentalidade, da autonomização da sexualidade em relação à conjugalidade e à reprodução, da possibilidade de não coabitação, das experiências de multiplicidade e simultaneidade de parceiros afetivo-sexuais, da redefinição de papéis de gênero e da secularização dos vínculos conjugais tem proporcionado uma intensa transformação nas representações sociais da família e do casamento. (MELLO, 2005, p. 27).

Janice procura circunscrever o grupo formado por Eleonora, Jenifer e o bebê Renato ao âmbito da família.

Janice – É, Sebastião, só que os tempos mudaram. Hoje em dia já se constitui uma família, sim, com duas mulheres. A gente pode, sim, ter uma família, duas mulheres e adotar uma criança. E eu lhe garanto, Sebastião, que honradez e dignidade não vão faltar nessa família de jeito nenhum.

Luiz Mello (2005, p. 19) ressalta que, a despeito da inexistência de proteção jurídica expressa e inequívoca, o processo de construção social da conjugalidade homossexual

aponta para a afirmação do entendimento de que as relações afetivo-sexuais estáveis entre gays e lésbicas vêm se materializando como uma das novas formas de institucionalização de vínculos familiares no Brasil.

De volta à novela, em outra cena, Flaviana, talvez até por uma questão geracional, tem mais dificuldade em lidar com a homossexualidade da neta, como se vê neste diálogo:

Jenifer - Ótimo, porque pela primeira vez a senhora está falando abertamente comigo sobre isso.

Flaviana - É, eu, eu, eu me omiti, eu sei que me omiti. É, eu, até, inúmeras vezes eu fugi da conversa, porque é... Jenifer, é, eu tenho que te confessar eu, eu, eu não tenho a mínima idéia de como lidar com essa história, eu num, num, num...

Danielle - Da maneira mais simples do mundo, Dona Flaviana, deixando acontecer.

F - Danielle, aí é que tá o problema, é que pra mim as coisas não são tão simples assim.

J - Então a senhora também vai me condenar, vó?

F - Eu? Imagina, quem perdeu uma filha nas condições que eu perdi sabe muito bem que os caminhos que levam alguns a felicidade a outros não levam a lugar nenhum. Então, Jenifer, eu queria que você soubesse que é, mesmo sem saber como agir, tá entendendo, mesmo, assim, sem saber o que aconselhar, eu tô do seu lado, querida, em qualquer circunstância (chorando).

J - Ô vó... Ô, vó, obrigada (abraçam-se, chorando), obrigada pelo carinho, pela compreensão, sabe. Pelo amor.

Jenifer agradece a avó por ser amada apesar de ser homossexual. Jovens homossexuais têm muitos problemas de auto-estima, principalmente devido a rejeições que sofrem dentro das próprias famílias. Em 1989, o Departamento de Saúde norte-americano publicou um estudo sobre suicídio entre jovens, e concluiu que os gays enfrentam um ambiente hostil e condenatório, abusos físicos e verbais, rejeição e isolamento de suas famílias e pares, e são, portanto, de duas a três vezes mais propensos que outros jovens a se suicidarem. Em suas conclusões, o estudo recomendava o fim da discriminação baseada em orientação sexual (SEDGWICK, 1999, p. 201).

À medida que o tempo passa na novela, as famílias vão interagindo melhor com o relacionamento das lésbicas. Em um diálogo alguns capítulos mais tarde, Giovani e Flaviana conversam sobre o namoro homossexual:

Flaviana - Então você pensa como eu, que aquilo lá não tem mais volta.

Giovani - Dona Flaviana, eu não penso que aquilo lá não tem mais volta, eu sei. Porque eu sei como elas se olham nos olhos. Eu vejo. E nesse tipo de assunto eu não me engano.

F - E já se conformou?

G - Dona Flaviana, eu sei que esses acontecimentos vieram abalar seriamente nossas convicções, mas, é, trata-se de um fato consumado. E diante de um fato consumado, não há nada o que fazer. Até porque, o que existe entre aquelas duas é amor. E amor é amor. E eu brindo a isso.

F - Já que você que é o pai aceitou, já que elas se amam, eu torço para que sejam felizes!

Brindam com champanhe.

João Manoel é o personagem que até o fim da novela não aceita a relação da irmã com a cunhada. Em vários diálogos critica o enlace das moças e algumas vezes se valoriza pelo fato de que terá filhos biológicos com a namorada, como nessa conversa com Regininha.

João Manoel - Sabia que Dom Giovani me pediu outro dia um monte de netinhos?

Regininha - Deve ser porque mulher com mulher dá jacaré, né.

João Manoel também não se conforma com a atenção positiva que as duas lésbicas recebem da família.

JM - (...) E estão sendo muito paparicadas para o meu gosto, viu. Daqui a pouco eu vou achar que em vez de ficar com esse morenaço aqui (aponta Regininha) eu devia arranjar um barbudo, aí meu cartaz vai subir nessa casa que vai ser uma beleza.

Questionado por que se preocupa tanto com o romance das duas, justifica apenas com sua heterossexualidade.

JM - Porque eu sou espada, ãh, eu sou do clube dos machões. Eu gosto demais de mulher e não fico negando fogo por aí, não.

A argumentação de que não aceita o relacionamento homossexual da irmã pelo simples fato de ser heterossexual (“espada”) volta em outro diálogo. Giovani ridiculariza o argumento, dizendo que “espadas falham”:

Giovani - Espadas enferrujam, João Manoel, ou pior ainda, perdem o fio, fica sem nenhuma serventia, feito peças de museu, lá, penduradas, espadas falham!

João Manoel - A minha não, a minha não! A minha não falha, a minha não vai falhar nunca!

Em outra ocasião em que João Manoel faz a mesma observação, a avó exige respeito e diz que, “apesar” de gay, Jenifer ainda é da família.

Flaviana - É, é, é espada mas nem por isso tem direito de ser grosseiro. Ô, João Manoel, faz favor! Estamos falando da sua irmã, que continua sendo da família, independente do que ela faça ou deixe de fazer. Então, faça o favor de respeitá-la se quiser ser respeitado também, viu, menino.

Por fim, João Manoel acaba cedendo e prometendo não criticar mais o casal:

João Manoel – É, eu não consigo engolir essa história mesmo, sabe, não entra. Tá um pouco além da minha capacidade, essa história de homossexual, “mulhersexual”, não entendo. Agora, se a minha irmãzinha gosta da fruta sem caroço eu não quero ver ninguém infeliz, então, mesmo não concordando, a partir de agora em diante eu vou ficar na minha.

Giovani elogia a posição de João Manoel com um apelo ao respeito e comentando que quem é tranqüilo com a própria sexualidade não se incomoda com a dos outros:

Giovani – (...) é como diz a lei da selva, só ataca quem se sente ameaçado, quem está em paz consigo mesmo vive e deixa os outros viverem (...). A vida é boa, é felomenal mesmo e fica mais interessante ainda quando cada qual respeita cada qual do jeito que cada qual é.

4.5 Preconceito e discriminação

Os rapazes da chamada “turma do Shaolin”; João Manoel, irmão de Jenifer; deputado Thomas Jefferson (Mário Frias); e Sebastião, pai de Eleonora, são os principais

porta-vozes das falas homofóbicas da telenovela *Senhora do Destino*. Não é de surpreender que essas manifestações venham principalmente dos personagens masculinos jovens. Anthony Giddens comenta:

As sociedades modernas possuem uma história (...) das buscas sexuais dos homens, mantidas separadas de suas identidades públicas. O controle sexual dos homens sobre as mulheres é muito mais que uma característica incidental da vida social moderna. À medida que esse controle começa a falhar, observamos mais claramente revelado o caráter compulsivo da sexualidade masculina – e este controle em declínio gera também um fluxo crescente da violência masculina sobre as mulheres. No momento, abriu-se um abismo emocional entre os sexos, e não se pode dizer com qualquer certeza quanto tempo ele levará para ser transposto. (GIDDENS, 1992, p. 11).



José Wilker, Heitor Martinez e Leonardo Carvalho interpretam João Manoel, Giovani Improtta e Gatto, respectivamente (Imagens do site da Rede Globo)

Histórias ficcionais que tratam da criação de fortes ligações entre mulheres (*female bonding*) ameaçam, porque “eliminam o homem” da narrativa, acredita Chris Straayer. A autora argumenta que a pergunta que fica no ar - “cadê o homem” – deriva em reações androcêntricas. Esse questionamento em si procura definir as relações femininas – de amizade ou sexuais – em relação ao homem (STRAAYER, 1996, p. 18).

Em *Senhora do Destino*, as observações agressivas da “turma do Shaolin” - jovens, musculosos e na faixa dos 20 anos - são sempre feitas em locais públicos, principalmente na pracinha da comunidade e na sorveteria. As principais argumentações dos rapazes, contrárias à homossexualidade, são “desperdício”, “duas mulheres juntas e eu sozinho”, “eu daria um jeito nessas duas” ou, ainda, “vou pegar as duas”.

Muitos dos comentários são motivados pelo desejo sexual dos homens pelas moças: a escolha de uma mulher por outra é interpretada por esses personagens como uma rejeição a eles como potenciais parceiros. Existe ainda, nas falas da novela, a fantasia de “ficar com as duas”. As vozes que defendem o direito das duas mulheres de ficarem juntas lançam mão de opiniões individualistas - “ninguém tem nada a ver com isso”, “o problema é delas” - ou de classe, destacando que as duas são filhas de pessoas da elite da comunidade.

A primeira cena em que há uma clara manifestação social de discriminação contra as lésbicas foi ao ar no dia 2 de outubro de 2004. Eleonora está esperando Jenifer na sorveteria. Quando Jenifer passa, os rapazes dizem “gracinhas”, como: “nossa, que coisa linda”, “oi, amor”, “ainda vai ser minha mulher”, e são ignorados por Jenifer, que se dirige a Eleonora e a saúda com um “selinho”. Quando as duas se beijam, o grupo faz silêncio, toca uma música de fundo de suspense e um dos personagens se manifesta. “Caraca, meu irmão, aí o que é isso? Vocês viram o que eu vi, brother?”

Um personagem chamado Gatto (Leonardo Carvalho), que aparecerá diversas vezes ao longo da trama com observações homofóbicas, responde: “Qual que é a dessas duas, cara, o que é isso?” Shaolin (Leonardo Miggiolin) intercede em favor das meninas. O principal argumento é o de valorização da individualidade, mas revela que a classe social é levada em conta na tolerância que tem em relação ao casal.

Shaolin – Shh, Shh, aqui ninguém tem nada a ver com isso, hem, malandro. Ó, uma é sobrinha da Dona do Carmo e a outra é filha do Doutor Giovani, então se essas duas quiserem se agarrar em praça pública ninguém aqui tem nada a ver com isso.

Um outro rapaz do grupo corrobora o respeito à individualidade: “Tô contigo, Shao, tô contigo, cada um sabe de si, ninguém se mete”. Um outro diz: “mas que é um desperdício...”.

Cenas semelhantes se repetem. No dia 21 de outubro, Eleonora e Jenifer passam de carro pela praça e Gatto comenta com outros rapazes da turma: “Olha lá o desperdício, uma gata dando mole pra outra e eu aqui sozinho. Ô, meu Deus!”. Venâncio, irmão de Eleonora, escuta e parte para a briga: “O que que tu disse?”. Shaolin mais uma vez intervém: “Ele disse que as duas lá não querem nada com ele, já tomou um toção das duas. Isso aqui não tá com nada, é o maior vacilão, meu irmão, fica frio”. Venâncio diz a Gatto: “Te falar um negócio, tu se liga que aquelas duas lá não são pro teu bico, não”.

No dia 22 de outubro, foi ao ar a cena em que pela primeira vez as moças são chamadas na rua por termos pejorativos ligados à homossexualidade. Os personagens mais uma vez estão na pracinha. Jenifer e Eleonora conversam quando, ao fundo, Gatto diz: “Ah, as duas sapatas aí, não tô dizendo”. Shaolin o repreende: “Tá maluco, mermão, tá maluco?”. Jenifer fica muito surpresa e pergunta a Eleonora, “Você ouviu o que eles disseram?”. Eleonora responde “Não, eu tava prestando atenção em você”. Jenifer, diz: “ele falou sapata?”

Shaolin desconversa: “Sapata, as sapata do barraco lá da Pedra lascada, entendeu, meu irmão. Sapata, aquele negócio que fica embaixo para segurar a casa, então as sapata tão afundando vai ter que gastar uma grana lá para refazer tudo, entendeu. Haja cimento, né, Dona do Carmo é que vai gostar, vai ajudar.” Gatto sorri, desafiador. Eleonora diz: “Desencana, Jenifer”. Mas Jenifer fica olhando desconfiada para o grupo.

Em outro ponto da trama, quando está tentando ficar afastada de Eleonora, Jenifer se embriaga na sorveteria e mais uma vez é alvo dos comentários da “turma do Shaolin”. O dono do estabelecimento a manda embora, em respeito ao pai da moça, e ela sai brigando. Gatto diz a outro rapaz: “Ah lá, deve ter brigado com a doutorinha”. E o outro responde: “Logo agora que eu tava afinzando de pegar as duas, cumpadi”.

Por não aceitar os sentimentos que tem pela amiga, Jenifer se envolve em um relacionamento com o personagem de Mário Frias, deputado Thomas Jefferson. Esse envolvimento se estendeu do dia 9 de novembro de 2004 até o dia 18 do mesmo mês. Em determinado momento, Thomas Jefferson diz que o casal vem saindo “por três meses” e tudo que conseguiu foi “roubar uns beijinhos”. Jenifer afirma que não está querendo se envolver desse jeito e que quer voltar a se concentrar nos estudos. O rapaz exige uma decisão dela. Os dois estão namorando no sofá da casa de Giovani quando ocorre o seguinte diálogo:

Thomas Jefferson - Eu acho que tá mais do que na hora da gente se assumir.

Jenifer – Como assim, se assumir, você tá querendo dizer... (com medo).

TJ - Que eu quero que você seja minha namorada!

E a beija na boca por 7 segundos. Esse é o único beijo romântico que a personagem encena em toda a novela. Jenifer o afasta.

TJ - O que foi?

J – Nada. Meu deu vontade de parar de beijar.

TJ – Por quê? Você não gostou?

J - Ai, Thomas, Thomas pára de ficar me fazendo essas perguntas!

TJ - Sabe o que que eu acho, eu acho que não adianta você fugir que mais cedo ou mais tarde a gente vai ter que falar sobre isso.

J - Sobre o que?

TJ - Ah Jenifer! Você vai ficar aí se fazendo de desentendida eu vou ser bem claro (...). Eu tenho ouvido comentários, comentários sobre você e a sua amiga... se não me engano ela é médica.

J - Sai imediatamente da minha casa! (gritando, histérica).

Depois, no carro, pensando, Thomas Jefferson diz: “Tá na cara que esses boatos são verdadeiros e eu aqui bancando o bobo e perdendo tempo com essa garota!”.

Em outro trecho da narração ficcional, Eleonora se encontra com Thomas Jefferson, quando a médica está cuidando da namorada dele, Nalva (Tânia Kalil), que havia sofrido um aborto. Surge uma rivalidade entre os dois e Thomas refere-se pejorativamente à homossexualidade da médica. Na cena, Thomas Jefferson aguarda na sala de espera junto a Ubiracy e Turcão para ter notícias de Nalva. Quando a enfermeira o impede de entrar no quarto, Thomas argumenta que é parlamentar e tem “imunidades”. Eleonora chega na hora:

Eleonora - O senhor pode ter imunidades lá com as suas eleitoras desavisadas, mas aqui não manda nada.

Thomas Jefferson – Doutorazinha, doutorazinha....

Thomas, Ubiracy e Turcão ficam aguardando notícias de Nalva na sala de espera.

TJ - Vem cá, Ubiracy, será que essa... moça... essa doutorazinha não tá de curtição com a nossa cara, não, hem? – e diz entre os dentes – Sapatão...

Ubiracy - Que que é, Thomas Jefferson?

Turcão se levanta da cadeira ameaçadoramente.

U – A doutora Léo é homossexual sim, algum problema?

TJ – O que é de gosto...

Por trás de Turcão:

U - Não é da conta de ninguém! Agora, realmente, ela, além de homossexual, está sendo desumana, porque ela abandonou a gente aqui sem nenhuma notícia! E o

deputado em vez de ficar fazendo comentáriozinhos homofóbicos podia ligar para alguém, para o governador, para o ministro da saúde, para alguém, porque eu preciso de notícias da Nalvinha...

Eleonora conversa com Nalva e tenta consolá-la pela perda do filho. Nalva agradece à médica por não julgá-la, uma vez que é criticada pelos outros personagens por ter tentado se envolver com o cunhado. Os personagens que não seguem a moral conservadora criam nesse momento uma aliança e novamente o argumento é o da busca da felicidade, que justificaria as ações contrárias às normas hegemônicas.

Nalva – Obrigada, Eleonora, você foi a única pessoa daquela família que não me julgou, não me virou as costas, obrigada mesmo.

Eleonora - Quem sou eu para julgar alguém! Seja feliz, Nalva!

Há apenas uma cena em que acontece interação entre Eleonora, Jenifer e Ubiracy, e esta cena é relacionada à homofobia. Numa churrascaria, uma amiga de Ubiracy daria um show, mas não consegue cantar e ele sobe ao palco para comunicar o problema. É chamado de “bicha” por um homem da platéia. Responde: “Para você, é ‘dona bicha’”. Jenifer e Eleonora aplaudem.



Léo, Jenifer e Renato, ao lado de Nazaré

Nazaré (Renata Sorrah), a personagem mais politicamente incorreta da trama, encontra o casal já com o filho, Renato, no casamento de Isabel (Carolina Dieckman) e no mesmo instante identifica o tipo de família que formam, associando comentários homofóbicos e racistas:

Nazaré – Sapatões... Eu sinto longe o cheiro de couro (e tampa o nariz com um lenço).

O menino puxa o cabelo de Nazaré e mais uma vez se escuta a voz da personagem, em *off*: **“Tataraneto de Zumbi!”**

4.6 Casamento/Coabitação

Ao contratarem uma relação monogâmica e estável, e depois de enfrentarem as dificuldades de aceitação nas famílias, Eleonora e Jenifer decidem morar juntas. Analisaremos neste capítulo não apenas os termos do contrato que firmaram para organizar seu casamento, como também a reação de outros personagens em relação à coabitação das duas.

No capítulo do dia 9 de dezembro, há a primeira cena em que as lésbicas começam a estabelecer o contrato da relação. Ao combinarem um encontro, Léo destaca que pode precisar adiá-lo se tiver alguma emergência profissional. Jenifer reclama:

Eleonora – É, Jenifer, eu até queria falar isso com você. É o tipo de coisa que pode acontecer a qualquer momento por causa da minha profissão.

Jenifer - E você acha que eu não vou entender?

E - Eu espero que sim. Mas eu tenho muitos colegas que se queixam de problemas com as namoradas por causa disso. Médico, ainda mais de emergência, não tem hora pra sair.

Aos poucos, as personagens desenvolvem o discurso de que encontram apoio e afeto mútuo uma na outra e de que formam uma família. Depois que Eleonora briga com o pai por causa de sua orientação sexual, tem o seguinte diálogo com Jenifer:

Jenifer - Não fica assim, Léo, nós não estamos sozinhas no mundo, nós estamos juntas.

Eleonora - Eu sei. Isso é o mais importante pra mim!

J - Então não chora, Léo, não chora porque eu não quero ver você triste. E também não vamos deixar ninguém fazer a gente ficar triste porque a gente conseguiu se encontrar e estamos muito felizes por isso.

E - Eu não sei viver mais sem você, Jenifer, você é o meu amor e a minha família.

Cada dia mais, o casamento e a formação da família são vistos como a criação de um ambiente de apoio mútuo, físico e emocional. Como consequência da crescente dissociação entre sexualidade e reprodução que se tem visto nas sociedades ocidentais no último século, Luiz Mello (2005, p. 33) caracteriza a construção de representações práticas e sociais nas quais a função primeira da conjugalidade deixa de ser a reprodução da espécie.

Como nova função primeira da família, afirma-se a viabilização da sobrevivência material e psíquica dos seres humanos, seja no âmbito das famílias de origem – por meio de processos de socialização das crianças e dos adolescentes – seja no contexto das famílias instituídas por adultos que se escolhem livre e reciprocamente como parceiros afetivo-sexuais. (MELLO, 2005, p. 33).

Na novela, outros diálogos demonstram os desejos e fantasias de ambas sobre a futura convivência sob um mesmo teto. Eleonora diz que está procurando apartamento para as duas morarem, mas que não decidirá nada sem mostrar o local à companheira. “Afinal, essa vai ser a nossa casa, né?” e começa a chorar.

Jenifer - O que foi, bonitinha?

Eleonora - Eu imaginei agora a gente na nossa caminha, o Renato no quarto dele, dormindo feito um anjo, é tudo que eu mais preciso na vida para ser feliz...

J - Eu vou te fazer muito feliz, Léo! Tanto bem que você faz pras pessoas, você pode ter certeza, quem vai retribuir sou eu.

Os sonhos de felicidade conjugal fazem parte do imaginário de casais gays, tanto quanto dos heterossexuais:

Gays e lésbicas são socializados, não se pode esquecer, com base no mesmo conjunto de valores transmitidos aos heterossexuais, aprendendo da mesma forma que estes, a conferir grande importância à dimensão afetivo-sexual em suas vidas, por meio de um ideal de conjugalidade que atribui ao parceiro parte expressiva da responsabilidade pela felicidade dos sujeitos (...). Igualmente internalizam mensagens dos agentes sociais que impelem a maior parte dos seres humanos a buscar vivências conjugais como objetivo de vida fundamental, mesmo que para isso tenham que adaptar tais mensagens, ignorando o conteúdo heterocêntrico dos valores transmitidos. (MELLO, 2005, p. 21).

Na telenovela, Flaviana, avó de Jenifer, chama atenção para o passo importante que a neta está dando. Giovani apóia a decisão da filha:

Flaviana – (...) Jenifer, quanto a você, uma coisa que eu queria te lembrar é que morar junto com outra pessoa, seja lá de que sexo for, é um passo muito sério na vida de uma pessoa, meu anjo. Um passo que só deve ser dado depois de muita reflexão, depois de toda certeza.

Jenifer - Eu sei, vó, eu sei. Mas acontece que eu e a Léo, a gente já tá refletindo sobre isso há algum tempo, o surgimento desse bebê apenas precipitou tudo. Mas a gente tem muita certeza do passo que a gente vai dar. E agora, quanto ao meu pai...

Giovani - Quanto a mim, a mim, a mim mesmo, eu, eu... embora não entenda assim perfeitamente o que que tá acontecendo, eu lhe garanto-lhe na retaguarda (...). E ai de quem disser um ai. E isso inclui também o irmão dela. Em você eu dou uns cascudos. Agora, se for um estranho, eu vou proporcionar a esse estranho um mergulho prolongado na baía de Guanabara (...). Enfim, no que depender de mim, Jenifer, você pode ficar descansada.

J – Ai, pai, eu te amo demais!!

Danielle - Eu também te amo demais.

João Manoel – Essa família tá ficando muito do-ré-mi pro meu gosto, hem...

O amor romântico, diz Giddens:

Proporciona uma trajetória de vida prolongada, orientada para um futuro previsto, mas maleável; e cria uma ‘história compartilhada’ que ajuda a separar o relacionamento conjugal de outros da organização familiar, conferindo-lhe uma prioridade especial. (1993, p. 56).

Giovani acompanha as dificuldades legais que Eleonora e Jenifer estão tendo para alugar um apartamento, especialmente a de apresentar um fiador. A questão de ser um casamento homossexual, e por isso a falta de apoio irrestrito familiar com o qual contam os casais normativos, torna o estabelecimento de um local de moradia mais complicado:

Eleonora - (...) são tantas as exigências. E a mais complicada de todas é essa história de eu ter que arrumar um fiador.

Jenifer - Mas eu não tô entendendo, por que você não fala com seu pai?

E - Ah, não, Jenifer, sei lá, se fossem outras circunstâncias, mas meu pai, apesar de ter aceitado a nossa relação... ele é totalmente contra a gente morar junta, eu não vou fazer isso. Eu poderia pedir para a tia do Carmo, que com certeza não negaria, mas eu não quero incomodar ninguém, você me entende.

Eleonora, por ser mais velha e trabalhar, e provavelmente por ser representada como a mais desenvolvida das duas mulheres, toma todas as iniciativas para conseguir o apartamento e se recusa a pedir ajuda a Giovani ou a Maria do Carmo. Jenifer tenta compartilhar a responsabilidade com a namorada, mas Eleonora continua se mantendo em uma posição de decisão, não permitindo espaço para a companheira dividir as responsabilidades com ela:

Jenifer – Bom, você que sabe, mas, ó, não esquece que depois de alugar a casa você ainda vai ter mobiliar e vai ter um monte de despesa, e se eu morar lá também eu não acho justo que você arque com tudo sozinha...

Eleonora - Psiu... eu não devia nem ter comentado isso com você, pode ficar tranqüila, confia em mim que em breve a gente vai estar morando na nossa casinha bem linda e bem aconchegante.

A demora em alugar o apartamento pode levar Eleonora a não conseguir a guarda provisória do menino e Giovani decide oferecer um apartamento às duas, mas chama atenção para o peso de Jenifer na decisão.

Giovani - Aproveite para pensar juntamente com a minha filha, uma vez que ela vai ser a sua... cara-metade.

Eleonora diz que vai pensar e se despede de Giovani. O casal decide aceitar a oferta, desde que a casa fique no nome de Jenifer e Eleonora se encarregue de mobiliar o apartamento. Quando Danielle diz que vai fazer um chá de panela das duas e talvez também um chá de bebê, Eleonora e Jenifer gritam e a abraçam. Giovani faz um comentário irônico:

Giovani - É isso que eu quero, é isso que eu quero! Risos e abraços, uma família assim no sentido tradicional do termo. Porque, apesar do João Manoel, é isso que nós somos!



Eleonora pega um buquê e o entrega a Jenifer

Quando as duas vão conhecer o apartamento em que morarão, Eleonora chama atenção de Jenifer para a gravidade do contrato que estão firmando.

Eleonora - Desculpa eu te dizer isso, mas eu preciso. Espero que você não esteja encarando isso como uma brincadeira de casinha. Eu quero construir um lar com você. Eu quero construir uma vida junto com você...

Jenifer – Minha idéia também é essa.

O casal que configura nosso objeto de estudo constrói a cada dia seu contrato de coabitação e convivência. Poderia ser definido com as palavras de Anthony Giddens:

Essas mulheres (...) são, em um sentido real, pioneiras que se movem através de um território não delimitado, que traçam alterações na auto-identidade à medida

que se confrontam e são confrontadas com mudanças na natureza do casamento, da família e do trabalho. (1993, p. 67).

No transcorrer da trama, Jenifer expressa o desejo de casar de acordo com o modelo heterossexual, na igreja, quando, em um casamento, pergunta a Eleonora: “será que um dia a gente vai casar assim?”

Os autores criaram uma brincadeira com o fato de as duas serem impedidas de se casar de acordo com o ritual tradicional. Em três casamentos heterossexuais diferentes - Maria Eduarda (Débora Falabella) e Viriato (Marcelo Antony); Danielle e Venâncio; Isabel (Carolina Dieckman) e Edgard (Dan Stulbach) - Eleonora pega o buquê jogado pela noiva, mesmo não se esforçando para isso, pelo contrário, se afastando da multidão de solteiras que desejam o algúrio de que serão as próximas a se casarem. De posse do buquê, Eleonora sempre o entrega à Jenifer. Em uma das cenas, João Manoel comenta:

João Manoel - Era só o que faltava. Se duvidar, acabam casando...

Regininha – O que é que tem? Vontade elas têm e se a vontade é delas ninguém tem nada a ver com isso, João.

Sebastião – É, mas a lei não permite, do ponto de vista legal ainda não pode ser.

Na segunda vez que Eleonora pega o buquê, algumas pessoas comentam e riem. João Manoel reclama:

João Manoel – Ê, que baixaria, hem, mulher com mulher dá jacaré. Assim não dá!

Regininha – O que não dá é pra você falar assim da minha irmã e querer casar comigo. Eu não peguei de novo o buquê!

Na terceira vez, no casamento de Isabel e Edgar, Ubiracy está tentando pegar o buquê também, junto com as mulheres. Eleonora e Jenifer ficam longe, sentadas numa mesa, com Renato. Mas, mesmo assim, Léo pega o buquê.

Regininha - É sempre a Léo que pega.

João Manoel - É, logo ela, que não vai casar nunca.

Eleonora - Aí é que você se engana, João Manoel, eu e a Jenifer vamos registrar nossa união em cartório através de um contrato de comunhão de bens, o que não deixa de ser um casamento.

Maria do Carmo - É bom mesmo que façam isso, eu dou a maior força, já que agora as duas têm um bebezinho pra criar, não é mesmo?

Os discursos sobre a homossexualidade se entrelaçam nesse trecho do diálogo. João Manoel apresenta a perspectiva conservadora de que jamais homossexuais vão se casar. Eleonora destaca o perfil civil e laico do casamento, de que se trata de um contrato entre duas pessoas, o que incluiria indivíduos do mesmo sexo, e Maria do Carmo apóia o casamento, uma vez que a configuração do relacionamento das lésbicas assumiu o perfil de um casamento heterossexual com coabitação e filhos, e, portanto, mereceria e precisaria de proteção legal nos mesmos moldes. Na novela, Jenifer convida:

Jenifer - É isso mesmo, vai ser semana que vem, no cartório de Vila São Miguel. Agora, bom, se alguém quiser ir, considere-se nosso convidado.

Mas essas cenas, se chegaram a ser filmadas, nunca foram mostradas. Há apenas uma menção verbal de Eleonora dizendo que ela e Jenifer já se casaram quando - em um quarto casamento - as mulheres comentam sobre quem vai pegar o buquê.

Eleonora - Dessa vez vai parar no colo de outra, porque eu e a Jenifer já estamos casadas.

Em outra cena, o casal fez o mesmo anúncio, dizendo que assinaria um contrato de união em um cartório. João Manoel não consegue compreender a informação, uma vez que, para ele, todo casamento é heterossexual. Giovani comemora a união, mas a denomina “estranha”.

Eleonora - É isso aí, nós vamos oficializar nossa união.

João Manoel – Como assim? Cês vão casar de véu e grinalda? Qual das duas vai usar véu, grinalda...?

E - Vamos fazer o que toda pessoa faz quando se casa, assinando um contrato de união civil, devidamente registrado em cartório.

Jenifer - Exatamente, e assim nós duas passaremos a viver uma só vida, em regime de comunhão de bens.

E - E não se esqueçam que casamento é isso, um contrato entre duas pessoas, dessa forma nós vamos estar casadas, quer algumas pessoas gostem ou não.

Giovani - É isso aí, seu Léo, o importante é que eu goste e como eu falei tá falado. E vale o falado como se fosse o escrito. O amor é uma coisa muito boa, mesmo quando aqui e ali assume formas estranhas. O amor é lindo em todas as suas formas.

Jenifer e Eleonora se abraçam. Todos gritam “viva!”.

4.7 Adoção

A simulação completa de uma família heterossexual por Jenifer e Eleonora se completa com a chegada do bebê adotivo, Renato. Possivelmente, trata-se de um recurso de ancoragem (MOSCOVICI, p. 60) para trazer uma idéia nova, estranha (um casal formado por duas mulheres), para um sistema de representações compreensível para a maioria da população (presumidamente heterossexual) que forma o público da novela III e de cuja



Jenifer e Eleonora no momento da adoção de Renato

audiência depende a sobrevivência financeira da emissora de televisão, por ser o principal produto comercial da Rede Globo.

A ancoragem, explica Moscovici, “transforma

algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara a um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada”. A ancoragem reajusta o objeto. Em seriados voltados para o público homossexual, como *Queer as Folk* e *The L Word*, o paradigma, assim como o ponto de vista, são homossexuais, e esse tipo de ancoragem é menos necessário, havendo mais espaço para a diversidade de comportamentos e representações de gays e lésbicas.

Retratar personagens lésbicas coabitando e tendo filhos é recorrente nas representações dessa minoria na cultura de massa. A “previsível e chata” narrativa da gravidez de lésbicas (ou da adoção) surge como se “não houvesse nada para as lésbicas fazerem depois de saírem do armário além de casarem-se e terem filhos”, diz Sarah Warn (AKAS, 2006, p. 5). Na opinião da autora, a estratégia é tornar os personagens lésbicos tão “normais” e dessexualizados que os telespectadores vão quase se esquecer de que elas são gays.

Na novela, a adoção de Renato pelo casal homossexual é sempre definida como o menor de dois males: todo o discurso sobre a adoção é no sentido de que seria melhor para a criança estar em um lar de parentalidade homossexual do que vivendo situações de risco nas ruas ou em orfanatos. Apesar de o menino ser aceito pelas famílias estendidas das personagens lésbicas, ele sofre ressalvas por “não ter o mesmo sangue” e por ser negro.

A primeira vez que Eleonora e Jenifer falam em ter um filho é em dezembro de 2004:

Eleonora - (...) Não precisa ser biologicamente meu nem da minha companheira. Mas eu sempre achei que um dia eu iria me dedicar a uma criança. Ai, Jenifer, eu vou adorar fazer isso... Eu sinto que eu tenho a maior vocação pra ser mãe. Tanto que eu já decidi, o dia que eu estiver com a minha vida estabelecida eu vou querer ter um filho, ou pelo menos vou querer adotar um.

Eleonora consegue vislumbrar uma vida em que prazer sexual e satisfação afetiva estão aliados à criação de filhos, ainda que não sejam concebidos do modo tradicional. A idéia tem associações com o termo cunhado por Giddens (1993) “sexualidade plástica”, que representa a liberdade da sexualidade em relação à reprodução.

A redefinição dos limites e das possibilidades do prazer sexual e da reprodução biológica tem proporcionado uma reconciliação entre a alegria de viver e a satisfação sexual livre de condicionamentos religiosos sexofóbicos, ainda que o fantasma da Aids esteja à espreita. (MELLO, 2005, p. 31).

Na ficção, o desejo de Eleonora se concretiza na noite de réveillon. Depois de se despedir de Jenifer, a médica acha um bebê numa lixeira do hospital. A criança não foi apenas abandonada, foi jogada no lixo, o que é simbólico. Trata-se de um menino negro, que fica sendo cuidado no hospital.

Ao longo dos capítulos, há muitas críticas à mãe que abandonou a criança no lixo. Expressões como “que espécie de mãe é essa”, “desnaturada”, “não pode ser chamada de mãe” são usadas. Eleonora questiona se condições econômicas não teriam obrigado essa mulher a tomar tal atitude. Jenifer diz que “nada justifica jogar na lixeira, o bebê podia ter morrido”. Ao se comentar sobre a possibilidade de a mãe querer o bebê de volta, Jenifer diz que “filho não é uma coisa, não dá pra ter, depois desfazer, depois querer de volta”. Não há menções ao pai biológico do menino, o abandono é visto como exclusivamente materno.

Na trama, Eleonora revela a Jenifer sua intenção de adotar o bebê e conta que já estava na fila de adoção do juizado de menores. Inclui Jenifer na perspectiva de conseguir vencer o processo de adoção.

Eleonora - Esse bebê que apareceu assim, de repente, na minha vida, ai, eu tenho sim condições de criar essa criança e tenho uma companheira que pode me ajudar a fazer isso...

Jenifer fica temerosa de que a homossexualidade atrapalhe o processo de adoção:

Jenifer - Sinceramente, Léo, eu não sei, não sei. Já deve ser difícil para uma pessoa solteira conseguir adotar uma criança, agora você imagina se essa pessoa, essa pessoa ainda por cima for...

E - Como nós?

J - Isso mesmo... Preconceito existe, Léo, não dá pra fingir que não, não dá pra fugir disso...

Eleonora elabora uma argumentação baseada em seus direitos civis.

E - E também não dá pra deixar de lutar contra ele, Jenifer. Eu sou uma cidadã e tenho os mesmos direitos que qualquer outra pessoa, e um deles, sem dúvida, é o de ter filhos ou adotar uma criança.

Os embates ideológicos entre visões de mundo includentes e excludentes que cercam politicamente questões como casamento entre pessoas do mesmo sexo, adoção por homossexuais e, como aconteceu no passado, divórcio e relações concubinárias opõem visões de mundo contrárias.

A visão de mundo includente entende que a cidadania e os direitos humanos devem ser assegurados ao mais amplo e variado conjunto de indivíduos. Os defensores de um paradigma excludente ancoram-se na compreensão de que apenas os indivíduos que se enquadram nos limites dos valores e práticas sociais dominantes devem ser reconhecidos, incondicionalmente, como cidadãos e seres humanos (MELLO, 2005, p. 19). Eleonora sabe que provavelmente encontrará pessoas com visão de mundo excludente durante o processo de adoção.

Eleonora - Claro que eu vou ter que me preparar pra briga, eu sei que vou enfrentar dificuldades. Mas eu sou maior de idade, tenho casa, emprego fixo, preencho todas as condições. Esse país tem mais de 200 mil crianças e adolescentes sem família. Ninguém pode me impedir de adotar um. Eu vou adotar esse bebê, sim.

Jenifer - E nós vamos criar ele juntas!

Janice e Sebastião discutem o abandono do bebê. A notícia é triste e mexe com as pessoas, diz Janice, lembrando que, mesmo nos dias de folga, Léo não sai mais do hospital, cuidando do bebê. O pai diz que isso é natural: “foi ela que salvou a vida dele... estranho seria se Eleonora não desse atenção, não cuidasse dele, não se apegasse”. Aqui o papel de

mãe da mulher é mais uma vez naturalizado. Eleonora querer ser mãe é “natural”, o estranho seria se não quisesse.

Mas Sebastião acredita que o menino terá problemas por ter duas mães e nenhum pai. “Como é que pode? O menino precisa de um pai, de exemplo de homem”, diz. Léo retruca que existem vários exemplos masculinos na família, como o próprio Sebastião e Venâncio. O irmão diz que Léo pode contar com ele. Mas Sebastião continua com os questionamentos: “Vocês já pensaram nas coisas que essa criança vai ouvir, na pracinha, na escola?”. Léo responde que o menino será criado com muito amor e por isso “vai estar preparado para saber responder”. Janice comenta que sempre quis ter netos, mas do mesmo sangue, que é muito diferente “uma criança dessas”.

Janice – É diferente, minha filha. Vocês podem até achar que é meio escandaloso meu, mas fala a verdade, é diferente, porque a gente não sabe de onde vem essa criança, a gente não sabe quem são os pais dele, se esse menino tem alguma doença grave.

Essa visão restritiva “do sangue” e da associação das crianças apenas com seus pais biológicos é uma característica cultural das sociedades ocidentais. Theodore Zeldin informa que há sociedades que têm maneiras mais coletivas de lidar com a prole. As crianças ameríndias, por exemplo, recebem amor e cuidado indiscriminadamente de pais, parentes e de outras pessoas, e pertencem muito mais à comunidade do que aos pais:

Qualquer criança era um visitante bem-vindo aonde quer que a sua fantasia a levasse e sempre tinha a certeza de receber amor de alguém, ainda que nem sempre da mesma pessoa. (...) O afeto lhe era dado a despeito de ter nascido dentro ou fora do casamento; os órfãos eram criados em completa igualdade. (ZELDIN, 1994, p. 345).

Em outro momento, Sebastião e Janice conversam sobre o assunto. A questão do “sangue” é recorrente, há várias afirmações de que o menino será amado ‘como se fosse do nosso sangue’:

Sebastião – Ô, minha velha, quando é que a gente ia pensar que a nossa menininha ia tomar um caminho tão...

Janice - Pois é, Sebastião, eu também nunca pensei nisso. Como é que eu ia pensar que nosso primeiro neto ia ser o Renato, um meninozinho pretinho, adotado, filho da nossa filha e da companheira dela? Mas você quer que eu te diga uma coisa? Eu já tô completamente apaixonada por ele, como se fosse mesmo do nosso sangue.

A família de Jenifer começa a se preparar para a chegada de Renato. Flaviana assume a posição de bisavó e tricota um casaquinho para o bisneto. Giovani passa a se denominar avô do menino, acompanha a adoção e contrata um advogado pra cuidar do processo.

Quando João Manoel anuncia o casamento com Regininha, aproveita para provocar as lésbicas, desqualificando Renato como neto. É Janice quem defende a adoção:

João Manoel - Lhe garanto, lhe prometo aqui que vou lhe dar seis netinhos. Por quê? Porque eu sou o cara! E digo mais, hem, todos legítimos e feitos do método tradicional!

Janice - (...) Olha aqui, João Manoel, qualquer neto que tiver nessa família, adotado ou não, será muito bem-vindo, tá ? (diz, abraçada à Eleonora).

À medida que o processo de adoção prossegue, as famílias parecem perfeitamente integradas, não só quanto ao casamento de Eleonora e Jenifer, mas também quanto ao neto que está chegando. Em uma conversa com Janice, Giovani afirma:

Giovani - (...) Afinal de contas nós somos praticamente, assim, praticamente da mesma família, por que veja o que aconteceu, o João Manoel com a Gegininha (sic), o “seu Léo” com a Jenifer e a senhora, o Sebastião e eu vamos acabar sendo avós do mesmo neto.

As famílias ajudam o casal lésbico a arrumar o apartamento para a inspeção da assistente social que analisa a adoção da criança. Quando a visita acontece, Jenifer estava sozinha no apartamento e, depois, tem o seguinte diálogo com Eleonora:

Eleonora - Ela perguntou o que que você é minha?

Jenifer – Perguntou.

E - E você?

J - Eu disse a verdade, Léo, eu falei que sou sua namorada.

E - Não, fez bem, fez bem... de-de-devia ter dito isso mesmo.

J - Não dava pra mentir nessa situação.

E – Ô, meu Deus, só espero que isso não nos prejudique no processo de adoção do Renato.

No dia primeiro de março, foi ao ar a cena em que Eleonora conta a Jenifer que conseguiu a adoção. Legalmente, o garoto é adotado apenas por Eleonora. A cena durou 7 minutos e 42 segundos.

Eleonora - O juiz decidiu por mim! O processo acabou Jeni, sou a mãe do Renato.

Jenifer - O Renato é nosso! Eu não tô conseguindo acreditar!

E - Eu achei que não ia rolar, eu achei que não ia rolar, Jeni. Pelo fato de eu ser gay, que eles iam optar pelo outro casal lá, mas não, o juiz considerou o fato irrelevante. E achou melhor dar para a gente pelo vínculo emocional que a gente já tem com o Renato.

J - Ah, meu amor, que vitória maravilhosa a nossa. Não, a gente tem que contar para o mundo inteiro, para o mundo inteiro (em pé, abrindo os braços) essa nossa história para todo mundo saber que é possível, sim. O que é melhor para uma criança, viver abandonada aí na rua, sob ameaça constante de morte, exposta a todo tipo de perigo, sem a menor perspectiva ou viver numa casa e ter amor de duas mães?

E - A Justiça é que é sábia, escolheu a segunda opção. Não, e isso pode ajudar a diminuir o número de crianças crescendo nos orfanatos, sem o amor de uma família.

Aguardando a chegada de Renato



As duas famílias brindam com champanhe a chegada do neto. Mais tarde, em uma festa na quadra da escola de samba, Maria do Carmo diz à Léo e Jenifer que não há felicidade maior do que a chegada de um filho.

Léo e Jenifer vão a uma instituição pegar Renato. As duas usam vestido e salto alto, porque depois irão a um casamento. Léo chora quando pega o menino e diz “meu filho, meu filho”. Jenifer abraça os dois. A próxima cena do casal é a chegada com o menino no casamento de Isabel/Lindalva com Edgar Legran. As duas sentam do lado de Nazaré Tedesco (Renata Sorrah). As pessoas no casamento comentam a chegada dos três.

No casamento de Isabel todos se beijam: limites diferentes de acordo com a orientação sexual



No encerramento da cerimônia, os casais presentes se beijam. As lésbicas trocam um selinho. Apenas Turcão recebe um beijo na bochecha de Ubiracy e não na boca. Pode-se



No casamento de Isabel todos se beijam: limites diferentes de acordo com a orientação sexual

depreender daí que há um “triplo padrão” para a forma como as diferentes orientações sexuais são representadas na mídia, sendo os limites para os casais homossexuais masculinos ainda mais restritos do que os das lésbicas.

Quando Eleonora e Jenifer chegam em casa com Renato pela primeira vez, colocam o bebê para dormir e cantam, chorando, para ninar o menino. Mandam beijos uma para a outra. Esta é a última cena do casal na novela.

Última cena: colocando o bebê para dormir



Capítulo 5

Análise do Orkut

Passaremos agora à análise de conteúdo da Comunidade *Eleonora & Jenifer*⁶⁷, criada no Orkut por Diogo Iendrick, em 27 de agosto de 2004. Esse grupo chegou a reunir mais de 1.400 pessoas. É importante lembrar que, a partir desse ponto do trabalho, vamos lidar com personagens virtuais e, portanto, não temos como garantir que as informações prestadas pelas pessoas em seus perfis no Orkut correspondam à realidade. Optamos, assim, por identificar os internautas pelos “apelidos” que adotaram em seus perfis e assumiremos que, efetivamente, pertencem ao gênero que dizem ter, uma vez que este é o dado mais relevante para nosso foco de trabalho. Na comunidade em estudo, a maioria dos participantes se apresentava como pertencendo ao gênero feminino.

No site Orkut, as discussões travadas nas comunidades são públicas, acessíveis a qualquer pessoa com senha de acesso para o site. Por esse motivo, trato as informações contidas nas 437 discussões armazenadas no nosso *corpus* como de domínio público. Ainda assim, preferi usar apenas o primeiro nome de cada participante, como uma forma de proteger a privacidade dessas pessoas, embora qualquer internauta que acessar a comunidade possa ter acesso ao perfil dos que permanecem ativos no site.

Esclareço ainda que optamos por manter a grafia original das discussões, com todas as imperfeições formais e gramaticais, preservando assim, sem correções, a linguagem que vem sendo construída na Internet. É preciso esclarecer, ainda, que não nos aprofundamos na teoria sobre o ciberespaço e a Internet, por considerarmos que nosso objeto de estudo é a telenovela e a recepção desse grupo de telespectadores a ela, sendo a Internet, neste caso, apenas uma ferramenta útil para colhermos essas opiniões.

No texto, as participações dos internautas foram organizadas da seguinte forma: depois das aspas, a primeira palavra que surge em negrito no início das citações é o apelido usado pela pessoa. Em seguida vem o título do texto, seguido da data e da hora em que a mensagem foi incluída na Internet. O que vem depois é o comentário em si. Grifei em negrito trechos que considero mais importantes.

⁶⁷ <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=330155> .

Nosso objetivo com este estudo é mapear as opiniões dos participantes sobre a homossexualidade e sobre a forma como a telenovela *Senhora do Destino* representa as lésbicas, levando em conta a relevância de produtos culturais dos meios de comunicação de massa nesse sentido. Conforme expressa Stuart Hall:

As indústrias culturais têm de fato o poder de retrabalhar e remodelar constantemente aquilo que representam; e, pela repetição e seleção, impor e implantar tais definições de nós mesmos de forma a ajustá-las mais facilmente às descrições da cultura dominante ou preferencial (...). Essas definições não têm o poder de encampar nossas mentes; elas não atuam sobre nós como se fôssemos uma tela em branco. Contudo, elas invadem e retrabalham as contradições internas dos sentimentos e percepções das classes dominadas; elas, sim, encontram ou abrem um espaço de reconhecimento naqueles que a elas respondem. (2003, p. 254).

Para ressaltar a relevância do estudo de recepção é relevante recuperar aqui o texto de Jesús Martín-Barbero:

Na redefinição da cultura, é fundamental a compreensão de sua natureza comunicativa. Isto é, seu caráter de processo produtor de significações e não de mera circulação de informações, no qual o receptor, portanto, não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor. (2003, p. 299).

5.1 Papéis de Gênero

Os atributos considerados “femininos” das personagens Eleonora e Jenifer são o tema mais freqüente nas discussões dessa categoria em nossa comunidade de estudo. Na maioria das vezes, as telespectadoras expressam satisfação que Eleonora e Jenifer se contraponham ao estereótipo de “machona”, “caminhoneira”, “masculina”, “mal-humorada”, associado pelo senso comum às lésbicas. Há manifestações de satisfação pelo fato de as moças serem interpretadas por atrizes que “ninguém ia imaginar serem lésbicas”, mulheres “femininas” e “cheirosas”, como se vê nesse trecho:

“Juliana 10/14/2004 6:07 PM só por causa do cabelo curto? estereotipo bobo. o legal das duas atrizes escolhidas é que olhando pras duas ninguem diria que elas sao lesbicas. ainda bem que o autor teve o bom-senso de escolher atrizes femininas e nao uma trucker (nao tenho preconceito contra as masculinas, to só dizendo que é bom o autor mostrar que as femininas tb sao lesbicas, nao só as masculinas).”

“Eduarda e Mônica Lyne 27/10/2004 23:44 Oi Lyne, fala pra sua mãe que precisa rever os conceitos dela... pois eu e minha namorada somos como as da novela.. lindas e inteligentes, cheirosas, etc!! Duda: consultora de marketing e Mônica: advogada! Fala que ela que precisa sair nas baladas e ver que o mundo mudou.. graças a Deus! !rsrsr”

Algumas participantes, no entanto, destacam que a televisão, com essa representação feminilizada da lésbica, estaria criando um novo estereótipo – o da *lipstick lesbian*, a “lésbica de batom”, aquela que segue os padrões estéticos adotados pelas mulheres heterossexuais - tornando ainda maior a discriminação com as lésbicas masculinizadas ou que não seguem essas normas.

“Anônimo So existem lesbicas gatas como Elenora e Jennifer! 12/17/2004 06:04 Eu estava vendo um documentario outro dia no canal da tv a cabo e acabei concordando sobre um assunto (...) que era o esteriotipo. Pq todo gay, se for Homem precisa ser chamativo e toda lesbica precisa ser gata na midia e no mundo real e o que isso influencia na cabeça desses novos GLBTS (gays, lesbicas, bissexuais, travestis e simpatizantes).”

As discussões geralmente oscilam entre os pólos masculino/feminino. A perspectiva binária de gênero – masculino x feminino – norteia a grande maioria das discussões. Questionamentos que se enquadrem na perspectiva “*queer*” de desconstrução dos papéis de gênero são menos usuais. Esse fato nos leva a crer que a perspectiva teórica *queer* não perpassa o senso comum nacional.

É interessante notar que o mesmo tipo de discussão se deu entre a comunidade lésbica nos Estados Unidos e no Reino Unido sobre o seriado lésbico *The L Word*, conforme narram Susan J. Wolfe e Lee Ann Roripaugh (2006, p. 43). O sentimento de ambivalência também é encontrado naquelas espectadoras, demonstrando “intensa ansiedade no que se refere à identidade e representação lésbica”. De um lado, um grupo de autoras aponta o show como voltado para “desavergonhadamente satisfazer o olhar masculino heterossexual” (com as representações “femininas”). De outro lado, autoras apontam a representação visível de lésbicas na comunicação de massa como um “detonador de guetos” (*guetto-busting*) e focam na desconstrução de estereótipos negativos (2006, p.

44). A representação das lésbicas dentro do estereótipo feminino heterossexual é apelidada de “*revolução Revlon*” (p. 46).

De volta ao Orkut e à *Senhora do Destino*, entre o grupo de telespectadores em foco não são discutidas questões de classe social – ambas as personagens fazem parte da elite na cidade ficcional – nem de raça - as duas atrizes podem ser consideradas brancas pelos padrões brasileiros e têm os cabelos pintados de louro e alisados. Essas questões não foram abordadas, devido, provavelmente, às características de classe média do grupo de pessoas cujas opiniões estamos agora analisando. Todos os telespectadores em estudo têm acesso à Internet e ao Orkut, um site do qual só se participa com convite, e integram, portanto, a elite econômica nacional.

As discussões relativas ao binarismo masculino/feminino também se refletem na caracterização do personagem Ubiracy, cuja representação como “viado cômico afeminado” é vista como algo que pode “destruir” todo o trabalho de “quebra de estereótipos negativos” conseguido com a representação de Eleonora e Jenifer como um casal de mulheres “femininas”. A oposição masculino x feminino e a associação do sexo biológico à performance de gênero estão sempre presentes nas discussões do grupo em debate.

“Fer 10/15/2004 8:34 PM (...) Acho que podiam colocar um gay menos afeminado, e ele poderia ainda assim ser engraçado. E entendo que tenhamos muitos amigos assim, mas é preciso colocar uma cara olhando a bunda do eletricista? Deprimente... (...) Dizer que eles querem mostrar os dois lados não me convence não. Volto a afirmar, as pessoas que tem mais preconceito costumam generalizar, e acreditam que todo gay é daquele jeito. Essas pessoas precisam ver que não é bem assim. As pessoas que já sabem, não precisam ver outro lado algum. (...).”

“Martinha 10/17/2004 2:05 PM Quanto ao Ubiraci, ele é assim, veado louco mesmo, e paciência. Dizer que nao existem homossexuais assim seria demais (...). Os dois lados existem. Agora, convenhamos, já pensou mostrar uma sapatão caminhoneira na novela...seria o fim! Muito mais fácil de digerir um casal feminino, delicado, nao acham???”

“Lyne 10/15/2004 8:17 PM acho que no caso é pq o Ubaricí lá é do centro cômico. como ja estão levando na manha pra o povo aceitar o homossexualismo, botam o cara na

parte da comedia pra aliviar... pra não ficar akele comentario nojento que (por exemplo minha mãe) faria: "não existe isso q tem nessa novela: as sapatona tudo feminina e os viado com cara de homem!" até pq o viado escrachado é normal já... e é usual de se vê por aih. acho que foi a intenção mesmo, de não ficar tão falso (não que seja falso, mas fora do conhecimento dos heteros-desinformados)"

São buscadas nas personagens atitudes e sinais corporais que as enquadrem como parte da “comunidade lésbica”, como lésbicas da “vida real”. Como se vê nessa observação:

“Ana Unhas grandes? 9/13/2004 1:19 AM Já revi o vídeo algumas vezes e ficou a dúvida: a Jenifer está mesmo com unhas tamanho "fora do padrão"? Além da Eleonora, as meninas Clara & Rafa também tinham as unhas curtissimas... Será novamente o que? Bárbara ou direção?”

A forma como Eleonora se veste também é muito comentada e criticada pelas participantes da comunidade. Um estilo levemente andrógino adotado pela personagem – que foge ao padrão de saia e salto alto das outras mulheres da novela - é interpretado como “descuidado”. Parece que, para o senso comum brasileiro, a mulher que não usa todo o aparato de vestuário, maquiagem e acessórios destinado ao gênero feminino é vista como alguém desleixada e que não se cuida devidamente:

“Sandra Brechó pra Léo 12/07/2004 08:12 Galera, vocês estão reparando que a nossa querida Léo anda meio descuidada do "visu"??... Vamos então ajudar organizando um brechó de "ropitchas fashion" pra ela? (...)"

Detalhes da interpretação de ambas as personagens também são discutidos na comunidade com grande frequência, especialmente as dificuldades que transpareciam – de interpretação ou direção – de representar as duas mulheres como um casal. Comenta-se, inclusive, que, talvez por serem heterossexuais, as duas atrizes não estivessem habilitadas para representar realisticamente esse tipo de relacionamento.

“Lah Podem jogar pedra... 12/13/2004 18:46 Eu não gosto da atuação de nenhuma delas... Fraquinhas, fraquinhas... Também não creio que haja naturalidade nas "cenas de casal", não vejo paixão, nem emoção nenhuma na maior parte delas. Admito que elas melhoraram muito, do começo da novela para cá, mas acho que merecíamos mais.

Das duas ainda acho a Mylla Christie melhorzinha. Podiam ter arrumado duas atrizes que ficassem mais à vontade no papel...”

“Adriana Crítica a Mylla 12/31/2004 13:25 Sinceramente estou insatisfeita com a atuação da Mylla. (...). Sei que devemos agradecer porque pela primeira vez na TV brasileira há um casal de lésbicas que não foram "assassinadas" por incomodarem o público. Mas, tenha santa paciência!! A Mylla na maioria das cenas fala dos seus sentimentos como se estivesse pedindo um pão na padaria! Uma frieza que incomoda. O texto já não ajuda.. parece que o autor está tão "cheio de dedos" que se perde. (...). A Bárbara soa doce e meiga... acho que seu personagem deve ser assim mesmo. Afinal é a mais feminina das 2.(...). Somos mulheres e é inerente na maioria de nós a meiguice e o carinho quando nos relacionamos com outra mulher. É esse o diferencial de um relacionamento hétero, na minha opinião. Há uma cumplicidade indescritível! Não vejo isso entre as duas atrizes! Talvez por não serem lésbicas estejam tendo dificuldade nessa "demonstração"(...)”

A opção dos autores de usarem o apelido “Seu Léo” para Eleonora foi duramente criticada por participantes da comunidade. O apelido foi visto como uma confirmação do estereótipo da lésbica masculina, do qual a maioria das telespectadoras procurava se afastar, e de que um casal lésbico é formado por “um homem” e “uma mulher”. Outras internautas viram o apelido como uma expressão de bom humor. A nossa ver, trata-se obviamente de uma associação do casal lésbico a um casal heterossexual, em que uma das duas teria que desempenhar o papel de “homem”, proposta presente no senso comum, mas que vai de encontro à Teoria *Queer*, que identifica na representação de gênero uma performance confirmada pela repetição e não um comportamento inerente ao sexo biológico do indivíduo.

“Angel 01/17/2005 09:18 (...) nessa questão do "seu Leo", acho forçado e sem graça... sei lá, fica parecendo que realmente em relações assim uma tem que fazer o papel de homem ... ou vai ver que fui eu que não entendi.”

“Lee 02/18/2005 17:42 A Leo não é butch. Não tem porque apreciar o apelido. Ela pediu pra ser chamada de Leo, acredito, por ser mais curto e não por ser masculino. Não é nada gravissimo não fosse o fato de quase todos os que não conhecem o meio GLS acharem que sempre numa relação homossexual,alguém tem que ser o homem ou a

mulher. Ora, se houvesse um homem e uma mulher não seria relação homossexual.(...).".

“Ju 02/18/2005 09:55 Pois a mim nunca soou estranho, não. Pelo contrário, eu sempre morro de rir quando ele chama a nora de "seu Leo", o que, de fato, é um apelido unissex. Por que um personagem politicamente incorreto e engraçado como um exibicheiro, que dá jeito em tudo que a polícia não dá, teria de ser politicamente correto com os gays ou com qualquer outra "minorias"? Não parece incoerente? A meu ver, ele já surpreendeu até demais ao aceitar tão bem a relação das duas. Não me interpretem mal, mas acho que o preconceito, muitas vezes, tá no ouvido de quem escuta(...). Sei lá, acho que um pouco de humor é fundamental (...). Às vezes penso que a gente - e não estou dizendo que seja o caso de vocês - acaba se embrutecendo com a armadura da defesa, sabe? Até entendo os motivos, mas não acho que a rigidez seja benéfica em coisa alguma. Rir de nós mesmos é sempre um excelente termômetro de que tudo vai bem”.

5.2 Identificação com as Personagens

A identificação com as personagens é um dos fatores indissociáveis ao sucesso da ficção seriada televisiva, conforme indica a literatura sobre o assunto. Como afirma Heloísa Buarque de Almeida:

Nota-se aqui um ponto que se pode ver em quase todos os espectadores que se envolvem com a história: lêem a novela fazendo comparações com sua vida pessoal, tanto no momento em que se encontram, como com referências aos fatos passados. (...) Há um processo de comparação que gera ao mesmo tempo nos espectadores uma reflexão e uma constante revisão de suas posições, de suas escolhas na vida. (2003, p. 225).

Nessa análise de conteúdo dos textos inseridos na comunidade *Eleonora & Jenifer*, confirmamos essa teoria ao encontrar várias situações de identificação entre os telespectadores em estudo e as personagens lésbicas.

Um dos pontos de identificação ocorreu quando aconteceu o que se chamou na comunidade de “surto da Jenifer”, ou seja, quando a personagem rejeitou os sentimentos amorosos e sexuais que tinha em relação a Eleonora, negando sua própria homossexualidade. A discussão sobre o assunto se polarizou entre pessoas que “conheciam alguém que já reagiu assim” e entre outras que consideraram “irreal” e “ingênua” esse tipo de reação. É interessante notar que, em diálogos próximos ao fim da novela, o “surto” foi

apontado como a principal característica negativa de Jenifer, que passou a ser adjetivada como insegura e infantil.

“Angel 03/07/2005 10:15 (...) É claro que como inúmeras pessoas me identifiquei com algumas cenas, principalmente a fase de aceitação da Jen, acho que não fui tão mirim quanto ela, mas tbém tentei fugir de uma realidade que se mostrava cada vez mais clara.(...).”

“Lívia Ah, nem.... 3/11/2004 11:56 Eu torço demais pelas duas!!! Mas esses surtos acontecem na vida real tbm... hum... eu acho q vai ser bom pra explorar melhor o tema... e as pessoas vão ser obrigadas a torcer por elas e quebrar o preconceito... acho legal o impacto q o casal tá causando na cabeça da galera!!! =).”

“Josy INOCENCIA RIDÍCULA 11/06/2004 22:18 Gente... sinceramente, to passada, decepcionada, putz... sem comentario... Q porra de inocencia é essa q a porra da globo tentou mostrar no relacionamento dessas duas. A imbecil da jenifer, q deve ter uns 21, 22 anos na novela, deu beijo na boca da porra da eleonora varias vezes e nao se considera lesbica? Esse autor é completamente fora da real, quer escrever sobre algo q o imbecil num entende... onde ja se viu uma garota dakele tamanho num saber sua preferencia sexual e achar q beijo na boca de amiga é normal... (...).”

Em dois tópicos de conversa, um dos participantes da comunidade perguntou aos outros com qual das duas personagens se identificavam mais. Na primeira vez, sete pessoas responderam à pergunta: três se identificavam com Eleonora, duas com Jenifer, uma pessoa dizia se identificar com as duas e outra internauta afirmou não se identificar com nenhuma. Mais adiante, repetida, a pergunta teve mais repercussão: 18 meninas se identificaram mais com Eleonora, sete com Jenifer e cinco com as duas, de um total de 30 respostas⁶⁸.

A identificação e a inserção da trama ficcional no cotidiano das telespectadoras foram tão intensas que provocaram sonhos, que algumas vezes foram compartilhados na comunidade. Edgar Morin, em *As Estrelas*, comenta essa apropriação onírica das estrelas pelos espectadores:

A estrela de cinema se torna assim alimento dos sonhos. O sonho, ao contrário da tragédia ideal de Aristóteles, não nos purifica de fato de nossos fantasmas, mas, por outro

⁶⁸ Não foram contabilizadas as respostas de “personagens”, pessoas que se apresentavam na comunidade como se fossem os próprios personagens da novela. Respondem, portanto, de acordo com as características da

lado, atraí obsessivamente sua presença. Só parcialmente as estrelas provocam catarses e conservam fantasmas dos quais queriam, mas não podem libertar-se através de ações. O papel da estrela se torna aqui “psicótico”: polariza e fixa obsessões. (1989, p. 97).

Entre as narrativas de sonhos encontradas na comunidade em estudo:

*“Luciana Sonho 11/16/2004 18:57 (...) quero dizer q adorei essa comunidade pois além de ver o resumo da história do casal eu adoro os debates e o respeito com que todos se tratam. **Bom, eu tava tão ansiosa com essa cena q todos esperamos, q acabei sonhando com ela!** É, tava tomando sol na praia e eu acho q aquela ensolação toda me vez viajar bastante. Fiquei doida p/ contar! Seria assim: As duas iriam p/ o motel no carro da Jen, aí entrariam num quarto, conversariam. Ai iam cortar depois da conversa e iriam mostrar depois no outro dia de manhã elas na cama (cobertas mas com o ombro nu, indicando q elas dormiram juntas), a Jen estaria dormindo e a Leo estaria virada, olhando p/ ela e passando a mão no cabelo dela. Legal, não? Contem se gostaram!”*

*“Luciana (Luthy) Sonhei com a Bárbara Borges 12/31/2004 14:54 Enquanto esperava as compras pro ano novo eu dormi no carro e acabei sonhando com ela! Não, não era a Jennifer, era a atriz mesmo. **No sonho eu estava na casa dela, tinha usado o banheiro dela, sem querer imprimir algo no comp. dela e depois pedi desculpas, hehe.** Foi uma viagem. Como se eu tivesse intimidade ou a conhecesse há algum tempo. (...). Alguém já teve algum sonho assim também? Acho que isso eh pq me viciei demais nessa novela, hehe!”*

*“Angelina 01/02/2005 05:06 Infelizmente ainda não... **comigo aconteceu durante a novela Mulheres Apaixonadas, sonhei várias vezes com a Clara, algumas vezes me vi dando conselhos a ela e em outras aproveitando tudo que ela tinha de bom, rss.**”*

Encontramos situações de compartilhamento de experiências semelhantes às vividas pelas personagens. As internautas contam ter reações de grande emoção diante da narrativa ficcional. Como nesse depoimento:

*“Flavinha Demais... 02/15/2005 04:50 É... a cena foi linda demais mesmo... **até chorei, é como se me visse com minha namorada, tenho planos pra morar junto e tal, foi muito forte pra mim e ao mesmo tempo delicado, mostrou o lesbianismo como uma coisa normal, sensata, doce... demais...**”*

ficção. Se a pergunta fosse com quem a pessoa ficaria Eleonora, por exemplo, responderia que prefere ficar com Jenifer, porque seria como a personagem se comportaria.

Uma das internautas contou estar apaixonada por uma amiga, da mesma maneira que Eleonora, mas diferentemente da personagem, não tinha coragem de verbalizar seus sentimentos para a pessoa em questão.

“Anônimo Não vejo a hora!!!!!! 11/21/2004 19:27 (...) A Jen é meio lenta!!!! Quer dizer acho que não é nem isso de ser lenta,mas é que o processo de se assumir é mto complicado!!!! A sociedade é mto injusta e enfrentar as pessoas é uma ação que demanda grande coragem por mais que se ame alguém!!!! Sei disso, pq mesmo sendo apaixonada por uma pessoa, ainda não tenho a coragem da Léo e nem sei se um dia terei, por isso continuo na minha sendo amiga, mas sem ter coragem de contar toda a verdade, pq não suportaria vê-la distante!!!! (...)”

Em uma das poucas participações masculinas, um rapaz afirmou acreditar que um amor “lindo” e “puro” como o mostrado na novela “não existe mais na vida real”, expondo seus ideais de amor romântico (GIDDENS, 1993).

*“Bruno Acho lindo este relacionamento 11/22/2004 18:39 Este relacionamento das duas na novela é muito show, adoro a novela Senhora do Destino e acho que as duas deveriam ficar juntas. **Elas fazem um casal lindo.** Nossa, no dia que a Eleonora se declarou para a Jenifer deu até vontade de chorar... **a cena foi linda, mostrou um amor puro pela parte dela, que hoje em dia nem existe na vida real, mas vamos continuar acompanhando e ver se elas vão vencer todos os preconceitos juntas e ficarem unidas.**”*

“Com qual das duas – Eleonora ou Jenifer – você ficaria?” foi a enquete que mais recebeu opiniões entre as postadas pelos internautas na comunidade. No total, 48 pessoas responderam⁶⁹ (47 se diziam mulheres e apenas um homem): 28 ficariam com a Léo, 12 com a Jenifer e oito com as duas. Nessa enquete, muitas internautas se estendiam na explicação de por que escolheram cada uma das personagens. Entre os motivos que fizeram as internautas escolherem **Eleonora** são citados adjetivos e características como **decidida, madura, romântica, linda, experiente, resolvida, batalhadora, “sabe o que quer”, adulta, assumida, sexy, ousada, com atitude, atraente, independente, bom coração, gosta de crianças.**

Para **Jenifer** são imputadas características usualmente associadas ao feminino, como ser **doce, meiga, feminina, delicada, carinhosa.** A indecisão sobre a própria

⁶⁹ Mais uma vez, não foram contadas as respostas de “personagens”.

sexualidade é o principal motivo para rejeição da personagem, que também é adjetivada pelas que a preterem como **“cheia de frescuras”, “indecisa”, “menininha”, “fresquinha”, “dengosa”, “indecisa”, “insegura”, “infantil” e “xexelenta”**.

A representação ficcional da reação agressiva de Sebastião à revelação da homossexualidade da filha foi vista com satisfação por algumas internautas, pois, para essas telespectadoras, mostrava como esse tipo de informação é recebida “na realidade” por muitas famílias. A preocupação em “mostrar a realidade” é presente nos discursos de quem acompanhava a novela:

“Angelina Vai ser punk 12/03/2004 10:27 Mas concordo que é importante que esse tipo de reação dos pais seja mostrado, sabemos que isso acontece e muito. Será importante também pois assim o público poderá ver o sofrimento que esse tipo de rejeição causa, o quanto pode ser dolorido ter que fazer a opção entre o amor/carnal e o amor/fraternal.”

“Camila 12/03/2004 11:03 nossa... realmente é importante ser mostrado, pq acontece mesmo, e as vezes até pior. Conheço uma amiga que a mae dela tirou tudo dela, internet, celular e ainda seguia ela... tudo pra evitar que ela se encontrasse com a namorada.”

Em um dos tópicos, os internautas foram questionados se a novela havia mudado suas vidas, se havia alterado a forma como viam a homossexualidade ou como se comportavam em relação a ela. Também foi perguntado se tinha mudado a maneira como outras pessoas que conheciam lidavam com a homossexualidade. As respostas sugerem que houve algumas alterações, ao menos durante o período de exibição da ficção seriada. Espectadores heterossexuais contaram terem passado a ver com mais naturalidade os romances entre pessoas do mesmo sexo. Internautas que se diziam homossexuais narraram ter encontrado mais aceitação nas famílias. Alguns depoimentos:

“Raquel Sempre muda 03/06/2005 19:39 (...) confesso q a história da novela mexeu um pouco comigo. Me pegou numa fase bem complicada, de muitas mudanças, q coincidiu com o começo da novela. Acho q o q mais me deixou feliz foi o fato de um relacionamento dessa natureza ter sido tão bem aceito pelas pessoas, me deu uma esperança de q a sociedade está mudando (...).”

“Léo 03/06/2005 21:02 Minha vida era um tanto que complicada a respeito da minha orientação. Minha família ã aceita e depois de verem o casal Eleonora e Jenifer os preconceitos pararam um pouco, sou mais respeitado e ouvido dentro de casa e em todo ambiente familiar.”

“Angel 03/07/2005 10:15 Sobre a minha forma de encarar as situações praticamente nada mudou. (...) O quê realmente mudou, e coincidentemente conversei com a minha namorada ontem sobre isso, foi a forma como meu pai nos trata. Ele é do tipo gaúcho machão, criado no interior, durão por fora, mas sei que uma pessoa maravilhosa por dentro (como o personagem do Sebastião), nunca conversei abertamente com ele nem com minha mãe mas sei que eles sabem. Ele nunca tocou no assunto e sempre demonstrou não querer saber dessa parte de minha vida mas de uns tempos para cá ele mudou, não faz mais comentários como se eu morasse sozinha, se refere sempre a nós duas... parece me dizer que apesar de não entender, aceita e me respeita. Isso é muito gratificante e não tenho dúvida que deve grande parte dessa mudança dele a novela e a forma como o relacionamento das duas foi mostrado. Talvez não tenha sido ainda a história de nossos sonhos mas que deixou seu recado e com isso a sua contribuição para que a sociedade possa nos respeitar, isso não tem como negar.”

“Nívea Censura e bom senso 11/28/2004 17:18 Censura e tbm senso, deixem-me explicar pq antes d fikarem nervosas, assumo q até o meio da novela Mulheres Apaixonadas eu era preconceituosa, acho q o tipo mas "normal" q ã gosta d ver bjos-td bem mas longe d mim. (...) eles só querem saber de sexo, ã sabem amar. Até q qnd começou a novela, pude aos poucos reparar q ã interessa se é homem ou mulher, gostando d pessoas do msm sexo ou ã, todos tem uma mente e um coração e podem amar. Mas só pude perceber isso pq na novela abordaram o amor das duas da forma + delicada e ã mostraram nada além d alguns raros carinhos. Se ã fosse assim, se tivessem tido mostrado logo d kra elas se agarrando e tal, com certeza até hj eu seria preconceituosa, achando q homossexual ã pode amar (q viagem!), teria nojo e desligaria a TV. Hj sou até + feliz por ã me preocupar com a vida e a opnião dos outros. (...)”

O tema da adoção gerou apenas uma narrativa de identificação com as personagens:

“Daniele eu sei bem o que é isso 12/18/2004 06:38 todo mundo tá aqui falando e especulando como seria na novela ou na vida real mas ninguem ate aqui falou de um casal

que conhecesse ou de uma experiencia pessoal. eu fui casada com uma mulher por 4 anos e nós adotamos uma filha. ela é a mãe oficial mas a menina tem meu sobrenome tb. eu n queria mas fiquei com medo de perder ela e aceitei a doção. hj eu amo minha filha mais do que tudo. eu tinha apenas 19 anos na época e dinheiro nunca foi problema pra nós. nossa filha nos ama e sabe que tem duas mães. qd ela crescer a gente conta a história toda pra ela e eu sei que ela n vai se importar pq ela teve uma ótima criação. qt a novela acho válido a abordagem do tema sim. a união civil de homossexuais nao deve ser só p partilhar bens, mas permitir q duas pessoas de mesmo sexo possam ter filhos no nome das duas pessoas e partilhar guarda em caso de separação.”

5.3 Tipos de Carícias Trocadas entre as Personagens

Esta é a categoria que mais recebeu comentários e onde encontramos as discussões mais longas e apaixonadas. A expectativa de um beijo romântico entre as personagens lésbicas foi um mote recorrente ao longo de todo o período de estudo dos diálogos, e a possibilidade de exibição desse beijo mobilizou as discussões por meses. Todas as internautas que se manifestavam com frequência na comunidade eram favoráveis ao romance entre as duas personagens e também à veiculação de pelo menos um beijo romântico entre as duas. Não foi encontrado em nosso *corpus* ninguém que se posicionasse contrariamente ao relacionamento e às carícias físicas dentro dos limites do romantismo.

Os “selinhos” trocados por Eleonora e Jenifer na novela, apesar de inéditos em representações ficcionais anteriores, não satisfizeram as espectadoras. Pelo contrário, foram identificados como discriminatórios, uma vez que ficavam aquém dos limites de exposição de intimidade impostos aos personagens heterossexuais.

O grau de expectativa entre as telespectadoras pela exposição de um beijo gay na principal novela da Rede Globo é reflexo da importância emocional e política da visibilidade da vida gay na TV. O beijo romântico é parte central das narrativas de amor nos meios audiovisuais em nossa cultura, e sua ausência na narrativa de um relacionamento gay configura e reassegura discriminação e preconceito aos romances entre pessoas do mesmo sexo, de acordo com as opiniões expressas pelo grupo em estudo.

No início da novela, as discussões eram principalmente sobre que tipos de carícias físicas seriam trocados pelo casal em cena. A maior ansiedade se configurava, sem dúvida,

por beijos românticos. Nas primeiras intervenções na comunidade, havia esperança de que o beijo aconteceria, principalmente insuflada pelos “selinhos” que eram mostrados desde agosto de 2004. Nesse período foram encontradas discussões sobre outras novelas e por que o beijo não teria acontecido naqueles casos.

Ao longo da narrativa, a expectativa sobre quando e como aconteceria o beijo pontilhou os meses de exibição da telenovela. A cada cena do casal eram expressos pelas internautas desejos e frustração pela ansiada cena. À medida que foi se aproximando o fim da telenovela, identificamos nos comentários raiva e a frustração por não ter sido veiculado ao menos um beijo entre Eleonora e Jenifer durante toda a trama. Algumas internautas, no entanto, diziam-se satisfeitas pelo fato de o casal ter chegado vivo e junto ao final da narrativa.

Jesús Martín-Barbero comenta, em *Dos Meios às Mediações*, as dificuldades encontradas para veiculação da diferença na mídia de massa, de forma a reduzir ao mínimo o esforço do decodificador e assim “chocar minimamente os preconceitos socioculturais das maiorias”:

Já a televisão desenvolverá ao máximo a tendência à absorção das diferenças. E falo de absorção porque é esta sua forma de negá-las: exibindo-as livres de tudo aquilo que as impregna de conflitividade. (2003, p. 262).

No início da novela, a esperança e o desejo de ver um beijo romântico entre as personagens foi o tema mais comentado na comunidade em exame:

*“Ana 10! 10/3/2004 10:28 AM Realmente galera as cenas foram 10! Dessa vez foi como a gente queria mesmo: bem "declarado"! (...) **tenho a impressão de que pode sair um beijo de verdade ainda nessa novela (não aqueles "chupões" lógico)... A historia desde o inicio já foi aos beijos sem rodeios (selinhos tá, mas não importa), é como que se já queriam começar dando o susto pior, hehehehe, preparando terreno para coisas mais inesperadas...**”*

*“Lee mais um selinho 10/4/2004 7:36 PM Tá bom.Eu gosto de ver. **Mas o que eu quero mesmo é ver varios beijinhos quando elas estiverem namorando mesmo.**”*

*“Manu 2/11/2004 14:05 (...) eu não peço muito não. **Duvido que irão mostrar alguma coisa, então eu fico com insinuações bem sensuais e um beijo pelo menos. E quando eu digo beijo, é beijo mesmo. Até porque, convenhamos, muitas vezes é melhor uma cena dessas ficar aberta a interpretações do que ver a cena propriamente dita... (...)**”*

Mesmo um abraço já causava emoção em algumas telespectadoras:

“Camyla eu gravei 27/10/2004 08:07 foi tao lindo... eu gravei o abraço, eu fui pra faculdade e deixei gravando... ai q emoção :-) acho q vou pegar outra fita p deixar gravando quando eu for pra facul... vou guardar o abraço hehehe.”

À medida que a trama se estende e o beijo não acontece, vão surgindo os sinais de frustração. As manifestações demonstram cada vez mais raiva e a sensação de se estar sendo “enganado”:

“Manu 11/20/2004 09:16 Olha, se não tiver beijo na reconciliação, depois é que não vai ter. Ou ninguém aqui aprendeu a lição com 'Mulheres Apaixonadas'? Esperar até o último capítulo para ver um beijo é perda de tempo e paciência. (...). O que eles não fazem por audiência... Acho que isso é um insulto a comunidade gay e dentre todas as coisas, é o que mais ofende. Estão ganhando dinheiro as custas de expectativas de pessoas que têm esperanças de que algo finalmente será mudado, apenas para viverem de migalhas (como sempre foi). Lamentável.”

“Lee quem romperá esse teto de vidro da tv brasileira? 11/21/2004 19:28 (...) E os homossexuais? (...) Quando vamos poder ser representados romanticamente, que afinal é nosso maior diferencial, como qualquer outro casal? Com direito a olhares, palavras, toques, beijos (intencionais) e quem sabe até mesmo sexo, tendo essas cenas mostradas como as cenas de qualquer outro casal? Quem terá a competencia de quebrar esse teto de vidro? Ninguém melhor do que um autor homossexual, eu diria. Ainda não desisti de ver isso acontecer. Espero que o Agnaldo também não tenha desistido de fazê-lo. Ainda há tempo.”

“ Márcia 11/26/2004 05:53 o que mais irrita é o Agnaldo ter dito que as cenas e os diálogos seriam tão decisivos que "dispensariam" o beijo. Então tá, vamos fazer a campanha: "ou nenhum casal se beija mais, por ser dispensável, ou todos se beijam, inclusive as meninas... nos contentamos com tantas migalhinhas que nem precisa ser "o" beijo, pode ser de longe, de costas, a sombra refletida na parede...”

A cantora e escritora Vange Leonel, militante dos direitos lésbicos, participava da comunidade e também comentou a expectativa dos telespectadores e a ausência do beijo romântico entre Eleonora e Jenifer:

“Vange culpem o telespectador médio 12/10/2004 03:39 (...) Sinceramente, acredito que o Aguinaldo esteja empenhadíssimo em empurrar os limites do que pode ser mostrado em termos de homossexualidade na TV, e acho que a Globo também. O problema é que a Globo, como qualquer outra rede não-pública, depende de patrocinadores, que, por sua vez, se pautam pelos telespectadores. Ou seja, é o público (através das pesquisas encomendadas pela emissora) que define qual o limite. A margem de manobra dentro desse limite é mínima, daí o uso de recursos como subtextos e simbologias (...). É chato, eu sei, também gosto de coisas mais explícitas.(...) apesar de ser testemunha ocular e participante do avanço lento e progressivo da visibilidade gay, e de acreditar que muitas vezes as coisas são conquistadas aos poucos, eu vivo oscilando entre dois pólos: há momentos em que sou tomada por uma compreensão de que o avanço é gradual (...), mas em outros momentos o que bate é frustração mesmo (...) acho que esse sentimento de ambivalência (a compreensão convivendo e alternando com a frustração) habita os corações e mentes de todos gays, lésbicas e simpatizantes que desejam ver mais homoafetividade na TV.”

Poucos homens participaram das conversas na comunidade, mas os que se manifestavam também pediam a encenação de beijos entre as protagonistas e ainda entre os outros dois personagens gays da trama:

“Thiago 01/18/2005 20:45 (...) quero um bjo de lingua, tecnico, claro, mas bjo bem gostoso das duas. Tb podia ter um do Bira e do Turcão, hehe.”

Há quem veja a abordagem da homossexualidade pela ficção seriada apenas como mais um recurso narrativo para revitalizar a desgastada fórmula do amor romântico:

“Uma Respondendo 11/26/2004 19:06 (...) Outro fato deve-se ao fato que já foi explorado ao longo dos anos pelas novelas tudo q pode acontecer com um casal Hetero.”

Em vários momentos, muitos participantes externaram medo de que, se as imagens de beijos e carinhos físicos mais íntimos fossem mostradas no ar, poderiam provocar a ira dos setores mais conservadores da sociedade. Várias pessoas se disseram preocupadas com que cenas de amor entre pessoas do mesmo sexo pudessem “chocar” ou “agredir” os telespectadores hegemônicos. Muitas vezes a calma e a paciência foram apontadas como a forma de conseguir espaço, mostrando a consciência de que a comunicação de massa e suas representações representam um processo histórico (HALL, 2003, p. 259):

“Cacau 11/20/2004 09:09 ai gente, vamo esperar... ele tbm nao pode ir jogando assim. Tenho certeza que mesmo com essa cena que nao vai mostrar "nada" muita gente vai sair chocada... entao eu acho que ele ta fazendo tudo certinho, seria demais um beijão caliente e logo depois a insinuação de que elas dormiram juntas haahuahuhua assim muita avó tem um enfarto hahuahua..”

“Luana 11/26/2004 19:54 (...) Eu acho esse negócio de "não suportar ver" irreal. Como assim não suportar ver um ato de carinho? Eu sei que existe gente que não gosta, odeia, sente nojo, mas não SUPORTAR? A pessoa desmaia, é isso? Ô mundo estranho..”

“Priscilla 12/09/2004 20:15 Não é truque barato não... As pessoas não estão acostumadas a ver isso... então tem que começar aos poucos!!! Eu acho que o diretor tá indo muito bem... com calma ele consegue espaço para expor o assunto!”

As internautas mostraram-se bastante conscientes do padrão duplo que rege os romances homo e heterossexuais e também sabiam que o casal lésbico não teria o mesmo espaço romântico que os outros formados por homens e mulheres:

“Lee 10/3/2004 7:35 AM Acho que teremos pelo menos um ou dois beijos mais longos (sem lingua) mas acho difícil termos cenas calientes. Acho que os momentos mais quentes vão ficar na sugestão, mas se bem feitas podem até satisfazer. Aguardemos.:) Só não quero borboletas voando, bambi ao fundo e uma penteando o cabelo da outra. Ai vai ser dose.”

Há muitas comparações indignadas sobre a discriminação na forma como são mostrados na ficção seriada os momentos íntimos entre os casais heterossexuais e os homossexuais. As internautas destacam, por exemplo, que a personagem Jenifer beijou Thomas Jefferson, com quem teve um breve *affair*, mas não foi mostrada beijando Eleonora, com quem se casou. Em outra linha de argumentação, espectadores se contentam com o simples fato de o casal chegar vivo e junto ao fim da narrativa:

*“Ártemis A cena 2/11/3004 13:22 (...) Por falar na cena de Leandro e Nalva, eu fiquei boquiaberta: "quisso! vai dar uns tapas nela e vai comê-la de quatro às 21 hs!!!". Depois ele virou, aí eu pensei: ah, bem... Pq os heteros podem tudo. Aliás, ontem estava um come-come na novela adoidado. *rs* Só nossas moçoilas não podem... se ficarem nesta mornice tb depois de iniciado o namoro... ikk! Então, ter uma cena destas pras duas, nem sonhe... mas que a Jen merecia, merecia. *rs*”*

“Mãe da Jenifer ja estou 11/19/2004 16:37 nem um bjo?? sem comentarios

Hoje ficou passando o mala do João Manoel la com a Regininha no maior amasso e pra nós que esperamos tanto por esse dia um abraço????????????? Tô revoltada, não gostei se fosse pra ser assim preferia nem ver nada.”

*“Ana E tem mais.... 11/23/2004 15:39 Outra coisa gente, é tão hipócrita essa negação do beijo que chega a revoltar. Só a título de ilustrar esta questão da "falsa moralidade", não sei se vcs viram a cena da Angélica deitada no sofá e perceberam a "insinuação" da almofada que ela estava "apertando" contra o corpo, mais precisamente "entre" as "coxas", numa referência explícita a um "estilo" comum de masturbação. Assim como esta, já houveram outras insinuações de forte conotação sexual, como uma referência a uma possível **cena de sexo anal (Nalva & Leandro), menàge-a-trois (Madrugá & Massagistas tailandesas), voyeurismo (Josivaldo)** e por aí vai... Eu, particularmente não tenho nada contra cena nenhuma, até mesmo pq sou bem safadinha (hehehe), mas o que questiono é como pode haver um peso e uma medida diferentes em relação a situações semelhantes. Desde quando é correto ter permissividade com "putaria deslavada" e em relação a um simples e básico beijo na boca, ter toda uma ladainha de restrições?”*

Sobre o romance de Jenifer com Thomas Jefferson, houve um grande número de comentários na comunidade. Em muitos casos, era destacado que seria bom Jenifer ter um envolvimento com um homem, porque, de acordo com o senso comum, muitas vezes acredita-se que o “homem certo” poderia mudar a orientação sexual de uma lésbica ou ainda que ela não poderia saber se é gay sem testar a heterossexualidade. Heloísa Buarque de Almeida comenta que as críticas de ordem moral à novela, principalmente em relação à sexualidade feminina, foram um dos pontos mais enfatizados pelos entrevistados em sua pesquisa de campo (2003, p. 215).

“Ana Chato mas necessário 9/20/2004 2:54 PM Oie povo e pova! Seguinte, acho essa situação super necessária. Sendo ambas inexperientes, e passando ainda a Eleonora, a impressão de ser a mais velha e mais madura das duas (pelo menos eu acho), se entrarem direto no "love", a opinião pública vai começar a especular sobre os velhos chavões de sempre: de que ela (Jenifer) foi influenciada pela outra, que ela é lésbica pq nunca "experimentou homem", mais um monte de outras bobagens...?”

“Lee 9/21/2004 5:35 PM (...) Acho que também deviam fazer os casais HT experimentarem ficar com pessoas do mesmo sexo pra eles terem certezas do que gostam. Hehehe.”

“Trash Varinha mágica: Homem Ideal 9/22/2004 5:12 AM Essa coisa de não ter conhecido um homem equipado com uma varinha mágica pra fazer uma mulher feliz é coisa do passado, quando será que os conservadores de carteirinha irão se tocar de que os tempos são outros e que as pessoas liberais, estão cada vez mais liberais. Não sei se eu acho necessário esse lance de rebeldia e sair com carinhas antes de enfrentar o espelho e se admitir apaixonada por outra mulher, mas enfim, TV é um espetáculo e novela acaba refletindo o que a maioria dos espectadores querem ver...”

Outra posição crítica recorrente entre os membros da comunidade foi com a suposta falta de tolerância dos telespectadores para assistir a um beijo entre duas pessoas do mesmo sexo, mas tendo esses mesmos espectadores capacidade para acompanhar narrativas de personagens considerados “maus”, que matam, roubam e cometem crimes impunemente:

“Márcia 11/21/2004 21:40 (...) É o fim ter que aguentar o cara reclamando de ter que assistir à cena de duas mulheres se beijando junto com a família e não ter a mesma reação ao assistir a Nazaré roubando uma criança, a Nazaré matando o marido, o vereador traindo a mulher, o bicheiro e seus capangas, o bandido batendo na mulher, etc., etc., etc.. Sendo totalmente piegas, já tava na hora do mundo começar a se preocupar com a exibição da violência e não do amor!!”

Em vários comentários vemos um racicínio de “avanço” e “evolução” na narrativa sobre romances lésbicos na ficção seriada brasileira. De acordo com essa argumentação, teoricamente, o “tempo” traria necessariamente a diminuição da discriminação na representação ficcional de um namoro homossexual. Essa diminuição teria que ser lenta, gradual e em etapas: a cada cena/novela/década, esse preconceito diminuiria e mais cenas de intimidade poderiam ser mostradas. A diminuição do preconceito é percebida como um processo histórico gradativo. Mais uma vez, uma parcela das participantes pedia “calma” e “paciência”:

“Angelina Bom senso 12/09/2004 11:12 Também faço parte do time que torce para que, pelo menos, um beijo mais convincente possa ser mostrado, mas para que essa cena um dia possa acontecer teremos que aguentar ainda muitos selinhos e cenas veladas.

Gente, é assim que funciona, devagar, sem forçar a aceitação do público, isso tem que vir naturalmente, como está acontecendo. Muito já se criticou o Manoel Carlos sobre os abraços intermináveis da Clara e da Rafaela, mas foi essa primeira abordagem, foi com a aceitação do casal lesbian/teen, que hoje podemos assistir cenas de selinhos e de duas meninas nuas na cama. Sinceramente, beijo de língua e cenas "fortes"... nem nos próximos capítulos, mas tenho esperança que em uma nova novela sim. Muita paciência meninas!!”

“Kaka Transição 11/23/2004 18:47 Gente, nós estamos vivendo um momento de transição. Vocês se lembram que o André Gonçalves apanhou na rua quando fazia um personagem gay, depois por pressão da opinião pública, o casal gay de Torre de babel teve que morrer, depois as meninas de mulheres apaixonadas apaixonaram o público, haja vista o salto na carreira de Aline Moraes. Evolução né. Eu torço muito e quero muito, muito mesmo não só beijos reais, como cenas mais calientes, como são mostradas entre os casais héteros, porém se isso ocorrer e o público não aceitar, talvez a história delas seja mais uma a ser interrompida e uma discussão tão relevante como a adoção por casais homossexuais não ocorra, por isso é melhor ir com calma. A novela global das 9 tem uma audiência e repercussão "felomenal" e interfere diretamente na opinião das pessoas. Melhor ir com calma e garantir algum progresso.”

“Melissa Reclamando de barriga cheia... 11/28/2004 17:33 Garotas... vejo mtos aqui descontentes com o "puritanismo" das cenas das duas, e reclamando da censura... Mas eu acho q nao devemos reclamar de barriga cheia, na minha opinião já é inacreditavel que cenas como a das 2 na cama estejam passando em plena novela das 8. Se dependesse de mim, as cenas seriam super pornográficas, mas nós temos que entender que a revolução tem q ser gradual... não podemos esperar q do dia pra noite haja um casal gay na novela que tenha o mesmo tratamento dos casais heteros. Essa conquista se fará passo a passo (...). Vamos comemorar as vitórias ao invés de reclamarmos das derrotas...”

Nem todas as internautas pensavam assim:

“Ana Não acredito mais em transição! Nem em gnomos! (1) 11/23/2004 23:30 (...) atualmente - não consigo mais aceitar que "ainda" estamos em um momento de "transição". Me parece sim, é que ficamos todos "habituaados" a continuar pensando

assim, como se estivéssemos sofrendo de uma crise aguda e coletiva de "compreensão compulsiva" (...). percebo é um comportamento generalizado de "acomodação" (inclusive de minha parte, devo admitir), onde todos nós queremos uma representatividade de igualdade, mas talvez por acreditarmos (ou termos sido convencidos) que esta conquista esteja exclusivamente sob a alçada da competência ou obrigação de terceiros, continuamos aqui, a esperar que a realização de nossas reivindicações, um dia quem sabe, nos seja finalmente dada de "presente". Só que tem um detalhe: enquanto estamos aqui, cheios de compreensão, paciência, etiqueta e timidez, esperando que a opinião pública dê sua "autorização" para sairmos do limbo, nossos "inimigos" declarados (os moralistas, religiosos e homofóbicos em geral) estão tão bem ocupados quanto bem dispostos, se mobilizando em "ações" concretas e organizadas, para que este dia não chegue nunca."

Uma participação de uma internauta autodeclaradamente heterossexual sugere que a dessexualização do romance lésbico e a sua investidura nos termos do amor romântico são a forma de torná-lo palatável a esse público conservador:

"Alyssa Cenas "fortes" 12/09/2004 10:10 As pessoas nessa comunidade falam tanto em mostrar cenas mais fortes da Leo e da Jen, mas se eles começarem a mostrar essas cenas as pessoas passarão a vê-las como duas lésbicas pervertidas, e não como duas meninas que se amam. Eu, por exemplo, sou heterossexual, mas simpatizei com as garotas desde o início da novela e acho linda a relação das duas. Acho que eles terem mostrado as duas se conhecendo, se apaixonando, a Jen se descobrindo, isso tudo fez com que as pessoas achassem a relação das duas inocente... bonita. Agora, se eles mostassem cenas mais fortes as personagens perderiam essa inocência e também a simpatia de grande parte do público. Mas é claro que um beijinho não faz mal a ninguém não é?!"

Outras participantes da comunidade destacaram preferirem não ver nada "vulgar" ou "muito explícito" entre as lésbicas, como foi mostrado em cenas de sexo heterossexual em *Senhora do Destino*, e também sugeriram manter o "romantismo":

"Gilly 11/03/2004 22:10 Concordo que a vulgaridade nao vai e nem deveria ser mostrada. Justamente por isso as duas estao sendo (de certa forma) e serão o casal mais bonito. Basta ver umas cenas da Rita com o Constantino pra ficar enjoada (nada contra as cenas hetero, mas vá, os dois são péssimos!) e coisa e tal. (...) Mas a gente merecia um beijo de verdade num close shot, merecíamos sim!"

Depois que Eleonora e Jenifer se tornam um casal, as cenas de sugestão de intimidade de ambas na novela diminuem em comparação ao início da trama, o que desagrada às telespectadoras do grupo em estudo. Fica claro que o que dá prazer a essas telespectadoras são cenas de conquista, romance e namoro. Novamente, há críticas à interpretação das atrizes e ao “desconforto” do casal em cena.

“Bia EM BANHO MARIA 12/16/2004 11:22 Eu honestamente acho que as cenas estão mornas, esfriando quase (...). O que eu sei é que Mylla Christie esta ruim de fazer pena. Ela é fraquinha demais, não passa a menor credibilidade, articulação equivocada, expressão inesistente e fé cenica nenhuma. Se ela não acredita na personagem dela, como nós podemos acreditar? Quimica? O que é isso? As duas simplesmente não se entendem, não passam a menor cumplicidade e se a equipe de direção principalmente, não tomar providência, esse casalzinho não vai convencer muito não.”

“Lah Desconfortáveis... 12/15/2004 07:51 Estão provavelmente desconfortáveis nos papéis, não sabem como agir com naturalidade, talvez nem mesmo saibam o que deveriam estar fazendo, vai saber o que Mylla Christie e Bárbara Borges sabem e/ou pensam sobre homossexualidade (...). Bem, nem vou entrar no mérito da questão se é diferente ou não um namoro homo de um namoro hetero, seja entre quatro paredes ou na situação que for. Mas, se admitirmos que é igual, então alguém precisa avisar ao autor, diretor e atrizes. Alguém precisa dizer que o texto é uma droga (com exceções, claro, afinal, toda regra... blábláblá), que namoro lésbico não é namoro infantilóide de abraçinho à distância, selinho medroso, que tem paixão também. (...) não custa tanto assim construir cenas e falas que apresentem um casal DE VERDADE, apaixonado messsssmo, que se olha, se faz carinho, se abraça, se diz coisas gostosas... (...).”

Outras participantes reagem com muita ironia em relação ao padrão duplo de representação de relações heterossexuais e homossexuais, como em comentário sobre uma cena em que Eleonora penteou os cabelos de Jenifer: “Pentear cabelo é preliminar de lésbicas na TV”, diz uma das participantes da comunidade. Em outro comentário, é mantido o tom irônico:

“Lee prece 12/14/2004 05:30 Dai-me paciência,amado Senhor, para que eu suporte sem traumas os infinitos abraços com intenções que só as outras personagens da novela enxergam.Dai-me forças para apoiar a iniciativa dos autores e da direção da

novela ainda que as cenas me causem profunda irritação, desgosto e ira como as cenas de hoje. Fazer-me mansa o bastante para aguentar o que for preciso para finalmente quebrarmos esse maldito (oops, sorry, Lord) teto de vidro mas não passiva demais que não exija mais sempre. Que eu saiba distinguir a boa vontade da covardia, mas que eles pelo menos saibam também. Amém.”

*“Marina preconceito 11/26/2004 16:50 Sei lá gente... acho que sou meio preconceituosa... aquele cara na bunda da menina... **não tô muito acostumada a ver casais hétero, sabe, se esfregando no meio da rua daquele jeito...** Deve ser por causa dos lugares que eu frequento... Assim, nada contra, eu até respeito sabe, mas, se fossem meus filhos...”*

As críticas ao tema da adoção também começam muito antes de o assunto ser efetivamente elaborado na narrativa. Em muitos momentos há uma contraposição entre a possível veiculação de um beijo entre o casal e a adoção da criança, como se fossem excludentes:

*“Lee 11/21/2004 20:44 Desculpem a sinceridade. **Mas se o povo sequer admite ver um simples beijo entre iguais, acho difícil que eles aceitem que os mesmos adotem uma criança.** Ou então será a velha história: o que você prefere, morrer cortado em pedacinhos ,fatiado lentamente em agonia ou levar um tiro na cabeça?Voce prefere que essa criança fique na rua e vire um marginal ou seja adotada por um casal gay?Pra mim o tema adoção teria relevancia maior se fosse a adoção de qualquer criança, não só as que **ninguém aparentemente quer.** Anyway, seria outro tabu quebrado. Quem sabe (...). Não sou contra a abordagem do tema adoção. **Apenas acho que deveria se privilegiar o romance e não a função social que o casal possa vir a ter. Nem todo gay quer adotar. Mas todos querem o direito de amar mais livremente.**”*

Há também muitas críticas em relação à forma como as cenas de Eleonora e Jenifer na cama são representadas, sempre com as duas personagens adormecidas ou conversando, sem contato físico:

*“Gilly 11/26/2004 20:00 Adorei esse termo! namoro de cobra! também achei estranho, **ainda que elas não estivesse abraçadas, poderiam estar pelo menos mais perto uma da outra...** realmente irreal essa coisa de não suportar, **afinal de contas, as duas já estão ali seminuas, cobertas só por um lençol, na cama. Até uma criança de 10 anos***

entende que elas fizeram sexo. Por que então não colocar isso de uma forma delicada e bonita? Um pouco de carinho não ia chocar (mais) o telespectador.”

“Famke camas 11/25/2004 16:36 foi uma delícia vê-las dormindo e acordando... ainda mais naquela sequencia de casais abraçadinhos. acho que ficou bem óbvio que elas não dormiram abraçadas porque isso não pode ser mostrado. esse autor está arrasando - jogou a responsabilidade da falta de realismo nas cenas das duas pra audiência. minha mãe disse que ficou forçado - que elas deveriam ter ficado abraçadas. e olha que ela é careta pra caramba!”

“Anônimo A Globo Continua Iludindo Todas Vocês! 11/26/2004 02:53 O que me admira é o fato de vocês ainda darem audiência para a globo! A cena de ontem foi ridícula! Vários casais da novela acordaram abraçados e felizes e as duas pareciam amigas dormindo na mesma cama de um acampamento. Faça-me o favor!! Sem contar o fato de que a Jenifer pareceu não ter gostado do que provou... (...)”

A falta de contato físico entre as personagens é motivo de angústia para as espectadoras ao longo de toda a trama:

“Vange laboratório 12/16/2004 10:13 bom, acho que qualquer uma de nós aqui poderia dar ótimas dicas. Supondo que elas não podem mesmo extrapolar um certo limite para não "agredir" o telespectador médio, eu sugeriria, para começar, que elas se abraçassem de corpo inteiro, pelamordedeus!!! (é horrível esse negócio delas se abraçarem do ombro pra cima - nem mesmo os seios se encostam!!).”

Percebemos que a sede por representação na ficção seriada, especialmente das internautas que se auto-identificam como lésbicas, é enorme. O simples fato de se verem representadas de maneira considerada positiva – ainda que com discriminação – gera manifestações de satisfações por parte dessas pessoas cujas opiniões estamos analisando:

“Ana 9/16/2004 8:43 PM Achei muito fraquinho... mas antes "aquilo" que "coisa nenhuma". Também achei as cenas das duas curtas demais. Sinceramente, Clara & Rafa apareciam muito mais! Mesmo no comecinho da novela.... (...)”

“Clara 11/20/2004 10:09 Meu desculpem estão todas decepcionadas. O que interessa é que elas estejam juntas e felizes!!! Tipo sei la... Acho que o autor vai esperar a repercusão para ver se bota ou não o beijo! Sei la, eu acho legal mostrar o beijo

*e talz. **Eu até queria que tivesse mas se não tiver não fará diferença. Se as 2 estiverem felizes ja ta ótimo! (...)***”

*“Lee casal normalissimo... tá bom... 11/21/2004 17:34 Já vimos que o tratamento "classudo" dado ao tema é igual ao tratamento "delicado" dado em Mulheres Apaixonadas. Bom gosto, classe,delicadeza, sutileza. Pra mim isso tem outro nome: falta de ousadia. Mas tudo bem, em fevereiro começa o The L Word. Continuarei a ver a novela e a torcer pelo casal. Mas a expectativa foi quebrada e acho que dessa vez não dá mais pra colar. **Pelo visto temos que lambar os beiços e levantar as maos pro céu pelo final feliz. Quero me animar e dizer a mim mesmo que isso é um grande progresso. Mas tá dificil fazer isso hoje (...).** Lembro que antigamente quando alguém levava um tiro em cena,levava a mão ao local, fazia cara de dor e caia lentamente. Hoje,o sangue se espalha como molho de tomate pela cena. **Quem começou tal ousadia realista?Alguém deve ter dado o primeiro passo.Penso que na primeira vez que "sangue" foi visto nas telas, as pessoas devem ter achado um exagero de mau gosto. Mas agora a cena é apenas realista. O que falta, meu Deus? Quem vai dar esse primeiro passo? Que outra oportunidade teremos?Ah,deixa quieto.Eu não tenho duvidas que a cena vai ser linda. Mesmo sem o beijo. O que algumas pessoas não entendem é o porquê desse detalhe ser tão importante. O beijo para o amor é como sangue para o tiro. Só se acredita em um quando vemos o outro.**”*

Uma das atitudes propostas por alguns participantes é a “saída do armário”, tornar-se visível na vida real para poder exigir visibilidade na mídia. Nessa linha de raciocínio, mostrar-se como cidadão e consumidor na vida real seria um fator determinante para alcançar a visibilidade:

*“Lah Tempo 12/02/2004 13:38 **O tempo que vai demorar para os homossexuais serem decentemente retratados na televisão (e em outros veículos) é proporcional ao tempo que vamos demorar para nos tornarmos ainda mais visíveis, sairmos do armário, para que percebam que somos público, mercado consumidor (que é o que interessa para a gente que decide o que vai e como vai ao ar), que somos cidadãos, que somos "iguais"... É proporcional também ao tempo que vamos demorar para nos mexermos mais, reivindicarmos, reclamarmos, processarmos, votarmos... Se o dono da TV pudesse ter noção de quantos homossexuais estão na frente da TV assistindo, se o anunciante***

pudesse saber quantos gays compram seus produtos, se a "opinião pública" pudesse saber quantos gays moram na vizinhança, quantos tem na família, no trabalho, aí não haveria tanto alvoroço e era capaz mesmo de ficarmos entendiados de tanto ver casal gay na TV..."

*"Luana 12/09/2004 23:52 Na boa. Se a gente continuar dizendo que as pessoas não estão preparadas pra isso, não estão preparadas pra aquilo porque tem muita gente preconceituosa, a Terra some do universo, o Sol explode e não acontece nada. **Preconceito existe, sim, mas o único "jeito" é peitar, ir de frente e não baixar a cabeça. Ou como vocês acham que todas as mudanças aconteceram, principalmente no último século? Sempre existiu gente corajosa e sem medo de ser feliz. Esperar mais um pouco? A gente tá em 2005! Todo mundo toma pílula, usa minissaia, coisas que eram escândalo décadas atrás, quando surgiram... e os gays? Existem desde sempre! Ficar dizendo que não dá pra mostrar, que as pessoas não estão preparadas ou que "não suportam ver isso", é querer justificar o preconceito. Nesse caso, claro, quem manda é a Globo. Mas não é por isso que a gente tem que ficar contente com isso! E tô achando o Aguinaldo "frouxo" demais. Ele tá agindo igualzinho aos preconceituosos. Nem parece que já saiu do armário."***

A censura na televisão a uma cena de intimidade entre Eleonora e Jenifer foi intensamente debatida na comunidade em estudo. Na cena, que foi veiculada no site da Globo na Internet, as atrizes apareciam vestindo apenas calcinhas, trocavam um “selinho” e encaminhavam-se para tomar banho juntas. Em uma entrevista ao jornal *O Dia*, o autor justificou que a cena tinha sido cortada por ser “repetitiva”. As telespectadoras comentaram a situação:

"Luana 11/28/2004 19:34 Tá né, a cena era repetitiva e sexo hetero nunca vai ser repetitivo... ai ai ai..."

A ambivalência mais uma vez norteou a discussão sobre a censura a essa cena. Voltamos aqui às observações de Stuart Hall (2003, p. 339) sobre a luta por espaço na hegemonia cultural. O pesquisador reconhece que os espaços conquistados para a diferença são poucos e dispersos, cuidadosamente policiados, e que “o que substitui a invisibilidade é uma espécie de visibilidade cuidadosamente regulada e segregada”, mas acha que essa visibilidade não pode ser menosprezada, uma vez que representa uma mudança de equilíbrio de poder nas relações de cultura. Algumas telespectadoras têm opiniões nesse

sentido e ficaram gratas por poderem ver a cena na Internet, mesmo que tenha sido censurada na novela para um público mais amplo. As teorias sobre os motivos de as cenas não terem ido ao ar foram variadas: censura, falhas ou uma nova estratégia para agradar ao público gay.

“Lee não foi ao ar mas nos foi permitido ver 11/27/2004 16:15 Eu concordo com as pessoas que dizem que pra cena ter surtido efeito dramaturgico,seria necessario que ela tivesse ido ao ar,contudo,eles foram ousados o bastante pra permitir que as pessoas a vissem online.De minha parte,serei eternamente grata.”

“Lucy 11/27/2004 17:01 Sinceramente, que elas estavam de calcinha, e só de calcinha, já deu para perceber na cena em que elas dormiam juntas.Selinho já teve antes na novela. E p/ quem notadamente fez sexo, tomar banho junto não é nada. Não entendi os motivos que levaram a Globo a cortar as cenas. Foram de muito bom gosto, me surpreendi (...).”

“Lee analise superficial 11/28/2004 11:39 Quer saber de uma coisa? Se foi migalha, eu aceito de bom grado! Já ando meio que de ovarios entupidos de ser politica, ainda que saiba que posso ser politica apenas ao postar aqui e mandar meus continuados emails à produção da novela.Se eles optaram por este caminho, pelo menos é mais corajoso do que o outro de nem ao menos nos oferecer tais migalhas. Que venham outras assim,se é o preço que temos que pagar (...).”

Mas a atitude de conformação é criticada por outra espectadora:

“Ana CENSURA? O que aconteceu de fato? 11/28/2004 10:35 Taí a pergunta que não quer calar: POR QUE? (...) Nunca vi a Globo fazer isso antes: mostrar na tv uma coisa, e na Internet outra. (...), talvez a pressão por cenas mais óbvias estivesse tão grande quanto a pressão por cenas enrustidas, que a Emissora resolveu agradar a gregos e a troianos, numa espécie de política torta de boa-vizinhança, claro que, agradando mais a uns que a outros... "Aos gays: tomem estas migalhinhas de bônus e fiquem felizes!" "Aos conservadores: tomem estas ceninhas inofensivas e fiquem menos contrariados!" (...) Mas a minha intuição ainda insiste em apontar suas antenas para o fato de que, mais uma vez, fomos os escolhidos para o sacrifício em benefício daqueles "coitados" que só podem suportar assistir uma cena com duas mulheres semi-nuas se estiverem acompanhadas da presença de um homem. Quanto vocês querem apostar que, se fosse um

"menage-à-trois", a cena passaria sem problema algum? (...) Trata-se sim, da velha e azeda resistência... que a meu ver, é na verdade a "evolução" politicamente correta do preconceito: Já que os tempos não permitem ignorar ou achincalhar os gays, então, os tornam disfarçadamente inferiores, tornando-os menores. De todo modo, não culpo nem a Emissora nem os conservadores por isso. Certo está, aquele que defende seus interesses e suas convicções. Errado estamos todos nós, que continuamos a ficar felizes, satisfeitos e agradecidos com o pouco que nos é dado, e pior: ainda concordamos e endossamos as justificativas e razões, pelas quais, este tratamento menor, supostamente acontece."

5.4 Trauma com *Torre de Babel*/Comparações com Outras Novelas

O destino final de personagens homossexuais nas tramas ficcionais é um dos aspectos que formam as representações sociais desse grupo, e essa correlação foi claramente percebida nos diálogos examinados em nosso grupo de estudo. Em 1998, na novela *Torre de Babel*⁷⁰, o casal de lésbicas formado pelas atrizes Cristiane Torloni (Rafaela) e Silvia Pfeiffer (Leila) morreu na explosão de um shopping center. O atentado foi inserido na narrativa como recurso dramático para dar fim às personagens, que estavam sendo rejeitados pelo público. Além das duas lésbicas, morreram um viciado em drogas, Guilherme (Marcelo Antony), e um assassino e ex-presidiário, Agenor Pereira (Juca de Oliveira) (MARQUES, Ângela, p. 152.).

Ângela Marques produziu dissertação de mestrado sobre o casal Leila e Rafaela (2003). Segundo a autora, o diretor artístico da Rede Globo, Daniel Filho, teria sido responsável pelo veto final às duas personagens lésbicas, determinando a morte do casal na explosão. Marques, no entanto, considera positiva a simples existência das personagens, ainda que abreviada: "Até que a diferença voltasse a ser 'mesmice', um debate foi instaurado, pessoas se mobilizaram, representações sociais foram questionadas. Algo se alterou" (p. 152).

⁷⁰ A Rede Globo teria publicado um anúncio nos jornais noticiando a explosão do shopping, de acordo com artigo de Iza de Salles Freaza, publicado em <http://foro.telenovela-world.com/n4/read-t.php?f=270&i=1302&t=1302>.

Ângela Marques revela que a morte das personagens lésbicas em *Torre de Babel* foi atribuída ao fato de se tratarem de duas belas e bem-sucedidas mulheres, protagonistas de um relacionamento harmonioso. Além disso, a autora acredita que um outro fator de rejeição ao casal aconteceu porque não foi possível aos telespectadores fazer um paralelismo entre as personagens lésbicas e os papéis de “filhas”, “irmãs”, “esposas” ou “mães” (p. 153), diferentemente do que vimos acontecer em *Senhora do Destino*. Marques argumenta ainda que formas de injustiça simbólica, mesmo que sejam detectadas contra um indivíduo em particular, são, na maioria das vezes, típicas de um grupo inteiro (p. 155), ou seja, a violência contra um indivíduo, ou um personagem, atinge simbolicamente todo um grupo de cidadãos.

Em um artigo publicado em seu site, o deputado federal Fernando Gabeira⁷¹ comentou, na época, o assassinato das personagens: “Mesmo se a novela fosse um fracasso de público, a relação homossexual teria uma compreensão maior se fosse mantida até o fim. Com a explosão do shopping center, as duas mulheres foram condenadas à morte simbólica.”

Conforme conferimos nos diálogos travados na comunidade *Eleonora & Jenifer*, o “assassinato” dessas personagens marcou profundamente o imaginário dos espectadores brasileiros, deixando um grande temor de que qualquer manifestação homoerótica mais explícitas das personagens Eleonora e Jenifer pidesse também resultar em seu assassinato.

Também identificamos em nossa análise a concretização prática de um outro aspecto teórico apontado pelos pesquisadores: a repetição de estilos de vida e temas nas novelas faz parte da formação de regras morais e de representações sociais⁷². Na comunidade do Orkut, as referências e comparações de Eleonora e Jenifer com outras personagens lésbicas são constantes nos diálogos, mesmo que essas personagens tenham feito parte de novelas veiculadas quase 20 anos antes, como foi o caso de *Vale Tudo* (1988), com o casal formado pelas personagens Laís e Cecília.

⁷¹ <http://www.gabeira.com.br/causas/causa.asp?id=320&idSubd=25>

⁷² Ver ALMEIDA, Heloisa Buarque, *Telenovela, Consumo e Gênero*, “muitas mais coisas”. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

Dois casais lésbicos são as principais referências de novelas anteriores para as telespectadoras em estudo: Clara e Rafaela (Aline Moraes e Paula Picarelli), de *Mulheres Apaixonadas*, e Leila e Rafaela, de *Torre de Babel*.

Clara e Rafaela, as namoradas adolescentes, são marcantes por terem ido ao ar apenas dois anos antes de Eleonora e Jenifer e também por fazerem parte do referencial emocional das participantes mais jovens da comunidade. Leila e Rafaela são um aviso de que determinados limites não devem ser cruzados. As “lésbicas explodidas” representam simbolicamente uma fronteira. São fantasmas que assombram a ficção brasileira, provando que é arriscado desafiar a heterossexualidade compulsória e que a pena pode ser a morte, como decretava a Inquisição na Idade Média. Leila e Rafaela mostraram que o “maldito preconceito” – como Rafaela morreu dizendo – é coisa muito séria.

Tendo em vista esse panorama, percebemos em nosso estudo de recepção um grande temor por parte de diversos telespectadores que desejavam ver a homossexualidade como parte da vida de personagens da ficção seriada brasileira. Ao mesmo tempo em que os telespectadores gostariam de ver carícias físicas e sinais do envolvimento emocional entre as personagens – de forma semelhante aos sentimentos demonstrados pelos heterossexuais – eles expressam medo de que, caso estas cenas sejam veiculadas, as lésbicas sejam mortas, como aconteceu com Leila e Rafaela.

“Diogo 9/16/2004 9:25 PM (...) Tem que começar devagar mesmo. Leila e Rafaela começaram tomando banho juntas e no 47º capítulo explodiram no shopping. uhauiioahoiua É melhor que tudo vá com calma, gradativamente, para que o público brasileiro se acostume com a idéia.”

“JuBa 10/2/2004 6:00 PM ai eu ainda tô meio perdida... .e tomando vinho... tb quase engasguei, rrss.. Foi perfeeeeeeeita a cena, o selinho foi super rápido e de certo modo "inocente" mas que belo começo!!! ar..to precisando de ar... rrrsss.Ainda bem que elas não trabalham em um shopping pra serem explodidas..o que vai acontecer? =O”

“Marina autor x atriz 11/26/2004 17:58 (...) Coloquem aí o agravante de tudo ter que ser demonstrado com caras e bocas, já que se elas se tocarem, dá choque (ou grito do diretor). Quanto ao Jô Soares, o autor deve estar naquele impasse entre levantar a própria bandeira ou não exagerar a dose para não ter de explodir o lobby do hospital, eliminando as duas na trama. Não exijam tanto da Bárbara Borges.”

“Pequena 12/08/2004 18:10 Precisamos ter calma que pelo jeito a coisa vai! O Agnaldo é fantástico, ele sabe dosar certinho pra não chocar demais esses moralistas hipócritas, então devagarzinho ele mostra tudo o que quer e pelo andar da carruagem acho que não vão matar nenhuma das duas... o que já é fantástico!”

É possível dizer que a Globo está construindo um histórico de personagens gays e lésbicos que fazem parte do repertório cultural dos telespectadores. É através da repetição de tipos e personagens que as telenovelas constroem seus códigos morais.

“Ana 10/18/2004 9:43 PM Depois de Mulheres Apaixonadas ter passado inteira só na base dos abraços pra cá, abraços pra lá, eu não duvido de mais nada nesse mundo. Não duvidem que o absurdo se repita, porém, substituídos desta vez por intermináveis selinhos no lugar dos intermináveis abracinhos...”

As referências às vezes são às novelas exibidas há quase 20 anos:

“Lílian Já teve cenas melhores 9/17/2004 10:08 AM Vocês tem razão em exigirem mais das cenas e das atrizes, antes de Rafaela e Leila, clara e Rafaela, teve um outro casal que para mim foi o melhor e as cenas então... nem me fale... era Laís (Cristina Prochaska) e Cecília (Laila Dezheilen), que aliás a Laila tinha uma voz maravilhosa, as cenas delas eram ótimas apareciam elas acordando na mesma cama e tudo, uma ajudando a outra a se vestir... faziam carinhos uma deitada no colo da outra, a Laila tinha um cabelão maravilhoso, claro que uma morreu mas foi por uma boa causa, na época entrou em jogo se Laís herdaria ou não a grana da outra e elas tinham uma pousada em Búzios e o irmão queria ficar com tudo (Reginal Farias). felizmente ela ficou com a herança e ainda de quebra entrou no final da novela entrou a Louise Cardoso (me corrijam se eu estiver errada) para ficar com a Laís numa cena linda numa praia, se alguém lembra da novela Vale tudo, fala sua opinião e me diga se estou errada.”

“Famke laís, cecília e marília 9/21/2004 10:41 AM vale tudo é de 88 (...) aquela novela tinha mais entrelinhas. as coisas eram mais sutis. me lembro de cecília penteando o cabelão da laís no quarto da tal pousada de búzios, que tinha uma cama de casal em que as duas acordavam lindas em alguns - pouquíssimos - capítulos, mas é preciso evoluir mesmo! as duas - eleonora e jenifer (que nome é esse?) - têm mais é que beijar na boca mesmo. mas ficar esperando pelos selinhos é sofrimento demais...”

As internautas também aguardavam e discutiam os personagens gays que apareceriam nas próximas produções da Rede Globo, como Júnior, que seria interpretado por Bruno Gagliasso em *América* (2005), a novela que substituiria *Senhora do Destino* na grade da Globo.

“Kaka América 11/21/2004 19:43 Pelo que andei lendo, em América não terá nem um casal homossexual. O menino Gagliasso vai ser homossexual, todos perceberam menos a mãe dele (Eliane Gardine), mas ele não terá namorado. O tema homossexualidade será "comentado" e não explorado, me corrijam se estou errada (...).”

5.5 Reações Sociais

Nas discussões travadas na comunidade *Eleonora & Jenifer*, há narrativas de reações sociais presenciadas pelas internautas à representação de um romance lésbico na novela *Senhora do Destino*. Existem relatos de reações favoráveis e contrárias, sendo que as negativas geralmente são descritas como “expressões de nojo” feitas por membros da família que acompanham a novela conjuntamente com as internautas. A maior fonte de ansiedade das espectadoras e espectadores que fazem parte da comunidade em estudo parece ser a reação das mães ao romance do casal lésbico. É preciso levar em conta, no entanto, que, estatisticamente, a maior parte do público que assiste à novela é formada por mulheres e por isso talvez sejam as mães as pessoas que mais comumente acompanhem a narrativa juntamente com os internautas.

Além disso, Jesús Martín-Barbero indica que, na América Latina, a televisão tem a família como unidade básica de audiência, porque é nela que a maioria das pessoas encontra uma “situação primordial de reconhecimento” (2003, p. 305) e é importante pensarmos a mediação social que essa organização constitui, e esse marco não se limita ao que se percebe nos estudos de recepção como este, mas no próprio discurso televisivo, na opinião de Barbero.

Na nossa comunidade de estudo, encontramos diversas manifestações que demonstram a ansiedade das internautas sobre a forma como familiares reagem à representação de um namoro lésbico na ficção seriada:

*“Lyne Assisto com a familia 27/10/2004 11:25 **Principalmente com minha mãe. E apesar dela saber que eu sou lesbica fica jogando na cara que não existe "sapatão" bonita, educada, limpinha... só na globo... enfim... =P Sempre nessas horas olho pro meu irmão, com akela cara de "obrigada pela parte que me toca" e caio na risada com ele. Claro, mamãe fica p comigo, mas nunca diz nada... Ela finge que não lembra... (Bem Nazaré) (detalhe: maninho tem 14 anos e nem liga, faz é achar bom q levo mais mulher pra casa mermo, mas meus pais tentam por tudo afastar a gnt pq sou "Má influencia") Enfim... aquela familia na novela é 100% a cara da minha (...).”***

*“Ju 26/10/2004 15:04 **minha main sabe q eu sou bi..mas evito ao máximooo falar desse assunto... graças a Deus ela não vê a novela...rsss.... e qdo minha avó comenta eu fiko mó sem graça. hj a Léo vai conversar com a main... e ela vai tentar sair do assunto... ai ai”***

*“Cari Eu 12/16/2004 09:59 **Só vejo a cenas delas ahaha e minha mãe, irmã, pai ou quem estiver em casa me dá um gritão para aparecer na sala ou ligar a tv do quarto haahha eu faço uma festa e fico igual a Danieli gritando " aí que fofoooooooooo!!!!” rs e ninguém estressa não, todo mundo respeita na boa e dão muita risada com as insinuações do João Manuel e o jeito do Giovani falar delas.”***

Em uma enquete que realizei na comunidade sobre em que companhia as pessoas acompanhavam a novela, recebi 23 respostas, sendo que algumas se encaixam em mais de um quesito (“às vezes só, às vezes com minha mãe”). Essas respostas foram contabilizadas em mais de uma opção. O resultado foi o seguinte: 10 assistem sós, oito com a mãe, seis com a mãe e o pai, seis com irmãos, quatro com a namorada, duas com amigos e uma com o pai.

As expressões de ansiedade em relação às reações que as mães têm com o namoro - muitas vezes descritas como de “nojo” ou de desqualificação das lésbicas – são as mais comumente narradas, assim como as tentativas de esconder das mães e dos pais o prazer que as espectadoras sentem ao acompanhar a história.

*“**Rafaella Eu quase tive um enfarte 01/26/2005 06:04 Pra começar tá eu lá "que sacanagem hoje as meninas não vão aparecer, de repente tá as duas no carro", mas o pior de tudo é que minha tia estava assistindo comigo, tive que disfarçar! Quando quase teve***

o beijo eu me segurei pra não saltar da cama e ainda tive que ouvir a minha tia dizendo que nojo, ah ninguém merece!”

“Aline 12/06/2004 17:40 Tb adorei a cena :) Meus pais tb estavam na sala...q mico...rsrs. Quando a Léo disse q queria "algo mais quente", meu pai fez aquela cara de reprovação e euzinha afundando no sofá, mas pensando "yes, yes, yess!!”

Existe também grande expectativa de que a novela modifique as representações que os pais e as mães têm do lesbianismo. A narrativa ficcional mostraria como o lesbianismo é “na realidade” e isso, muitas vezes, para as internautas, significa enquadrar o relacionamento entre duas mulheres dentro de um ideal de amor romântico interpretado por duas personagens consideradas “femininas”.

“Carla 12/08/2004 14:45 minha mãe já está achando bonito o relacionamento das duas... pelo menos pra desmitificar o relacionamento lésbico tá servindo... akele estereótipo q minha mãe tem q toda lésbca é promíscua está caindo por terra... ainda bem.”

“Kaká Não adianta tapar o sol com peneira 12/04/2004 16:37 Muitos pais agem assim mesmo, falam coisas horríveis, poem os filhos para fora e até agredem fisicamente. Muitas pessoas pensam que é safadeza mesmo, pouca vergonha. Acho que a postura do Sebastião vai retratar a realidade. Quem sabe a mudança de Sebastião e por consequência a aceitação da homossexualidade da filha, influencie a opinião pública. Inclusive quando ele a destratar, o sofrimento da Eleonora vai despertar nas pessoas bons sentimentos de aceitação, vendo que existe sim AMOR entre elas.”

Muitas vezes as reações dos pais das personagens são comparadas com as reações das próprias mães e pais dos telespectadores:

“Ju Mais do que real 12/04/2004 08:58 Ué, gente, a reação do Sebastião é mais do que real. A minha mãe, quando soube, disse pra mim que preferia me ver grávida sem saber quem era o pai, do que me ver "nessa situação". As coisas só não estão piores porque eu tenho minha vida separada da dela, e ela já não tem aquela antiga autoridade sobre mim. Fazer o que, né? Espero que essa novela esteja sendo de alguma ajuda pra ela.”

“Michele adorei a aceitação de Geovani... 12/13/2004 09:49 ótimo exemplo se todos os pais reagissem dessa forma, gays não teriam tanto sofrimento, já que a

sociedade em sua maioria aceita, e mesmo que não aceitasse seria indiferente, a parte mais complicada sempre é a família... eles nunca entendem, se frustram ao perceber que criaram seus filhos p/ uma vida e eles na verdade se sentem felizes em outro caminho... nem sempre o que eles escolhem p/ seus filhos é o que seus filhos querem... aí é sofrimento p as duas partes... e por aí vai.”

Alguns internautas narraram que não podem comentar a evolução da trama desse núcleo da novela com as pessoas com quem convivem, uma vez que encontram apenas reações negativas e de “nojo”, e por isso entram na Internet para ter com quem falar sobre o romance lésbico.

“Ju Pois é... 10/11/2004 8:08 AM Até q enfim encontrei pessoas q pensam como eu!! tipoww, minhas amigas comentaram no colégio "nossa q nojento akelas 2 da novela"... meuu, me deu uma vontade de defender, mas neh... fikou só na vontade mesmo... ai ai, eu to vendo essa novela tbm + por causa da Jen e da Leo, elas são fofas d+!! num vejo a hora delas se assumirem (...).”

“Ale eh verdade ~.~ 10/11/2004 12:41 PM (...) É mesmo... qndo fikei sabendo q ia ter um casal de minas na novela, foi pelas minhas amigas do colégio... mas elas falaram de um jeitu tipo: "aih vc viu? vai ter um casal gay na novela das 8h eca..." Aiai... moh idiota isso... Sei lah eu naum sou lésbica, mas tbm não tenhu nda contra, sabe... Esse pessual preconceituosa eh foda, neh! haha Se axa tão nojento, pq será q assistem? Haha”

Em outras discussões, várias internautas contaram ter esperanças de que um romance lésbico mostrado na televisão possa alterar a atitude de pais e mães para com a homossexualidade. Ao mesmo tempo, expressaram temor de que a exibição de cenas mais explícitas possa gerar mais reações de “nojo” das mães.

“Fer 10/8/2004 11:37 AM (...) Por mais que a gente quisesse ver coisas mais explícitas, tem muita gente lá fora que não está nem um pouco preparada pra isso! Pego minha mãe de exemplo. Se ela visse um beijo do tipo "Segundas intenções", acho que ela desligaria a tv, ou faria aqueles comentários de nojo... Aos poucos, ela passou a aceitar uma coisa que antes ela não diria nada (Hipocrisias...). Hj, ela pergunta pro meu pai "Ué? Elas já estão namorando? Eu não vi nada...". E acho isso ótimo! Ela aceitar isso melhor na ficção ajudará a aceitar isso na vida real (Rápido, por favor!). Um dia chegaremos lá! Por enquanto, deixa como está.(...)”

“Cacau 11/14/2004 12:42 Palavras do pai de uma amiga "Estou odiando essa novela, por estar mostrando esse casal de sapatões. Só pra dizer que é algo normal, isso é inaceitável". Infelizmente igual a ele tem varias pessoas, mas eu espero que tudo de certo pra elas. Afinal será o cumulo do absurdo a população preferir que a criança cresca em um orfanato do que em um lar com muito amor independente de ser gay.”

Há narrativas de mudanças de atitude dos pais em relação às próprias internautas e às namoradas depois do início da novela:

“Luiza vários casais... 11/26/2004 03:48 (...) Calma, estamos evoluindo. Na TV brasileira nao da para esperar o THE L WORD ainda... neh gente?? Mas adorei... no restaurante que eu estava, todo mundo (hetero) estava super ansioso para ver a Jen ficar logo com a Léo... Adorei!!! Sabem do que mais?? Ja está funcionando... Depois de 4 anos de namoro, a minha sogra finalmente ja esta dizendo que a novela esta servindo para ela ver como isso eh natural... e tals...”

As mulheres mais velhas que participam da comunidade referem-se mais comumente a reações de amigos heterossexuais às personagens, não falando tanto dos familiares:

“Martinha 28/10/2004 09:28 Espero que sim, que os beijos sejam melhores a partir do momento em que elas ficarem juntas de fato. É o mínimo que merecemos, não? Só a título de curiosidade: minhas amigas hetero estão achando as duas umas fofas. Eu, da minha parte, agradeço imensamente pela parte que me toca... hehe... os comentários são sempre delicados. As pessoas da minha família tb estão comentando legal... até minha mãe... quem diria...”

“Kaká Comentário na sala dos professores 12/09/2004 17:09 Uma colega falando: - Gente, vcs viram que nojo, ontem aquelas duas sapatatas nuas na cama, outra ainda falou que isso podia influenciar os jovens. Eu, claro retruquei dizendo que os professores não estão preparados para a diversidade, que são preconceituosos. Vocês viram gente, se uma classe instruida como essa se espanta ao ver cenas entre duas mulheres, imaginem os demais. Infelizmente se o Aguinaldo não for bem aos poucos, vai causar repudio nas pessoas, acho que a cautela dele procede”

Vale destacar ainda que telespectadoras de Portugal também participaram da comunidade, questionando sobre o desenrolar da trama, uma vez que a novela foi veiculada naquele país com alguns meses de atraso em relação ao Brasil.

5.6 Lesbianismo – Opiniões e Experiências Pessoais

O lesbianismo foi intensamente discutido na comunidade em estudo ao longo da duração da novela. Muitas internautas deram depoimentos sobre suas próprias vidas e sobre experiências de amigos e parentes. Houve comentários sobre características teóricas e políticas da homossexualidade, lesbianismo e feminilidade.

Registramos narrativas de mudanças de conceitos em relação ao lesbianismo após o acompanhamento da novela, juntamente com a participação na comunidade. O tema central da discussão sobre a homossexualidade foi o “perceber-se homossexual” e o *coming out*, o “assumir-se”. A comunidade *Eleonora & Jenifer* foi apontada por internautas como um fórum para debates sobre diversidade sexual.

O “perceber-se lésbica” foi um dos temas de discussão, motivado pela dificuldade da personagem Jenifer em assumir a paixão que sentia por Eleonora. As espectadoras consideraram positivo que o processo do *coming out* tivesse sido mostrado em um veículo de comunicação de massa:

*“Ana 10/14/2004 5:16 PM Essa questão de (se) perceber sendo ou não sendo, é absolutamente pessoal. Chega a ser perda de tempo discutir isso. **Eu me descobri quando muito criança. Mas tenho amigos que se descobriram muito tarde. Uma amiga por exemplo, se descobriu com mais de 55 anos! Já era avó inclusive. Daí, pode-se concluir que nada tem de absurdo que as meninas da novela ainda não tenham se dado conta da própria orientação sexual mesmo já sendo adultas. Isso é muito mais comum do que se imagina e em tempo, que BOM que esta novela esteja mostrando esse processo. Até onde eu saiba, isso é uma novidade, e uma história que abordasse isso estava mesmo fazendo falta.”***

“Márcia 11/28/2004 21:01 (...) Mas de forma geral sim, principalmente em Senhora do Destino, que apresentou a "descoberta" da Jenifer. É muito bom que as pessoas saibam que normalmente é um processo doloroso, ninguém acorda um dia e decide "cansei, acho que agora quero ser gay.”

“Luciana 11/18/2004 13:14 (...) Além de respeitar, eu acho q tb entrei aqui pq tenho mtas dúvidas sobre esse tema (sexualidade) e to achando ótimo ver as opiniões do pessoal daqui :). Eu to precisando abrir mais minha cabeça e estou um pouco em choque. Tenho uma amiga q é bissexual e acabo tendo um pouco de medo de q ela acabe se interessando por mim, hehe. Não gostaria de passar por uma situação estilo Jen- Leo.”

Os estereótipos sobre lesbianismo e o papel da mídia em sua formação foram outro ponto forte de discussão. A capacidade dos meios de comunicação de massa como formador de padrões estéticos e de comportamento na sociedade é dada como certa pelas internautas. Há manifestações indicando que a mídia deve dar preferência a veicular o que é “belo” e “agradável”.

“Pequena um pouco de mim 12/23/2004 18:21 A questão do esteriótipo é complicada. Cria-se um padrão que deve ser o mais próximo do aceitável a todos, mas isso existe?! Claro que não... vá a algum lugar público como um terminal de ônibus, sente e veja as pessoas, é, dá "vontade de chorar" pq nem de longe se parece com o mundo ideal da novela. Mas é o nosso mundo, fazemos parte dele e não temos como negá-lo (...). A TV é feita de esteriótipos, a TV é feita de magia, nossa vida é feita de realidade, por mais dura que ela seja.”

“Kaka 12/23/2004 19:30 O padrão do ser ideal é: homem, branco, heterossexual, bem sucedido e jovem, tudo que está fora disso, de uma forma ou outra é discriminado. Discriminado por ser mulher, por ser negro ou negra, pobre, idoso ou idosa, etc. (...)”

“Lee perua? 12/17/2004 17:17 (...) Se os retirantes nordestinos são belos, saudáveis e fortes. Se os jornalistas de meia idade são todos do tipo galã. Se todo o elenco, independente do que faz na trama, atende à altíssimos padrões estéticos, por que somente as lésbicas teriam que ser retratadas realisticamente? Alías,o que seria ser retratada realisticamente? Não há lésbicas femininas e belas? Isso sim é um pré conceito.”

A negação da personagem Jenifer sobre sua própria sexualidade promoveu intensos debates sobre identidade - como a personagem sabe que é homossexual e não bissexual? O que é ser mulher? Toda lésbica é masculinizada? Lésbicas são feias?. Muitas internautas não acreditavam que alguém poderia ser tão “inocente” quanto Jenifer e não perceber que havia conotações sexuais em sua relação com Eleonora.

*“Ana Devagar com o andor que o santo é de barro 11/07/2004 10:06 (...) Pode parecer incrível, mas **EXISTEM** pessoas como a Jenifer SIM. (...). Uma amiga minha (de um passado que me condena, hehehe), que **NAO** sabia que era, **quando recebeu uma declaração de outra garota entrou em choque profundo** (nao, nao era eu a tal garota nao)! **Brigou com a moça, lhe disse poucas e boas. Depois de um tempo caiu na real e embolachou de vez, inclusive tiveram um caso tórrido por alguns anos (...). É... tem gente que mente pra si mesmo. Não é nem questão de inocencia (no sentido real desta palavra).**”*

*“Luciana Bi? 11/10/2004 20:39 **A Jenifer não poderia simplesmente virar uma bissexual? Sei la, descartando o fato de ser uma novela e nela o casal provavelmente vai ser feliz p/ sempre, eu me pergunto pq ela teria q deixar de ser hetero (...) e virar necessariamente homo. Ela não poderia ser bi? (...) A cada dia q passa eu me convenço q não se pode classificar a pessoa como hetero, bi, homo, pq amor não escolhe sexo (...).**”*

*“Tati 26/10/2004 09:58 **haha quem disse que lesbica tem que ser feia... Isso sempre acontece comigo... As pessoas perguntam sempre pq? vc é tao bonita... creedo! precisa ser caminhão?**”*

Outro tema que provocou polêmica em relação à identidade homossexual foi em que momento da vida a pessoa descobre que é gay: se o indivíduo sabe desde criança ou se é uma descoberta que pode ser feita durante a vida adulta. Em geral, a existência de uma identidade gay, um indivíduo diferente dos heterossexuais, é dada como certa.

*“Ana 11/07/2004 10:06 (...) **pq no fundo, todo mundo sabe muito bem da fruta que gosta. É uma questão sim de fuga, de negação para si mesmo. E quando chega alguém que te diz justamente aquilo que nem vc mesmo teve coragem de admitir, a pessoa fica mesmo muito louca. (...) pq o fato de vc ser gay num mundo predominantemente hetero, faz vc se enveredar por caminhos anti-naturais para vc, ou seja, vc até se envolve com pessoas do sexo oposto por pura e simples falta de oportunidade e de conhecimento, o que convenhamos, faz vc dar uma volta e tanto pra chegar aonde vc vai um dia acabar chegando mesmo....**”*

*“Gilly 11/11/2004 17:53 (...) **Sobre essa coisa de influência, eu acho que não tem nada a ver não. Até porque, quando um não quer, dois não fazem. Pode até ser que fique***

uma suspeita no começo do namoro delas, mas a história vai se desenrolar e ninguém é homossexual por pressão ou influência, a gente gosta do que a gente gosta.”

Mas também houve questionamentos sobre possibilidades mais elásticas de orientação sexual e construção de papéis de gênero, conforme prevê a Teoria *Queer*.

“Luciana 11/30/2004 20:29 A coisa mais difícil do mundo é vc tentar tirar o conceito de normal q as pessoas tem na cabeça. Por isso é tão difícil aceitar as diferenças sexuais, raciais, ideológicas e até mesmo estéticas. Que tristeza :/. Mas, a única coisa q não entendo é: se o normal fosse escolher ter a sexualidade q se quer, ninguém mais declararia sua orientação sexual! Falo isso pq as pessoas estariam sempre passando por fases (tipo assim, eternos bissexuais). Ninguém mais seguiria uma linha: só me relaciono c/ homem ou só c/ mulher. A lei seria: me relacionarei com quem 1º tocar meu coração. Nossa, viajei!”

“Tatiana O Amor é Universal, pra que descartar? 12/20/2004 17:17 Pelo que eu saiba, sou heterossexual, mas o amor é algo aberto, que se expande e transcende. Não tenho preconceitos. Pra que descartar possibilidades de envolvimento com pessoas do mesmo sexo se acrescentar e fizer bem? Duas pessoas se unindo pelo amor deve ser divino, as descobertas, e o "encarar". O fato de as duas mocinhas da novela serem lindas, não condiz com a realidade, ou até possa condizer (sorte, né?); o fato é que tais assuntos devem ser mostrados para que os paradigmas familiares, que já estão quebrados, sejam vistos, futuramente, não como anormalidade.”

A importância de ter amigos ou acesso a uma comunidade gay foi destacada como imprescindível para que a pessoa possa ter uma relação positiva com a própria homossexualidade. O sentido de comunidade foi apontado como uma necessidade imprescindível para a construção de uma identidade lésbica e de uma imagem positiva da homossexualidade. Essa perspectiva da importância da comunidade lésbica é amplamente registrada na literatura sobre o assunto, especialmente a norte-americana.

“Laura 10/15/2004 7:35 AM (...) Se vc não convive com o meio gay ou nao tem contato nenhum, as coisas demoram mais pra acontecer, vc não percebe com a mesma facilidade. Embora eu tenha percebido muito cedo, eu demorei pra me assumir pq eu não conhecia ninguém q tb fosse. Pra mim era muito diferente... vc saber q existe é uma coisa. Agora, ver q é com vc é outra (...).”

“Ana 10/15/2004 11:31 AM (...) Quem está distante fisicamente do mundinho gay, vive uma solidão existencial avassaladora e com certeza, isso é determinante no que toca ao "perceber-se" gay e muito mais ainda em "sair do armário". Acredito ser raríssimo alguém se assumir (para si próprio e para terceiros) sem ter um empurrãozinho externo, que geralmente vem por intermédio de um novo convívio, desta vez, do universo gay (um novo amigo que é gay assumido, um relacionamento amoroso, etc...).”

Em alguns momentos foi cobrada uma “saída do armário” na comunidade ou no Orkut, uma vez que a maioria das internautas usavam pseudônimos e fotos que não as identificavam.

“Kaka Até quando? 11/16/2004 12:19(...) Até quando? Ter que se esconder? usar fotos que escondam o rosto na net ou figuras, desenho como eu. As vezes da vontade de abrir e pronto... mas e o resto, emprego, família? Aceitar já é difícil (pra mim foi) e assumir então...”

“Jan Para a Kaka 11/16/2004 15:52 (...) eu não tenho que me esconder de ninguém... quem trabalha sou eu, quem se lasca sou eu, então quem toma conta da minha vida sou eu e principalmente de uma coisa tão íntima que é a sexualidade... se eu saio com meninos ou meninas não importa! Sou uma ótima pessoa acima de tudo! Sou um ser humano e mereço respeito! E por isso, simplesmente isso não preciso me esconder!”

Em algumas colocações encontramos o discurso de defesa dos direitos de cidadania para os homossexuais. Esse discurso se enquadra no modelo étnico, que percebe a identidade homossexual como a de uma minoria étnica que luta pela conquista de direitos civis. A visibilidade na mídia aparece associada a esses direitos nas manifestações registradas na comunidade.

“Ana 2 de 2 11/20/2004 12:56 (...) trata-se de uma questão pura e simples de cidadania. Acho um absurdo que a mínima representatividade que tenhamos em uma novela seja deslavadamente mutilada a fim, única e exclusivamente, de contentar segmentos de moralidade duvidosa. Eu sei que é "apenas" uma novela. Mas até as pequenas coisas, de aparente pouca significância, são reflexos de situações maiores. Eu me revolto sim, e muito, pelo fato de que apesar de ser uma pessoa bem sucedida profissionalmente, c/ situação financeira estável, geradora de empregos, pagadora de

impostos, c/ uma relação estável de quase 10 anos, somente seja reconhecida como cidadã na hora de cumprir minhas obrigações como tal. Não temos direitos legais assegurados e nem mesmo em uma obra ficcional, temos sequer o direito a sermos representados na plenitude de nossa sexualidade, em pé de igualdade c/ os personagens heteros. É enfim, a negação instituída de milhões de pessoas consideradas "minorias", em pleno horário nobre."

Na comunidade também foram discutidos modelos de relacionamentos considerados comuns e incomuns entre lésbicas. Nas manifestações expressas, os relacionamentos lésbicos "comuns" se encaixariam dentro de um modelo de amor romântico.

*Ártemis 11/26/2004 08:27 Este fato também me caiu muito mal. Do modo como ficou colocado, deu a impressão de que Eleonora costuma ou costumava levar outras mulheres àquele apartamento (...). **Estranho, pq isso muito raramente ocorre no universo gay feminino (...).**"*

Houve narrações de situações de homofobia internalizada, sempre se referindo a outras pessoas e não às próprias autoras das mensagens:

"Kika Tem gente que não gostou... 11/29/2004 04:15 (...) Tenho uma amiga entendida, gosta de mulher mesmo, apesar de ter uma filha. Estávamos conversando sobre a novela e ela disse que achou "ridículo" aquela cena das duas na novela, na cama, que não deveria ter passado em horário nobre, pois muitas crianças estavam assistindo a novela. Já senti preconceitos dela em relação a homossexualidade, mas sinceramente não entendo essa situação dela. Bem, eu amei a cena, assisti várias vezes."

Entre as pessoas do grupo em estudo, foram encontrados discursos extremamente confusos em relação à homossexualidade, em que muitos conceitos, como supostas "causas" da homossexualidade, papéis de gênero, atividade/passividade, se entrecruzam e misturam, mostrando a falta de informação que parte da sociedade brasileira tem sobre o assunto:

"Michele 12/01/2004 07:36 que bom que me entenderam... eu definitivamente não sou preconceituosa, nem podia ser... e acho também que a homossexualidade é de dois "tipos". o primeiro é aquela pessoa que desde criança tinha traços femininos ou masculinos, que sentia desejos por amiguinhos, embora o primeiro contato sexual geralmente é homossexual... mas que esse comportamento prossegue, esse é um caso de

certeza, mas existem outros como a minha amiga que era super feminina, não se atraía por mulheres, e hoje não consegue mais ficar homens, tem aquela questão de ativa/passiva... também... embora tanto a Léo quanto a Jen sejam femininas, ou seja deu um nó na minha cabeça...rsrs e não tinha pensado ainda a respeito da bissexualidade citada acima, eu acho isso também que o amor não tem sexo, e a gente pode encontra-lo em qualquer um..."

Uma grande quantidade de preconceitos em relação às lésbicas encontrados no senso comum foi verbalizada por membros do nosso grupo de discussão: lésbicas não são seletivas em suas escolhas, lésbicas são predadoras de mulheres heterossexuais, lésbicas são feias e têm mau-gosto, diferentemente dos homens heterossexuais, que apenas escolhem as mais belas (sobre preconceitos do senso comum contra lésbicas ver Navarro-Swain, 2000). Mesmo entre pessoas que se identificam como lésbicas essas generalizações foram encontradas.

"Lee seletivismo 12/02/2004 15:05 Acho que o que incomoda nas mulheres hetero é a aparente falta de "bom gosto" da maioria das lésbicas assumidas. Antes que venham as pedras, não faço aqui julgamento do que é de bom gosto ou não pois sei que muito disso é adquirido socialmente. Mas a verdade é que o homem seleciona o mais belo, já a mulher, hetero ou não... Ou seja, ser escolhida por uma mulher não é elogioso, já por um homem é provável que seja dado suas escolhas, em sua maioria baseados na estética apenas (...). Quando uma mulher é admirada por um homem, ela sabe que está agradando esteticamente, e é nesse nível que muitas querem agradar. A partir do momento em que para agradar, ela não precisa ser tão bela, sua auto-confiança em sua aparência se reduz. Parece bem superficial, mas eu acho próximo da verdade. Basta ver como a maioria dos homens e das mulheres se escolhem."

"Gisele Minha opinião... 12/17/2004 08:31(...) Eu sinceramente já não entendo como uma mulher, que nasce mulher, pode se tornar "masculina". Enfim, cada um vive a vida como quer. Só acho que, se uma mulher gosta de mulheres, ela deveria procurar "mulheres", no seu sentido completo. Não acho que é questão de beleza e sim de postura. A delicadeza de uma mulher não deve ser perdida pela sua opção sexual. Bom, mas cada um deve buscar a sua felicidade e se sentir bem consigo mesmo."

A representação de lésbicas “femininas” na novela *Senhora do Destino* foi elogiada por uns e criticada por outros. Para alguns, modificaria o estereótipo da lésbica “caminhoneira”, da “sapatona masculinizada”, mais presente no senso comum. Para outras, criaria um novo rótulo, um novo modelo, a “*lipstick lesbian*”, piorando a discriminação com as lésbicas “masculinizadas” e trazendo para as mulheres homossexuais as mesmas exigências estéticas que pesam sobre as heterossexuais. O preconceito que existe dentro da comunidade lésbica contra as mulheres masculinizadas, as “*butches*”, também foi destacado. Fenômeno semelhante foi narrado por Susan J. Wolfe (2006, p. 54) em relação ao seriado norte-americano *The L Word*, que, na opinião da autora, passa, com toda essa pressão, a ter que lidar com uma responsabilidade incomum e com um “fardo representacional” impossível de gerenciar ao retratar lésbicas.

“Kaka Abaixo aos rótulos 12/17/2004 16:43 Eu acho que mostrar duas mulheres delicadas quebra esse rótulo e isso não é preconceito a mulher masculinizada, muito pelo contrário, pq uma relação homossexual é feita por duas pessoas do mesmo sexo, pq uma tem q assumir o esteriótipo do sexo oposto? (...) acho ótimo quebrar esse estigma de que toda lésbica tem q ser masculinizada.”

“Uma Concordo contigo... 12/17/2004 08:20 Na minha opinião este tipo de exposição soh faz piorar a situação das meninas lésbicas que são masculinizadas e não tão bonitas assim... o que eh um absurdo! Tipo assim, estamos tentando sair de um rótulo e nos enquadrando em uma armadilha... daqui a uns dias todas serão obrigadas a se sujeitar aos esteriótipo de modelo gostosinha, fato este que jah muito cobrado pelas mulheres hetero. E como mulher (antes de qualquer coisa), me sinto ultrajada por este tipo de homogenização e aprisionamento do ser humano (...).”

Algumas pessoas que participavam da comunidade faziam questão de expor sua heterossexualidade, sendo geralmente essa declaração seguida de uma afirmação de ausência de preconceito.

“Johny Concordo plenamente 12/21/2004 10:25 Para mim qualquer forma de amor é valida! Sou hetero mas nao vejo nenhum problema nas pessoas q se sentem bem gostando de uma pessoa do mesmo sexo !”

“Michele é isso... 12/21/2004 08:40 (...) também não sou homossexual, mas respeito muito o livre-arbítreo, acho q todos devem fazer oq sente vontade, afinal a vida é

só uma e se vc tiver q ser feliz vai ter q ser aqui então faça o q t deixa bem... e q o amor vai além do que o sexo, nos apaixonamos por personalidade, afinidades, não importa o q existe na região pubiana... e pronto! ODEIO PRECONCEITO...”

Houve quem se surpreendesse por encontrar heterossexuais nesse grupo do Orkut. Internautas contaram ter sofrido preconceito apenas por ter *Eleonora & Jenifer* entre suas comunidades (em uma lista que fica pública para todas as pessoas que acessam o perfil daquele determinado usuário do site).

“Luciana 11/16/2004 18:40 Q viagem :), achei q só havia eu de heterossexual na comunidade (...). E eu respeito mesmo as pessoas que se amam, independente do sexo delas. As pessoas tem tanta vergonha, pudor, falso moralismo, e outras coisas idiota, p/ falar de amor, enquanto adoram ver sem o menor despeito as desgraças e torturas mostradas a todo momento no jornal. É tão difícil nutrir um sentimento tão verdadeiro por uma pessoa q devíamos valorizar mais quem gostamos e respeitar o gosto dos outros. Acho q no fundo as pessoas tem medo de estarem em um conto de Nelson Rodrigues, e descobrirem sua verdadeira sexualidade! Hehe (...)”

“Clara 11/18/2004 10:58 Luciana pensei que eu era a unica tambem... Uma amiga minha veio falando que eu tava fazendo aqui e talz. Que aqui era comunidade pra homossexual. Eu falei que não. Que aqui é comunidade pra quem gosta da Jen e da Léo!!! Eu adoro elas são minhas personagens preferidas!! E mór bobeira isso... Eu acho que se queremos respeito temos que da-lo se não respeitamos não seremos respeitado...(...) Todos somos iguais independentes dessas coisas...”

5.7 Adoção

A inclusão de Jenifer e Eleonora na novela teria como objetivo discutir a adoção de crianças por homossexuais. As participantes da comunidade, no entanto, se viram muito mais motivadas a discutir o envolvimento emocional entre as personagens, o início do namoro e a crise de identidade de Jenifer, do que a adoção em si. A homoparentalidade foi um tema considerado por muitas como “chato” e “broxante”. As telespectadoras que formaram nosso grupo de estudo rejeitaram o bebê adotado pelo casal de lésbicas, o definindo, em sua maioria, como “chato”.

Perspectiva semelhante é narrada por Sarah Warn, em *Reading the L Word*, que destaca que a maior parte das histórias sobre casais lésbicos nas narrativas da comunicação de massa é confinada à “saída do armário” ou histórias dessexualizadas sobre parentalidade. *Senhora do Destino* se restringe a esses dois temas ao retratar as lésbicas. Warn adjectiva o tema da adoção de crianças por lésbicas como “previsível” e “chato”, “como se não houvesse nada mais para lésbicas fazerem depois de saírem do armário do que se acomodar e ter filhos” (2006, p. 5).

Depois que o tema da adoção foi inserido na narrativa, as telespectadoras passaram a criticar a ausência de romance, de beijos e de carícias, e lamentavam a adoção como único assunto de conversas entre as namoradas. Eleonora e Jenifer passaram a ser comparadas a um “casal heterossexual”. Mais uma vez, Warn concorda com nosso grupo de espectadoras brasileiras: “a estratégia é fazer o casal lésbico tão ‘normal’ e dessexualizado que os espectadores vão quase esquecer que elas são gays”. (2006, p. 5)

“Ju 01/10/2005 03:34 Sabe o que parece? Que duas mulheres juntas não vivem um relacionamento como outro qualquer, que é sempre quente no início. Elas se juntaram e logo deram asas ao "instinto materno" tão forte e peculiar às mulheres. Estão brincando de casinha. Ah, me poupe. Isso só reforça o mito de que lésbicas não transam, que são frígidas, que só são lésbicas porque não foram bem comidas por um homem. Acabou com o tesão da história, com a vontade de assistir. Ficou chato.”

“Káu 01/27/2005 17:52 Olha... é o casal mais sem graça que já vi... parece casal hetero!!!! risos... elas começaram namorando e ficaram amigas... essa é a realidade... e graças a deus na vida real os relacionamentos gays são mais intensos... se não... todo mundo ia virar hetero... rsss.”

Os argumentos favoráveis à abordagem do assunto homoparentalidade na comunidade tinham cunho geralmente político e voltado para a importância de convencer a maioria heterossexual das vantagens da homoparentalidade. Grande parte dos participantes da comunidade não demonstrou especial interesse na discussão da adoção por homossexuais nem externou satisfação com a abordagem da questão, pelo contrário, houve várias críticas à argumentação usada pelos autores da telenovela de que a adoção por homossexuais seria o “menor de dois males”. Em alguns momentos a discussão se

contrapôs, como se fossem situações excludentes, entre beijar *versus* adotar – o que é mais importante, mostrar o beijo ou a adoção de crianças?

“Lah 11/28/2004 17:46 (...) A comparação é infeliz. A questão da homoparentalidade não é uma alternativa a nada, muito menos à tragédia das crianças de rua. É uma questão de direito à escolha de ser pai/mãe e já se sabe que não há prejuízo nenhum, muito pelo contrário, às crianças filhas de casais homossexuais. Ninguém faria uma comparação do tipo: é melhor ficar na rua ou ser adotada por um casal hetero? Ok, pode ser um bom argumento para os homofóbicos, mas não deixa de ser complicado para nós... É como eu entendo. Não acho que o Aguinaldo Silva seja vilão no caso do não-beijo das duas e de tudo mais que não passou na TV. Acho que a iniciativa da abordagem do tema é excelente, mas tenho direito a não concordar com a abordagem... E de imaginar que poderia ser melhor... E não estou falando nada de que as duas tem que se beijar ardentemente, se agarrar no meio da rua, tomar banho junto, nada disso. (...) Acredito que até sem beijo a abordagem poderia ser bacana e útil... (...).”

A questão do racismo⁷³ – uma vez que o menino adotado era negro – também foi assunto debatido em nosso grupo de estudo:

“Kauana Muito legal... 12/28/2004 20:40 Acho super legal essa ideia de adoção com casais homossexuais, mas esperava mais da cena, foi legal, mas esperava mais.. E sabe... acho meio assim, esperava um menino branquinho, não por preconceito, mas dá impressão q no brasil acontece esse tipo de situação só com pessoas negras ... e não é verdade, visito um orfanato sempre e tem muito loirinho tb. mas o q importa eh a intenção de mostrar q uma lesbica ou um gay tem melhores condições (não digo só financeiras) de criar uma criança melhor do q muita gente q os julgam.”

Aspectos jurídicos da adoção também foram discutidos:

“Pihmenta 11/14/2004 18:26 (...) a união civil promovida pelo RS não é reconhecida, infelizmente (...). O pior é que estão justificando a recusa de adoção aos casais homo é pelo princípio do "melhor interesse da criança". Será que é do melhor interesse da criança viver em orfanatos ou pelas ruas, se marginalizando, se drogando?

⁷³ O tema do racismo e do peso da origem étnica do menino adotado na narrativa é rico e infelizmente não será extensamente abordado neste trabalho por limitações de tempo. Fica a sugestão para outros pesquisadores aprofundarem essa perspectiva.

*Pq não perguntam as crianças se ela preferem um lar ao abandono?***Sem querer entrar na questao: " melhor com um casal gay DO QUE nas ruas"..."*

A maior parte das críticas sobre a forma como a novela abordou o tema da adoção se deu porque, depois que o menino foi introduzido na trama, praticamente cessaram as cenas de carinho entre as namoradas:

“Carol Capitulo de Hoje... 01/14/2005 16:49 Apesar de curto, foi muito fofinho ver a Jen acordar a Léo... Claro q pra brochar qualquer um teve a sequencia da conversa falando sobre o Renato ... mas foi bom ver elas se tocando um pouquinho pelo menos...”

“Trash FIGURAÇÃO DE LUXO!!! 01/18/2005 10:52 Só pode ser isso o que elas andam fazendo na novela ultimamente... depois do aparecimento do bebê-lixo Renato! Tá parecendo que elas estão juntas há mais de 10 anos de tão longe que elas aparecem nas cenas em que deveriam mostrar um pingo de intimidade e sentimento... Ô Aguinaldo... agora que elas foram aprovadas pelo público, deixa elas curtirem um pouquinho o romance, senão como é elas poderão ter forças para criar uma criança... (...) Só falta mostrarem elas brincando de boneca, porque de médico, nem pensar (...)”

“Lee intenção 01/08/2005 11:22 (...) Não tinha coisa melhor pra fazer com duas lésbicas jovens e bonitas não, pô? (...)”

Outra linha de críticas à inserção do tema da homoparentalidade na narrativa ficcional se deu pela rapidez com que o assunto foi inserido no contexto do namoro do casal e pela ainda maior dessexualização do romance após o início do processo de adoção:

“Lah Concordo... 12/16/2004 17:43 Essa da adoção está difícil de engolir... Eu acho uma iniciativa louvável tratar da adoção por casais homossexuais, é necessário discuti-la sim e quanto mais amplo o debate, melhor. Agora, realmente está totalmente surreal. É querer discutir um mundo de questões relacionadas à homossexualidade (descoberta, negação, saída do armário, homofobia, adoção, casamento, família etc.) usando um único casal, num curto espaço de tempo. Isso só tende a comprometer cada vez mais os diálogos absurdos e as situações bem mais ou menos envolvendo o casal na novela. (...)”

“Lee a dessexualização do amor lésbico 01/07/2005 09:44 É povo. Parece que o romance foi pras cucuias. Esse negocio de maternidade tão cedo numa relação que mal começou parece ser mais uma desculpa pra evitar focar no romance entre duas

mulheres. Agora vão parecer um casazinho de aliadas, companheiras, coisa que qualquer mulher pode ser da outra mesmo sem estar enamorada dela. Já estou com pouca paciência. Prefiro lidar com uma má atuação ou mau texto a lidar com uma má idéia de enredo. Espero estar errada. Quem sabe ainda não me surpreendo?”

A última aparição de Eleonora e Jenifer na novela *Senhora do Destino* teve como tema a adoção do bebê Renato pelo casal. Mostrou as namoradas chegando em casa com o bebê e o ninando para dormir. Essa cena motivou comentários e gerou alguns “balanços” sobre os resultados da novela, por ser a última de Eleonora e Jenifer.

“Trash Cena Adoção 01/03/05 03/02/2005 10:48 Não dá para deixar de comentar sobre essas cenas tão importantes. Foi gratificante poder ver na tela da tv cenas que a gente gostaria de ver com mais frequência na vida real. A novela pode não ser tão fiel a realidade, porém o simples fato de mostrar dois casais gays bem resolvidos e bem aceitos, pode servir de parâmetro para os heterossexuais mais esquerdistas. Foi bom ver as famílias que, mesmo não entendendo muito bem os sentimentos das meninas, apoiaram incondicionalmente a decisão delas de namorarem, morarem juntas e adotarem uma criança. Fazendo reverências ao amor e dizendo que por causa dele tudo é válido. É excelente que a novela passe essa mensagem num mundo atual onde a individualização cresce à medida que o capitalismo selvagem se fortalece. Faltou beijo? Faltou. Porém algumas palavras ditas e certas atitudes dos personagens foram mais importantes. O Sr. Giovani Improtta está de parabéns, deu um show atrás do outro a novela inteira. Eu confesso que não tinha muitas expectativas positivas sobre a abordagem de mais um casal lésbico, mas acabei me surpreendendo no final (...).”

“Regina Também concordo 03/02/2005 16:28 (...) Apesar de achar que a omissão do beijo ajuda a reforçar o preconceito, tenho que admitir que a novela ultrapassou algumas barreiras importantes. (...) Em alguns momentos, como os da cena de 1/3/2005, os diálogos tiveram um impacto muito maior do que qualquer eventual beijo. (...)”

“Angel Tá dito!!! 03/03/2005 04:23(...) Também me emocionei com a cena e fiquei imaginando e sonhando que talvez um dia todos os homossexuais possam ter a felicidade de serem aceitos em suas famílias como pessoas normais (que somos!) que só querem ter liberdade para expressar o amor que sentem. O toque sobre o casamento, que não passa de um contrato entre duas pessoas, foi praticamente uma dica de utilidade

pública, rs. É esse meu recado meninas, ninguém nunca nos disse que seria fácil... mas vamos ganhando nossas batalhas dia-a-dia, não tenho dúvida que o Aguinaldo já nos deu uma mãozinha nisso.”

Mas a cena em que o casal nina o filho recém-adotado não agradou a todas:

“Lee muito mais rápido do que remédio pra dormir... 03/05/2005 16:20 Eu devo ser um ser humano horroroso mesmo. Esse tipo de cena não me emociona nem um pouco. Ao invés de qualquer sentimento mais nobre, o que eu senti agora foi um grande embaraço. Cheguei a tirar o fone do ouvido pra amenizar o efeito mas não consegui. Só salvou a carinha da Jenifer mesmo. E isso porque eu tirei o audio.”

“Danielle 03/05/2005 17:30 Pois é Regis, sem contar naquele beijo que a Léo mandou pra Jen a Kms de distância, me lembrei da nossa conversa quando chegamos a conclusão que as duas mais parecem jogadoras de vôlei, como aqueles cumprimentos, de ficarem batendo nas mãos, "venha de cinco".”

Capítulo 6

Conclusão - Antes "aquilo" que "coisa nenhuma"

A novela *Senhora do Destino* representou personagens homossexuais de maneira discriminatória. Ainda assim, apesar de estar longe de ser uma representação pura e simples de um relacionamento amoroso humano, a forma como foi mostrado um romance lésbico nessa ficção seriada brasileira representou uma inovação na representação social de lésbicas no Brasil. O casal foi retratado dentro da perspectiva do amor romântico associado aos casais heterossexuais e teve um “final feliz”, nos moldes usuais da narrativa ficcional audiovisual.

Creio que a característica mais importante da representação das identidades lésbicas em *Senhora do Destino* foi a visibilidade política conseguida por esse grupo social. Independentemente das críticas a serem feitas à forma como foram representadas – atreladas a um modelo moral conservador – trata-se de uma inovação, uma vez que mulheres homossexuais foram trazidas para a narrativa ficcional conservadora que representa fonte de informação para expressiva parcela populacional.

Quando Eleonora e Jenifer efetivaram a adoção de Renato, tornaram-se a simulação de um casal heterossexual cuja única peculiaridade é ser formado por duas mulheres. As duas namoradas coabitam e têm um relacionamento monogâmico e exclusivo. Eleonora é a provedora da casa - um apartamento recebido de presente do pai de Jenifer – e ambas criam uma criança. Trata-se de um modelo de relacionamento dentro dos padrões da moral hegemônica vigente. O objetivo dessa representação parece ser demonstrar à audiência que as diferenças entre casais homossexuais e heterossexuais são muito pequenas. O enquadramento do casal na moral hegemônica de maneira tão completa é a principal forma de garantir a sobrevivência das personagens na trama: além de não ameaçarem o *status quo*, o reforçam e permitem a identificação com os telespectadores heterossexuais.

Na novela, a adoção de um menino pelo casal homossexual é definida como “o menor de dois males”. O discurso sobre a adoção se desenvolve no sentido de que seria melhor para a criança estar em um lar de parentalidade homossexual do que na rua “passando fome”. Apesar de o menino ser aceito pelas famílias estendidas das personagens lésbicas, sofre restrições por “não ter o mesmo sangue” e por ser negro. A questão de raça é

relevante nesse caso, porque reforça o estereótipo da criança negra como rejeitada e de menor valor social.

Em relação às encenações de amor e sexo do casal, a telenovela em estudo veiculou cenas de amor e desejo entre as duas mulheres mais explícitas verbal do que visualmente. A forma como essas cenas foram construídas para as personagens homossexuais foi muito diferente das cenas que envolveram personagens heterossexuais. Houve um duplo padrão regendo os limites para os casais homossexuais e para os heterossexuais, sendo que o casal formado pelas duas pessoas do mesmo sexo foi retratado de forma discriminatória, com limites mais estreitos, em comparação aos formados por homens e mulheres.

Se as duas mulheres sequer tiveram uma cena de beijo romântico, os casais de homens e mulheres se envolveram em grande diversidade de práticas sexuais que fogem à sexualidade autorizada – entre elas sadomasoquismo (Reginaldo, interpretado por Eduardo Moscovis, e Viviane, por Letícia Spiller), masturbação (Angélica, papel de Carol Castro) e prostituição (praticadas pela vilã Nazaré, de Renata Sorrah, e por Dejenane, interpretada por Elisângela). Entre essas diversas práticas sexuais desautorizadas pela moral dominante – ou seja, todas aquelas que vão além do sexo reprodutivo entre casal formado por homem e mulher com perfil monogâmico - a homossexualidade parece representar um tabu maior. Além disso, o romance lésbico é dessexualizado e rapidamente a libido das personagens é voltada para a maternidade, tida como “função natural” de toda mulher.

Na telenovela, a homossexualidade é associada a termos negativos e apresentada como algo sobre o que o indivíduo não tem escolha, algo mais forte do que a própria vontade. Trata-se, de acordo com o discurso desenvolvido na ficção, de uma característica da qual ninguém tem “culpa”, que acontece independentemente da vontade. A homossexualidade é apresentada como indesejável, porém inevitável quando acontece, e um fato com o qual as famílias têm que se “acostumar”, se “resignar”, “aceitar”.

A realização do amor monogâmico é tida como um pré-requisito para que o indivíduo homossexual encontre a felicidade. Essa relação amorosa seria algo que se faz sem incomodar as outras pessoas, por isso ninguém deveria intervir ou “se meter”. A homossexualidade é vista, assim, como um assunto intrinsecamente privado e cuja concretização causa extrema felicidade pessoal. Contraditoriamente, as personagens

lésbicas externam a necessidade de “contar tudo”, “não esconder nada”, ou seja, tornar público o relacionamento entre ambas, também como uma forma de “sofrer menos”.

A revelação da homossexualidade para as famílias é comparada ao “atropelamento por um caminhão com a carga máxima” ou a uma realidade “dura como um paralelepípedo que despenca sobre nós”. O estabelecimento de uma união homossexual estável é diversas vezes definido por personagens heterossexuais como “o fim do mundo” e a homossexualidade é apontada como causa inevitável de sofrimento.

A associação da aceitação da homossexualidade como “o fim do mundo” leva a pensar que poderia efetivamente se tratar da tendência ao desaparecimento de um tipo de organização social. A representação de romances homossexuais positivamente pode ser, sim, o fim de um determinado mundo, como determinadas regras que seriam destruídas pelas novas atitudes e representações sociais.

As palavras alegria e felicidade surgem usualmente associadas a estar junto de quem se ama, a coabitar, revelando uma perspectiva idealizada de amor romântico homossexual. A legalização da união entre as lésbicas é definida na telenovela como casamento – que nada mais seria do que a assinatura de um contrato entre duas pessoas. As personagens assinam um contrato em um cartório e são consideradas casadas.

A cobrança para que as duas lésbicas não retratassem o padrão estético dominante – são louras, brancas (para os padrões brasileiros) e bonitas – também pode ser discriminatória, se direcionada apenas aos homossexuais. Essa crítica deve ser endereçada a todos os personagens, uma vez que se trata de um padrão que abrange todo o elenco. Não há sentido de exigir-se mais diversidade étnica e estética apenas das lésbicas.

Em nosso estudo de recepção, percebemos no grupo de análise dois tipos principais de reação à representação do casal lésbico formado por mulheres femininas e bonitas na novela *Senhora do Destino*: alguns expectadores se disseram satisfeitos pelo fato de o casal ter sido mostrado dessa forma, quebrando, na opinião dessas pessoas, o estereótipo da “sapatão masculinizada”; outros indivíduos disseram acreditar que esse tipo de representação impinge às lésbicas as mesmas exigências estéticas que já pesam sobre as mulheres heterossexuais, além de aumentar a discriminação contra as homossexuais que são consideradas masculinizadas. Nos diálogos em exame não foram abordadas questões de classe e raça, mas, principalmente, de papéis de gênero e considerações estéticas.

A maior parte das discussões do grupo em estudo foi norteadas pelo binarismo masculino/feminino. Uma perspectiva *queer*, de desconstrução dos papéis de gênero, foi menos comum, levando a crer que essa vertente teórica não é usual no senso comum brasileiro, nem no discurso da militância pró-gay nacional ou nas narrativas da comunicação massiva brasileira. Tal fato não surpreende, uma vez que mesmo na academia ainda se trata de uma vertente teórica pouco conhecida.

Percebemos nas telespectadoras em análise uma identificação com as personagens lésbicas, conforme prevê a literatura sobre o tema. Nas discussões examinadas houve narração de histórias de vida semelhantes às representadas na novela, especialmente no que tange à crise de identidade que uma das personagens enfrentou quando se percebeu homossexual. Alguns espectadores contaram ter identificado alterações na sua própria perspectiva sobre a homossexualidade ao acompanhar a novela. Outros perceberam modificações no comportamento de amigos e familiares, principalmente de maneira positiva, na aceitação social de homossexuais.

O tema que mais mobilizou o grupo de espectadores em estudo foi a expectativa da veiculação de um beijo romântico entre o casal de lésbicas. A esperança, no início da novela, de que ao menos um beijo fosse mostrado foi dando espaço à frustração à medida que a ficção se desenvolvia e o beijo não era veiculado, terminando com manifestações de raiva e frustração ao fim da narrativa. No geral, a expectativa dos espectadores foi por representações do casal de lésbicas dentro das normas do amor romântico.

Ainda assim, percebemos sentimentos de gratidão e satisfação por parte do grupo em estudo por ter havido uma representação lésbica em *Senhora do Destino*. A imensa ansiedade por visibilidade e representação positiva de lésbicas na mídia massiva foi perceptível em nosso grupo durante os oito meses da veiculação da ficção seriada.

As espectadoras teceram inúmeras críticas ao padrão duplo de representação de personagens homossexuais e heterossexuais. Muitas espectadoras identificam nesse padrão preconceito e discriminação contra os homossexuais, que são retratados de forma diferenciada na ficção brasileira e têm limites mais rígidos em suas demonstrações de carinho e afeto.

Há renitente argumentação no grupo analisado de que a diminuição do preconceito contra os homossexuais em sua representação ficcional faria parte de um processo

evolutivo. Nessa linha de raciocínio, tempo, calma e paciência levariam a uma representação menos discriminatória, que evoluiria a cada telenovela em comparação a outras anteriores.

Identificamos em nosso grupo de análise um “trauma” deixado pela novela *Torre de Babel* (1998), na qual um casal de lésbicas foi assassinado por desagradar parte da audiência. A morte simbólica dessas lésbicas deixou em muitos participantes do grupo a certeza que no Brasil a veiculação de cenas de carinho e intimidade entre duas personagens homossexuais as levaria à morte.

Reações sociais variadas foram narradas pelos telespectadores de estudo. As reações negativas referiam-se mais comumente às reações de “nojo” expressas por familiares que acompanhavam a novela junto com os internautas. As reações favoráveis narradas ligavam-se também aos familiares e aos colegas de trabalho. O maior temor expresso pelas participantes mais jovens estava ligado às reações negativas das próprias mães. Várias internautas contaram o grande cuidado que tinham para esconder de familiares que acompanhavam o romance e que torciam por um final feliz para as lésbicas.

No grupo também encontramos discussões teóricas e políticas sobre o lesbianismo, centradas especialmente na “saída do armário” e na defesa dos direitos civis dos homossexuais. Nesse grupo, percebemos ser mais comum acreditar em uma identidade gay estável do que em uma perspectiva mais fluida, *queer*, da orientação sexual.

Identificamos ainda a reverberação de diversos preconceitos contra as lésbicas, presentes no senso comum nacional, apesar de todos os participantes se posicionarem favoravelmente ao romance do casal ficcional. Na comunidade em estudo, todos os participantes se diziam a favor do casal, não tendo sido encontradas manifestações contrárias explicitamente à homossexualidade. Tais discursos estigmatizantes foram registrados em outras comunidades relacionadas à novela *Senhora do Destino*, mas, por um recorte metodológico, a análise dessas participações foi deixada fora deste trabalho, uma vez que nossa proposta era examinar apenas a comunidade *Eleonora & Jenifer*.

A adoção de uma criança pelo casal lésbico não agradou aos espectadores do nosso grupo em análise. As críticas ao tema da adoção começaram muito antes de o assunto ser de fato inserido na trama. Foi questionado inclusive como o público aceitaria ver o casal adotando uma criança, se não conseguia ver as lésbicas se beijando.

A adoção do menino foi percebida pelas participantes da comunidade como um tema politicamente importante para a comunidade gay e lésbica, mas visto como “chato” e “desinteressante” para a representação ficcional. Depois que o tema da homoparentalidade foi inserido na narrativa, encontramos descontentamento entre os participantes do grupo em estudo pela diminuição ainda maior das cenas de romance e intimidade entre as personagens lésbicas, levando a crer que o amor e o romance eram os assuntos que mais interessavam aos telespectadores em estudo. A questão racial e a ausência de vínculos “de sangue” entre as mães e o menino surgiram tanto no texto da novela quanto nas discussões do grupo em análise, mas não foram aprofundadas por questões metodológicas.

A Teoria *Queer* foi um instrumento útil para compreensão e interpretação das questões referentes à sexualidade e papéis de gênero neste trabalho. Representou uma ferramenta teórica fundamental na formação de minha perspectiva enquanto pesquisadora, permitindo uma melhor compreensão do caráter cultural dos papéis de gênero e facilitando a percepção de como os meios massivos agem na criação e perpetuação dessas performances binárias. Apesar de os textos criados pela mídia massiva nacional e os discursos construídos pelo grupo de telespectadores em estudo terem uma perspectiva de identidade de gênero inflexível e binária, ter os conceitos da Teoria *Queer* em mente se mostrou importantíssimo para a realização de uma análise crítica do produto cultural e para a percepção do papel da mídia na construção e manutenção dessas performances de gênero como naturalizadas e imutáveis.

Os limitados prazos que regem a produção de uma dissertação de mestrado nortearam nosso trabalho, nos obrigando a deixar inúmeros caminhos possíveis de lado. Limitações cronológicas impediram uma melhor exploração do tema da adoção e das questões de raça e classe do casal de lésbicas. Também não foi possível nos aprofundarmos na análise de características inerentes à cibercultura e à Internet, focando apenas na análise do conteúdo das discussões realizadas no Orkut, deixando de lado as especificidades do meio.

Mas, a meu ver, uma das mais relevantes possibilidades abertas por esta pesquisa foi a futura realização de comparações do casal Eleonora e Jenifer, de *Senhora do Destino*, com outros casais lésbicos da ficção seriada nacional – Clara e Rafaela, Leila e Rafaela, Laís e Cecília – e ainda desse *corpus* brasileiro com personagens lésbicas do cinema e televisão

norte-americanos, mais notadamente as do seriado *The L Word*. É interessante perceber como essas diferentes narrativas impactam grupos de telespectadores e como as diversas culturas nacionais interferem na formação das representações de identidades lésbicas na produção ficcional.

Referências Bibliográficas

- ABDO, Carmita. *Descobrimento sexual do Brasil, para curiosos e estudiosos*. São Paulo, SP: Summus, 2004.
- ABELOVE, Henry et alii. *The lesbian and gay studies reader*. New York, USA: Routledge, 1993.
- AKASS, Kim; MCCABE, Janet (edited). *Reading the L Word – Outing contemporary television*. London, UK: I. B. Tauris & Co, 2006.
- ALMEIDA, Heloisa Buarque. *Telenovela, consumo e gênero, “muitas mais coisas”*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- ALMEIDA NETTO, Luiz Mello de. *Família no Brasil dos anos 90: Um estudo sobre a construção social da conjugalidade homossexual*. Brasília, DF: UnB, 1999. (Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília).
- ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands: La frontera, the new mestiza*. San Francisco, USA: Aunt Lute Books, 1999.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1988.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo 2 - A experiência vivida*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1980.
- BRIGHT, Susie. *Sexo entre mulheres: um guia irreverente*. São Paulo, SP: Summus, 1998.
- BRUNI, Frank. *Culture stays screen-shy of showing the gay kiss* em GROSS, Larry; WOODS, James. *Columbia reader on lesbians & gay men in media, society & politics*. New York, USA: Columbia University Press, 1999.
- BRUNSDON, Charlotte; D’ACCI, Julie; SPIGEL, Lynn. *Feminist television criticism, a reader*. USA: Oxford University Press, 1997.
- BUTLER, Judith. *Gender trouble, feminsm and the subversion of identity*. New York, USA: Routledge, 1999.
- _____. *Bodies that matter on the discursive limits of “sex”*. New York, USA: Routledge, 1993.
- CÂMARA, Cristina. *Cidadania e orientação sexual: A trajetória do grupo Triângulo Rosa*. Rio de Janeiro, RJ: Academia Avançada, 2002.
- CLARKE, Cheryl. *Lesbianism: An act of resistance* em GROSS, Larry; WOODS, James. *Columbia reader on lesbians & gay men in media, society & politics*. New York, USA: Columbia University Press, 1999.
- COSTA, Cláudia de Lima; SCHMIDT, Simone Pereira. *Poética e políticas feministas*. Florianópolis, SC: Editora Mulheres, 2004.
- DENKER, Ada de Freitas Maneti; VIÁ, Sarah Chucid. *Pesquisa empírica em ciências humanas (com ênfase em comunicação)*. São Paulo, SP: Futura: 2001.

- DOTI, Alexander. *Making things perfectly queer: Interpreting mass culture*. Minneapolis, USA: University of Minnesota Press, 1997.
- DUMONT, Yves. *As divisões internacionais da televisão brasileira* em LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). *Telenovela - Internacionalização e interculturalidade*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2004.
- DYER, Richard. *Stars*. London, UK: BFI, 1998.
- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo, SP: Perspectiva, 2004.
- FADERMAN, Lilian, *A Worm in the bud: The early sexologists and love between women* em GROSS, Larry; WOODS, James. *Columbia reader on lesbians & gay men in media, society & politics*. New York, USA: Columbia University Press, 1999.
- FACCO, Lúcia. *As heroínas saem do armário: Literatura lésbica contemporânea*. São Paulo, SP: GLS, 2004.
- FAIRCHILD, Betty; HAYWARD, Nancy. *Agora que você já sabe: o que todo pai e toda mãe deveriam saber sobre a homossexualidade*. Rio de Janeiro, RJ: Record, 1996.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça; SANTI, Pedro Luiz Ribeiro de. *Psicologia: Uma (nova) introdução: Uma visão histórica da psicologia como ciência*. São Paulo, SP: Educ, 2000.
- FISKE, John. *Television culture*. New York, USA: Routledge, 1987.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade - Volume 1 - A vontade de saber*. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 1988.
- _____. *A ordem do discurso*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2004 (11ª edição).
- FREUD, Sigmund. *Totem e tabu*. Rio de Janeiro, RJ: Imago Ed., 1999.
- _____. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro, RJ: Imago Ed., 1997.
- FRYE, Marilyn. *The politics of reality: Essays in feminist theory*. California, USA: The Crossing Press, 1983.
- FUSS, Diana. *Inside/out, lesbian theories, gay theories*. New York, USA: Routledge, 1991.
- GARCIA, Wilton. *Homoerotismo e imagem no Brasil*. São Paulo, SP: U.N. Nojosa, 2004.
- GAUNTLET, David. *Media, gender and identity: An introduction*. New York, USA: Routledge, 2002.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade – Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo, SP: Universidade Estadual Paulista, 1993.
- GOLDENBERG, Mirian. *De perto ninguém é normal: Estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira*. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2004.
- GRAHAM, Paula. *The L word under-whelms in the UK?* em AKASS, Kim; MCCABE, Janet (edited). *Reading the L Word – Outing contemporary television*. London, UK: I. B. Tauris & Co, 2006.

- GREEN, James N. *Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2000.
- GROSS, Larry; WOODS, James. *Columbia reader on lesbians & gay men in media, society & politics*. New York, USA: Columbia University Press, 1999.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2004.
- _____. *Da diáspora, identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2003.
- HARDIN, Kimeron N. *Auto-estima para homossexuais: Um guia para o amor-próprio*. São Paulo, SP: Summus, 2000.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1994.
- HORNE, Peter; LEWIS, Reina. *Outlooks, lesbian and gay sexualities and visual cultures*. New York, USA: Routledge, 1996.
- IÑIGUEZ, Lupicínio (coordenador). *Manual de análise do discurso em ciências sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- ISAY, Richard A. *Tornar-se gay: O caminho da auto-aceitação*. São Paulo, SP: Summus, 1998.
- JAGOSE, Annamarie. *Queer theory, an introduction*. New York, USA: New York University Press, 2004.
- JAY, Karla. *Dyke life: From growing up to growing old, a celebration of the lesbian experience*. New York, USA: BasicBooks, 1999.
- LACOMBE, Milly, *Segredos de uma lésbica para homens*. São Paulo, SP: Jaboticaba, 2004.
- LAQUEUR, T. *Inventando o sexo: Corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará, 2001 (capítulo 4: Representando o sexo, p. 151-188; capítulo 5: A descoberta dos sexos, p. 189-238).
- LEONEL, Vange. *As sereias da Rive Gauche*. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 2002.
- _____. *Baladas para as meninas perdidas*. São Paulo, SP: Summus, 2003.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. *Vivendo com a telenovela: Mediações, recepção, teleficcionalidade*. São Paulo, SP: Summus, 2002.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). *Telenovela - Internacionalização e interculturalidade*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2004.
- LOPES, Denílson. *O Homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro, RJ: Aeroplano, 2002.
- _____. *Desafios aos estudos gays, lésbicos e transgêneros*. Texto recebido por e-mail.

_____. (org.) *Imagem e diversidade sexual – Estudos da homocultura*. São Paulo, SP: Nojosa edições, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho - Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

_____. *Gênero, história e educação: Construção e desconstrução*. Revista Educação e Realidade, 20 (2) (p. 101-131), 1995.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. *Da esfera cultural à esfera política: A representação de grupos de sexualidade estigmatizada nas telenovelas e a luta por reconhecimento*. Belo Horizonte, MG: Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro, RJ: Editora UFRJ, 2003.

_____. *Viagens da telenovela: Dos muitos modos de viajar em, por, desde e com a telenovela* em LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). *Telenovela - Internacionalização e interculturalidade*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2004.

MARTINO, Luiz C. (org.). *Teorias da comunicação: Conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MAZZIOTTI, Nora. *A força da emoção - A telenovela: Negócios, audiências, histórias* em LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). *Telenovela - Internacionalização e interculturalidade*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2004.

MEAD, Margaret. *Sex and temperament in three primitive societies*. New York, USA: Perennial, 2001.

_____. *Male and female*. New York, USA: Perennial, 2001.

MELLO, Luiz. *Novas famílias, conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2005.

MILLER, Nancy K. *Getting personal: feminist occasions and other autobiographical acts*. New York, USA: Routledge, 1991.

MONTORO, Tânia (org.). *De olho na imagem*. Brasília, DF: Editorial Abaré, 2006.

MORENO, Antonio. *A personagem homossexual no cinema brasileiro*. Niterói, RJ: EDUFF, 2001.

MORIN, Edgar. *As estrelas: Mito e sedução no cinema*. Rio de Janeiro, RJ: Editora José Olympio, 1989.

MORTON, Donald. *The material queer: A LesBiGay cultural studies reader*. USA: Westview Press, Colorado, 1996.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais, investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

MOTT, Luiz. *Crônicas de um gay assumido*. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2003.

- _____. *O lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1987.
- MULLINS, Greg. *Direitos iguais e lutas culturais: Representações emergentes dos direitos humanos* em LOPES, Denílson (org.) *Imagem e diversidade sexual – Estudos da homocultura*. São Paulo, SP: Nojosa edições, 2004.
- NAVARRO-SWAIN, Tânia. *O que é lesbianismo*. São Paulo, SP: Brasiliens, 2000.
- NETTO, Conceição Couto. *Pele de Gaya: O amor entre mulheres*. Rio de Janeiro, RJ: Numen Editora, 1993.
- OLIVEIRA, Denis; PAVAN, Maria Ângela. *Identificações e estratégias nas relações étnicas na telenovela “Da Cor do Pecado”*. Paper publicado no XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Porto Alegre, 2004.
- PORTO, Sérgio Dayrell. *Sexo, afeto e era tecnológica - Um estudo de chats na Internet*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- RIBEIRO, Lavina Madeira. *Comunicação e sociedade - Cultura, informação e espaço público*. Rio de Janeiro, RJ: E-Papers Serviços Editoriais, 2004.
- RICH, Adrienne. *Compulsory heterosexuality* em ABELOVE, Henry et alii. *The lesbian and gay studies reader*. New York, USA: Routledge, 1993.
- ROSE, Diane. *Análise de imagens em movimento* em BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- RUSSO, Vito. *The celluloid closet: Homosexuality in the movies*. USA: Harper Perennial, New York, 1987.
- SANTAELLA, Lúcia. *Comunicação e pesquisa*. São Paulo, SP: Hacker Editores, 2001.
- SCOTT, J. *Gênero: uma categoria de análise histórica*. Revista Educação e Realidade. 20 (2), Porto Alegre, (p. 71-99).
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Epistemology of the closet*. Los Angeles, USA: University of California Press, 1990.
- _____. *Epistemology of the closet* em ABELOVE, Henry et alii. *The lesbian and gay studies reader*. New York, USA: Routledge, 1993.
- _____. *How to bring your kids up gay: The war on effeminate boys* em GROSS, Larry; WOODS, James. *Columbia reader on lesbians & gay men in media, society & politics*. New York, USA: Columbia University Press, 1999.
- SEGATO, R. L. *Os percursos do gênero na antropologia e para além dela*. Sociedade e Estado. XII (2) (p. 235-261), Brasília, 1997.
- SOLANAS, Valerie. *Scum Manifesto: uma proposta de destruição do sexo masculino*. São Paulo, SP: Conrad Editora, 2000.
- STAM, Robert. *Introdução à teoria do cinema*. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

- STEIN, Arlene. *Becoming lesbians: Identity work and the performance of sexuality* em GROSS, Larry; WOODS, James. *Columbia reader on lesbians & gay men in media, society & politics*. New York, USA: Columbia University Press, 1999.
- STRAAYER, Chris. *Deviant eyes, deviant bodies: Sexual orientation in film and video*. New York, USA: Columbia University Press, 1996.
- STRAUBHAAR, Joseph. *As múltiplas proximidades das telenovelas e das audiências em* LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). *Telenovela - Internacionalização e interculturalidade*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2004.
- TÁVOLA, Artur da. *A telenovela brasileira - História, análises e conteúdo*. São Paulo, SP: Globo, 1996
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2000.
- TROCHE, Rose; TURNER, Guinevere. *Go fish, girl meets girl*. New York, USA: The Overlook Press, 1995.
- TUFTE, Thomas. *Telenovelas, cultura e mudanças sociais: Da polissemia, prazer e resistência à comunicação estratégica e ao desenvolvimento social* em LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). *Telenovela - Internacionalização e interculturalidade*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2004.
- VILCHES, Lorenzo. *La lectura de la imagen - Prensa, cine, televisión*. Barcelona, Espanha: Editorial Paidós, 1984.
- WARN, Sarah. *Reading the L Word – Introduction* em AKASS, Kim; MCCABE, Janet (edited). *Reading the L Word – Outing contemporary television*. London, UK: I. B. Tauris & Co, 2006.
- WARNER, Michael. *Fear of a queer planet, queer politics and social theory*. Minneapolis, USA: University of Minnesota Press, 2004.
- WITTIG, Monique. *The straight mind and other essays*. Boston, USA: Beacon, 1992.
- WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa, Portugal: Editora Presença, 2003.
- WOLFE, Susan J.; RORIPAUGH, Lee Ann. *The (in)visible lesbian – Anxieties of representation in the L Word* em AKASS, Kim; MCCABE, Janet (edited). *Reading the L Word – Outing contemporary television*. London, UK: I. B. Tauris & Co, 2006.
- ZANFORLIN, Sofia. *Rupturas possíveis – Representação e cotidiano na série Os Assumidos (Queer as Folk)*. São Paulo, SP: Annablume, 2005.
- ZELDIN, Theodore. *Uma história íntima da humanidade*. Rio de Janeiro, RJ: Record, 1999.

Periódicos

- BORGES, Lenise Santana. *Feminismo e lesbianismo. Fazendo gênero*. Ano VII, número 20, julho a outubro de 2004. Goiânia, Informativo do Grupo Transas do Corpo (<http://www.transasdocorpo.org.br/pdfs/FazGen20.pdf>).

KOGUT, Patrícia. *Coluna Controle Remoto*, Jornal O Globo, Segundo Caderno, 26/02/2005.

_____. *Senhora do Destino bate um novo recorde*, jornal O Globo, Segundo Caderno, 13/02/2005.

MATTOS, Laura. *Novela tem 2 bilhões de espectadores*. Folha de São Paulo, 26/07/2005 - http://www.adnews.com.br/News.asp?Cod_Noticia=18468

ZANFORLIN, Sofia. *Espaços e mediações: Análise do seriado televisivo Os Assumidos (Queer as folk)*. Paper publicado no XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2004.

Revistas

REVISTA CAPRICHOS, Editora Abril, Edição 961, São Paulo, 6 mar. 2005, p. 20-25.

REVISTA CHEGA MAIS, Edição Especial sobre Senhora do Destino, Editora Escala, São Paulo.

REVISTA CONTIGO, Editora Abril, Edição 1533, São Paulo, 3 fev. 2005, p. 86-95.

REVISTA ISTO É, Editora Três, Edição 1844, São Paulo, 16 fev. 2005, p. 74-79.

REVISTA ISTO É GENTE, Editora Três, Edição 282, São Paulo, 10 jan. 2005, p. 36-39.

REVISTA PLAYBOY, Editora Abril, Edição 355, São Paulo, fev. 2005, p. 46-69.

REVISTA QUEM, Editora Globo, Edição 221, São Paulo, 3 dez. 2004, capa, p. 14-18.

REVISTA TV & LAZER, *Novela das 9 é point lésbico*. O Estado de São Paulo. Ano 12, número 649. 14 nov. 2004.

REVISTA VEJA, Editora Abril, Edição 1891, 9 fev. 2005, p. 58-68.

Internet

<<http://senhoradodestino.globo.com>>

O DIA (29/11/2004), Amor só na rede, <<http://odia.ig.com.br/odia/odiad/cd291105.htm>>

TERRA, Romance de Leo e Jenifer dá 50 pontos de audiência, 11/26/2004,

<<http://exclusivo.terra.com.br/interna/0,,OI429415-EI3446,00.html>>

Rede Globo, Direção Geral de Comercialização,

<http://comercial.redeglobo.com.br/programacao_novela/senhora_intro.php>

<http://comercial.redeglobo.com.br/programacao_novela/senhora_perfil.php>

<http://comercial.redeglobo.com.br/programacao_novela/senhora_cres_aud.php>

<http://comercial.redeglobo.com.br/programacao_novela/senhora_merc_nac.php>

<http://comercial.redeglobo.com.br/programacao_novela/senhora_patrocinio.php>

Marktest: <www.marktest.com>

<http://www.paroutudo.com.br/colunas/coberturas/5gjoada/050310_5gjoada.htm>

Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (2004)

<<http://www.intercom.org.br/papers/indexbp.html>>

<[Romance de Leo e Jenifer dá 50 pontos de audiência \(2004\)](#)>
<<http://exclusivo.terra.com.br/interna/0,,OI429415-EI3446,00.html>>

Mix Brasil (2004)

<<http://mixbrasil.uol.com.br/mundomix/centralplus/noticia.asp?id=1592>>

<[Revista Quem \(2004\) http://revistaquem.globo.com/Quem/0,,EQG872002-2157,00.html](http://revistaquem.globo.com/Quem/0,,EQG872002-2157,00.html)>

Dirce (2004) <<http://dirce.globo.com/Dirce/canal/0,6993,IP621-700,00.html>>

Showcase (2004) <http://www.showcase.ca/queerasfolk/features/article_ronCowan/ >

Maioria brasileira no Orkut irrita americanos

<<http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cadernos/internet/2004/08/01/jorinf20040801006.html>>

<http://www.gilbertobragaonline.com/>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Senhora_do_Destino

www.teledramaturgia.com.br

Anexos:

Tabela 4 - Percentual de domicílios dotados de alguns bens duráveis no total de domicílios particulares permanentes, por Grandes Regiões - 1993/2003

Brasil

Anos	Percentual de domicílios dotados de alguns bens duráveis no total de domicílios particulares permanentes					
	Brasil (1)	Grandes Regiões				
		Norte urbana	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
Geladeira						
1993.....	71,8	67,1	44,2	84,1	83,4	71,0
1998.....	81,9	79,8	58,5	92,1	91,0	83,7
2003.....	87,3	84,7	69,0	95,2	94,6	89,9
Freezer						
1993.....	13,0	11,2	4,3	12,6	27,4	15,3
1998.....	19,7	19,0	7,2	21,0	35,1	21,7
2003.....	17,7	15,3	7,1	17,7	34,5	19,2
Máquina de lavar roupa						
1993.....	24,3	12,8	4,7	32,5	36,3	22,7
1998.....	32,3	22,4	8,7	43,0	45,7	26,2
2003.....	34,4	23,2	10,0	45,6	47,8	29,3
Rádio						
1993.....	85,1	72,4	72,7	90,9	92,6	83,4
1998.....	90,4	79,9	83,5	94,2	94,9	88,2
2003.....	87,8	73,6	80,3	92,3	93,4	84,3
Televisão						
1993.....	75,8	73,4	53,1	86,6	83,8	74,7
1998.....	87,5	87,6	74,7	93,9	91,2	86,3
2003.....	90,0	88,9	80,1	95,0	93,1	89,4

Fonte: IBGE, Coordenadoria de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

Nota: Exclui-se os domicílios da área rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

Perfil dos Telespectadores

Sexo			Classe Social			Faixa Etária				
AS 4-17	M 18+	H 18+	AB	C	DE	4/11	12/17	18/24	25/49	50+
23%	50%	27%	29%	39%	32%	12%	11%	12%	41%	24%

Fonte: Ibope/Telereport (PNT: maio/03 a abr./04)../Atlas de Cobertura Globo (com projeções dos percentuais do Ibope).

Tabela referente à novela III – Senhora do Destino

PNT Alta Qualificação	Atratividade	Afinidade
Ambos os sexos classe C	103	104
Ambos os sexos ABCDE de 35 a 49 anos	101	110
Mulheres ABCDE 4+	106	117
Mulheres ABCDE 35-49 anos	107	130
Donas de casa ABC com crianças de 2 a 14 anos	107	133
Donas de casa ABCDE 15+	105	136
Mulheres C 25+	109	138

Fonte: IBOPE/Telereport — TV Globo/Novela III — PNT (Período: 13/10/03 a 12/04/04).

Afinidade - o índice de afinidade mostra o quanto um programa é eficiente para determinado público. Este número é obtido pela divisão do *share* do *target* no total de telespectadores do programa pelo *share* do *target* no total da população. Quanto maior de 100 for o índice, maior será a afinidade do programa para aquele público.

Atratividade - Se for maior que 100, indica que o programa é mais atrativo para aquele público. O índice de atratividade mostra a adequação do programa com determinado *target*. Este número é obtido pela divisão do *share* no *target* analisado pelo *share* do programa no total da população.